ANNO III

N.º I

SERPA, Janeiro de 1901

VOLUME III

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Segundo anno

COLLABORADO POR:

Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Conde de Ficalho, Dias Nunes, Fazenda Junior, Gonçalves Pereira, João Varella (Dr.), Ladislau Piçarra (Dr.), D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Cóvas, R., Souza Viterbo (Dr.), Thomas, Thomaz Pires, Trindade Coelho, (Dr.)

Collaboração artistica de **M. Baptista Salta**
Collaboração musical de **F. Villas-Boas** e **G. Valladas**
Clichés de **A. de Mello Breyner, F. Monteiro, F. Villas-Boas, J. Monteiro** e **J. V. Pessoa**

LISBOA
Typ. Adolpho de Mendonça
46, R. do Corpo Santo, 48
1900

A TRADIÇÃO

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Terceiro anno

1901

COLLABORADO POR:

Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A, Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.), ***

Collaboração musical de **D. Elvira Monteiro**
Clichés de **A. de Mello Breyner, F. Gomes Marques, J. V. Pessôa e Silva Ribeiro**

1901
Typ. a vapor de Adolpho de Mendonça
Rua do Corpo Santo, 46 e 48
LISBOA

Anno III — N.º 1 SERPA, Janeiro de 1901 Volume III

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

NOTAS HISTORICAS ÁCERCA DE SERPA

VIII

Serpa no reinado de D. Affonso II

Em tempo de D. Affonso II deram-se, pelo que diz respeito á guerra aos moiros, dois acontecimentos capitaes: o primeiro, a batalha das Navas, interessava de um modo geral a grande lucta de seculos travada na Peninsula: o segundo, a tomada de Alcacer, pertencia mais particularmente á libertação do territorio portuguez.

A campanha, que rematou na celebre batalha das Navas de Tolosa, preparou-se longamente. Foi como um desafio formal entre christãos e moiros, aprazado para os campos da Hespanha. De ambos os lados lhe chamaram a guerra santa. Por ordem do khalifa Mohammed-an-Nacer, prégou-se a guerra santa em todas as mesquitas do Andalús, em todas as do Maghreb desde Tripoli até Marrocos. E por ordem do papa, prégou-se a guerra santa nas igrejas de Roma e outras terras da christandade. O proprio Innocencio III foi processionalmente e com a maior solemnidade a S. João de Latrão, concedendo ali aos que entrassem na campanha indulgencia plenaria, e tantas graças e bençãos como se fossem combater na Terra Santa.

Ao apello de Castella, favorecido assim pelo pontifice, responderam muitas tropas christans do centro da Europa, que passaram os Pyreneus, trazendo á frente alguns dos seus prelados, como o arcebispo de Narbonna, o arcebispo de Bordeus, e o bispo de Nantes. Podemos desde já dizer, que estes ultramontanos — os de *ultrapuertos* como dizem algumas velhas chronicas castelhanas — retiraram depois de encetada a campanha, ou desanimados pela aspereza dos caminhos e ardor do clima, ou descontentes por não os deixarem saquear á sua vontade. No dia solemne da grande batalha, os peninsulares estavam sós, o que, a bem dizer, era natural, pois o successo os interessava mais particularmente.

Reinavam então nos cinco estados christãos da Peninsula cinco homens de bem diversas indoles. No Aragão D. Pedro II, rapaz ainda, perfeito cavalleiro da Idade-media, brilhante e valente, cortez e liberal, dado ao serviço das damas, talvez em demasia. Relativamente ao seu concurso não podia haver a mais leve duvida, pois fôra sempre um amigo pessoal e um fiel alliado do rei de Castella. De feito veiu logo a Toledo, com a flor da cavallaria aragonesa e catalan.

Em Navarra reinava D. Sancho, cuja vida foi bastante singular, activa e mesmo aventurosa no principio,

solitaria e retrahida no fim; e tanto que lhe ficaram duas alcunhas contradictorias, «el Fuerte», e «el Encerrado». Quanto ao seu concurso havia as mais fundadas duvidas, pois de um lado fôra sempre um adversario declarado de Castella, e do outro um intimo amigo dos moiros almohades e dos seus khalifas. Contava-se a romanesca historia de uma paixão que por este principe havia tido uma filha do khalifa Al-Mansur; e dos esforços que elle havia feito junto do papa, a fim de obter licença para casar com a princesa moira. [1] Por este ou por outro motivo, elle passára a Africa e por lá andára guerreando em companhia dos moiros e tornado quasi um d'elles. Taes precedentes faziam duvidar se agora tomaria o lado dos christãos. Parece ter hesitado; mas á ultima hora veiu e no dia da batalha cobriu-se de gloria.

Reinava em Castella D. Affonso VIII, o sogro do nosso rei de Portugal. Era um homem já feito, de mais de cincoenta annos, curtido na guerra aos moiros, com quem lidava desde quasi creança, por quem fôra batido em Alarcos, e de quem ia tomar agóra uma estrondosa desforra. A' pericia e experienccia militares reunia os dotes de caracter, que lhe valeram a sua bella alcunha «el Noble». Todos o reconheciam como chefe da expedição; e esperou os alliados na sua capital, rodeado pelas primeiras pessoas de Castella, entre as quaes apenas citaremos o arcebispo de Toledo, D. Rodrigo, que assistiu a toda a campanha e batalha e depois as contou na sua bem conhecida historia.

Em Leão reinava D. Affonso IX, primo e cunhado do de Portugal. Tinha tambem uma alcunha, que os escriptores christãos se não atreveram a mencionar, mas conhecemos pelos arabes—chamavam-lhe «el Baboso». [1] E este desagradavel epitheto não significava então simplesmente um deffeito physico; mas parece ter implicado um certo desarranjo mental. Que elle não era propriamente doido, prova-o a astucia com que sempre se houve durante o seu longo reinado; mas era sujeito, dizem, a accesssos violentos e subitos de cholera, similhantes talvez a verdadeiros ataques de loucura. Do mesmo modo que succedia com o rei de Navarra, havia graves duvidas sobre qual seria a sua conducta, pois fôra sempre pouco leal com os seus vizinhos christãos, e mantivera constantes intelligencias secretas com os moiros. E ao contrario do que succedeu com o de Navarra, elle encarregou-se agora de justificar as peores suspeitas, pois nem foi á guerra, nem mandou um unico soldado, e approveitou a occasião para ir tomando algumas villas nas fronteiras de Portugal e de Castella.

Finalmente no nosso paiz reinava D. Affonso II, o qual cumpriu restrictamente os seus deveres de principe christão, e de alliado e genro do rei de Castella, mandando-lhe as suas tropas. Foram muitos cavalleiros portugueses, que se houveram por lá como era uso de cavalleiros portugueses, morrendo valentemente na tomada de Ubeda o principal d'entre elles, o mestre do Templo D. Gomes Ramires. E foi um grande corpo de infanteria, que já então se distinguiu pelo bom humor, resistencia e valentia, proprias do nosso soldado. A peonagem portugueza, diz o bispo Lucas de Tuy, marchava para o combate tão alegre como se fosse para

---

[1] Esta curiosa historia, que não vem ao nosso caso, foi miudamente contada pelo padre Moret, *Investigaciones de Navarra*, 672 e seg.; e *Annales de Navarra*, II, 312 e seg.

[1] Os escriptores arabes tratam-no correntemente por esta alcunha; veja-se Ibn-Khaldun, *Hist. des Berbéres* II, p. 213, e nota do traductor; e o mesmo Ibn-Khaldun, na *Hist. Universélle*, fragmentos traduzidos por Dozy, *Recherches*, I, 115, e nota. Advirta-se que não era alcunha arabe, e sim hespanhola, a propria palavra *baboso*.

COSTUMES & PERSPECTIVAS

Mulher de Mira, á volta da fonte

um jantar. E o arecebispo D. Rodrigo, que por lá andou com elles, admirava o desembaraço, *mira agilitate*, com que supportavam todas as fadigas, e a audacia com que pelejavam. O rei de Portugal não foi, porém, á frente da tropa portugueza, ou que o detivessem a hostilidade do rei de Leão e as contendas em que já andava envolvido com as irmans, ou que o seu temperamento não fosse muito inclinado a emprezas bellicosas.

As circumstancias da campanha e da grande victoria alcançada pelos alliados christãos nos campos das Navas são bem conhecidas, podem ler se pelo lado christão na antiga relação de Rodrigo de Toledo, pelo lado arabe no *Cartás*, encontram-se compendiadas nas paginas de qualquer historia da Hespanha, e não veêm para aqui. Unicamente nos convinha notar quanto a occasião foi solemne; e quanto, por consequencia, seria estranhada a ausencia de dois reis christãos n'aquelle esforço supremo para libertar a Peninsula do jugo moirisco.

Sobre a reputação de Affonso IX caiu uma nodoa de que a sua memoria ainda se não lavou. Todos ficaram persuadidos de que elle estava de accordo com os moiros; e estas suspeitas eram ou pelo menos pareciam tão fundadas, que o proprio papa não hesitou em se referir a ellas nas suas cartas [1] E — caso singular — os moiros accusavam tambem o Baboso de os ter atraiçoado, promettendo-lhes o seu apoio para á ultima hora se vender e os abandonar. [2] Estas duas accusações, á primeira vista contradictorias, confirmam-se a meu ver, porque simplesmente provam, que o rei de Leão andou especulando até ao fim com ambos os lados; e ficou mal com ambos, como é frequente succeder.

A situação de D. Affonso II era diversa; na sua qualidade de rei havia procedido correcta e lealmente, mandando as suas tropas; e estas portaram-se de modo a não só manter, como levantar o prestigio e honra do nome portuguez. Como homem, porém, o seu bom nome de cavalleiro deve ter soffrido. Duarte Nunes de Leão diz, que a sua falta espantou muito os antigos «e não sabem dar razão d'isso.» Vê-se, que os comtemporaneos o não poupariam; e suppoz-se mesmo lhe tivessem dirigido alguma d'aquellas canções *descarneo* e de *mal dizer*, satyras da Idade media que não eram nem brandas, nem destituidas de graça. [3]

Poucos annos depois da batalha

---

[1] Se effectivamente elle teve esta especie de repugnancia nervosa ao ruido das armas, o deffeito era puramente pessoal, porque todos os outros filhos de D. Sancho I sairam ao pae e ao avô. D. Pedro, conde de Urgel, passou a vida a combater; ao serviço de Leão; em Africa ao serviço dos Khalifas; em Maiorca ao serviço do Aragão; no cerco de Sevilha com os castelhanos; finalmente no Algarve com o sobrinho. D. Fernando, conde de Flandres, portou-se como um heroe na grande batalha de Bouvines, causando, apezar de vencido, a admiração da Europa. Quanto ao bastardo Martim Sanches, esse foi o valente dos valentes; e com isso generoso, sereno, tendo bons ditos no meio das refregas. Já se vê que a culpa não era da raça.

[1] Carta de Innocencio III, citada por Herculano, II, 160.

[2] Ibn-Khaldun. *Hist. des Berbéres*, II, 226; e em Dozy, *Recherches*, I, 116.

[3] Ha no *Cancioneiro portuguez da Vaticana* uma canção d'este genero (n.º 79 da edição de T. Braga), composta por «El Rey Dom Affonso de Castella e de Leom»; e que o snr. Theophilo Braga suppõe ser escripta por Affonso IX, e «evidentemente» dirigida ao rei de Portugal, Affonso II, depois das Navas. (*Canc. port. da Vaticana, edição critica*, p. XXXI).

As primeiras auctoridades no assumpto (Cesare de Lollis, *Cant. de amor e de maldizer di Alfonso el sabio*; Marqués de Valmar, *Estudio sobre las cantigas del rey D. Alfonso el Sabio*; Menendez y Pelayo, *Antologia*, no vol. III) admittem porém unanimente que o autor da cantiga em questão fosse Affonso o Sabio, neto de Affonso IX. Isto, e mesmo simplesmente a leitura da cantiga, torna innaceitavel a opinião do nosso illustre e erudito critico. Não temos pois a prova de que o rei fosse victima dos trovadores seus comtemporaneos; mas o facto não deixa de ser provavel.

das Navas deu-se um successo militar de muito menor importancia geral; mas bem mais interessante para o nosso paiz. Como antes dissémos, Alcacer, tomada em tempo por D. Affonso Henriques, havia voltado no anno de 1191 ao poder dos moiros, que desde esse momento a conservavam. Aquella celebre fortaleza era importantissima para os moiros, como ponto extremo das terras occupadas no Gharb; e constituia uma visinhança incommoda para Lisboa, cuja riqueza commercial augmentava de anno para anno. Veiu occasionalmente ao Tejo uma armada de Cruzados do norte que iam a caminho da Terra Santa; e o bispo de Lisboa, D. Sueiro, homem animoso e emprehendedor, lembrou-se de aproveitar o seu concurso para a conquista de Alcacer, como já em tempos anteriores se havia aproveitado o de outros Cruzados na tomada de Lisboa, na de Silves, e em dois cercos infructiferos, postos á mesma Alcacer.

Auxiliado pelo bispo de Evora, o de Lisboa soube convencer os chefes dos Cruzados de quanto seria meritoria aquella expedição contra os infieis; e soube levantar entre os portuguezes um movimento de vivissimo enthusiasmo. A armada dos Cruzados saiu o Tejo e foi entrar a barra do Sado, subindo rio acima, emquanto o pequeno exercito portuguez marchava de Palmella para o sul. Concorreu a esta empreza principalmente o elemento religioso; os bispos de Lisboa e Evora, porque os prelados da Idade-media eram verdadeiros homens de armas; o commendador mór de Santiago D. Martim Barregão; o mestre do Templo D. Pedro Alvitis; o prior do Hospital D. Gonçalo; naturalmente cada um d'elles com os cavalleiros da sua ordem que poude reunir. Foi realmente um exercito da Cruz — cruz dos *Cruce-signati* do norte; e, entre os portuguezes, cruz branca dos hospitalarios, cruz vermelha dos templarios, cruz rôxa em forma de espada dos de Santiago ou spatharios.

A' noticia de se haver posto cerco a Alcacer, toda a Hespanha mussulmana se sobresaltou; e veiu em seu soccorro um grosso exercito, commandado pelos reis de Jaen, Badajoz, Cordova e Sevilha, segundo dizem os velhos historiadores. [1] Deu-se a batalha junto de Alcacer, na qual os portuguezes alcançaram uma brilhante victoria; em parte porque os cavalleiros das ordens militares se bateram com inexcedivel bravura; em parte porque os moiros, apezar da sua superioridade numerica, resistiram froixamente, desmoralisados ainda pela recente derrota das Navas. Depois da batalha, Alcacer continuou a deffender-se tenazmente; mas afinal rendeu-se ao cabo de muitos dias. Toda a empreza havia durado mais de dois mezes, de 30 de julho a 18 de outubro do anno de 1217.

Apontámos apenas os traços mais geraes do facto, porque as particularidades do cerco e tomada de Alcacer não vinham ao nosso assumpto; e sobretudo porque já foram narradas largamente e por mão de mestre em um livro que todos devem conhecer. [2] Unicamente quizemos recordar a importancia d'aquelle grande e brilhante feito de armas, que em Portugal suscitou a lembrança dos melhores tempos de D. Affonso Henriques; que sendo logo communicado ao papa echoou por toda a Europa; que os moiros consideraram

---

[1] O curioso poema contemporaneo de Gosuino (P. M. H., *Scriptores* I, 103) tambem lhes chama reis, falando de tres:

In nos conspirat ispania, dirigit in nos
Tres reges, nobis fama reuelat idem.

E' claro que não eram reis, porque o Andalús ainda estava unido sob os Almohades; mas simplesmente governadores das diversas provincias, como se vê do *Cartás* (*H. dos Sob. Moham.*, 267). Em todo o caso, o exercito mussulmano vinha grande e forte.

[2] A. Herculano, *Hist. de Portugal*, II, 191 a 210.

um gravissimo revez, apenas inferior ao das Navas. [1]

Ora, durante aquelles dois mezes gloriosos, Affonso II esteve sempre ausente. «Seria por alguma doença,» diz Duarte Nunes, que lhe não póde achar outra saida. Estava doente em Coimbra, affirma com benevolencia Brandão. Mas Alexandre Herculano provou pelos documentos, que elle viajava então pelas provincias do norte, de Coimbra para Guimarães, d'ali para Tras-os-montes e Beira Alta. Outras causas, pois, que não a doença, o affastaram dos muros de Alcacer.

Foi-nos necessario insistir n'estes acontecimentos, apparentemente alheios á historia de Serpa, em parte porque mudaram as forças relativas de moiros e christãos na Peninsula e servem a explicar a tomada de Serpa no reinado seguinte; e em parte porque lançam alguma luz sobre a indole pacifica de D. Affonso II, e portanto sobre as suas suppostas façanhas junto de Serpa.

Diz-nos fr. Bernardo de Brito, sempre fr. Bernardo de Brito, que aquelle rei alcançou uma grande victoria junto de Elvas sobre os moiros de Jaen e de Sevilha, entrando depois nas suas terras donde voltou com muita gloria; e diz mais, que marchou a soccorrer as suas villas de Moura e Serpa, as quaes se achavam cercadas; mas, como já então era muito gordo, foi tirado pelos seus soldados do campo da batalha, abafado e meio morto pelo peso das armas. [2] Uma simples noticia de fr. Bernardo de Brito poderia ser posta de parte sem muita cerimonia, se uma circumstancia especial nos não forçasse a examinal-a com alguma attenção.

Essa circumstancia é a confirmação que parece ter na tradição local. Varias vezes tenho ouvido contar a pessoas antigas, como D. Affonso II venceu os moiros em uma batalha ao sul e logo ao pé de Serpa; como caiu abafado pelo calor e cansaço, e lhe foram buscar agua no proprio capacete a um poço, depois chamado o poço d'el-Rei; como collocaram n'aquelle sitio, proximo á bifurcação das estradas de Aldeia-Nova e Santa Iria, uma cruz de madeira, e effectivamente ainda se chama da Cruz do Páu; como, destruida esta pelo tempo adeante, se levantou outra de pedra, a Cruz Nova, que ainda hoje se vê á entrada da villa. [1]

Se esta tradição fosse realmente popular, teria sem duvida um grande peso; mas não lhe vejo esse caracter. Ha tradições e tradições. Ha as puramente populares, no fundo das quaes deve sempre existir uma parte de verdade; e ha as que poderemos chamar *eruditas*. Alguem leu um facto em qualquer livro, contou-o depois, passou de bocca em bocca, juntando-se-lhe varias circumstancias de caracter local, e formou-se assim uma corrente tradicional em *segunda mão*. Tal me parece ser o cunho da historia contada em Serpa. Não deriva na memoria do povo de factos passados no seculo XIII; deriva na conversa das pessoas lidas e illustradas — e sempre houve muitas n'esta nossa villa — dos livros publicados no XVII. [2] Não pode, pois, confirmar o que dizem aquelles livros, pelo simples facto de proceder d'elles.

Mas examinemos a noticia em si. Em primeiro logar vê-se, que nenhuma prova, nenhum documento, nem uma só palavra de escriptor coevo

[1] Foi uma derrota «quasi como a de Alacab», diz o *Cartás.* — Al-Acab é o nome arabe dos campos das Navas de Tolosa.

[2] *Elogios dos reis de Portugal*, p. 31; edição de 1726.

[1] A Cruz Nova é muito moderna, talvez do fim do seculo XVIII; e em nada revéla a sua supposta origem.

[2] E' claro que a noticia não ficou limitada ao pequeno livro, aliás muito lido, de fr. Bernardo de Brito: passou logo para os do padre Vasconcellos, de Faria e Sousa e outros; e, com a falta de critica do tempo, dada como coisa averiguada e segura.

CANCIONEIRO MUSICAL

I

TRISTE VIUVINHA

(Choreographica)

lhe serve de base. O contemporaneo Rodrigo de Toledo diz apenas, referindo-se a Affonso II: *In diebus eius, Alcazar et castra alia in deditione fidei catholicae pervenerunt.* Estes *castra alia* devem ser algumas povoações do Alto Alemtejo, onde effectivamente o esforço das ordens militares alargou um pouco a terra portugueza pelos lados de Aviz, Fronteira, Monforte e Arronches. Mas nada na curta phrase do arcebispo nos auctoriza a collocar aquellas conquistas nas terras de alem Guadiana, nem a affirmar que o rei tomasse pessoalmente parte n'ellas. As velhas chronicas de Ruy de Pina ou de Duarte Nunes, que não teriam muita auctoridade, mas emfim sempre tinham alguma, guardam absoluto silencio. Fr. Antonio Brandão transcreve a noticia de Brito, como sempre faz; mas antes d'isso tem o cuidado de dizer: «não podemos com certeza e particularidade escrever empreza alguma sua (de D. Affonso II).» Põe assim a coberto a sua responsabilidade, e deixa bem calcular quanto duvidava da noticia. Fica-nos, pois, simplesmente a auctoridade de fr. Bernardo de Brito, inventor de tantas fabulas, que Alexandre Herculano, em um engraçado movimento de mau humor, lhe chama o «Phedro historico».

Mas, alem de ser assim destituida de fundamento, a noticia é mal architectada, pois vae de encontro a outros factos historicos provaveis ou provados. Para que D. Affonso II soccorresse Serpa, cercada de moiros, seria necessario que esta villa fosse então dos portuguezes. E nós vimos na Nota precedente como ha todas as probabilidades de que fosse dos moiros no fim do reinado de D. Sancho I. E veremos nas Notas seguintes como ha a certeza de que era dos moiros no principio do reinado de D. Sancho II. E não será facil explicar como no intervallo foi ganha e depois perdida, sem ninguem dar relação de taes successos.

Por ultimo, aquelles arriscadissimos comettimentos, a muitas leguas da fronteira então estabelecida, em terras de alem Guadiana, são attribuidos a D. Affonso II, o mesmo que faltou á batalha das Navas de Tolosa em solemnissimas circumstancias, o mesmo que andou a passear pelas provincias do norte, emquanto os seus subditos se batiam como leões sob os muros de Alcacer. Francamente, todas estas considerações nos parecem mais que sufficientes para darmos á noticia de Brito o seu verdadeiro valor.

Em resumo, temos por muito provavel, que Serpa com toda a margem esquerda do Guadiana, depois de ficarem na posse dos moiros durante todo o reinado de D. Sancho I (1185-1211), continuassem na mesma posse durante todo o reinado de D. Affonso II (1211-1223).

CONDE DE FICALHO.

O SENHOR SETE

(Continuado de pag. 186, do vol. II)

E' a pera do Senhor Sete!

Já por dezembro fóra, mandam-se ao mercado e é um regalo: uma pera, um vintem; tantas peras, tantos vintens.

—«Tem por lá este anno muita pera, ó minha comadre?

—«Nem por isso! Só a de sete cotovellos é que fundiu. Sete cestos dos de raza!

—«Eh, benz'-a Deus! Abençoada terra que come tal pé!»

*

—Ao menino de sete mezes busca-lhe o dente e o assento.

Pois está visto, e ás meninas tambem. Que não ha-de ser só, estarem os fedelhos sempre de colo, e as mães, que teem mais que fazer, a darem-lhes

de mamar ou a fazerem-lhes festas! Aos sete mezes, toca a sentar, e a fazer já os seus exercicios para se ter de pé: — «Menino que se tem! menino que se tem«Tem, tem, meu menino, tem, tem!

Pois então! E elles que bem gostam d'isso, os petizotes! E se com o tempo lhes dão um *carrinho* de rodas, para elles, de pé, fingindo que o impelem deante de si, irem mas é levados por elle, — isso então é uma alegria! E com o riso, lá se lhes vêem já os dentitos a quererem assomar, um aqui, outro ali, — e alguns ha que já *ferram*, quando mamam...

—Ah, seu grande maroto! vossemecê assim morde sua mãe!

Os que a mãe não póde crear, são mais infelizes! Uma ama tive eu, fóra da minha terra, que nem por isso era muito minha amiga... Uma vez, meu pae foi-me lá vêr, e encontrou fechada a porta da ama. Perguntou assim a uma visinha, do alto das escaleiras de pedra:

—Vossemecê sabe para onde foi a ama?

—Eu não sei, snr. João, mas ella uns dias por outros vae á geira...

Senão quando, meu pae ouviu chorar um pequenito! Era eu, e estava mesmo ao pé d'elle, — dentro d'um cortiço da barrella, onde me deixara a ama ao cimo da escada!

Dizia meu pae que tinha chorado; e embrulhando-me na capa muito bem embrulhado, tal esporada pregou no cavallo, que elle foi pelo ar d'ali á minha terra, — e por milagre appareceu outra ama!

Nosso Senhor perdõe ás amas assim!

*

—O uso da razão vem aos sete annos.

Já se cá sabe. E é por isso que d'ahi por deante, os paes já zupam nos filhos sem ceremonia.

—O' visinho, olhe que o mata!

—Qual mata! Com sete annos já sabe o que faz!

E como a edade dos sete annos é tambem a do uso da razão *segundo a igreja*, começa n'essa edade, no fim da quaresma, que é quando os padres já não teem tanto que fazer, a confissão dos rapazes!

Os rapazes não se accusam dos peccados, está claro. Mas é a vez das mães se entenderem primeiro com o padre-cura, e de lhe dizerem o que são as *prendas*, p'ra que não deixe de os reprehender...

—E carregue-lhe bem n'essa penitencia, que p'r'o mais que elle tem que fazer, vagar de a rezar é que lhe não falta!

As raparigas, essas quasi sempre são *chorosas*, *teimosas*, *ranhosas* e *mentirosas;* e os rapazes, pouco mais ou menos a mesma coisa, — e *preguiçosos*... O padre já sabe!

Mas p'ra não estar lá com meias medidas, junta-os aos 6 e aos 7 na sacristia, senta-se, ajoelha-os todos deante d'elle, e botando-lhes a capa sobre as cabeças, principia o interrogatorio:

—Olha lá, tu és amigo de tua mãe?

—Eu sou sim senhor.

—E tu?

—E tu?

—E tu?

São todos amigos da mãe!

—Mas a vossa mentira sempre a pregaes?...

Calam-se...

—Bem digo eu!...

E cinco minutos depois, estão todos confessados; beijam a palma da mão ao senhor padre-cura; vão direitos á mãe a pedir-lhe perdão, e o mesmo, em casa, ao pae...

N'aquelle dia parecem uns santinhos; — e como podem morrer sem resar a penitencia, e n'esse caso faziam-se *almas penadas* e não entravam no céo, não se deitam sem a rezar: um Padre-Nosso com uma Ave-Maria; e se são muito maus — dois Padre-Nossos!

*

—Deus descançou ao setimo dia.

E' da Escriptura. Foi ao sabbado.

— *Sabbato nullum opus facies.* — A mudança do descanço para o domingo, foi por ter sido em domingo a resurreição. Os judeus, esses continuam a descançar ao sabbado... e ao domingo! Excepto lá p'ra cima, onde ha muitos, e trabalham sem despegar! São muito videiros, já se sabe; e comquanto tenham lá as suas devoções rituaes, vão á missa quando teem vagar, e até na missa, se podem, *fazem negocio!* [1] Ha entre elles, muito acobertadas, certas castas, e um vivo respeito d'umas para as outras,—mas manda a verdade que se diga que a população indigena imbirra com elles...

Sobre o preceito, entre nós tão obliterado mesmo nas aldeias, de guardar o domingo, veja o leitor, se é alfacinha, um livro que ha, chamado a *Cartilha Christã*, nos *Mandamentos da lei de Deus* (3.º: — *Guardar domingos e festas de guarda)*; e ácerca dos judeus em Portugal, póde, querendo, recreiar-se com um livro moderno muito bem feito, chamado mesmo assim, *Os judeus em Portugal*, de que é auctor um moço doutor em Theologia, o sr. Mendes dos Remedios. Um e outro livro são muito uteis, e custam menos que um camarote — mesmo no Circo...

*

—*Subir ao setimo céo.*

E' o contrario de «ir aos ares», que significa *zangar-se a valer;* de «ir aos arames», que vem a dar no mesmo, e de «ir á perei- ra», que é já, um pouco, ficar tambem *encavacado.* — O que em gyria coimbrã, (que está a pedir o seu glossario), se chama «dar casca», «dar um cascarrão», «dar sorte», «dar um sortarrão», como lá dizem os estudantes.

Subir ao setimo céo é, pois, alçapremar-se uma pessoa n'um grande goso, subir lá por essas espheras, — até á setima, que deve corresponder, no systema astronomico de Ptolomeu, ao Empyreo, ou Logar dos Bemaventurados!

Como dizia Camões:

> Melhor é experimentál-o, que julgál-o,
> Mas julgue-o quem não poder experimentál-o!

Adeante.

(Continúa) **TRINDADE COELHO.**

[1] São assim por toda a parte. E nunca me ha-de esquecer que n'um romance russo que eu li, *Tarass Bulba*, se me não engano, d'um escriptor chamado Nicolau Gogol, ha um judeu que é feito prisioneiro de guerra, e amarrado a ferros debaixo d'um carro de campanha,—para morrer no dia seguinte. Pois não obstante isso, passada meia hora já tinha a sua *tendinha* debaixo do carro, e vendia aos soldados agua-ardente!
E tinha de morrer no dia seguinte!

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

TRISTE VIUVINHA

—Triste viuvinha,
Que fazes tu lá dentro?
—'Stou fazendo os bolos
Para o nosso casamento.

Não te quero a ti,
Nem a ti tambem!
Só te quero a ti
Lindo amor, és o meu bem!

Serpa.

M. DIAS NUNES.

APPARIÇÕES

O mêdo do Chêchôu

A NORDESTE e muito perto da villa de Serpa, corre do nascente para o poente um pittoresco ribeiro, conhecido vulgarmente pelo nome de *barranco do Chêchôu*, e cujas mar-

gens são revestidas d'alamos, silvas e oliveiras. No sitio em que a estrada que liga Serpa a Pias corta esse ribeiro, ha uma ponte d'alvenaria, que separa dois pégos aonde muita gente vai lavar a sua roupa. A parte do barranco onde fica esta ponte é assaz taciturna, devido á elevação do terreno circumjacente e á presença de velhas e carcomidas arvores. E, a sombrear ainda mais o quadro, accresce o facto d'estarem para ali voltados, um convento em ruinas, outr'ora pertencente á ordem de S. Francisco, e o cemiterio da villa.

Pois bem. E' precisamente dos mencionados pégos, juntos á ponte, que costuma emergir — diz a tradição — um medonho tronco humano, muito magro, e com os olhos escancarados a quererem sahir das orbitas. E' o celebre mêdo do Chêchôu.

Reza tambem a tradição, que este mêdo vem ali manifestando-se desde antigos tempos. E, ainda hoje, não é raro ouvir dizer que se repetiu o mystico acontecimento. O interessante caso que em seguida publicâmos, corrobóra plenamente o que acabâmos d'apontar.

*
* *

Trata-se duma mulher do povo, B. C..., de 44 annos d'edade, casada, com filhos. Esta mullher é de constituição debil e apresenta um aspecto timido e nevrotico. Diz que vem soffrendo de nervoso desde o nascimento duma filha, ácêrca de 16 annos. Este padecimento é caracterisado por intensas dôres de cabeça acompanhadas de báques.

Conta B. C..., que, em 1895, numa tarde d'Agosto, estando a lavar roupa no barranco do Chêchôu, proximo da ponte do mesmo nome, viu que as suas companheiras do lavado se retiraram, deixando-a só acompanhada por uma sua filha, de 11 annos. Neste momento, B. C..., começando a sentir muito susto, disse á pequena que se despachasse, para s'irem embora.

Estavam já dobrando a roupa para se ausentar, quando B. C... ouve barulho junto do silvado que margina o barranco. A principio julgou que seria algum cão dumas ovelhas que andavam pastando ali perto, mas depois, voltando-se para as silvas, conheceu que se enganára, porque tal cão não appareceu. Em compensação deparou-se-lhe no mesmo sitio, por detraz do tronco duma oliveira, um busto d'homem extremamente magro, com as faces muito chupadas e os olhos esbugalhados. Sobre a cabeça deste busto assentava um chapeu, côr de canella.

A extranha figura, cravando os seus terriveis olhos em B. C..., tão depressa s'encobria com o tronco da arvore, como se mostrava. B. C..., então, dominada por um grande terror, disse á filha para se retirarem immediatamente, que estava ali uma coisa, mas que não se assustasse. A pequena, logo que ouviu isto, pozse a gritar, e as companheiras, que já iam no caminho, voltaram atraz para saber o que era aquillo. E, ouvindo contar a B. C..., a historia do que acabava d'occorrer-lhe, foram examinar o respectivo local, mas, claro está, nada ali observaram que pudesse, nem por sombras, justificar aquella sinistra visão.

*
* *

Da simples leitura da observação acima escrita, conclue-se claramente que B. C... foi victima, na memoravel tarde d'Agosto de 1895, duma allucinação visual. Quanto á genese desta allucinação, comprehende-se muito bem, attendendo a que B. C... é uma pobre e ingenua mulher do povo, dotada dum temperamento accentuadamente nevropathico. Nestas condições, não admira que B. C..., suggestionada pelo que ouvia contar ácêrca do mêdo do Chê-

chôu, fosse um bello dia atacada da mesma perturbação nervosa, que tem affligido, e continuará a affligir, as almas fracas e credulas.

O presente caso, como muitos outros faceis d'averiguar, prova bem á evidencia o immenso poder da suggestão, em materia *d'apparições*. E note-se que é uma suggestão em vigilia, perfeitamente natural, e exercendo expontaneamente a sua acção, sem a minima necessidade de recorrer aos processos artificiaes do hypnotismo.

LADISLAU PIÇARRA

PROVERBIOS & DICTOS

Proverbios venezianos

COM

EQUIVALENCIA PORTUGUÊSA

1. A bon intenditor poche parole.
   A bom entendedor meia palavra basta.

2. Altri tempe, altre cure.
   Outros tempos, outros costumes.

3. Andar da Rode a Pilato.
   Andar de Herodes para Pilatos.

4. Bater el fero fin que l'è caldo.
   Bater o ferro em quanto está quente.

5. Bela vigna, poca úa.
   Muita parra e pouca uva.

6. Bisogna respetar el can per el paron.
   Pelo cão se respeita o patrão.

7. Can que sbragia non morsega.
   Cão que ladra não morde.

8. Cent'ani de malinconia no paga un soldo de debite.
   Tristezas não pagam dividas.

9. Chi ben loga
   Ben trova.
   a) Quem bem faz, bem acha.
   b) Quem bem fizer, para si o fará.
   c) Filho és e pae serás.
   Assim como fizeres, assim acharás.

10. Chi ben vive, ben more.
    Tal vida, tal morte.

11. Chi de gata nassí, sorzi pia.
    Quem torto nasce, tarde ou nunca se indireita.

12. Chi dell'altrui si veste, presto si spoglia.
    Quem o alheio veste na praça o despe.

13. Chi ghe n'à in cuna
    Non diga di nissuna.
    Quem tem telhado de vidro, não atire pedras ao do visinho.

14. Chi la dura, la vince.
    Quem porfia, mata caça.

15. Chi mal fa, mal aspetta.
    Quem mal faz, mal encontra.

16. Chi no semena, no racoglie.
    Quem não semeia, não colhe.

17. Chi no sè rissente
    Non é fio de bona gente.
    Quem mente
    Não é filho de boa gente.

18. Chi respèto vol, respetto porta.
    Quem quer ser respeitado, respeita-se.

19. Qui roba a um bon ladron
    Ga cent'ani de perdon.
    Ladrão, que rouba a ladrão,
    Tem cem annos de perdão.

20. Chi roba, no fa roba.
    Dinheiro roubado, não luz.

21. Chi serve 'l comun
    No serve gnissun.
    Quem serve a todos, não serve a ninguem.

22. Chi soli se consegia, solo perisse.
    Só se veja, quem só se deseja.

23. Chi sprezza, vol comprar.
    Quem desdenha, quer comprar.

24. Chi stá ben, no se descomoda.
Quem está bem, deixa-se estar.

25. Chi tase conferma.
Quem cala, consente.

26. Chi tropo parla
Spesso faia.
Quem muito fala, pouco acerta.

27. Chi tutto vol aver, gnente no ga.
Quem tudo quer, tudo perde.

28. Chi va al molin, se infarina.
Quem vae á chuva, molha-se.

29. Chi vol, vaga; e chi no vol, manda.
Quem quer, vae, quem não quer, manda.

30. Chi xe scotai de l'aqua calda
Ga paura de la freda.
Gato escaldado, de agua fria tem medo.

31. Co la bona maniera se vinse tutto.
Com bons modos, tudo se faz.

32. Darghi confetti ai porchi.
Deitar pérolas aos porcos.

33. Diavolo compra e diavolo vende.
O diabo faz com uma mão e desfaz com a outra.

34. Domandando si va a Roma.
Quem pergunta, vae a Roma.

35. Parla come un libro stampá.
Lê (uma pessoa em outra) como em livro aberto.

36. El rider finisse in pianzer.
Ri-te agora, que logo choras.

37. Esser fra l'ancuzena é 'l martèlo.
Estar entre a bigorna e o martello.

38. Nissun nasse mestre.
Ninguem nasce ensinado.

39. Far quel che se pol,
Nò quel che se vol.
Faz-se o que se pode, e não o que se quer.

40. Far vegnir l'aqua in boca.
Fazer crescer a agua na bôca.

41. I estremi se toca.
Os extremos tocam-se.

42. I muri parla.
As paredes tem ouvidos.

43. I santi de casa no fa miracoli.
Santos de casa não fazem milagres.

44. L'abito no fa 'l monaco.
O habito não faz o monge.

45. La poverta no guasta gentileza.
Pobreza não e vileza.

46. Le desgrazie no vien mai sole.
Uma desgraça nunca vem só.

47. L' ocasion fa l' omo ladro.
A occasião faz o ladrão.

48. L'omo propone
E Dio dispone.
O homem põe
E Deus dispõe.

49. Lontan dai ochi, lontan dal cuor.
Longe da vista, longe do coração.

50. Mal no far
E paura no aver.
Quem não deve, não teme.

51. Mègio soli, che mal acomagnai.
Mais vale só que mal acompanhado.

52. Mègio tardi, che mai.
Mais vale tarde que nunca.

53. Mercanzia no vol amici.
Amigos amigos, negocios á parte.

54. Meter el caro avanti i bô.
Pôr o carro adiante dos bois.

55. Morto um Papa i ghe ne fa un altro.
Rei morto, rei posto.

56. Nele ocasion se conosse l'amigo.
Os amigos conhecem-se nas occasiões.

57. No gh'è pèzo sordo de quelo che no vol intender.
Não ha peor surdo que quem não quer ouvir.

58. No gh' è rose senza spine.
Não ha rosa sem espinhos.

59. No lassar il certo per l' incerto.
Não deixar o certo pelo duvidoso.

60. Ne 'l xe ne carne ne pesse.
Não é carne, nem peixe.

61. Não se move fogia,
Que Dio no' l vogia.
Nada se faz que Deus não queira.

62. No svegiè i cani che dorme.
Não acordar o cão que dorme.

63. Ochi vedi, boca tasi
Si ti vol viver en pase.
Ouve, vê, e cala,
Viverás vida folgada.
Teu visinho louvarás,
Tua boca fecharás,
Se quizeres viver em paz.

64. Ogni regola patisse la so ecezion.
Todas as regras tem excepção.

65. Ome avisà
Xe mezo armà.
Homem avisado vale por dois.

66. Ose de aseno no va in cielo.
Voses de burro não sobem ao céo.

67. Ose de popolo, ose de Dio.
A voz do povo é a voz de Deus.

68. Peccato confessato
E' mezzo perdonato.
Peccado confessado
E' meio perdoado.

69. Per la gola se chiapa 'l pesse.
Pela boca perde o peixe.

70. Piova e sol
El diavolo fa l'amor.
Quando chove e faz sol, está o diabo a bater na mulher.

71. Pui che se vive, pui s' impara.
Quando mais se anda, mais se aprende.

72. Prometer mari e monte.
Prometter mundos e fundos.

73. Quel che no se pol aver, se dona.
O que se não pode haver, dá-se pelo amor de Deus.

74. Quelo ch' é fato, é fato.
O que está feito, não tem remedio.

75. Sêmo tuti fati de carne.
Somos todos de carne e osso.

76. Sêmo tuti fiôi de Adamo.
Somos todos filhos de Adão.

77. Tanti *pochi* fa un *assae*.
a) Muitos poucos fazem um muito.
b) Graeiro a graeiro, enche a gallinha o papo.

78. Tute le verita no stá ben a dirle.
Nem todas as verdades se dizem.

79. Una le paga tute.
Pagar capital e juros.

80. Una man lava l'altra, e tute do lava 'l viso.
Uma mão lava a outra, e ambas lavam a cara.

81. Chi ben principia, ben acaba.
Quem bem começa, bem acaba.

82. El giusto patisse per el pecator.
Paga o justo pelo peccador.

83. Entrarghe come Pilato en t'e *credo*.
Entrar (nisto, ou naquillo), como Pilatos no *Credo*.

84. Fate quello che dico io, e no fate quello che faccio io.
Bem o préga Fr. Thomaz.
Fazei o que elle diz e não o que elle faz

85. L'aparenza engana.
As apparencias enganam.

86. La verita xe una sola.
A verdade é só uma.

87. No lassar la strada vechia per la nova.
Não deixar a estrada por atalhos.

88. No saver piu a che santo invodasse.

Não saber a que santo apegar-se.

89. No scherzè col fogo.

Com o fogo não se brinca.

90. Ogni paese ga la so usanza.

Cada terra tem seu uso, cada roca tem fuso.

91. Qual è il tuo nemico? Quello dell' arte tua.

Quem é o teu inimigo? O official do teu officio.

92. Cinque un studente
Sie un sapiente
Sete un corpo
Otto un porco.

Quatro horas dorme o santo,
Cinco o que não é tanto,
Seis o estudante,
Sete o viajante,
Oito o porco,
Nove o morto.

—

Confíra-se o texto no, hoje raro, volume *Proverbi Veneziani, raccolti da Angele Dalmedico e raffrontati con quelli di Salomone e co' francesi. Edizione a benefizio degli Asili Infantili.* Venezia, Nel Priv. Stab. Naz. di Giuseppe Antonelli. 1857. 8.° gr. 4 inn. 127 pag.

Encontram-se variantes de alguns destes Proverbios nas seguintes obras:

1. *Refranes ó proverbios de los Judios Españoles par M. Kaeserling. Budapest, 1889.*
2. *Proverbes turcs, traduits en français.* Vénise, 1881.
3. *Anciens proverbes basques et gascons, par Voltoire.* Bayonne, 1863. (Edição de Gustave Brunet.)
4. *Proverbi Toscani, specialmente Lucchesi, raccolti dal Prof. Idelfonso Nieri.* Lucca, 1894.
5. *Proverbes chinois récueillis et mis en ordre par Paul Perny,* Paris, 1869.
6. *Proverbios do Oriente* (Sabedoria da Vida) por Joaquim de Araujo. Genova, 1897.
7. *Le Livre des proverbes français par Le Roux de Lincy.* Paris, 1842.
8. *Proverbi Toscani raccolti ed illustrati da Giuseppe Giusti.* Nuova edizione. Napoli, 1895.
9. *L' igiene della tavola dalla bocca del popolo, ossia proverbi qui hanno risguardo all' alimentazioni raccolti in varie parti, d'Italia ed ordinati da Dom. Giuseppe Bernoni.* Venezia, 1872.

Genova, 1900.

JOAQUIM DE ARAUJO.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

I

A fita do meu cabello
Chega a nó, não chega a laço.
Faze amor conta commigo,
Que eu comtigo conta faço.

II

As hastes nascem do chão,
E nos jardins nascem flores.
Vergonha me dera a mim
Se eu comtigo tinha amores!

III

A rosa está em botão,
Com folhinhas para abrir;
Faça d'ella estimação
Quem n'a quizer possuir.

IV

A varinha d'azambujo
E' p'ra quem tem mal d'amores...
Depois do amor curado,
Vae-se o mal, ficam as dores.

V

As minhas comadres
Todas são Marias:
Umas são calhandras,
Outras cotovias.

VI

Aquella menina
O signal que deu!
Ao voltar da esquina
As palmas bateu.

VII

A minha mãe-sogra
E' uma felor!
Só basta ser ella
Mãe do meu amor.

VIII

A paixão eterna
Em meu peito existe,
De não ver meu bem;
Por isso ando triste!

IX

A estrella do norte é guia
Dos marinheiros, no mar.

Comparo te a ti com ella...
Que me fazes variar!

X

A rabaça brava tem
Repartimentos na folha.
Toda a vida ouvi dizer:
— Emquanto ha duas, ha escôlha.

XI

A paixão d'amor
Não mata ninguem;
Quem se entrega a ella
Juizo não tem.

XII

— Aonde vaes tão tarde?
Aonde vaes tão cedo?
— Vou passar a calma
Ao teu arvoredo.

XIII

Aquella menina
Do lenço encarnado
Já me perguntou,
Se eu era casado.

XIV

Aquella menina
Do lencinho branco,
Já me perguntou,
Se eu era do campo.

XV

Altos ceus vae uma nuvem:
Todos dizem — bem n'a vi!
Todos fallam e murmuram,
Ninguem ólha para si.

XVI

As fazendas são as mesmas,
Os morgados são eguaes...
Meu amor, sinto prazer
Em te amar cada vez mais.

XVII

Minha sogra é uma santa,
Uma santa até morrer;
Se ella me der o seu filho,
Inda mais santa ha-de ser!

XVIII

Algum dia era eu
Do teu prato a melhor sopa;
Agora sou resalgar,
Menina, da tua bocca...

XIX

Adeus quinta de S. Braz,
Adeus tanque do leão
Onde as moças vão balhar
Quinta-feira d'Ascensão.

XX

Aperta-me a minha mão
Té que eu diga — deixa, amor!
Quem mais aperta, mais quer,
Quem mais quer, mais sente a dôr.

XXI

Adeus campos onde eu estive
E as minhas glorias passava!
Ainda eu venero o sitio
Onde o meu bem me fallava.

XXII

A oliveira no adro
Dá sombra a toda a egreja.
Quem tem o amor defronte,
Tem a fructa que deseja.

XXIII

Algum dia por te ouvir
Mandava calar o vento;
Agora já me não lembras,
Nem me vens ao pensamento.

XXIV

Amores, ciumes,
Ambos são parentes...
Quem não tem amores,
Ciumes não sente.

XXV

A palavra que t'eu dei!
Aquella que tu me deste!
A minha ainda aqui está;
A tua, que lhe fizeste?

XXVI

A perdiz canta na relva,
O rouxinol no loureiro;
E os padres cantam no côro
Para ganharem dinheiro.

XXVII

A esperança é um orvalho,
Meigo presente do ceu;
Só no mundo é desgraçado
Quem já de todo a perdeu.

XXVIII

Amar e saber amar
São dois pontos delicados;
Os que amam são sem conto,
Os que sabem são contados.

XXIX

Aguarda, meu bem, aguarda,
Não te pese d'aguardar;
Inda temos muito tempo
Para a sorte experimentar.

(Da tradição oral, em Serpa.)
(Continúa.)

M. DIAS NUNES.

BIBLIOGRAPHIA

A GRANDE quantidade de original composto e retardado obriganos a retirar esta secção, que daremos n'um dos proximos numeros.

ADUBOS CHIMICOS

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Fundada em 1865

FORNECEDORA DA CASA REAL

Marca da fabrica registada

C. U. F. (PARA SACCAS)

Endereço telegraphico	**Numero telephonico**
Fabril-Lisboa	*501*

FABRICA DE ADUBOS CHIMICOS

Elementares, compostos e mixtos, purgueira e outros bagaços

BAGAÇOS MIXTOS

Adubos para todas as culturas e em harmonia com a qualidade das terras.
Riqueza garantida em azote,
acido phosphorico assimilavel, potassa e cal.

Pureza absoluta de corpos prejudiciaes ás plantas ou ás terras

Para garantir a maior efficacia no emprego dos adubos chimicos, e sempre que se trate de encommendas superiores a 100$000 réis, a COMPANHIA UNIÃO FABRIL, escolherá a pedido do comprador a forma especial do adubo que convenha á cultura a que a terra é destinada e á sua composição chimica quando lhe mandem uma amostra, levantada segundo as instrucções que fornece e sem que o lavrador tenha que dispender coisa alguma com este trabalho especial.

GRANDES FABRICAS

Largo das Fontainhas e Rua Vinte e Quatro de Julho, 940

LISBOA

PREÇOS OS MAIS REDUZIDOS DO MERCADO

MASSA DE MENDOBI
Para engorda e sustento de gado cavallar e vaccum

MASSA DE PALMISTE (Coconote)
Para engorda e sustento de gado suino e adubo de terras

MASSA DE LINHAÇA
Para engorda e sustento de gado cavallar e vaccum

MASSA DE PURGUEIRA
Para adubo das terras

Envia preços e catalogos a quem fizer o pedido á

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

LISBOA

ANNO III

N.º 2

VOLUME III

SERPA, Fevereiro de 1901

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — Galeria Monaco — Rocio

Porto — Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44

Coimbra — Livraria França Amado

Summario:

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Cóvas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

Anno III — N.º 2 SERPA, Fevereiro de 1901 **Volume III**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

O SENHOR SETE

(Continuado de pag. 10)

— Nos Açores, entre os dias do anno prejudiciaes para comprar, vender, viajar, casar, mudar de casa, etc., um d'elles é o dia 7 de maio.

Está a gente a vêr os Açorianos não bulirem n'aquelle dia nem sequer n'uma palha! Mas como este enguiço do povo com certos dias, faria muito longo este capitulo, vou transcrever o que li uma vez no *Diario de Noticias*, n'uma secçãosinha de *Curiosidades*, e que interessa ao ponto directamente:

«Ha muita gente com a superstição de que são uns dias felizes, outros aziagos, e desde antigas eras que entre os mais celebres povos havia este prejuizo, principalmente motivado porque as observações historicas, supersticiosamente recolhidas, estabelecem muitas vezes comparações que conduzem a semelhantes apreciações.

Alguns exemplos memoraveis: o templo de Salomão, que os babylonicos tinham incendiado em 8 de setembro, novamente o foi, por Tito, em egual dia.

Carlos V observou que haviam occorrido em dia de S. Martinho todos os factos memoraveis da sua vida. Sixto V tinha predilecção pela quarta feira, por ser o dia em que nascera, em que fôra elevado a cardeal, em que fôra feito papa e em que havia sido coroado. Luiz XIII dizia que á sexta feira tudo lhe corria bem. Henrique VII, de Inglaterra, gostava do sabbado, porque n'esse dia matara Ricardo III, o usurpador, subira ao throno da Grã-Bretanha e esposara Isabel, filha de Eduardo IV, o que lhe trouxera a reunião dos direitos das casas de Lencastre e de York.

Entre o povo, ha varias superstições com certos dias, como por exemplo, a de que, se á sexta-feira se cortam as unhas nascem *espigas*[1] nos dedos.[2]

E' tambem curiosa a lista dos dias felizes e dos dias aziagos, que a lenda

---

[1] Na minha terra chamam-se *espigos*, no masculino; ou *espigões*. — Além da significação usual, *espiga* significa lá tambem *ção* ou *calote* — «Fulano levou uma espiga!» — e ainda *contrariedade, desgosto, arrelia, difficuldade:* — «Olha que espiga!» — «Sempre me metteu em casa uma espiga!» — «Não está má espiga!» Etc.

[2] E se se aponta para as estrellas, nascem *cravos!* Lá vem isso n'um conto meu, *Abyssus abyssum.* — E quanto a cortarem-se as unhas ás sextas, quando eu era pequeno cortavam-se aos sabbados. Nos sabbados havia revista rigorosa de unhas e orelhas, na escola, e tambem revista do pescoço! E ai do que não levasse as unhas cortadas, e as orelhas e o pescoço muito escarolados! Quando via algum pescoço muito sujo, dizia o snr. Professor «que se podiam semear lá feijões, que nasciam»!

popular diz ter sido dada a Adão por um Anjo, e que o nosso primeiro pae consultava escrupulosamente, tendo verificado quanto era exacta no dia do caso da maçã...

Eis a lista:

Janeiro — Felizes, 4, 19, 27 e 30 Aziagos, 13 e 23.
Fevereiro — Felizes, 7, 8, e 18. Aziagos, 3, 10, 17 e 21.
Março — Felizes, 9, 12, 14 e 16. Aziagos, 13, 19, 23 e 28.
Abril — Felizes, 5, e 27. Aziagos, 10, 20, 29 e 30.
Maio — Felizes, 1, 2, 4, 6, 9, e 14. Aziagos, 10, 17 e 29.
Junho — Felizes, 3, 7, 12 e 23. Aziagos, 4 e 20.
Julho — Felizes, 2, 6, 10, 23 e 30. Aziagos, 5, 13 e 27.
Agosto — Felizes, 5, 7, 10, 14 e 19. Aziagos, 2, 13, 27, e 31.
Setembro — Felizes, 6, 15, 18 e 30. Aziagos, 13, 16, 22, e 24.
Outubro — Felizes, 13, 16, 20 e 31. Aziagos, 3, 9 e 27.
Novembro — Felizes, 3, 13, 23 e 30. Aziagos, 6 e 25.
Dezembro — Felizes, 10, 20 e 29. Aziagos, 15, 27 e 31.

Ha gente que quando tem que emprehender alguma viagem, fazer algum negocio ou praticar qualquer acto de certa importancia, não deixa de consultar esta lista. De resto, é vulgarissimo o *enguiço* com as terças e sextas feiras.»

Como se vê, o Senhor Sete nem por isso faz ali muito má figura, pois que se não dá sorte tambem a não tira, e nos mezes de fevereiro, junho e agosto figura até entre os dias felizes!

O enguiço da terça-feira é ainda hoje quasi geral, mas aqui estou eu, por exemplo, que me dou optimamente com as sextas! Com as terças é que não quero nada, e não deixo de dar razão áquelle dictado — *A' terça-feira, não cases a filha nem urdas a teia.* — Mas para o casamento, ha quem diga que todos os dias são terças...[1]

Contou-me um dia o sr. Ramalho Ortigão, em Coimbra, que uma vez, indo pela rua de Santo Antonio abaixo, no Porto, reparou que Eça de Queiroz, que ia a pôr o pé no patamar d'uma chapelaria, o retirou com muita pressa, como se no patamar estivesse uma cobra!

—Que foi, ó José Maria?—pergunta-lhe o sr. José Duarte, que ia a passar.

Resposta de Eça de Queiroz, enfiado:

— Então não ia eu comprar um chapeu, sem me lembrar que é hoje terça?!

Isto os «espiritos fortes»!

Ai, que se a gente podesse olhar para dentro de cada um, ou pôr cá fóra o que vae cá por dentro,—muito nos haviamos de nós rir uns dos outros!

Tambem Oliveira Martins, por fazer a vontade a uma pessoa de familia, trazia ao peito não sei que *bentinho*, mesmo chegado á pelle. Mas uma vez que o deixou lobrigar por olhos profanos, confessou que não se poderia já separar do *bentinho*, — por mais que quizesse...

Muitos *bentinhos* veremos nós por ahi em peitos *atheus*, se á moda da photographia do invisivel, que já desvenda cartas fechadas, lhe der para desvendar, por baixo de certas camizolas, o que por lá vae!...[3]

Cala-te, bocca!

---

[1] Isto que eu agora disse, faz-me lembrar o meu velho Prior, que quando ao *lavabo*, á missa-do-dia, dava os dias santos da semana, ou os dias de jejum, acabava sempre por estas palavras: — «Mas *todos os dias são santos* para louvar e amar a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a nós mesmos». — (*Dar os dias santos*, significa tambem lá cima *mandar com auctoridade*. Os brazileiros chamam ao que dá os dias santos, *manda-chuva!* E' o nosso *mandão* ou *influente*, em geral o peor inimigo do povo!)

[3] Sobre isso de *atheus*, disse-me tambem o snr. Ramalho Ortigão que Eça de Queiroz tencionava pôr na bocca de *um*, acho que na *Reliquia*, esta phrase:

— «Eu — graças infinitas sejam dadas á Misericordia Divina! — sou atheu!»

COSTUMES & PERSPECTIVAS

CLICHÉ DE MELLO BREYNER.

Cabreiro da Serra de Serpa

— Os sete peccados mortaes e as sete virtudes contrarias.

Effectivamente. Cá transcrevo do *Cathecismo ou Breve Compendio da Doutrina Christã, para uso das aulas, nova edição melhorada*, e que se vende ahi por um vintem[1]:

Lição x

P. — Qual é o maior mal do mundo?
R. — O peccado.
P. — Que coisa é peccado!
R. — E' a transgressão da Lei de Deus.
P. — Quantos são os peccados capitaes? (No meu tempo chamavam-se *mortaes.*)
R. — São sete. O primeiro é *Soberba.* O segundo *Avareza.* O terceiro *Luxuria* (amor do *luxo,* explicava-nos o snr. Prior). O quarto *Ira.* O quinto *Gula.* O sexto *Inveja.* O setimo *Preguiça.*
P. — Quaes são os remedios d'estes peccados? *(No meu tempo chamava-se* aos remedios *virtudes contrarias.)*
R. — São, além de outros, as virtudes contrarias. (*Ellas cá estão!*)
P. — Dizei-as.
R. — As virtudes contrarias aos sete peccados capitaes são tambem sete. A primeira é *Humildade* contra a Soberba. A segunda *Liberalidade* contra a Avareza. A terceira *Castidade* contra a Luxuria. A quarta *Paciencia* contra a Ira. A quinta *Temperança* contra a Gula. A sexta *Caridade* contra a Inveja. A setima *Diligencia* contra a Preguiça».

[1] Um vintem não é grande dinheiro, mas ha muita gente que nem dez réis dava por uma *Cartilha!* Pois quando eu era pequeno, davam-se seis vintens pela do Abbade Salamonde, e eu se apanhasse agora uma d'essas, dava por ella doze vintens! O eu dizer que um vintem não é dinheiro, faz-me lembrar aquella historia da rapariga que ia todos os dias á porta da visinha pedir-lhe um vintem que devia á mãe:
— Diz minha mãe que faça favor de lhe mandar o vintem. Que não é p'amor do vintem, — *mas é que nem pode dormir!*

Isto no meu tempo dizia-se muito melhor, e de um modo mais mneumonico:
Contra a Soberba — Humildade.
Contra a Avareza — Liberalidade.
Contra a Luxuria — Castidade.
Contra a Ira — Paciencia.
Contra a Gula — Temperança.
Contra a Inveja — Caridade.
Contra a Preguiça — Diligencia.
Bons tempos!

Na minha terra, a *missa do dia* era ás 11; e o snr. Prior, emquanto as mulheres iam entrando e os homens se iam juntando no adro, sentava-se ao meio da egreja na sua cadeira de braços com espaldar, que ficava encostada a um dos pilares e elevada do chão uns tres degraus, e perguntava-nos a doutrina a um por um, todos em semicirculo deante d'elle. Sabiamol-a na na ponta da lingua, está claro; e o snr. Prior, ás vezes, dava-nos em premio qualquer coisa, quasi sempre figurinhas de santos! Depois da doutrina, lia o *Cathecismo,* o snr. Prior; e quando se levantava para ir para a sacristia, rompiam as mulheres, n'um lindo côro, a cantar a Salvé-Rainha. Sahia o sr. Prior da sacristia coberto com a capa de asperges; postava-se-lhe ao lado o sacristão com a caldeirinha da agua benta; o sacristão offerecia-lhe o hyssope depois de o beijar no cabo: — e ahi te vinham os dois até ao meio da egreja, — o sr. Prior aspergindo quem estava: para a frente, para a esquerda, para a direita, e o sacristão a segurar-lhe a capa:

— *Asperges me, Domine, hyssopo et mundabor...*

Dizia o sacristão, que ás vezes era eu:[1]

Lavabis me et super nivem dealbabor.

[1] Eu ajudava muito á missa na minha terra. Gostava d'aquillo. E nunca me ha-de esquecer que uma vez tendo eu provado o vinho das galhetas, deitando uma pinga na palma da mão, e sorvendo para vêr se estava capaz, o snr. administrador do concelho lobrigou a historia (chamava-se Pastor,

Regressando á sacristia, o sr. Prior tirava a capa e punha a casula, e ia em seguida para o altar-mór, dizer a missa, — ao tempo a que as mulheres, afinadissimas, levavam a Salvé-Rainha quasi no fim. A Santos, o côro ouvia se de novo, mas d'esta vez começado pelos homens, — e aquella missa era um encanto! Eu lá conto isso no *Manoel Maçores*, e n'outro conto chamado *Luzia!*

Agora, já isso acabou, porque o sr. Prior morreu ha annos, muito velhinho! Agora é a missa dita a fugir, e até os santos, no altar, parecem aborrecidos!

Dizia-me ha annos S. Mamede, que é lá o meu orago:

— «Então que lhe queres ?! Eu até já me lembrei de me ir embora!»

Disse-lhe que não cahisse n'essa; que cá para baixo ainda era peor...

E até aquelles bocadinhos de pão muito pequeninos que no fim da missa vinham n'uma bandeja acogulada, e de que cada um se servia, e que perseveravam dos cães damnados, — até isso já desappareceu!

Que farão os Bispos, que não vêem isto ?! Eu propunha que pelo Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos, os Bispos fossem obrigados — ao menos a recolher n'um livro essas tradições!

Que lindo livro que se fazia!

---

e morreu conservador em Cintra) e fez-me um processo! Ainda me lembro que os sellos do papel eram pintados, e que julgado afinal o processo, eu fui condemnado a ir pedir perdão ao snr. Prior, que afinal me deu na varanda um grande prato de cerejas, e no fim, para lh'a beijar, a palma da sua mão velhinha: — «Estava perdoado»!

Outra vez, já eu andava no latim, ajudei á missa a meu tio Reitor, que quando vinha da sua freguezia tinha a devoção de dizer missa no Convento, no altar do Senhor dos Afflictos, e dava-me sempre um pataco por lhe ajudar! Mas quando ia para lhe mudar o Missal, á epistola, ouvi-o dar uma syllabada, — e eu tão tolo que emendei!

Não fez mais nada meu tio: voltou-se para traz e puxou-me as orelhas!

Mas como elle era um pouco fidalgo e quando dizia missa era já muito tarde, eu mal recebi o puxão d'orelhas peguei em mim e fui-me embora!

Na egreja não havia mais ninguem senão nós dois, — e ainda agora meu tio Reitor lá estaria ao altar, se a tia Joaquina Violante, cançada de vêr aberta a porta da egreja, não fosse fechál a.. Até que meu tio lhe gritou de lá:

— Não feche, não feche! Vá-me chamar alguem que me ajude a acabar com isto!

Depois, claro, levei em casa a minha tareia, — e foi bem feito!

---

*

— *Os sete sabios da Grecia.*

O povo falla muito n'elles, mas só sabe que eram sete! Nomes, não sabe d'isso nem quer saber! Mas os *cultos*, esses é que ora dizem que os sabios da Grecia foram os srs. Thales de Mileto, Pittaco de Mitylene, Bias de Priene, Cleobulo de Lindos, Myson de Chio, Chilon de Lacedemonia, e então o grande Solon d'Athenas; — ora que eram aquelles, *menos* Myson, e *mais* Periandro; — ou *menos* Mison e Periandro, e *mais* Anacharsis, que aliás era da Scythia! Vão lá entender os *cultos*! Mas o que é serio, é que esta divergencia quanto aos nomes pode ser meio caminho andado para uma divergencia quanto ao numero!

Por mim, vou, porém, com o Senhor Sete; e folgo de ter maneira de excluir do grupo além do Anacharsis, que não era da Grecia, esse tyranno do sr. Periandro, que foi um patife maior da marca! Bem prégou elle, como Frei Thomaz, lindas maximas de moral; mas elle proprio se encarregou de as praticar ás avessas, — e pois que não soube governar as suas acções, attributo inherente á verdadeira sabedoria, não foi um sabio! Para o Senhor Sete, por conseguinte, os illustres sabios que tanto queimaram as pestanas a estudar o homem e a maneira de o governar, são os já indicados: Thales, Pittaco, Bias, Cleobulo, Myson, Chilon e Solon.

De resto, quem não verá n'aquella divergencia de nomes a influencia absorvente do Senhor Sete ?! E' só

para que sejam sete, e não oito nem nove, que andam n'uma contradança, ou n'uma especie de *jogo dos cantinhos* ou de *dá-me lume*, aquelles tres: — Myson, Periandro e Anacharsis! Mas o primeiro é quem ganha o jogo, porque se o terceiro não era da Grecia, o segundo era um grande maroto!

Demais, o Senhor Sete tem de seu lado a auctoridade de Platão, o *Divino*, que no *Protagoras* excluiu Periandro do grupo dos sete, e metteu lá Myson. — (Cfr. Larousse, Bouillet e o *Diccionario Universal*, Verb. *Sages* (les sept), *Periandre* e *Myson*, principalmente.)

(Continúa)

TRINDADE COELHO.

VELHAS CREADAS

Velhas amigas, velhas creadas das nossas avós, das nossas mães... — que para os nossos filhos pertencerão já amanhã á tradição, mas que nós temos ainda a bôa fortuna de conhecer na velhice, tratar nas ultimas doenças e, chorando, lhes fazer a ultima *toilette*.

Velhas creadas que não tinham soldada e para as quaes a pequena remuneração que se lhes dava era simplesmente a affirmação da sua dependencia...

Que não tinham nada e tudo tinham, porque era *nossa* a casa e tudo o que lá estava...

Que serviam de mães aos pequeninos orphãos e lhes provavam sempre a sua dedicação, a sua amisade, o seu amor! ..

Para ellas não havia trabalho, não havia cançasso, nada... nada!...

Era preciso velar, velavam...; tratar dos doentes... poupar os cuidados, tudo, tudo! Nada esquecia, nunca!

Ellas viviam só pelos seus amos; e com rarissimas excepções, todas recebiam o premio do seu excepcional valôr.

Eram creadas sim, *creadas com os amos*, com a familia toda.

Hoje só ha *serventes*, *empregadas*, creaturas mercenarias na sua maioria...

Hoje não se procura coração!...

Mesmo, ha-de procurar-se o que não têm?

. . . .

Velhas creadas! Mulheres de caracter e de entendimento, cujo conselho ficava e persistia depois da sua morte... admiraveis em tudo, insubstituiveis sempre!...

Que o digam todas as senhoras descendentes das casas onde servas d'esse valor, deixaram para sempre a recordação indelevel e saudosa das suas pessôas queridas...

Que o digam as que ficaram sem mãe e n'ellas encontraram o carinho, a protecção e a bondade com que depois lhes pagaram em amor tudo o que d'ellas receberam!...

Que o digam elles, os rapazes .. que na sua ida para o collegio ou aulas superiores, lhes acceitaram a *humilde lembrança* que os não humilhou... Como se ellas fossem mães ou irmãs...

Que o digam todos, todos... e as recordem sempre!...

Velhas creadas, velhas amigas das nossas mães e avós!

. . . .

Beja, 1901.

MARGARIDA DE SEQUEIRA.

CANCIONEIRO MUSICAL

II

Angelica, dá-me a capinha !

(CHOREOGRAPHICA)

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

ANGELICA, DÁ-ME A CAPINHA!

— Angelica, dá-me a capinha! } *bis*
— Não te a dou, que não é minha. }
O' tá, ó terá-tátá!
Quem não tem capinha
Não venha cá!
O' ti, ó teri-titi!
Quem não tem capinha
Não venha aqui!

Serpa.

M. DIAS NUNES.

SETUBAL

Crenças, superstições e usos tradicionaes

IV

Augurios

É NA noite de S. João, noite cheia de misteriosos encantos para as almas novas, e de dulcissimas saudades para as que veem de longe a sua mocidade, que se procura desvendar o futuro, interpretando, mais ou menos convencionalmente, o resultado de diversas operações que se fazem, óra entre gargalhadas contagiosas, óra no meio de um silencio em que ás vezes se sente o palpitar d'um coração.

A' meia noite, em-volta da fogueira crepitante, juntam-se os que ainda creem, os que amam, e começam as suas operações.

Comecemo-l'as tambem.

O ôvo

Parte-se um ovo, e lança-se d'alto d'entro d'um copo cheio de agua, deixando ficar tudo ao *relento santo*.

No dia seguinte vae-se observar o effeito, e procura-se interpretar o que se vê no copo.

Se parece um *navio*, o seu amor ha de ser marinheiro.

Se se assemelha a um edificio será pedreiro, architeto, etc.

Se parecer um bosque será dado á lavoura.

Os cinco rêis da fogueira

Reza-se um Padre Nosso e lança-se na fogueira uma moeda de cinco réis.

No dia seguinte procura-se a moeda e guarda-se para a dar ao primeiro pobre que appareça. O nome do pobre contemplado será o do futuro noivo.

Pausinhos

Cortam-se trez pequenos quadrados de papel, e dobram-se ao meio collocando dentro pequenas hastes de alecrim, e acaba-se de enrolar deitando-os em seguida n'um vaso qualquer cheio de agua.

No dia immediato tira-se um e pucha-se por uma das pontas. Se ao desdobrar-se, a haste de alecrim fica *livre, nada se deve temer*; mas se fica preza na dobra do papel é signal de que a pessoa ausente está em perigo.

Alcachofras

E' tambem na noite de S. João, á meia noite, que se queima a *alcachofra* na fogueira.

Depois de queimada põe-se ao orvalho *(relento santo)*.

Se revive, a pessoa que a queimou casará brevemente; no caso contrario, não casará n'esse anno.

Chumbo

Funde-se um pouco de chumbo n'uma candeia velha de ferro, e deita-se de alto sobre um vaso com agua.

Observa-se o producto d'esta operação, tal qual como no processo do *ôvo*.

Herva pinheira

A *herva pinheira (sedum album. L)* pendura-se no quarto de dormir.

Se floresce é presagio de proximo casamento.

O bochêcho d'agua

Consiste esta operação em tomar um *bochecho* d'agua e escutar o primeiro nome ou phrase que ouvir.

Se foi um nome, esse será o do noivo ou noiva; se fôr uma phrase, n'ella se buscará a revelação do futuro em que se pensava na occasião de a ouvir.

Favas

Colhe-se uma vagem que tenha cinco favas, e d'estas se escolhem trez.

A uma tira-se a pelle toda; a outra só metade, deixando a terceira intacta,

Collocam-se todas de baixo do travesseiro, e ao acordar tira-se uma ao acaso, e conforme ella está nua, meio vestida ou vestida, assim será pobre, remedeado ou rico o futuro noivo.

O espelho d'agua

A' meia noite procurar-se-ha ver o rosto na agua de qualquer tanque, e caso se não consiga esse fim, o operador morre n'esse anno.

O sonho

Deve o operador deitar-se em decubito dorsal resando a qualquer santo da sua devoção, e deixar-se adormecer sem nunca se voltar, conservando os braços cruzados sobre o peito.

O sonho que tiver será a revelação do futuro.

O sapato

Tendo calçado uns sapatos que facilmente se descalcem, e chegando ao topo de uma escada, atira-se, com um pequeno movimento da perna esquerda, o sapato esquerdo.

Se o sapato descer para o lado direito o casamento não será por amor, mas sim por interesse; e se fôr para o lado esquerdo casará a seu gosto.

Se do ponto onde ficou o sapato até á base da escada houver ainda degraus, o numero d'elles indica o dos annos que tardará esse enlace.

A chave, o livro e as contas

Para saber se ha de casar ou não vendam-se os olhos á pessoa que quer consultar o oraculo.

Colloca-se depois sobre uma meza uma chave, um livro e umas *contas* (rosario).

Encaminha-se a pessoa para junto da meza e diz-se-lhe que ponha a mão sobre um dos objectos citados.

Conforme o objecto tocado assim ha de casar ou não.

A chave, — casa;
O livro, — fica solteira;
As contas, — vae para freira.

As sortes

Chamam *sortes* a uns quadradros de papel enrolados onde previamente se escreveram nomes.

Cada papel, cada nome.

Deitam-se n'um vaso com agua e deixa-se ao *relento* o cuidado de abrir.

No dia seguinte, se algum estiver desenrolado, o nome que tiver será o do noivo ou noiva; e se estiverem fechados não casará n'esse anno.

*
* *

Os velhos, os que só interrogam saudades, esses limitam-se a observar de que lado sopra o vento á meia noite de S. João, porque esse será, segundo a crença, o vento dominante nos seis mezes que vão seguir.

E riem com os novos, sem coragem para lhes dizer como mentem, ás vezes, os augurios...

ARRONCHES JUNQUEIRO.

O CANTO DAS ALMAS

O culto popular, sincero e fervoroso, professado pelas almas — «as almas santas que estão no eterno descanço, as bemditas almas que vivem no reino da gloria» — manifestava-se outr'ora por sentidas estrophes de religiosa inspiração.

Novembro... Dezembro. Pelas frígidas noites d'estes mezes hibernaes, pequenos grupos de homens embuçados em mantas alemtejanas, percorriam mansamente as ruas silenciosas das povoações, e não raro os campos circumvezinhos, parando de porta em porta, parando de monte em monte. E, de cada vez que paravam, logo irrompia melancolico descante, rhythmado ao som da viola ,em subido louvor das almas santas, para as quaes os grupos esmolavam, movidos pela fé na doutrina christã [1].

D'esta nossa poetica tradição de velhos tempos, subsistem ainda uns pallidos reflexos em várias freguezias do termo d'Alcoutim, e n'algumas do concelho de Serpa [2].

Recolhémos da bocca do povo os dois canticos que seguem, ás almas consagradas; o primeiro é de S. Marcos do Pereiro, e o segundo d'Aldeia Nova de S. Bento.

I

Ricordás [3] nobres senhores
D'esse somno tão profundo,
Ouvirás vozes-clamores
Das almas do outro mundo.

Christandade tão unida,
Ouvindo gritos e ais
Das almas de nossos paes
Que lá estão na outra vida,
De quem vós vos não lembraes:

Tende dôr e compaixão
D'aquella sentida voz
Que repete para nós
Das almas, que em pena estão,
De nossos paes e avós!

Toda a noite, todo o dia,
'Stão postas em agonia,
Vendo que lhes não rezaes
Sequer uma Ave Maria!

Gritam contra os seus amigos
Que cá deixaram no mundo;
Foi tão grande o seu descuido
Que sendo vivos não dizem:
Dae-me a mão, que eu vos ajudo!

Gritam contra os seus herdeiros
Que se não desencarregaram
Dos bens que lhes cá deixaram;
Sendo seus testamenteiros,
Seus testamentos não cobraram.

Gritam contra os seus parentes
Da sua sanguinidade,
Sendo no mundo viventes,
Que não teem caridade;
Sendo vivos se não lembram
Da sua necessidade.

Mal faz quem a desperdiça
Das almas a devoção!
Sendo das almas irmão
Vamos-lhe' a ouvir uma missa,
Dar-lhe' esta consolação.

D'esta sorte se consolam
As almas de nossos paes;
Com pouco que lhes *rezaes*
Fazes-lhe' uma grande esmola,
Pois vós mesmo é que lh'a daes.

Dizem homens e mulheres
D'este povo, em oratorio:
— Dae esmola se poderes
A's almas do purgatorio.

Entre ellas havia uma
Que dizia d'esta sorte:
— Eu, emquanto vida tive,
Nunca me alembrei da morte.

Quando deres la esmola
Não *olhes* par'á fazenda;
Por cada esmola que *deres*,
Mil almas tiraes da pena.

As almas 'stão mui contentes,
Mui contentes e mui bellas,
Rogando a Deus de continuo
Por quem cá pede por ellas.

E ellas nos mandam pedir
Que roguem os irmãos seus,
Que ellas não podem cá vir.
— Seja pelo amor de Deus!

---

[1] O producto das esmolas era destinado á celebração de missas em suffragio da alma dos finados.

[2] Aqui na séde do concelho, ha muito que se extinguiram os descantes das almas. Eis a unica reliquia que d'elles encontrámos:

As almas do purgatoria
Vos pedem por caridade
Que lhes de's uma esmola
Para que a pena se acabe.

[3] *Ricordás* = accordae.

Senhores! ouvi, escutae
Das almas tanto tormento,
Que vivem n'um lago de pena,
Tão cheias de sentimento!

Que assim reza a Escriptura.
Se ellas podessem sahir
D'aquella triste clausura
Aonde estão padecendo,
Haveria creatura
Que morreria em n'as vendo!

II

Pedir para as almas santas
Temos nós obrigação,
Para as almas acceitarem
A esmola que lhes dão.

As almas santas vos pedem
Que lhes deis uma esmola,
Que ellas não podem pedir
A quem no purgatorio chora.

Dae esmola ás almas santas,
Se com intenção lh'a daes,
Que lá *tens* as vossas mães,
Vossos avós, vossos paes.

Dae esmola, meu irmão,
Que é coisa que a Deus agrada;
Logo as almas rogarão
Por vós, na gloria sagrada.

As almas santas estão
Escrevendo a taboada,
Esperando as que de cá vão
Que lhes deram pouco ou nada.

As almas da outra vida
'Stão em continuos clamores,
'Stão rogando a Deus nos ceus
Por todos os bemfeitores.

Ricordae [1] nobres senhores
Ao som d'esta campainha,
Ouvireis vozes-clamores
Das almas da outra vida.

Divino Espirito Santo
Da côrte celestial!
Nós pedimos para as almas,
Se nos quereis ajudar.

Senhores tão regalados
A's vossas mesas reaes,
Não *vivam* tão esquecidos
D'aquelles de quem herdaes.

«Vae p'ráquella escuridão
Triste desaventurada,
Chorar sem consolação
Tua dureza atrazada. (?)»

(Logo as almas vos dirão)
«Não tens na goloria entrada,
Nem no ceu tu tens quinhão,
Triste desaventurada!»

Co'o subido poder que tem,
O Padre Eterno nos manda
Pedir por livrar a quem
O fogo serve de cama.

Quando deres a esmola,
Dae-a bem engrandecida,
Que é escada que fazeis
D'esta para a outra vida.

M. DIAS NUNES.

---

[1] *Ricordae* = acordae

CONTOS ALGARVIOS

A Princeza da Humgria

ERA d'uma vez um principe que constantemente sonhava que havia de casar com uma princeza da casa real da Hungria.

Não conhecia a dama dos seus pensamentos e por isso desejava ardentemente vel-a. N'este intuito pediu ao pai lhe permittisse ir até lá, mas este recusou-se satisfazer aos seus desejos.

Ora aconteceu então apparecer o edicto de um rei, que, não tendo descendentes, convidava todos os principes a comparecerem em determinado dia na sua corte, afim de se fazer a escolha. Immediatamente o principe mandou apparelhar o melhor cavallo das cavallariças do seu pai e poz-se a caminho. Tendo já andado um bom pedaço, quando succedeu passar ao pé de uma velha, que estava sentada sobre um vallado.

— Aonde ides, principe?

Contou elle aonde ia, bem como lhe deu o nome da cidade para onde se dirigia.

— Procurai outro cavallo, que n'esse não chegarás lá, respondeu a velha.

Ficou o principe maravilhado d'esta resposta, e ainda mais quando a anciã lhe revelou que o seu principal intento era ver a princeza da Hungria.

Não hezitou pois e seguiu o aviso da velha, que accrescentou:

— Largai esse cavallo, e tomai outro muito magro, que se sustenta de fogo e é dotado de fala.

Voltou o mancebo ás cavallariças reais e escolheu o cavallo mais magro que lá encontrou. Para se certificar accendeu elle uma grande fogueira, cujas lavaredas o cavallo devorou.

Novamente a caminho, andando sempre, avistou uma macieira com os seus pomos de prata.

— Oh! que bellas maçãs, disse o principe. Por vida minha que ainda não vi fructos semelhantes!

— Vá ver a avore, mas livre-se de colher alguma maçã, observou-lhe o cavallo.

Tão seductor era porém o fructo que o principe colheu uma bella maçã, encobrindo-se com a arvore para o cavallo o não ver. Rodando sempre, viu mais adeante um peixe de proporções enormes, estendido na praia, debatendo-se para entrar no seu elemento. O principe condoeu-se do peixe e disse ao cavallo que desejava pôr no már o peixe, o que o cavallo levou a bem.

O peixe agradecendo ao principe disse-lhe:

— Quando vos virdes em grande aflição, bradai por mim.

Andando, andando, viu uma aguia, que de azas abertas e empégada na lama do caminho, não podia voar. Apeou-se o bondoso principe e ajudou a ave a erguer-se aos ares, a qual, despedindo-se d'elle, o aconselhou a chamar pela rainha das aguias, sempre que se visse em apuros.

Andando, andando, viu que uma zorra, perseguida pelos cães, se mettera n'um silvado, donde se não podia safar. Condoido do animal, afastou o generoso principe as silvas, saindo a zorra.

— Quando vos achardes em grande necessidade, invocae a rainha das zorras, disse ella a correr.

Depois d'estas peripecias chegou o principe ao palacio do monarcha sem herdeiros.

Agradou-se logo este do principe, o que dispertou tamanha inveja nos outros concorrentes, que entre si combinaram dar cabo d'elle. N'este intento dirigiram-se ao rei e perante este accusaram o principe de ter dito que era capaz de fazer transportar para o jardim real uma macieira, que encontrara no caminho, coberta de pomos de prata.

Negou o principe esta affirmação, mas o rei, sob pena de morte, lhe ordenou pozesse em pratica o que se affirmava ter elle dito.

Muito desgostoso foi lastimar-se ao pé do cavallo.

— Bem vos disse que não colhesseis nenhuma d'aquellas maçãs. Já não tem remedio. Ide buscar um mólho de cordas e trazei-m'o aqui.

O principe assim fez. Em seguida montou no cavallo e chegou ao pé da macieira; ali enrolou as cordas na arvore, e puxando elle de um lado, o cavallo do outro, arrancaram a arvore, e collocaram-n'a no jardim.

No outro dia levantou-se o rei, e com grande pasmo e contentamento, viu que a sua ordem tinha sido cumprida.

Não desanimaram os invejosos. Havia ali perto um cavallo, cuja pelle era tão extraordinaria, que tinha sete mil côres.

Afóra isto, era tamanho o seu brilho nos olhos, que com uma simples olhadela matava a quantos o fitavam. Por conselho dos mesmos invejosos, ordenou o rei ao principe que fosse buscar o cavallo e o trouxesse para elle ver.

N'esta grande dificuldade ainda lhe valeu o seu fiel cavallo. Em harmonia com os conselhos d'este, muniu-se o principe de uma cevadeira, com ella e o molho de cordas, dirigiu-se acompanhado do cavallo ao logar onde estava o bicho. Collocada a cevadeira á entrada do covil, vem o bicho e metteu n'ella a cabeça.

Em seguida o principe amarrou-lhe o pescoço e deste modo conseguiu trazel-o á presença do rei.

A' vista de taes prodigios não pôde o rei deixar de nomear seu successôr o nosso principe. Depois do cerimonial usado em taes casos, manifestou-lhe o mancebo o empenho em que estava de ver a princesa da Hungria. Obtida a competente licença, montou no cavallo, seu amigo inseparavel, e dirigiu-se para o palacio, onde residia o objecto de todos os seus pensamentos.

Chegado ao termo da sua viagem, viu dois gigantes, que depois de ouvir o que o principe queria, lhe notificaram que para elle entrar no palacio da princeza teria de bater-se com elles e ainda com mais dois que aguardavam o interior do palacio.

ATHAIDE d'OLIVEIRA.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continúado de pag. 16)

XXX

Agua clara não se enturva
Tendo correntes ao pé;
Amor velho não se muda,
Sempre torna ao que seu é.

XXXI

Agua clara não se enturva
Sem haver quem n'ella banhe;
Amor velho não se muda
Sem haver quem n'o apanhe.

XXXII

A agua a correr se obriga,
A romper cerros e covas.
Já lá tens amores novos,
Já me deram essas novas.

XXXIII

Abre meu peito, verás
Dois raminhos feloridos,
E no meio encontrarás
Nossos corações unidos.

XXXIV

A ausencia tem uma filha
Que se chama saudade;
Eu sustento mãe e filha,
Mas não de minha vontade.

XXXV

Assomei-me ao teu jardim
Para ver quem tinha dentro,
Assumei-me, vi-te a ti...
Variou meu pensamento

XXXVI

Acorda se estás dormindo,
Se queres ouvir cantar!
Não sei se és anjo na terra,
Se és a sereia no mar.

XXXVII

As vozes da minha falla,
Como foram já não são;
'Stão fazendo uma differença
Como o inverno do verão.

XXXVIII

Anda cá perola fina,
Do meu peito estimada!
Nos braços da tua mãe
Já meu coração te amava.

XXXIX

Aqui tens meu coração,
Se o queres matar, podes;
Olha que estás dentro d'elle:
Se o matas, tambem morres!

XL

A minha vida, contada,
Faz, amor, chorar as pedras!
O que eu passo a teu respeito!...
E inda em cima te arrenegas!

XLI

A felor da fava é branca,
Cae no chão faz-se amarella.
Ninguem vá pedir a moça
Sem ter fallado com ella.

LXII

Abre-te, oh campa gelada,
Sepulta esta infeliz!
Seremos na morte unidos,
Já que em vida o ceo não quiz.

XLIII

As cantigas dos alarves
Não têm principio nem fim:
Começam—laró, laró...
Acabam—larí, larí.

XLIV

Algum dia, n'esta rua
Tinha eu uma cadeira
Onde assentava meus olhos...
Agora vão de carreira!

XLV

A' luz d'aquella candeia
Se fez o meu casamento...
O' candeia, não te apagues,
Que has-de dar o juramento.

XLVI

A laranja quando nasce,
Nasce logo redondinha;
Tambem tu quando nasceste,
Nasceste para ser minha.

XLVII

Abre meu lado esquerdo,
Verás meu coração morto,
Verás, as tuas saudades,
Em que estado me têm posto.

XLVIII

A carta que me mandaste,
Abri-a com muito geito;
Trazia teu coração:
Caiu-me dentro do peito.

XLIX

A rabaça, co'o pé n'agua,
Sempre se está bandeando;
E' como a moça solteira
Quando se está namorando...

L

Apesar da triste morte,
Eu sempre te hei-de adorar,
Custe o sangue ou custe a vida,
Custe, amor, o que custar!

LI

Algum dia, não podia
Passar sem teu rosto vêr;
Já me vou descostumando...
Que remedio posso eu ter!

LII

Aqui me tens ao teu lado
Rival d'outra, sem razão;
Levanta os olhos aos céos,
Vae pedir a Deus perdão.

LIII

Acredita, meu amor,
Acredita — q'rendo tu — :
Os dias que te não vejo
Não tenho prazer nenhum.

LIV

A oliveira é a paz,
Que se dá aos bem casados,
Palma benta, aos sacerdotes,
Alecrim, aos namorados.

LV

Alegria e tristeza,
Tudo por mim tem passado;
Por muito que eu tenha rido,
Muito mais tenho chorado.

LVI

Amores que eu não pretendo
Dou-lhe com pé p'r'alem,
Que assim faço eu ao sapato
Quando ao pé me não vem.

LVII

A desgraça de não vêr-te,
Meu amor, não faz mudança!
Quanto mais longe da vista,
Mais te trago na lembrança.

LVIII

A' ponta do meu telhado
Nasceu um amor-perfeito,
Mas não tem tão viva côr
Como se fosse em teu peito.

LIX

Anda cá, não sejas tola,
Ninguem te quer mais do que eu!
Se choras por infeliz,
O desgraçado sou eu!

LX

Acreditaste em enredos,
Enredos d'um impostor
Que nunca fallou verdade,
Só em mentir foi auctor.

LXI

Aqui me tens ao teu lado,
A's tuas disposições!
Vamos a unir, se queres,
Os nossos dois corações.

LXII

Aqui tens a minha mão,
Renova teu juramento,
Saberás quem te ama firme,
Agora e em todo o tempo.

LXIII

Amor, não fujas de mim,
Que eu não como gente viva...
Se me não queres amar,
Valha-te Deus! quem te obriga?

LXIV

Amarello é que eu quero,
Que o verde no campo nasce.
Não pensei que o meu amor
Tão depressa me deixasse!

LXV

A erva cresce no prado,
No jardim crescem as flores;
Assim cresce a sympathia
No coração dos amores.

LXVI

Ainda que eu te não visse
Senão uma vez no anno!
Seja o teu coração firme,
Que no meu não ha engano.

LXVII

A mulher que bem se porta,
A má lingua não receia;
Faça ella *bôa lettra*,
Que atraz virá quem a leia.

LXVIII

Ah! quantas vezes meu lenço
Limpado o teu rosto tem!
Vae te, lenço venturoso,
Limpar o rosto a meu bem!...

LXIX

Algum dia era,
Agora já não,
Da tua roseira,
O melhor botão.

LXX

A rosa, depois de secca,
Foi-se a queixar ao jardim;
Respondem-lhe as outras flores:
— Tudo no mundo tem fim.

LXXI

A saudade encoberta
E' um valle d'amargura...
Cantando chóro o meu mal
Como quem não tem ventura!

LXXII

Atraz de tempo vem tempo,
E o tempo tambem se muda...
Brada por quem te quiz bem,
Póde ser qu'inda te acuda.

LXXIII

A tua bocca é uma rosa,
Os dentes são as folhinhas;
As maçãs das tuas faces
São duas perolas finas.

LXXIV

Acredita o que te eu digo,
Não te importe mais ninguem;
Tenho-te tanta amisade
Como a tua mãe te tem!

LXXV

A' luz d'aquella candeia
Se arranjou um *casamôlho*...
O' candeia, não te apagues,
Que o noivo é torto d'um olho!

LXXVI

Andem cá amores novos,
Que os velhos já esqueceram:
Foram pennas que avoaram,
Folhas de papel que arderam...

LXXVII

Atrevido pensamento,
Confidente do meu ser,
Não me tragas á memoria
Quem eu não desejo vêr.

LXXVIII

Antes que eu queira não posso
Negar-te a minha amisade:
Eu, n'este mundo, não tenho
De mais ninguem saudade!

LXXIX

Açucena, flôr sombria,
Quiz-te amar, não tive arte;
Já lá tens novos amores,
Parabens da minha parte!

LXXX

Apalpei meu lado esquerdo,
Achei meu coração morto:
Olha, a tua saudade,
Em que estado me tem posto!

LXXXI

A penna com que te escrevo
Não é de nenhum pavão;
E' creada e nascida
Dentro do meu coração.

LXXXII

A rosa, para ser rosa,
Deve ter pé e botão;
O amor, para ser firme,
Deve-se chamar João.

LXXXIII

A rosa, para ser rosa,
Deve ter botão e pé;
O amor, para ser firme,
Deve-se chamar José,

LXXXIV

A rosa, para ser rosa,
Deve andar no peito d'Anna:
Para cheirar ao domingo,
Deve andar toda a semana.

LXXXV

As moças da Porta-nova
Mataram um 'scarapão:
As gulosas do Oiteiro
Comeram-n'o com feijão!

LXXXVI

Assim que tevi, pasmei,
Deixei interesses de parte;
Ou feliz, ou infeliz,
O meu destino é amar-te.

LXXXVII

Apalpei meu lado esquerdo,
Não achei meu coração;
Mas tive a feliz noticia
Que estava na tua mão.

LXXXVIII

Altos pinheiros ramudos,
Que dão pinhas e pinhões.
Deante da tua vista
Faço render corações.

LXXXIX

Agora é que eu vou entrando
Na rua da formosura!
Aqui não ha que escolher:
Cada qual namora a sua!

XC

Amor com amor se paga.
Isto é lei, não é favôr.
Não me faltes á justiça:
Paga-me amor com amor!

XCI

Amor que tão caro custas,
Inda te eu hei-de deixar!
Que eu não posso, a cada instante,
Vivêr e resuscitar.

XCII

Amor, se não era
De vontade tua,
Porque me não punhas
No andar da rua?

XCIII

Amor, se não era
De tua vontade,
Para que me davas
Tanta liberdade?

XCIV

A' noite quando me deito
Na cama p'ra descançar,
O somno de mim se ausenta,
Em ti me ponho a pensar.

XCV

Amor de soldado,
Amor d'uma hora...
Lá se rufa a caixa:
—Adeus, vou-me embora!

XCVI

Amores ao pé da porta
E' que eu desejava ter:
Inda que lhes não fallasse,
Os olhos gostam de vêr.

XCVII

Amor: se possivel fosse
Vivêr sem ter coração,
Eu arrancaria o meu
Para não sentir paixão!

XCVIII

—Amores ao longe esquecem—,
Me disseste tu a mim.
Só se tu de mim te esqueces...
Que eu não me esqueço de ti!

XCIX

Amor com amor se paga;
Porque não pagas, amor?
Olha que Deus não perdôa
A quem é máo pagador!

C

Anda cá meu bago d'oiro,
Prenda da mesa do rei!
P'ra lograr esses teus olhos,
Que saltos eu não darei!

CI

A paixão em mim
Já se não acaba;
Quando estou sem ella,
'Stá o mar sem agua.

CII

A vidraça do meu peito
Ha dias que se não abre;
O amor que n'ella existe,
Anda ausente e tráz a chave.

CIII

Assentado n'uma pedra
Ouvi dar a meia-noite.
Coitado de quem espera
O que ha-de vir das mãos d'outrem!

CIV

Ainda que o sol se esconda,
Que se não veja o clarão,
E o mar se torne em rochedos,
Sempre é teu meu coração!

CV

A preguiça é amarella,
Aos seus devotos soccorre;
Quem se deixa valer d'ella
Nunca de esfalfado morre.

CVI

Bem podia o senhor Cuco
Casar com a Cotovia!
O senhor Cuco não quer
Mulher que tanto assobia...

CVII

Bem me não enganei eu
Comtigo, liria formosa!
Cuidando que era sósinho,
São dois cravos a uma rosa...

CVIII

Bem podia quem tem muito
Repartir com quem não tem!
Tambem Deus, no outro mundo,
Reparte com quem faz bem.

CIX

Bem podias tu, ingrata,
Commigo ainda estar bem!
Tua cabeça não quiz...
Não te queixes de ninguem.

CX

Coração que adora a dois,
Algum ha-de amar em falso...
Ha-de ter muito que vêr
Duas pombinhas n'um laço!

(Da tradição oral, em Serpa)
(Continúa)

M. DIAS NUNES.

ANNO III

VOLUME III

N.º 3

SERPA, Março de 1901

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros . . . . 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel*, *Doutor Adolpho Coelho*, *Alfredo de Pratt*, *Alvaro de Castro*, *Alvaro Pinheiro*, *Alves Tavares*, *Antonio Alexandrino*, *Doutor Athaide d'Oliveira*, *Castor*, *Conde de Ficalho*, *C. Cabral*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *Filomatico*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *Lopes Piçarra*, *D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª)*, *Miguel de Lemos*, *Paulo Osorio*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *Ramalho Ortigão*, *D. Sophia da Silva* (*Dr.ª*), *Dr. Souza Viterbo*, *Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires*.

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel*, *filho* (*Dr.*), *Alfredo de Pratt*, *Alvares Pinto*, *Antonio Alexandrino*, *A. de Mello Breyner*, *Arronches Junqueiro*, *Doutor Athaide de Oliveira*, *Conde de Ficalho*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *J. J. Gonçalves Pereira*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *D. Margarida de Sequeira*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *R.*, *Doutor Souza Viterbo*, *N. W. Thomas*, *A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*.

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

Anno III — N.º 3 SERPA, Março de 1901 Volume III

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

O SENHOR SETE

(Continuado de pag. 22)

— *Feijão de sete semanas.*

Na minha terra, ha as seguintes castas de feijão:

Feijão *branco.*
Feijão *preto.*
Feijão *amarello.*
Feijão *rajado.*
Feijão *de bico de sacho.*
Feijão *coimbrez.*
Feijão *viannez.*
Feijão *de vagem branca.*
Feijão *arroz.*
Feijão *fradinho* ou *chicharo.*
Feijão de *sete semanas.*

Este é o feijão do Senhor Sete!

O *feijão branco*, ou é de veia ou sem veia (no casulo). O feijão de veia é só bom «para sacco»; o feijão «para comer em verde» não tem veia. Ha tambem *feijão de vara*, que é o que se enrosca p'la *rodriga* (*Os Meus Amores*, 2.ª ediç. pag. 42), e *feijão capão*, que é o que fica rasteiro, acaçapado no chão. *Capão*, por ficar rasteiro, pois não se lhe põe vara *(rodriga)* para se enroscar e trepar; e tambem *carrapato*, por vir assim a ficar pequeno. No *feijão branco* ha tambem um que é muito graudo, e até lhe chamam por isso *calço de panella* pois cada *feijão* entende-se que póde *calçar* uma panella, que é sempre de ferro e tem tres pés.

O *feijão preto*, aventam alguns que é preto, por ser essa a casta d'elle; mas dizem outros, que a *pretidão* vem-lhe de ser degenerado, — tanto que apparecem algumas vezes feijões pretos no meio d'outros que teem outra côr... Diz-se que no Brazil ha muito feijão preto; e até se refere que o imperador D. Pedro II gostava d'elle que se pellava, guisado com orelheira de porco. Lá cima, feijão branco com orelheira é prato obrigado em dia de Entrudo, — mais o classico *bulho*, isto é um chourição famoso feito dos ossos do lombo, ensacados na tripa mais larga. No meio dos outros, no fumeiro, o aspecto dos *bulhos* é realmente... carnavalesco, por serem por fóra muito irregulares, de feitio grottesco, e então muito gordos! Bem empregados no carnaval!

O *feijão chicharo*, ou *fradinho*, vem-lhe o nome, provavelmente, de ser pequeno e de o usarem muito, nos conventos, para o caldo que distribuiam pelos pobres á portaria. (Na minha terra havia um convento de franciscanos).

O *feijão de vagem branca*, é branco emquanto tenro; — e o feijão *arroz*, chama-se assim por ser meudo.

A's differentes qualidades de feijão chamam lá cima *gradura*. Até se diz:

—«Boa horta a de Fulano! Muita somma de feijão p'ra verde, muita hortaliça, e ainda por cima muita *gradura!*»

O *feijão de sete semanas* é o mais temporão, porque dá fructo ás sete semanas. E' amarello. E' dos primeiros a semear-se na primavera, porque se o tempo lhe vae a modo, perto do S. João está carregado de vagens! No outomno, ou perto d'elle, é o ultimo que se semeia, porque se cria n'um ai. Com agua ao pé bastas vezes, e sol pela rama, é um instante emquanto se cria. E tem uma vagem tenra, e para o caldo, ou para guizar, não o ha melhor. Não é palhento, como o d'outras castas, e dizem as mulheres que é *como agua*. Cose-se n'um prompto, e desfaz-se na bocca!

Abençoado feijão! Ou elle não fosse o do *Senhor Sete*!

Ora eu disse inda agora, fallando dos *bulhos*, que esta casta de chouriços que lá cima se comem no Entrudo era feita dos ossos do lombo, ensacada na tripa mais grossa. Enganei-me. Os *bulhos*, não são tal feitos dos ossos do lombo, mas sim das pontas das costellas, d'outros ossos tenros e miudos, e do rabo. O rabo é parte obrigada, e não teem as mulheres pequeno trabalho, quando é da *matança*, para o não deixarem roubar aos rapazes! P'ra elles é o grande petisco!

Os ossos do lombo, isto é, as vertebras, depois de se lhes separarem as costellas, que são para assar (e que rico «manjar» á lareira!) dão a chamada *soã*,—que besunta muito quem a come e não farta nada! Até lá diz o povo:

> Soã,
> Barba untada,
> Barriga vã!

...E já agora, só p'r'amor de me ter enganado, vou dizer todas as castas de chouriços que se fazem na minha terra, o modo de os fazer, e o mais que de caminho me fôr lembrando!

Ora vamos a isto!

E façam de conta, se quizerem, que estão a vêr o fumeiro do *Senhor Sete!*

Qualidades de chouriços na minha terra:

Chouriços de sangue (ou *alheiras*).
Linguiças.
Salpicões.
Bochas.
Chabianos.
Bulhos.
Vilões.
Tabafeias.

Ahi está de que se compõe o *fumeiro;* e vamos lá agora explicar cada um, para se saber como é que são feitos.

Chouriços de sangue, *alheiras*, chamados tambem *morcellas d'alho*:—são uns chouriços feitos de sopas de pão trigo, amolecidas n'um caldo de de gorduras temperado com alho. Essa massa é envolvida depois com o sangue liquido do porco, que para não coalhar é muito batido em um alguidar pela mulher que apara o sangue.—E' o primeiro chouriço que se faz do porco, e serve para coser. Cada porco regular pode dar sangue para duas a tres duzias d'esta qualidade. Os rapazes não gostam muito, porque estão sempre com o cheiro... nos outros!

Linguiças:—é o chouriço feito das carnes magras do porco, picadas em bocadinhos pequenos. Este picado é posto de *suça,* como lá dizem, que é o mesmo que adubo ou um tempero feito com agua, sal e alhos. Alguma gente ainda usa temperar com vinho, ao que chamam *vinha d'alhos,* mas hoje, esse tempero é pouco usado, e quasi geral só o uso da *suça.*—E' cheio em tripa estreita, curvada em forma de ferradura.—Assadas são um regalo, as taes linguiças! Eu morro-me por ellas!

(Continúa)

TRINDADE COELHO.

COSTUMES & PERSPECTIVAS

CLICHÉ DE MELLO BREYNER.

A tosquia, no tendal (Herdade do Pexôto, em Serpa)

O LONGUINHOS HESPANHOL[1]

(LENDA)

I

No seculo XVII, vivia na cidade de Elvas, segundo uns, ou na de Castello Branco, segundo outros, um commerciante chamado José da Costa, que dispunha de enorme influencia na localidade, onde traficava em pannos, pelles, cereaes e liquidos, e onde havia accumulado uma grande riqueza. Era muito dado ao beaterio, figurando o seu nome nas listas dos irmãos de todas as confrarias de Elvas. Mas, caso singular! apesar de seus sentimentos religiosos e do grande amor que votava aos santos, accusavam-n'o de pouco escrupuloso no mister de juntar dinheiro, e de não guardar a maior lizura nos contratos e negocios mercantis.

Em certa occasião comprou uma grande partida de azeite a um Braz Fidalgo, visinho de Badajoz, homem honradissimo e de muito credito em Elvas, onde passava algumas temporadas. Não sómente sobre o preço da mercadoria, mas ainda ácerca da respectiva medida, conseguiu José da Costa burlar o Fidalgo, que o desafiou; e o Costa, não satisfeito com recusar-se terminantemente a toda e qualquer reparação, escreveu ao offendido uma carta, replecta de expressões asperas e grosseiras, insultando-o e ameaçando-o de que o exterminaria, se não pozesse completamente de parte as suas exigencias.

Então o hespanhol pensou n'uma vingança tão terrivel quão engenhosa, furioso por não haver obtido do commerciante a devida indemnisação pelos prejuizos causados por sua má fé, e falta de seriedada no cumprimento do contrato. Vejâmos como foi essa vingança.

II

Era José da Costa juiz de uma confraria, que, entre outros exercicios piedosos, effectuava, em cada anno, pela semana santa, a representação — ao vivo — da paixão e morte de Jesus; e, como juiz, era o proprio José da Costa quem fazia sempre o papel de Christo.

O de Longuinhos, olhado como infamante e ignominioso, nenhum portuguez se prestava a fazel-o, e era confiado a um hespanhol, a quem davam, em recompença, a importancia de um marco de prata.

Braz Fidalgo dirigiu á confraria uma petição para que lhe fosse distribuido o papel de Longuinhos, disfarçando n'esse escripto a sua lettra e adoptando outro nome; pois como havia de apresentar-se, para desempenho do papel vestido de soldado romano e de cara coberta, não tinha receio de que José da Costa o reconhecesse. Accrescentava o Fidalgo, na petição, que, attendendo a que a sua rogativa tinha por base um piedoso voto offerecido á Virgem, desempenharia de graça o papel, cedendo, em beneficio da irmandade, a recompensa pecuniaria, que lhe correspondesse.

Escusado será dizer, que assim que reuniu a confraria, em vesperas de domingo de Ramos, e ao examinar o requerimento, foi este desde logo deferido, com o beneplacito de todos os irmãos, que reconheceram sob aquelle escripto a voz de um bom catholico.

III

Chegou a sexta-feira da Paixão.

Nas egrejas de Elvas sempre se celebraram com a maior pompa os officios e solemnidades da Semana Santa.

[1] O primoroso artigo, com que o illustre publicista hespanhol, Snr. D. Nicolás Díaz y Perez, inicia a sua collaboração effectiva em a nossa revista, já veio a lume n'um jornal portuguez. Reproduzimol-o na Tradição, e da melhor bôa vontade, accedendo aos desejos que pelo seu auctor nos foram manifestados em carta amabilissima dirigida a esta redacção. — *N. da R.*

Tanto o clero cathedral como parochial contribuiam poderosamente para que nunca decahisse este tradicional costume, e o povo secundava-os, proporcionando alguns elementos materiaes para luzimento dos actos religiosos.

No meio da praça principal da cidade celebrava-se o acto da crucificação e do descendimento.

Na sexta-feira da Paixão de 1664, anno indicado pela tradição que referimos, depois de se haverem representado nos templos, e com o maior esplendor, os passos da oração no Horto, da prisão de Jesus, da apresentação a Pilatos, etc, etc., representou-se tambem, no meio da praça, e com a perfeição possivel, a crucificação de Christo em pessoa, — no qual acto se deixou vêr a antipathica figura de Longuinhos, e a do rico commerciante José da Costa, que apparecia atado n'uma alta cruz collocada no monte Calvario.

Começou o sermão das *sete palavras*.

Ao soarem as tres horas, exclamou o fingido Christo: *Consummatum est!* — inclinando a cabeça, como ensina o Evangelho.

E então, por entre os clamores das mulheres e os silvos e anathemas do numeroso povo, que enchia a praça, eis apparece Longuinhos, ricamente vestido de soldado romano e montado n'um brioso cavallo branco, luxuosamente ajaezado.

O prégador, commovidissimo, grita n'aquelle momento, agitando os braços como velas de moinho:

— Longuinhos! faz que dás, mas não dês; faz que chegas com a tua lança, mas não chegues...

E Longuinhos, que n'esse dia era Braz Fidalgo, obedecendo á vóz do prégador, chega, pausadamente, ao pé da cruz e despede no Christo, que era o seu inimigo José da Costa, uma tal lançada, que com ella lhe levou a morte, mal tendo tempo o desgraçado para, erguendo a cabeça, exclamar: — *Ai! que me matou devéras!...*

Um immenso grito de horror sahe dentre a multidão, e Longuinhos, aproveitando o enorme assombro produzido, crava esporas no cavallo e consegue escapar-se de Elvas, ganhar a fronteira, passar o rio Caya e entrar em Hespanha, antes que qualquer dos que presenciaram tão odienta vingança podesse detel-o; — entretanto que *José e Nicodemus* faziam o descendimento do cadaver do juiz da confraria, que sempre costumava *descer* vivo e de bom humor para ir presidir ao *copo d'agua* com que mimoseava os seus amados confrades.

IV

O tristissimo acontecimento foi largamente commentado. Ninguem soube a principio, que o auctor do nefando crime fôra Braz Fidalgo, se bem que a familia de José da Costa assim o suspeitou, pelo conhecimeuto que tinha da grande inimizidade qne existia entre ambos.

A partir de 1664, a santa confraria não mais permittiu que fizesse de Longuinhos nenhum hespanhol, e commetteu o encargo d'este personagem biblico a um portuguez.

Occorre-nos agora perguntar: Esta triste aventura da sexta-feira santa de 1664, deu-se em Elvas ou Castello Branco? Foi ficticia ou real?

Temo-l'a ouvido como succedida em Elvas, e não poucos a dão como occorrida em Campo Maior.

O auctor dos *Recuerdos de un viaje por España* (Madrid, 1863) dá-a como acontecida em Castello-Branco, omittindo os nomes dos protogonistas e o anno, como o leitor, que consulte a referida obra, poderá verificar a paginas 345 do tomo segundo.

Na litteratura de cordel, em um romance de cégo, impresso em Lisboa, no anno de 1744 por Miguel Manescal da Costa, canta-se em pessimos versos este successo, muito phantasiado pelo poetastro. Dá-se como acontecido em Elvas: ao que fez de Christo chama-se-lhe *Jacyntho Barboza;* ao Longúi-

nhos hespanhol, sem dizer-se de que povoação, chama-se-lhe *Antonio Sanchez*, e o successo fixa-se em 1648. O mobil da morte de Barboza foi uma vingança amorosa: e ao Sanchez dão-n'o como afogado ao atravessar o rio Caya, na sua fuga para Badajoz. Finalmente: a joven enganada por Barboza (não se diz de onde era, nem onde residia, nem como se chamava) deu á luz trez dias depois da morte d'este, um monstro de sete cabeças, que apenas tocou o solo, sahiu correndo, até internar-se nas selvas, *sem que ninguem mais o visse.*

Tem este romance toda a feição e estructura dos do seculo XVIII, reimpressos até os ultimos tempos, e que os cegos cantavam pelas ruas e praças ao populacho que os rodeiava.

É tão generalisada está semelhante lenda dos povos da fronteira, que portuguezes e hespanhoes usam dizer, quando prevêem qualquer desastre: — *Vae-te acontecer como ao Christo d'Elvas, que o mataram devéras.*

Madrid

NICOLÁS DÍAZ Y PÉREZ.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

MINHA MANASINHA

Minha manasinha,
Nosso pae morreu!...
Minha manasinha,
Quem te o diz sou eu!...

Ah! Ah! Ah!
Quem te o diz sou eu!...
Minha manasinha,
Nosso pae morreu!...

Serpa

M. DIAS NUNES.

CRENÇAS POPULARES

Silencios — Oração do Sol

As usanças do povo, as suas crenças e as suas superstições, têm sido sempre o manancial em que o verdadeiro artista bebe o melhor da sua inspiração. Eu não sei de nada mais poetico do que essas lendas, que a tradição vem transmittindo de seculo para seculo, na pureza impeccavel da sua origem.

Lembram-me adrede, alguns d'esses costumes lendarios, que passo a referir.

Na minha provincia, o Algarve, abundam as crenças e as superstições. Conheço algumas de muito perto, e em que figurei como *interessada* ou simpes espectadora.

Estão n'este caso os *Silencios*, de que já se occupou o sr. Alberto Pimentel em os n.os 6 e 7 da *Tradição*, subordinando o seu trabalho á epigraphe de *Andar ás vozes.*

O *Silencio* algarvio, ou antes — farense — porque da tradição farense é que recolhi os apontamentos que vou dar, assemelha-se no fundo ao *Andar ás vozes*, mas diverge bastante nos accesorios.

Ha variados *silencios:* — uns se fazem em casa, outros na rua. Entre os primeiros, destaco o de S. João e o de Santa Helena. Eis o do santo precursor:

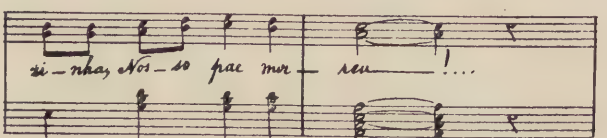
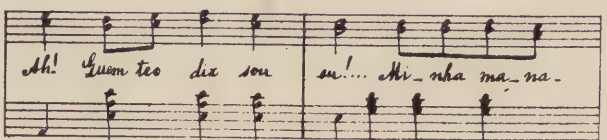
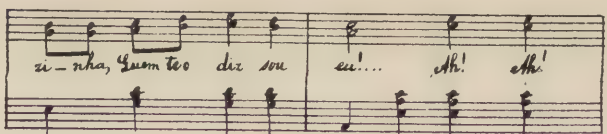
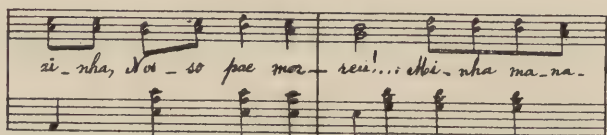
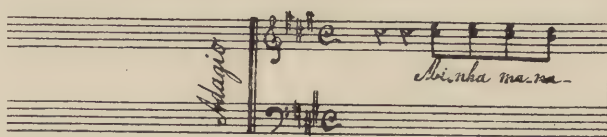
«O' meu S. João Baptista! vós que pelo rio Jordão passastes, com Jesus vos encontrastes, vós lhe perguntastes: Senhor, Senhor, Senhor! desejava saber qual era o dia da vossa sagrada Morte e Paixão? E o Senhor vos respondeu: João, João, João! tu te deitarás e commigo sonharás.»

Diz-se tres vezes esta invocação, seguida do *Credo* em cada vez. E como isto deve ser feito á noite, ao deitar, os sonhos que ao depois se sonhárem, revelarão a verdade d'aquillo que se pretende saber.

O silencio de Santa Helena, — esse é precedido de um certo cerimonial.

CANCIONEIRO MUSICAL

III

Minha manasinha

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(CHOREOGRAPHICA)

Faz-se tambem ao deitar, mas é da praxe que se vista camisa lavada e se desatem os cabellos. Assim preparada, deita-se a gente de costas, e diz-se a oração:

«O' minha querida Santa Helena, filha de reis ês[1] de moura a christan vos tornastes, rainha fôstes, á procura das onze mil virgens andastes, salada de salsa ciástes, o somno vos acometteu, sobre uma pedra vos recostástes, sonhastes que a cruz do meu N. S. Jesus Christo era perdida, vós a achastes, tres cravos lhe tirastes,— um destes a vosso irmão Constantino, que com elle venceu a guerra da Constantinopla, outro deitastes vós ao mar e com elle consagrástes, outro tendes em vosso poder, e por elle vos peço...

Aqui se faz conforme a necessidade nol-o dicta. Rezam-se depois tres Padre-Nossos e trez Ave-Marias, em louvor dos tres cravos, e puxa-se pelo somno sem mudar de posição.

N'este, como no de S. João Baptista, os sonhos é que rasgam o véo do futuro. Dizem que é infallivel...[2]

Aqui temos nós agora o silencio de Nossa Senhora da Graça, que é interessantissimo, pelo poder de suggestão a que se abandona quem o realisa, ardendo em chammas de supersticiosa fé.

Accende-se uma vela deante da imagem: e de mãos postas, em pé, *muito firme*, reza-se a seguinte oração:

«Senhora da Graça, Graça sois, Graça sejaes! pela Graça de vosso santissimo Filho vos peço me declareis que se hei-de conseguir o que desejo me volte para a direita e se não para a esquerda. Salvé-Rainha, *etc.*

Repete-se o mesmo tres vezes e espera-se... o milagre! Mas o que tem... *sua graça* é que a pessoa interessada no silencio, apezar dos exforços que faz para se conservar immovel, dá por fim em voltar-se irresistivel e obrigadamente para qualquer dos lados.

Isto me affiançaram, — que eu nunca experimentei. E porquê... sabem? Com franqueza: — porque tenho medo!

Agora, o silencio do Senhor S. José: Este faz-se tambem em Faro, fil-o eu — se não com muita fé, pelo menos com intensa curiosidade.

Vão duas pessoas — uma faz o papel de S. José, outra o da Virgem Maria, e esta leva uma chave na mão. Percorrem-se as ruas por onde costumam passar as procissões da Quaresma, e á porta de cada egreja se reza uma estação. Pelo caminho vae dizendo *Nossa Senhora*:[1]

«São José, São José, o Menino Jesus perdido é».

Resposta de *S. José*:

«Boa fé, Senhora, que não é. Está em Belem e novas d'elle vos trarei».

Continua *Nossa Senhora*:

«Ai de mim, que nada sei! A chave de São Pedro commigo levo, nas boccas do mundo espero».

Isto repete-se tantas vezes quantas forem necessarias, dêsde que se sáe de casa até regressar. Mas não se pode dizer outra coisa, seja o que fôr.

No entanto, presta-se attenção ao que se ouve pelas ruas... e algumas vezes, até, ao que se diz no interior das habitações...

Como acima ia contando, já fiz o silencio de S. José... para experimentar sensações novas. O motivo não vem para o caso... Durante o trajecto, vi fogueiras — pois não era porque se estivesse no mez de S. João... — ouvi risadas, toques, descantes. Felizes angurios! — me diziam. E comtudo... ai de mim!

Deixemos os *silencios* e vamos cá a outro assumpto.

Tem a leitora o seu bem ausente e quer trazê-lo para junto de si? Ou tra-

---

[1] Propositadamente, não altero a syntaxe, que é typica.

[2] Para que sejam bons os presagios, é necessario que se sonhe com aguas claras, roupas lavadas e casas caiadas.

[1] Vejam que *silencio* este! E' que nós — os algarvios — somos tão tagarellas, que até em *silencio* não podemos estar calados!...

ta-se de um esposo ingrato, de um filho aventureiro, de um amante voluvel que ande por esses mundos de Christo, sem dar novas nem mandados? Quer a leitora que elle se ponha de abalada? quer que o filho prodigo regresse ao desprezado lar?

E' facil conseguir o que deseja, como vae ver:

Levante-se de madrugada, antes do sol nascer, suba a um outeiro e espere que o rei dos astros assome no horisonte. Mal que elle venha irrompendo do seio das montanhas, a leitora ajoelhe, de mãos postas, e a face voltada para oriente. Então, com toda a fé da sua alma e todos os desejos do seu coração, diga assim:

— Deus te salve, Sol sagrado, olho do meu Senhor Jesus Christo! Nas terras por onde tens andado, viste lá o meu F.. Assim como tu o viste, assim elle te viu a ti, assim elle não possa comer nem beber, nem dormir nem descançar, nem á mesa se assentar, nem com outra pessoa conversar, sem commigo vir já estar, mais depressa que nem devagar.

Isto é como quem diz: — são favas contadas. Apenas se pronunciam as ultimas palavras, o querido ausente perde todo o descanço, e entra com elle uma saudade tamanha, que não ha ahi dizer-se. Saudade é ella que deixa barcos e redes, por mais longe que esteja, e vem attrahido irresistivelmente ao local d'onde o chamáram.

Duvidam? Não duvidem, que isto são coisas muito serias... e para mais, podem experimentar.

Cá por mim, se não fosse o receio de incommodar alguem qne eu muito estimo e de mim vive apartado, não resistiria á tentação... Que, emfim, até ver nunca é tarde...

E basta de paleio. Muitas coisas d'estas sei eu ainda, e todas vo-las-hei de ensinar.

Querida leitora! até a outra vez!

Odivellas, 16-2.º-901.

MARIA VELLEDA

MEDICINA POPULAR

A erysipéla

A grande maioria do nosso publico certamente ignora que a erysipéla é produzida por um microbio, o *streptococcus erysipelatus*. Suppõe que ella procede simplesmente da massa do sangue, ou de grande calor desenvolvido no interior do corpo e vindo exhalar-se á superficie da pelle. Uma dôr, uma borbulha ou um frio constituem tambem para muita gente outras tantas causas da erysipéla.[1]

Segundo a crença popular ha tres especies d'erysipéla: branca, vermelha e negral, sendo esta ultima, é claro, a mais perigosa. E tão perigosa que, no dizer da tradição, é quasi sempre fatal.

A moderna medicina, conhecendo dum modo positivo o verdadeiro agente pathogenico da erysipéla, simplificou extraordinariamente o seu tratamento, recorrendo apenas aos antisepticos usuaes. O vulgo, porém, muito agarrado ás suas velhas práticas, emprega para combater tão incommoda doença, uma longa lista de remedios, que passâmos a enumerar. Temos primeiro, como tratamento mais radical, a classica sangria; e, em seguida, os pannos embebidos no sangue da lebre, ou em vinagre, ou em qualquer das seguintes aguas: da flor de piorno, da flor de sabugeiro, de malvas, da cevada aveia, do sangüim (planta da serra de Serpa), do granizo, e finalmente a agua das gotteiras, isto é, a chuva que escorre dos telhados. Estes pannos, préviamente picados com uma tesoura e depois muito bem molhados no liquido que se quer usar, são collocados sobre a região erysipelatosa, onde se deixam

[1] Já se achava escrito o presente artigo, quando soubémos da bocca do povo que o facto de uma mulher ir colher grãos (grão de bico), *sem estar capaz*, quer dizer, no periodo menstrual, póde trazer a essa mulher, além doutras doenças, um forte ataque d'erysipéla.

permanecer até exugarem. Logo que estejam enxutos, embebem-se novamente para serem outra vez applicados, e assim successivamente.

As aguas que servem para banhar a erysipéla, usam-se em geral mornas, e os pannos são picados para darem sahida atravez dos seus orificios ao calor que irradïa da intensa inflammação.

Além dos mencionados liquidos, empregam-se, tambem localmente, o summo do tomate fresco, uma mistura de vinagre e banha de porco derretida, ou folhas d'herva salgueira pisadas com um pouco d'agua.

Ao lado de todas as applicações humidas que apontámos, figuram ainda, como topicos seccos, a gomma de trigo e o pó d'arroz.

E' de notar que, entre os diversos remedios acima citados, gosa de grande voga o sangue da lebre E tanto assim, que algumas pessoas mais previdentes, até guardam pannos embebidos no referido sangue, para os applicarem em occasião opportuna. Isto porque nem sempre é facil ter á mão aquelle veloz roedor. Manda, porém, o preceito que, neste caso, sejam os mesmos pannos passados por agua morna, no momento de s'empregarem.

No tratamento da infecção erysipelatosa, tambem se usa, e com muita frequencia, a competente benzedura, conforme já foi aqui publicada. [1]

*

* *

Resta-nos falar das medidas profilacticas que o povo costuma adoptar contra a erysipéla. Essas medidas são, como vâmos ver, bem simples e devéras engraçadas. Assim, toda a pessoa que pretender pôr-se ao abrigo da enfermidade em questão, não tem mais que é trazer ao pescoço um rosario de pequenas contas de loendro macho (loendro cujas flores são brancas), ou então collocar debaixo da cama algumas cebôlas albarrans. [1]

Mas para o rosario ter virtude, é necessario que as suas contas sejam *nunes*, isto é, em numero impar; e melhor ainda se forem cinco ou nove.

Quanto ás cebôlas, tambem o preceito ordena que sejam cinco.

Ha finalmente um outro preservativo da mesma doença, o qual consiste em engulir as bagas do trovisco. E coisa celebre! quantas bagas uma pessoa engole, quantos annos essa pessoa está livre de ser atacada d'erysipéla.

Estes curiosos processos d'evitar a erysipéla, que são evidentemente de natureza supersticiosa, revélam, assim como a benzedura, que o vulgo considera aquella doença como podendo tambem ser a manifestação dum espirito maligno.

Serpa.

LADISLAU PIÇARRA.

[1] *Tradição*, I anno, pag. 107.

[1] O povo pronuncía *alvarrans*.

LENDAS & ROMANCES

(Recolhidas da tradição oral na provincia do A'emtejo)

D. CARLOS DE MONTALVAR

Puz-me a fazer uma aposta,
Mas eu não soube apostar,
De dormir com Marianna
Antes do gallo cantar:
Marianna, tão discreta,
Não se deixou enganar;
Foi-se pôr, á romeirinha,
Pela porta a passear.
— Que é isso, Marianna,
Pela porta a passear?
— Sou filha da tecedeira,
A falta venho buscar.
— A falta tenho-a eu,
Vamo-nos já a andar —.
Lá pela noite adiante
Marianna dava ais:
— Que é isso, Marianna,
Não te queiras diffamar,

Que teu pae é dos bons homens,
Comtigo me hade casar —.
....
....

— Que é isso, Marianna,
Que é isso, filha minha?
— Isto é falta da saia,
Minha mãe bem o sabia —.
Chamaram o alfaiate:
— Que falta tem esta saia?
— Esta saia não tem falta,
Falta terá quem a usa —.
— Confessa-te, Marianna,
Trata de te confessar,
Que hoje se acarreta a lenha,
Amanhã te vás queimar:
— Não se me dá que me queimem,
Nem deixem de me queimar,
Dá-se-me só do meu ventre,
Que leva o sangue real;
Quem me dera um menino,
De sete annos, mais não,
Que me levasse uma carta
A D. Carlos Montalvão *(sic)* —.
Desceu um anjo do ceu:
— Aqui estou, minha Senhora,
Para o que eu lhe prestar.
— Vae-me levar esta carta
A D. Carlos Montalvar.
Se o achares dormindo,
Deixae-o bem acordar;
Se elle estiver jantando,
Deixae-o bem jantar;
Se o achares passeando,
Ahi lhe podeis falar.
— Novas vos trago, Senhor,
Novas de grande pezar,
A vossa dama, Senhor,
Amanhã se vae queimar —.
Elle estava a ler a carta.
E os seus olhos a chorar.
— Ala, ala, meus criados,
Meus cavallos a ferrar,
Com ferraduras de prata,
Que não hajam de faltar.
Ala, ala, meus criados,
Meus cavallos a sellar,
Que jornada de oito dias
N'uma hora se ha de andar —.
Elle que ia no caminho,
A justiça via andar:
— Pára, pára, ahi, justiça,
Senão faço-te parar,
Que a menina que ahi vae
Inda vae por confessar.
— Pois confesse-a, senhor padre,
Que nós vamos a jantar.
— Confesse, menina, confesse,
Saiba-se bem confessar,
Que no meio dos mandamentos
Um abraço me ha-de dar.
— Não permitta Deus do céo,
Nem os santos do altar,
Que onde D. Carlos pôz braços
Os venha um frade pousar.
— Confesse, menina, confesse,
Saiba-se bem confessar,
Que do meio da confissão
Um beijo me ha-de dar.
— Não permitta Deus do ceo,
Nem os santos do altar,
Que onde D. Carlos poz bocca
Venha um frade a beijar;
Já me parece o seu rir
De D. Carlos Montalvar...
— Esse sou, ó minha amada,
Da morte te vou livrar;
Diz ao barbaro de teu pae
Que te venha aqui buscar;
Com este punhal de prata
O hei de assassinar!
— Adeus casa de meu pae,
Onde o gallo canta ao meio dia.
— Venha-se embora, menina,
Não fale com phantasia,
Que eu tenho um navio no mar,
Onde canta o rouxinol,
Quer de noite, quer de dia.

Elvas

D. FELISARDA

(Variante do romance anterior)

— Felisarda, Felisarda,
Felisarda, meus amores,
Quem me dera dormir 'ma noite
Entre vossos bastidores!
— Dormira uma, dormira duas,
Se não se fôra gabar,
A' mêsa dos estudantes,
A' mêsa de meu pae estar.
— Tenho feito juramento,
Nas cruzes da minha espada,
Donzella com quem eu durma
De nunca ser diffamada —.
Inda bem não era manhã
Já se tinha ido a gabar,
A' mêsa dos estudantes,
A' mêsa de seu pae estar,
O pae, que isto ouvia,
Felisarda manda queimar.
....
....
— Já não tenho um criado
Que me valha em meus males.
— Aqui me tendes, senhora,
Para o que vos prestar.
— Vai-me levar esta carta
A Carlos de Montalvar.
Se o achares deitado,
Deixa-o bem levantar;
Se o achares jantando,
Deixa-o bem acabar;
Se o achares passeando,
Vai-lh'a logo entregar —.
Em tão boa hora foi,
Que elle estava a passear.
— Novas lhe trago, D. Carlos,
Novas de muito pezar,
A sua amada menina
Seu pai a manda queimar.

— Não se me dá que a queimem,
Nem que a vão já queimar;
Dásse-me só do seu ventre,
Que leva sangue real. —
Começou a ler a carta,
Elle se pôz a chorar:
— O' criados, o' criados,
Meus cavallos a ferrar,
Com ferraduras de bronze,
Que se não possam gastar;
Jornada de cinco dias
N'uma noite se ha de andar —.
Elle foi a um convento
Um 'scapulario foi buscar;
Lá no meio do caminho
A justiça via andar:
— Páre, ahi, ó justiça,
Que eu a mando parar,
Que essa menina que levam
Ainda vae por confessar.
— Confesse-a senhor padre,
Em quanto vamos jantar.
— Confesse-se bem menina,
Saiba-se bem confessar,
Que no meio da confissão
Um abraço me ha de dar. —
— Não permitta o Deus do céo,
Nem os santos dos altares,
Que onde Carlos poz os braços
De não os pôr nenhum frade.
— Confesse-se bem, menina,
Saiba-se bem confessar,
Que no meio da confissão
Um beijinho me ha-de dar.
— Não permitta o Deus do céo,
Nem vossa paternidade,
Que onde Carlos pôz os labios
De não os pôr nenhum frade.
Ai! que pelo rir me parece
D. Carlos de Montalvar...
— D. Carlos sou eu, menina,
Que a venho aqui buscar;
Por uma porta sahiu,
Pela outra ha de entrar;
Mande dizer a seu pae
Que a mande agora queimar;
Com este punhal de vidro
O hei-de atravessar.
— Adeus casa de meu pae,
Rouxinol canta ao meio dia;
Eu tambem tenho um navio
Prompto a partir para Hungria.

Elvas.

A. THOMAZ PIRES.

O LAZARO EM PEDROGÃO

O Lazaro, n'esta povoação, e creio que nas visinhas, é uma allegoria que significa tudo quanto ha de mais antipathico, horrivel e miseravel. Isto explica se, porque é a simples tradição do pobre faminto e chaguento que estava á porta do rico, segundo o Evangelho de S. Lucas, capitulo XVI, V.^s 19 a 31. Explica-se mas não satisfaz, porque o mendigo da parabola inspira dó, e o Lazaro da tradição, além da miseria e repugnancia, significa tambem o desprezo, o horror e a ferocidade.

Vê-se um animal velho, magro e pustuloso; diz-se: — «é animal *lazarento*» — o cumulo do desprezivel. Vê-se um homem muito ferido: diz-se: — «estava como um *São Lazaro*» — o cumulo do horroroso. Promette-se grande pancadaria a alguem; diz-se: — «hei de fazer-lhe o corpo n'um *S. Lazaro*» — o cumulo da brutalidade. Quando o Lazaro, esse mytho antipathico, *entra* em casa d'alguem, a fome é certa... porque na verdade elle sómente visita as pessoas a quem se acabaram os cereaes da ultima colheita.

E' trivial ouvir dizer, no principio das colheitas: — «Ando a debulhar á pressa, que tenho o Lazaro em casa»; — «tenho o Lazaro á porta, e o tempo sem permittir que se debulhe»; — «não vendo mais trigo, não me cáia o Lazaro em casa», etc., etc.

Não é raro ver individuos que, tendo já o Lazaro em casa, quando recolhem as primeiras messes praticam a brincadeira tradicional, fazendo grande algazarra e batendo com paus pelas portas e arcas, para afugentarem o referido Lazaro, e *chegando-lhe a valer*, para que elle não volte.

Eis o que de mais curioso aqui existe relativamente ao Lazaro da tradição.

Pedrogão do Alemtejo

A. ROSA DA SILVA.

CONTOS ALGARVIOS

A Princeza da Hungria

(Continúado de pag. 29)

N'ESTA triste conjunctura, appellou para o seu conselheiro, que foi de parecer bradasse elle pela rainha das zorras. Assim o fez.

Não tardou ella em apparecer. Ouvida a exposição dos apuros em que o principe se encontrava, deu-lhe dois raminhos, dizendo que machucasse um e logo se converteria em um lindo passarinho e poderia entrar no quarto da princeza; e logo que ali se visse, machucasse o outro e seria novamente transformado em principe.

Assim fez o principe; entrou no quarto da princeza e ali combinaram fugir para o futuro reino do principe.

Montada na garupa com o principe, ambos sobre o fiel cavallo, encontraram no caminho um rio tão fundo e largo que o cavallo se negou a transportal-os. N'estas circumstancias, o principe invocou o poder do rei dos peixes, que não tardou em apparecer, engulil-os e lançal-os á outra margem.

Mais diante viram em frente uma tão alta montanha, que o cavallo se recusou a subil-a.

Valha-me a rainha das aguias! gritou o principe.

E logo appareceu uma aguia, que collocou o principe sobre uma aza e a princeza sobre e outra, e os transportou ao outro lado, atravez do espaço.

Chegaram finalmente ao palacio, onde vivia o rei que tinha adoptado o nosso principe. Ahi os esperava nova contrariedade. O velho monarcha apaixonou-se tambem da princeza da Hungria.

Muito aflicto, correu o principe a consultar o cavallo.

— Dize ao rei, aconselhou o cavallo, que a princeza está prompta em o receber por marido, se elle se tornar moço, e que para isso é necessario que se metta dentro de uma tina de alcatrão morno.

O parvo, como todos os velhos que namoram, caiu na esparrella; e apenas entrou no banho, mão occulta lhe mergulhou a cabeça no alcatrão, morrendo asfixiado.

E assim terminou a historia da Princesa da Hungria.

ATHAIDE d'OLIVEIRA.

CONTOS ALEMTEJANOS

O hortelão e o môço

ERA uma vez um velho que tinha muitos filhos. E como elles ganhavam pouco, um dia os tres mais velhos disseram: «Nós vamos correr fortuna.» Pediram a benção ao pae e marcharam juntos pelo mesmo caminho. Chegados a um certo ponto, viram que se apartavam tres caminhos. Pararam, e o mais velho disse: —«Eu, por ser o mais velho, vou pelo caminho da direita.» Diz o segundo: —«E eu vou pelo do meio.» —«E eu, pelo da esquerda» — disse o terceiro. E cada qual seguiu o seu caminho, depois de combinarem, que se haviam de juntar todos os tres naquelle mesmo logar, dali a um anno.

O mais novo foi dar a uma horta. E o hortelão dessa horta tinha uma filha muito bonita. O rapaz, assim que a viu, gostou logo muito della, e foi pedir trabalho ao hortelão.

O hortelão olhou bem para elle e perguntou-lhe se elle sabia ler. O rapaz sabia ler, mas respondeu que não sabia. O hortelão, como o rapaz lhe disse que não sabia ler, concertou-o logo por um anno, para môço da horta.

Dahi a dias o hortelão precisou sahir. E como o rapaz já namorava a filha, sem o pae saber, pediu-lhe as chaves do quarto onde estavam as semen-

tes. A rapariga, com medo do pae, não lh'as queria dar, mas elle tanto a attentou, dizendo-lhe que era para semear umas flores, que ella sempre lh'as entregou. O rapaz, assim que apanhou as chaves, abriu a porta e foi á gaveta onde estavam as sementes, e encontrou lá um livro *d'artes* (bruxarias), que era do hortelão. O rapaz, vendo que as taes artes lhe podiam servir, tratou de as aprender todas muito bem, e logo que acabou o anno despediu-se. O hortelão não queria de maneira nenhuma que o rapaz se fosse embora; e para o rapaz se ir embora, foi preciso dar a sua palavra d'honra ao hortelão que iria servi-lo no anno seguinte. Só assim conseguiu que o amo lhe fizesse as contas. E o hortelão, em logar duma soldada, deu-lhe duas.

O rapaz, em seguida, marchou direito ao ponto em que tinha combinado juntar se com os irmãos, e foi o que chegou primeiro. Assim que chegaram os outros dois, disse o mais velho: —«Eu, como mais velho, devo receber tudo quanto vocês ganharam, para entregar ao nosso pae.» O do meio disse logo que não queria, e o mais novo disse: —«Cada um entregue o que ganhou.» O irmão mais velho, então, obrigou o mais novo a entregar-lhe tudo quanto levava.

(Da tradição oral — Brinches)

(Continua)

ANTONIO ALEXANDRINO.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continuado de pag. 32)

CXI

Calem-se ahi os meus netos,
Deixem cantar o avô,
Para vêr se ainda canta
Como algum dia cantou.

CXII

Cuidarão certos sujeitos
Que é um copo d'agua fria
Deshonrar uma donzella,
Tirar-lhe a sua valia?!

CXIII

Cupido vae pela serra
Descalço, pisando flores,
Gritando em altas vozes:
— Viva só quem tem amores!

CXIV

Cada vez que eu considero
Que tenho um amor ingrato,
Não sei como não atiro
Commigo ao chão e me mato!

CXV

Coração que adora a dois,
Que firmeza póde ter?
Só se fôr coração d'homem,
De mulher não póde ser!

CXVI

Com cinco réis d'alfinetes
Se compõe uma mulher;
Põe um lenço encarnado
E engana os que ella quer.

CXVII

Com pena peguei na penna,
Com pena puz-me a escrever:
Caiu-me a penna da mão
Com pena de te não vêr.

CXVIII

Chamaste-me preta, preta...
Eu sou preta, bem o sei;
Tambem a azeitona é preta
E vae á mesa do rei!

CXIX

Chamaste-me trigueirinha:
Isto é do pó da eira;
Lá me verás aos domingos
Como a rosa na roseira.

CXX

Chorae, olhos... chorae, olhos...
Que o chorar não é desprezo;
Tambem a Virgem chorou
Quando viu a Jesus preso.

CXXI

Chorar, sentir, padecer,
São effeitos de quem ama;
Quem se obriga a bem querer,
Tristes lagrimas derrama!

CXXII

Coração ao pé da bocca
Faz um peito que regala;
Em certas occasiões
Arrebenta se não falla!

CXXIII

Cantem moças, balhem moças,
Divirtam os seus amores;
'Stamos agora no tempo
Da primavera das flores.

CXXIV

Coração assetteado,
Diz'-me, quem te assetteou?
Assetteado se veja
Quem se foi e me deixou!...

CXXV

Chora, chora desgraçada,
Que o teu mal já tem raiz;
Não digas que eu sou culpado
Da tua sorte infeliz.

CXXVI

Coração, arriba! arriba!
Se não pódes fugir, anda,
Que assim faz o meu amor,
Quando não póde vir, manda.

CXXVII

Cantando ganhei dinheiro,
Cantando se me acabou:
Dinheiro que é mal ganhado,
Agua o deu, agua o levou.

CXXVIII

Candeias tenho no monte,
Candeias na aldeia tenho,
Candeias tenho defronte,
Com candeias vou e venho.

CXXIX

Chamaste ao meu cabello
Cannavial de Cupido;
Tambem eu chamei ao teu:
Recreio do meu sentido.

CXXX

Cada vez que eu vejo vir
Gaivotas á baixa-mar,
Lembra-me que são cartinhas
Que meu bem me quer mandar.

CXXXI

Cada vez que eu vejo vir
Um homem alto e bem posto,
Olho para elle e digo:
— E's um amor do meu gôsto.

CXXXII

Cada vez que eu oiço
Os sinos da Sé,
Lembra-me meu bem
Que foi, já não é.

CXXXIII

Cada vez que eu oiço
Os sinos tocar,
Lembra-me meu bem,
Ponho-me a chorar.

CXXXIV

Carta, vae onde te mando,
Que lindos olhos vaes vêr;
Carta, põe-te de joelhos
Quando te quizerem ler.

CXXXV

Cartas são papeis,
Lettras são signaes.
Amor, não m'escrevas,
Que inda chóro mais

CXXXVI

Corre agua do vall'verde,
Para o cannavial da quinta.
Toda a vida ouvi dizer:
— Vae-se um amor, vêm trinta.

CXXXVII

Com cinco réis de cigarros
Arranjei 'ma namorada:
Encontrei o meu pae-sogro:
— Lá vae uma cigarrada!

CXXXVIII

Desejava que me ouvisses
A minha lamentação!
De noite acórdo bradando:
— Oh! ingrato coração!...

CXXXIX

Desprezas-me a mim por pobre?
E eu a ti por seres judeu!
Olha a differença que faz
O meu sangue para o teu!

CXL

Desprezas-me a mim por pobre,
E amas a rica por ter;
Póde a rica desprezar-te
E eu ser pobre e não te querer!

CXLI

Dizes de mim, dizes d'outra,
Tua fama vae correndo...
Coitadinha da tu'alma
Que anda no inferno ardendo!

CXLII

Desgraça, pouca ventura,
Só a mim caiu em sorte:
Por amar e querer bem
Chegam-me ás portas da morte!...

CXLIII

Depois d'esta vida, ha outra
Vida que dura p'ra sempre...
Quem me dera já vivêr
Comtigo e a tua gente!

CXLIV

Dize lá por que razão
Não fallas ao teu amor,
Tendo tu obrigação
De fallar seja a quem fôr?!

CXLV

Dizem que os padres não podem
Namorar... Oh! Essa é bôa!
Se elles teem coração,
Que importa que tenham c'rôa?!

CXLVI

Dois oppostos sentimentos
Combatem meu coração:
Um diz que triumphe o amor,
Outro, que vença a razão.

CXLVII

D'aquellas bandas do norte
Uma silva me prendeu;
Prendeu-me d'uma tal sorte,
Que eu sou tua, tu és meu.

CXLVIII

Dormindo estava sonhando
Comtigo, minha lindeza!
Acordei, achei-me só...
Em sonhos não ha firmeza!

CXLIX

Dei um ai entre dois montes,
Responderam me as montanhas.
Ai de mim! que eu já não posso
Soffrer ausencias tamanhas!...

CL

Desgraçada malva roxa,
A folha mette terror!
Todos dizem que te deixe;
Não quero, que és meu amor!

CLI

Dormindo, comtigo sonho;
Acórdo pensando em ti..
Desejava, amor, saber
Se isso te acontece a ti?

CLII

De meu bem os lindos olhos,
Aquella engraçada bocca
Com o sorriso d'um anjo,
Faz andar minh'alma louca!

CLIII

Diz'-me, ladrão, p'ra que queres
Coisinhas tão pequeninas?
Tu, ladrão, que me roubáste
De meus olhos as meninas!...

CLIV

Desejava de saber
Onde a pena mais augmenta;
Se é no peito de quem fica,
Ou se é no de quem se ausenta?

CLV

Desejava ter comtigo
Mais alguma lidação...
Não atraza, nem augmenta,
A nossa namoração!

CLVI

Da minha janella, rezo
A' Senhora da Saude,
Que me tire do sentido
A quem eu quiz mas não pude.

CLVII

Despedida! despedida!
Sabe Deus quem se despede!..
Eu, por não ficar chorando,
Faço despedida alegre.

CLVIII

Deixa vir o mez de Maio,
Que saiam as lagartixas...
Mette-lhe d'essas bem gordas,
A vêr se pegam as bichas!

CLIX

Dei um nó na fita verde,
Desatei-o á candeia.
Já hoje vi meu amor,
Já posso passar sem ceia.

CLX

Dos breves gosos do mundo,
Já nenhum para mim presta;
Do que gosei n'outra hora
Só a saudade me resta.

CLXI

D'Aldeia Nova, San Bento;
De Pias, Santa Luzia;
De Brinches, Consolação;
De Serpa, Santa Maria.

CLXII

Duas rivaes, quando se encontram,
Sobresalta o coração;
Essa que o tem mais firme,
Da outra faz mangação.

CLXIII

Dissimula, mostra agrado,
Vencerás o que desejas;
Eu sou amor da tu'alma,
Ou tu sejas ou não sejas!

CLXIV

Dizem que o amor
Perfeito não dura...
Eu não digo isso,
Que o meu inda atura.

CLXV

Dia de San Nunca, á tarde,
Passei pela tua rua,
Vi-te aonde tu não estavas...
Amor, que vida é a tua?!

CLXVI

Desejava de saber
Qual era a pereira doce,
Para lhe não offender
Nem uma folha que fosse.

(Da tradição oral, em Serpa)

(Continúa)

M. DIAS NUNES.

ANNO III

VOLUME III

N.º 4

SERPA, Abril de 1901

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

Anno III — N.º 4 SERPA, Abril de 1901 Volume III

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

NOTAS HISTORICAS ÁCERCA DE SERPA

IX

A segunda conquista de Serpa

Quando D. Sancho II, quasi uma creança, tomou as armas contra os moiros, as circumstancias eram favoraveis, tanto na Peninsula em geral como n'esta nossa parte portugueza.

O poder dos mussulmanos não se havia levantado do grande revez soffrido quatorze annos antes no campo das Navas de Tolosa, nem os khalifas que se íam succedendo eram capazes de o levantar. Depois de tres homens de guerra de primeira plana, Abd-al-Mumen, Abu-Yacub e Al-Mansur, o throno almohade caíra em mãos muito froixas. O proprio vencido das Navas, An-Nacer, era um soberano debil, que se deixou abater pela adversidade, e em seguida á derrota se encerrou no harem do seu palacio de Africa, onde morreu de doença — ou o envenenaram — pouco depois. Seu filho, Al-Mostancer, em cujo tempo se tomou Alcacer, era um rapaz de espirito fraco e futil, que — dizem — se entreteve em Marrocos a crear gado bravo, importado da Hespanha, até que uma vacca das suas manadas o matou de uma cornada. Não deixou herdeiros directos, e os personagens influentes do imperio procuraram para khalifa um irmão de Al-Mansur, que logo ao cabo de oito mezes foi assassinado. Ficou khalifa um sobrinho d'este, filho de Al-Mansur e de uma linda rapariga de Santarem, o qual reinou apenas tres annos. Em uma revolta, dirigida por um seu irmão, invadiram-lhe o palacio, ataram-lhe o proprio turbante ao pescoço, e collocaram-lhe a cabeça sob um repuxo, onde o seguraram até se afogar. Sem entrar em mais particularidades, contadas como estas pelos livros arabes, cuja veracidade absoluta é impossivel affirmar, e que não fazem ao nosso caso, unicamente nos interessa a impressão geral de que a Hespanha mussulmana atravessava então um d'aquelles periodos de anarchia aguda em que todas as suas forças se quebravam; e eram por isso eminentemente favoraveis ao progresso das armas christans.

Propriamente em Portugal, a tomada de Alcacer abria o caminho para novas conquistas pelo occidente, estando agora aquella boa fortaleza nas mãos dos cavalleiros de Santiago, que foram depois o principal apoio de D. Sancho II. E pelo lado de leste, as forças christans reforçavam-se no Alto Alemtejo, onde já de ha muito estavam estabelecidos os templarios; onde havia pouco se ti-

nham estabelecido os freires de Evora no logar de Aviz, do qual passaram a tomar o nome; e onde se estabeleceram no Crato os cavalleiros do Hospital, que nós veremos figurar activamente na margem esquerda do Guadiana.

Todas estas circunstancias, conhecidas em Roma, levaram Honorio III a enviar á Peninsula um legado seu especial, com o fim de activar a guerra aos infieis, dando-lhe como adjunctos, em Leão o arcebispo de Compostella, e em Portugal o arcebispo de Braga, o terrivel Estevam Soares. Effectivamente, a guerra foi travada com ardor e felicidade nas fronteiras de Castella por Fernando III, emquanto seu pae, o velho Affonso IX — d'esta vez sincero — devastava os campos de Badajoz, e o moço Sancho ia encetar a sua carreira militar no ataque de Elvas.

No anno de 1226, a praça de Elvas foi cercada, e, segundo parece, tomada de assalto depois de uma valente resistencia. Isto resulta de uma doação feita a Affonso Mendes Sarracines e a sua mulher, em paga de muitos e bons serviços, especialmente prestados em Elvas, onde — diz o moço rei — «entraste nos fôssos, expondo teu corpo á morte por mim.» [1] Por esta phrase se vê, que se travou um renhido combate junto das muralhas, ao qual estava presente D. Sancho II, que — ao contrario do que tantas vezes se tem dito — renovava as boas tradições guerreiras de seu avô e de seu bisavô.

Depois de tomada, Elvas parece ter sido abandonada, desmantellando-se apenas as suas muralhas, de modo que a população moira voltou a occupal-a. Mas quando, no anno de 1229, o rei marchou de novo para aquelle lado, os moiros fugiram d'ali e de Juromenha, sendo estes pontos occupados definitivamecte pelos nossos no anno de 1230. Ao mesmo tempo, o exercito de Leão conquistava Merida e Badajoz, tendo n'estes feitos de guerra uma parte saliente dois portuguezes illustres, então ao serviço d'aquelle paiz, o infante D. Pedro, filho de D. Sancho I, e seu irmão bastardo Martim Sanches.

Quando D. Sancho II se dispunha a continuar a sua campanha para o sul, veiu detel-o por mais de um anno a morte de Affonso IX de Leão. Este acontecimento era grave para Portugal, pois as duas corôas de Leão e Castella se reunião na cabeça de Fernando III, dando-nos assim um poderosissimo vizinho. D. Sancho teve de ir ao norte, onde se avistou e entendeu com o primo; mas, liquidadas ali algumas questões alheias ao nosso assumpto, voltou ao Alemtejo, e na primavera do anno de 1232 seguiu com o seu exercito para o meio dia.

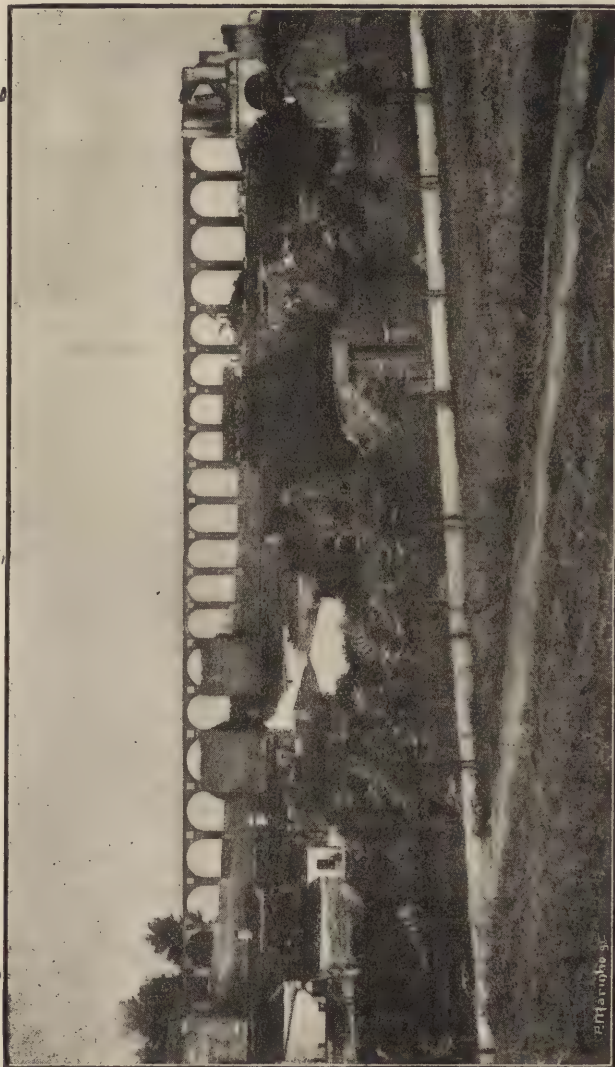
Os exercitos d'aquelles tempos compunham-se dos contingentes de gente armada, trazidos pelos ricos-homens das suas terras, quer essas terras fossem do seu senhorio proprio, quer simplesmente as tivessem e governassem em nome do rei. E, embora nos faltem esclarecimentos, não será muito difficil fazer uma ideia bastante approximada do que seria aquelle exercito de D. Sancho II.

E' seguro, que ali estaria o alferes mór, D. Martins Annes; nem elle se afastava muito do lado do rei, como se vê da frequencia das suas assignaturas nos documentos officiaes, nem a sua velha experiencia militar se po deria dispensar em um comettimento arriscado e junto de um rei de pouco mais de vinte annos. [1] Seguro

---

[1] ... *et hoc facio pro multo bono servitio quod tu Alphonsus Menendi mihi fecisti, et maxime in Elvas ubi introsti in cavas exponendo corpus tuum morti pro me.* Datada de julho era de 1264 (anno de 1226); na *Mon. Lusitana.*

[1] Segundo fr. Antonio Brandão, este alferes mór seria D. Martim Annes de Riba de Vizel'a; mas o *Livro das Linhagens* conta como aquelle fidalgo foi morto annos an-

COSTUMES & PERSPECTIVAS

(Cliché de J. V. Pessoa)

A notavel villa de Serpa vista do poente

tambem, que ali estava D. Gonçalo Mendes de Sousa, provavelmente com algum dos irmãos. Estes filhos do conde D. Mendo pertenciam á primeira nobreza de Portugal; e Gonçalo, o mais velho e o chefe da casa, occupava então um dos grandes cargos da côrte. De mais, um documento prova, que elle tinha vindo no mez de maio do anno de 1230 juntar-se ao exercito do rei, que se estava reunindo em Elvas. [1] Provavel é, que ali estivessem os de Soverosa, pae e filhos. O velho Gil Vasques, casado com D. Maria Ayres de Fornellos, a que antes fôra amante de D. Sancho I e tivera d'elle o famoso Martim Sanches, era um dos poderosos senhores do tempo; e tanto elle como os seus dois filhos, D. Martim Gil e D. Vasco Gil, foram dos maiores privados e dos mais constantes companheiros de D. Sancho. Provavel é tambem, que no exercito estivesse o tio do rei, Rodrigo Sanches, filho de D. Sancho I e da Ribeirinha; e o velho mordomo mór, D. João Fernandes, que bem podia ser D. João Fernandes de Riba de Vizella; e D. Abril Peres de Lumiares, neto pelo pae de Egas Moniz, e pela mãe de Affonso Henriques; e D. Poncio Affonso de Bayão e varios outros.

Sem falsear a verdade, ou pelo menos sem ir de encontro á verosimilhança, podemos imaginar a hoste de D. Sancho II, saindo de Juromenha em uma clara manhã de maio, o mez classico das expedições militares. Na frente viria o rei, com o seu estandarte real a cargo de Martim Annes, seguido pelos ricos-homens com os seus pendões e caldeiras, [1] com os fidalgos e cavalleiros das suas casas, com a peonagem dos seus districtos: Rodrigo Sanches com a gente da Maya e de Alafões; Gonçalo Mendes com a gente de Lamego e Vizeu; seu irmão Vasco Mendes com a de Bragança; Poncio Affonso com a de Bayão; o velho Gil Vasques com a gente das terras de Sousa; seu filho Martim Gil com a de Riba do Minho; e outros. [2]

Vindo de Juromenha ao longo do rio, a hoste portugueza passaria em algum dos numerosos váus do Guadiana, indo tomar Moura, [3] e seguindo depois á conquista de Serpa. [4] O que podemos calcular ácerca das forças locaes d'aquellas terras não nos leva a imaginar que ali se fizesse grande resistencia; e, na falta de documentos e informações, devemos crer a conquista não fosse muito difficil.

Estes castellos da margem esquerda do Guadiana, principalmente Ser-

tes entre Coimbra e Montemór, e por signal de um modo bem singular (P. M. H. *Scriptores* I, 201). Em todo o caso seria de uma das grandes familias, porque o cargo de Alferes mór era então o primeiro.

[1] E' uma doação, ou antes restituição, que Gonçalo Mendes fez ao convento de Pombeiro, datada de maio de 1230, na qual elle diz, que ia de caminho para o exercito do rei junto de Elvas: ... *eunti ad exercitum Regis apud Elvas.*

[1] O pendão era o distinctivo do mando do rico-homem; e a caldeira significava a obrigação que elle tinha de sustentar e dar mantimento á sua gente. Uma canção de Affonso X fala de um rico-homem, provavelmente avarento, o qual trazia «*pendon sem caldeyra*». Parece mesmo que ás vezes traziam pequenas caldeiras, penduradas de lanças, como distinctivo. E as caldeiras figuram nas armas de algumas das mais nobres familias, por exemplo, nas dos Laras.

[2] As tenencias e senhorios deduzem-se das assignaturas d'estes ricos-homens nos documentos do tempo.

[3] Algumas noticias lendarias que temos sobre a conquista de Moura são muito duvidosas e serão examinadas em outra nota, —o natural é collocal-a n'esta occasião.

[4] Por conjecturas plausiveis, Herculano colloca a conquista de Serpa no verão de 1232 (*Hist. de Portugal*, II, 493).— O *Livro de Noa* indica a occupação de Elvas e Juromenha no mesmo dia em que o infante D. Pedro tomou Merida; mas não fala na de Serpa: *Ipso die fuit elves e surmenia de christiani.*—Rodrigo de Toledo reune todas as conquistas d'este tempo na seguinte phrase: *Hujus temporibus Helvis, Jurmenia, Serpia et multa alia castra maurorum, christianorum victoriis accesserunt.*

pa mais ao sul, ficaram a principio perigosamente isolados em terra de moiros; mas as conquistas portuguezas continuaram, firmando a sua situação. Uma expedição, vinda provavelmente de Alcacer e da iniciativa dos cavalleiros de Santiago, tomou Aljustrel, que foi doado áquella ordem.[1] Começa então a figurar activamente n'estas guerras um portuguez illustre entre os mais illustres, D. Paio Peres Correia. Era no tempo de que falamos simples commendador de Alcacer, mas foi pouco depois commendador de Uclés e Mestre de Santiago, quer dizer o chefe de toda aquella poderosissima milicia religiosa em Portugal, Leão e Castella. Conquistador em Portugal de parte do Algarve, passou a ser em Castella o braço direito de Fernando III no cerco de Sevilha, e um dos conselheiros mais influentes d'aquelle santo rei e de seu filho, Affonso o Sabio.

Decorridos dois ou tres annos, uma nova expedição, esta provavelmente organisada pelo proprio rei, desceu Guadiana a baixo e foi tomar Mertola e Alfajar da Pena.[2] O fortissimo castello de Mertola, celebre entre os moiros havia seculos, caiu nas mãos dos christãos; e a sua situação julgava-se tão importante, que, sendo doado ao commendador D. Paio e aos seus cavalleiros, se lhes recommendou que transferissem o seu convento ou casa central de Alcacer para Mertola, a fim de estarem sempre na vanguarda do reino christão: *ad defentionem, et tuitionem, et quisitionem regni mei.*

E logo no anno seguinte, senão talvez no mesmo anno, o castello de Ayamonte foi tomado de assalto aos moiros.[1] Sabemos positivamente, que D. Sancho II, acompanhado por D. Gonçalo Mendes de Sousa, estava presente ao assalto;[2] e d'ahi concluimos ter tambem tomado pessoalmente parte na anterior conquista de Mertola.

Assim, as armas portuguezas, partindo de Elvas, tomaram Moura, Serpa, Mertola e Ayamonte, e chegaram ao mar. Em frente não havia mais terra de infieis a conquistar. E isto fez-se sob o mando de Sancho o Capello, de quem alguns dos nossos escriptores, com notavel injustiça ou singular desconhecimento dos factos, disseram nunca ter feito a guerra «nem a christãos, nem a moiros». Em seguida á conquista de Ayamonte, o commendador D. Paio foi tomar Cacella na margem direita do Guadiana, e pouco depois a grande povoação de Tavira.[3] Ficaram por este modo as margens do Guadiana na posse dos portuguezes; e ficava cortada toda a communicação por terra entre os moiros do Algarve e os de Niebla e Sevilha.

Na margem esquerda do rio, que principalmente nos interessa, a extensão da terra portugueza, depois d'estas conquistas de D. Sancho II, ficou sendo pouco mais ou menos a seguinte. Ao norte tinhamos Moura e provavelmente Mourão, que em al-

---

[1] Em geral não conhecemos as datas das conquistas, e sim as das doações—a doação de Aljustrel é de abril do anno de 1235. Logo a conquista é anterior. E' claro, que as doações podiam ser feitas em seguida á conquista; mas em outros casos um ou mais annos depois.

[2] A doação de Mertola é feita em Lisboa em janeiro do anno 1239—a conquista seria do anno anterior, ou talvez mesmo do de 1237.

[1] A doação de Ayamonte á ordem de Santiago é do anno de 1240; e, portanto, é perfeitamente possivel que fosse tomada no mesmo anno que Mertola, e doada um pouco mais tarde.

[2] O mórdomo de Gonçalo Mendes e outro cavalleiro da sua casa morreram no assalto de Ayamonte; e o antigo obituario, d'onde isto consta, diz, que foram mortos na presença de seu amo e do rei: *Interfecti sunt ante ipsum dominum et Regem Sancium secundum.*

[3] Por este tempo foi elle eleito Mestre de Santiago. Na doação de Ayamonte (1240) ainda vem designado *Commendator de Alcacer;* mas na de Tavira (1242) já lhe chamam *Magistri Ordinis Militiæ S. Jacobi.*

guns documentos — na verdade bastante posteriores — é designado como pertença ou dependencia de Moura. Depois Serpa, cujos termos se deviam alargar até Ficalho e até ao rio Chança. [1] Depois Mertola, com vastos termos á direita do Guadiana, e, segundo parece, tambem á esquerda. Na margem direita, os termos de Mertola iam ao norte pelo rio Terges até á foz do Cobres; depois por este ultimo rio até á sua parte superior; d'ali o limite cortava para o sul pelo meio da matta de Almodovar, *per mediam matham*, até ao rio Vascão, e descia por este rio até á sua entrada no Guadiana. Parece que Mertola tambem tinha terras dependentes na margem esquerda; a situação do castello exactamente sobre o rio, torna natural ter possuido uma parte da margem fronteira; e uma phrase da doação — realmente pouco clara — leva no emtanto a acreditar que n'aquella margem partia com os termos de Serpa e Ayamonte. [2] Finalmente, na extremidade meridional tinhamos Ayamonte com termos enormes; tocavam pelo Guadiana com os de Cacella na margem direita, ao norte com os de Mertola, e para o oriente alargavam-se até Huelba e Gibraleon, sendo limitados pelo rio Odiel. [1]

Vemos, em resumo, como, pelas conquistas de Sancho II, se uniu a Portugal na margem esquerda do Guadiana tudo quanto ainda hoje nos pertence, e uma larga parte do que annos depois se perdeu, e passou para Leão e Castella.

CONDE DE FICALHO.

[1] Não temos — ou pelo menos eu não conheço — indicações exactas sobre os limites dos termos de Moura e de Serpa n'aquelle tempo; e a razão é clara. Moura ficou na posse da Corôa, e Serpa foi doada pouco depois ao irmão do rei. Não houve pois documento em que se marcassem os limites, ou esse documento se perdeu — o que não succedeu quando as doações foram feitas ás ordens religiosas.

[2] «... *contra Serpiam et Alfajar de Pena et Ayamonte due partes de termino sint de Mertola, et tertia pars sit de predictis castris*. (Doação de Mertola aos Spatharios; Livro de D. Affonso III, 3.°, 143; e no Livro dos Mestrados, 178; citada por Herculano, II, 363; e publicada por Brandão *M. Lusit.* 4.ª parte, escrit. XIX; mas incompletamente) — Se os termos de Mertola fossem *todos* na margem direita, sendo os de Serpa e Ayamonte todos na margem esquerda, não se perceberia o sentido nem a necessidade d'esta phrase.

[1] Na doação de Ayamonte á ordem de Santiago diz-se assim: ... *cum istis terminis, scilicet quod termini de predicti castelli* (Ayamonte) *jungent se cum terminis de Cazala et de Mertola, et contra Gevolaleyon et Saltes, et dividuntur termini predicti castelli per Odiel* (A doação foi transcripta por Brandão, *Mon Lusit.* 4.ª parte, escript. XX, mas com incorrecta orthographia; e vem citada por Herculano, II, 364)—Note-se de passagem, que a não existirem termos de Mertola na margem esquerda, os de Ayamonte tocariam nos de Serpa; e portanto este documento é favoravel ao que acima dissémos sobre ter possuido Mertola algumas terras a oriente do rio.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

EU FUJO!

O' meu lindo amor, } bis
Eu fujo!
Pelo mar abaixo, } bis
Vou a ser marujo!

Vou a ser marujo } bis
Mais ella!
Pelo mar abaixo } bis
Vae o barco á vela.

Serpa

M. DIAS NUNES.

CANCIONEIRO MUSICAL

IV

Eu fujo!

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(CHOREOGRAPHICA)

O SENHOR SETE

(Continuado de pag. 24)

Salpicão: — O classico salpicão! E' de lombo cortado em pedaços, e com o mesmo tempero da linguiça. Mas alguma gente costuma tambem empregar no fumeiro as especiarias, e os salpicões levam pau-cravo, (as murcellas d'alho, sempre *cominhos*).— O salpicão, muito bom p'ra levar de jornada, e que figura sempre no pão do folar, na Paschoa, todo partido ás *rodaxas*, é ensacado em tripa estreita, mas já a fugir p'ra grossa, e é compridote. Come-se cosido; mas comido em crú sabe que regala, e *puxa a pinga* que é um louvar! Adeante.

Bochas: — Não são cá da minha aquella, talvez por serem até por fóra desageitadas! E' um chouriço em que só entram miudos do porco: coração, bofe, etc., e algumas gorduras, — e a que deitam por cima alguma *bóchada*, que vão comprar ao açougue. E' chouriço de coser, (para tempero). Não gósto.

Chabiana: — A chabiana já não é má; mas vamos lá que tambem não morro por ella. (O meu derriço é a *tabafeia*, e até no nome gósto d'ella! Lá chegaremos). Mas a *chabiana* é feita só das gorduras e carnes ensanguentadas do porco, e misturam-lhe um pouco de ralão ou semeas, e mesmo pão trigo ralado. E' chouriço muito forte, e dá ao caldo muito bom tempero.

Bulho:—E' o que eu já disse e rectifiquei. E foi por ter de rectificar, que veio á balha todo o fumeiro! Gósto muito d'elle, e faz no fumeiro de *baixo profundo*, ou de *figle* n'uma philarmonica. E' grottesco; mas no entrudo, com orelheira, até parece que se esgargalha no prato, a rir como um perdido para os que estão á meza! E' muito engraçado!

Vilão: — E' um chouriço feito de muitas misturas: carne cosida de toda a qualidade: de açougue, caça, presunto, etc. Esta carne é muito desfiada, depois de bem cosida em grandes panellas de ferro; e na agua em que foi cosida essa carne, é amolecida uma grande porção de sopa triga, que depois de amassada e juncta com a carne, é escaldada com pingo a ferver, e então ensacada, (*Pingo* é o mesmo que *banha.*) — São complicados, os *vilões*, como os seus homonymos d'outra especie; mas sem contestação muito mais saborosos do que elles... — Antes que me esqueça: para ensacar a carne usam as mulheres um funilsinho acaçapado, de lata, cujo *gargalo* terá duas pollegadas, e quasi uma de largo.

Tabafeia: —Ora vamos lá á tabafeia, para fechar com chave d'oiro! A tabafeia é um picado de lombo em cru, e tripa grossa de vacca ou de vitella; e depois, tambem é a massa escaldada com pingo a ferver, e por cima bota-se-lhe vinho. Nada mais simples! Tudo o que é bom é simples.

Em Bragança, capital do meu districto, chamam-se tabafeiras aos vilões; e n'outras terras, aos vilões chama-se-lhes alheiras, porque tambem levam um bocado d'alho.

Em geral, o chouriço trasmontano é bem feito, mas não é em todas as casas, nem em todas as povoações... Perto da minha terra, Villarinho dos Gallegos é a terra de melhor fumeiro. Casa de ferreiro espeto de pau: —Villarinho dos Gallegos é quasi tudo terra de judeus! Vão lá entender estas coisas, quando se é lido um pouco no *Mimo á Infancia!*

E aqui está o que sei de fumeiro; — mas fallando d'estas coisas, ingrato seria eu se esquecesse o *chicho*, o meu querido e sempre lembrado chicho da minha alma, que vem a ser um bocadinho de carne que em vez de ir para o funil, e do funil p'ra dentro da tripa, quando as mulheres

estão a fazer os chouriços, vae mas é p'ra a mão do rapaz — «Toma goloso!» — da mão do rapaz p'ra cima da braza, e da braza, não tarda nada, para a barriga, — com o gato ao pé a lamber os beiços, e com dois olhos que são duas brazas... Até mia!

Outra lembrança bôa é a do dia da *matança*, que é um grande dia para os rapazes de casa, e até feriado se andam na escola! Estou a vêr aquillo: — o porco trazido pelas orelhas a berrar como se soubesse para onde ia; á porta de casa o *talho* (banco de madeira) onde o porco é deitado ao comprido e amarrado de pés e mãos; a mulher do alguidar, de braços arregaçados e grande colher de pau, prompta para aparar o sangue e mexel-o no alguidar; o que o vae matar, arremangado e de facalhão; e ali perto, os *fachoqueiros* de palha para queimar o defuncto,—e então muito rapaz á roda, a gritar ainda mais que o proprio porco!

Rico dia! e a vespera é já muito bôa! Porque se ha muitos petizes na familia, tudo primos e irmãos, já dormem de vespera em casa do tio, onde a matança, manhã cedo, ha-de ter logar! E promette-se-lhes, p'ra que madruguem, um premio:

—O que se levantar mais cedo (vae o pae dizer-lhes á cama, onde dormem todos de restolhada!) o que se levantar mais cedo, é p'ra elle a *morcela do talho!*

— Hei-de ser eu!

— Hei-de ser eu!

— Veremos. Isso agora está p'ra se vêr.

E ha tal, que á espera que amanheça quasi não préga ôlho, e mal que luz o buraco, eil-o muito surrateiro a sahir da cama, — e «prompto! cá está o rapaz!»

— Bravo! Pois ganhaste-a! E' para ti a morcela do talho!

Mas quando d'ali por um bocado, o porco, de facalhão enterrado até ao cabo, entra a berrar como um perdido, e a fazer ao pé do rabo, em cima do talho, mais alguma coisa que não se diz, mas que parece com effeito uma morcela, acode logo o dono da casa, ou algum mais pandego:

—Toma! Lá está a morcela do talho!

E é então á roda a arruaça dos outros,— emquanto o *bicho*, coitado, já mal perneia nos estertores; se accendem de volta os *fachoqueiros*; e em cima, p'ra depois de queimado, já ferve a agua p'ra o escaldar, para o rapar, para o escodear!

(Continúa)

TRINDADE COELHO.

CONTOS ALGARVIOS

O Principe de Campos

Eu tenho um tio pescador — honrado homem que elle é! — muito sabido em lindas coisas, como são estes contos populares, que nos vêm transmittindo o seu perfume de rosas antigas, de uma geração para outra geração.

Muitas vezes tenho pensado em escrevê-los; mas sempre que o tentava acudiam-me escrupulos invenciveis. Era o receio de macular com a minha prosa insipida a adoravel poesia da linguagem primitiva, com que meu tio tão graciosamente os recitava.

Eu sei lá... escutando-o, ia-se-me a alma n'aquella melopeia, que guardava no seu rythmo de ballada como que a reminiscencia do marulhar das aguas, batendo o costado da lancha, por noites tranquillas de luar...

Ora é muito possivel que ainda hoje eu não consiga escrever como o bom do meu tio falava. No entanto, nada se perde em experimentar.

E vamos lá com Deus, que não pode haver para mim tarefa mais agradavel nem melhor.

Segue o conto, tal como o enthesoirei na minha memoria fiel.

....

Havia d'uma vez[1] um velho que

[1] «Havia *duma* vez» sim senhores. E' assim mesmo que o povo diz. E soa bem ao ouvido, pois não é verdade?

estava entrevadinho e tinha um filho que trabalhava no campo. Ora um dia quem havia de entrar em casa do velho? Era o rei que andava á caça, e vinha atraz toda a fidalguia. Diz elle:

—Oh velho, dá-me de beber.

—Saberá Vossa Real Magestade[1] que eu não tenho senão um cocharro[2] por *donde* beber.

Vae o rei e bebeu pêlo cocharro. Elle que ia para sahir e dá com os olhos num moço muito lindo, que mais lindo ser não podia. O rei prócurou-lhe:[3]

—Quem és tu?

—Saberá Vossa Real Magestade que sou filho d'aquelle velho.

—Pois agora *há-des* ir commigo para palacio.

—Saberá Vossa Real Magestade que eu sou o arrimo de meu pai.

—Vás tu mail-o teu pai.

Mandou *subi-lo* para o seu cavallo. Mas o cavallo punha-se em pino e não queria andar para deante. O rei deu-lhe na anca com o chicote e disse assim:

—Anda p'ra deante, Principe de Campos.

Tanto que ouviu esta razão,[4] logo o cavallo se poz a andar. De maneira que vieram no conhecimento que o cavallo só queria levar gente do rei. Onde o rei teve esta sentença:

—Principe de Campos nascêste, Principe de Campos ficarás.

Foram para palacio, e o rei fez-se muito companheiro de Principe de Campos, e não lhe faltava nada. De maneira que toda a fidalguia andava comida de inveja.[1]

Ora vamos cá que o rei deu em andar apaixonado da sua vida p'r'amor[2] de sonhar tres noites á fio com uma princeza encantada no meio do mar.

E vae os fidalgos armaram este conlóio:[3]

—Diz-se ao rei que Principe de Campos sabe onde está a princeza encantada, e que se gaba de a poder desencantar.

Como assim foi. Armaram ao rei aquella falsidade, e o rei mandou logo chamar o Principe de Campos.

Ha-des-me aqui trazer a princeza, com quem sonho ha tres noites, senão te mandarei matar.

—Saberá V. R. M. que eu não sou sabedor do paradeiro d'ella. Mas manda quem pode, cá me vou em sua procura e morrerei se a não trazer[4]

—Pois vae e pede o que quizeres.

—Quero um cavallo e uma mala cheia de oiro.

O rei deu-lhe um cavallo e uma mala cheia de oiro, e Principe de Campos deitou-se a correr mundo.

Andou, andou, andou... e ao cabo de tres noites encontrou uma pedra lavrada.[5] O cavallo como visse aquella pedra lavrada deitou-se-lhe em riba,

---

[1] Este «saberá», pelo visto, é praxe palaciana. «Saberá V. R. Magestade»...

[2] O *cocharro* é um vaso de cortiça, semi-espherico, por onde a gente do campo usa beber. E é uma delicia a agua bebida por elle, tão fresca! Depois, pelo cocharro «não se pega nada»...

[3] Poucas vezes tenho ouvido que se empregue o verbo *perguntar*, na linguagem do povo algarvio. *Prócurar* é que é. E usam-no indifferentemente, tanto n'esta como na sua verdadeira accepção.

[4] ... Como se dissesse «apenas ouviu estas palavras»... E' vulgarissima esta applicação do vocábulo a que me reporto.

[1] Lá diz o dictado que «se a inveja fosse tinha, muita gente era tinhosa». Poderá que haja peor tinha que a inveja? Se não há-de ella *comer* uma pessoa!

[2] O meu tio dizia *por-mór-de*. Era mais pittoresco, isso era... Mas basta que eu não altere o principal.

[3] Ou *conluio*, como vem nos diccionários, coisa que o meu tio nem de nome conhece.

[4] Já ouviram que o povo diga correctamente o futuro e outros tempos do verbo *trazer?* Eu não. Em vez de *eu trouxe*, diz elle, o ingenuo povo *eu truve*. Em vez de *traria*, é *trazeria*. Em vez de *trouxesse*, é *trouvesse*, e assim por deante. Principe de Campos preferiu empregar *trazer* por *trouvér*, como tambem lá dizem. E mais era principe...

[5] Perguntei n'este passo ao narrador o que vinha a ser uma pedra lavrada. «Que era uma *pedra marme*» respondeu-me elle. E vae d'ahi... seria.

e Principe de Campos deitou-se em riba do cavallo. Deixou-se dormir. Mal abriu os olhos enxergou uma carta. Onde a dita carta dizia assim:

«Principe de Campos, o que buscas não acharás».

Aqui disse elle mal á sua vida, porque logo futurou que o rei o mandaria matar.

Montou-se outra vez no seu cavallo e foi dar a uma aldeia. Tinha morrido um homem n'aquella aldeia sem pagar as suas dividas, que eram muita somma de dinheiro. E era costume, quando morria um homem sem pagar as suas dividas, ir o povo todo dizer coisas e fazer acções[1] em casa do defunto.

Principe de Campos, assim como viu aquillo, deu deváia a um que passava. Onde veiu no conhecimento d'aquelle costume. Têve grande sentimento e fez uma falla ao povo, para que acabassem com tamanho vexame, pois elle ia pagar do seu dinheiro tudo quanto o morto devia.

Como assim foi. Pagou tudo quanto o morto devia, mandou *enterrá-lo* em sagrado, deu muitas esmolas por sua alma e mandou dizer muitas missas.

Depois despediu-se de toda a gente e deitou-se outra vez a correr mundo.

Andou, andou, andou... e ao cabo de tres noites encontrou uma pedra lavrada. O cavallo deitou-se em riba da pedra, e Principe de Campos em riba do cavallo. Deixou-se dormir. Mal abriu os olhos, enxergou uma carta. Onde a dita carta dizia assim.

«Principe de Campos, o que procuras acharás».

Foi como se lhe entrasse uma alma nova. Montou-se logo no seu cavallo, e foi dar á borda do mar. Não sabia caminho nem carreira, e não havia alli nenhuma embarcação. Appareceu-lhe um vulto. E diz o vulto:

[1] Vejam esta simplicidade no dizer. Nós cá, querendo *falar á politica*, diriamos em tal caso «que o povo ia injuriar o defunto». Se o «dizer coisas e fazer acções», não é incomparavelmente mais positivo, mais energico e melhor!?

— Tu vês aquelle castello, alem no meio do mar?

—Vejo.

—Pois é lá mesmo que está a princesa encantada. Tu vás lá, que o mar *ha-de-te* abrir caminho, e *hão-de-te* querer tentar muitas pombas,[1] que são as aias da princesa.

Tu não te deixes tentar, senão olha que te perdes. Brada pêla princeza e procura-lhe qual é o seu primeiro encanto. Depois torna para traz.

Principe de Campos assim fez.

Foi pêlo mar que lhe abriu caminho, e as pombas quizeram-no tentar; mas elle enxotou-as, bradou pela princeza, que lhe appareceu tambem em forma de pomba e prócurou-lhe qnal era o seu primeiro encanto.

Resposta da princeza:

— São as lagrimas que Nossa Senhora chorou por seu bemdito Filho.

Tornou para traz.

–Diz que são as lagrimas que Nossa Senhora chorou por seu bemdito Filho.

—Aqui as tens, leva-l'has e prócura-lhe qual é o seu segundo encanto.

Elle foi e já as pombas o não tentaram. Resposta da princeza:

— O meu segundo encanto são as sete espadas que atravessaram o coração de Nossa Senhora, por amor de seu bemdito Filho.

Tornou para traz.

—Diz que são as sete espadas que atravessaram o coração de Nossa Senhora, por amor de seu bemdito Filho.

—Aqui as tens, leva-lh'as e procura-lhe qual é o seu terceiro encanto.

Elle foi. Resposta da princeza:

—Sãs os tres cravos com que pregaram a Nosso Senhor na cruz.

Tornou para traz.

—Diz que são os tres cravos com que pregaram a Nosso Senhor na cruz.

— Aqui os tens, leva-lh'os. Assim

[1] Como as pombas *o tentavam* não diz o conto. Paciencia.

que a princeza lhe deitar a mão fica quebrado o seu encanto. Tu então diz assim: Castello, muda-te em barco de guerra. E leva a princeza ao rei.

Mas aqui, Principe de Campos quiz saber quem era o vulto. Diz elle:

— Eu sou aquelle morto que tu mandaste enterrar em sagrado. A minha alma andava penando,[1] e tu a livraste de cahir para sempre nas penas do inferno. Por decreto de Nosso Senhor te vim a fazer este bem, para te pagar o bem que tu me fizeste; e agora adeus, que vou-me p'r'o céo.

Sumiu-se o vulto, e Principe de Campos tornou para traz.

Assim como deu á princeza o terceiro encanto, logo ella se mudou no que d'antes era, e appareceu na forma de uma madama muito linda, que mais linda sêr não podia. As outras pombas tambem se tornaram ao antigo, e Principe de Campos disse:

— Castello, muda-te em vaso de guerra.

Ora deixêmos cá Principe de Campos e a princeza que já vão de mar em fóra, e vamos ao cavallo. O cavallo mal se apanhou á solta, botou-se a fugir[2] para palacio. De maneira que todos se capacitaram de que Principe de Campos tinha morrido. Muita alegria dos fidalgos, já se sabe, e muita pena do rei. O rei mandou armar uma eça e rezar muitos officios, e tambem mandou dobrar os sinos.

Mas no melhor da festa, surde n'aquelle porto um barco de guerra.

[1] Isto de *almas penadas* é uma coisa muito séria. Lembra-me que o anno passado se ouvia *piar* por cima dos telhados, cá n'esta aldeia. O que havia de ser? A alma de um que furtava gallinhas, e andava penando por esse motivo. E porque tinha sido ratoneiro de gallinhas, coitadito! piava!

[2] Ninguem lá diz *correr*. Ninguem, entre o povo, entenda-se. ...Que mesmo assim, alguns de gravata lavada, andam ás aranhas com estes synonimos. Com isto não quero melindrar os meus bons comprovincianos— os algarvios ..

Quem havia de ser, quem não havia de ser? Era Principe de Campos que trazia a princeza ao rei. O rei, mal que o soube, deu-lhe ordem de desembarcar; mas o Principe de Campos desculpou-se com as manobras e só no fim de tres dias é que desembarcou. Estava já o rei com muito desgosto d'elle, e por via d'isso lhe não agradeceu.

Foram para palacio; e o rei que já se derretia todo por a princeza, pediu-lhe para ser sua mulher. Mas ella respondeu-lhe — que ainda não.

Passados tempos, fez-lhe o rei a mesma fala, e ella firmou-se na sua — que ainda não.

Por modos que [1] elle andava muito triste, o que vendo a princeza lhe disse:

—Eu só caso com V. M. se Principe de Campos fôr queimado em vida.

Com o que o rei ficou muito satisfeito, pois tinha asca a Principe de Campos, por elle não ter querido logo desembarcar.

Muita festa sim senhores, e no dia determinado Principe de Campos foi a morrer a uma fogueira. Elle mesmo se deitou ao fogo, e parecia muito alegre, e estava todo vestido de branco.

Tanto que deu fé de estar tudo acabado, a princeza sahiu ao largo, chegou-se ao pé do brazido, deitou nas cinzas uma águasinha, e eis que enviveu[2] Principe de Campos. Pois se d'antes era lindo, mais lindo ainda ficou.

Torna o rei—que queria casar. E a princeza—que ainda não. Por modos que elle andava com o dobro da paixão, o que vendo a princeza lhe disse:

—Eu só caso com V. M., se V. M. se deitar ao fogo como Principe de Campos.

[1] De maneira que, de sorte que. São equivalentes.

[2] *Enviveceu*? Que é lá isso, tio João? — Sim, *prantou-se* vivo outra vez!

Elle não lhe deu aquillo abalo. Mandou preparar um grande banquete, tocaram as musicas, repicaram os sinos, e no meio d'aquella festa atirou-se á fogueira.

A princeza sahiu ao largo, ajuntou as cinzas e aventou-as todas ao mar. Depois voltou para palacio, casou com Principe de Campos, e *ambos e dois* reinaram n'aquella terra com muita paz e alegria. Fui lá não me deram nada.

(Da tradição oral, no Algarve)

MARIA VELLEDA.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continuado de pag. 48)

CLXVII

Dá-me a tua mão de firme,
Dou-te a minha de leal:
São cartas que ficam feitas
Se algum de nós se ausentar.

CLXVIII

Dá-me da mão d'reita a palma,
Que te quero ler a sina;
Quero vêr se a tua sorte
Com esta minha combina.

CLXIX

Dormindo estava sonhando
Que te tinha em meus braços;
Acordei, achei-me só...
Malo hayan sonhos falsos!

CLXX

Diz'-me lá o mal
Que t'eu tenho feito?
P'ra de mim fazeres
Tão ruim conceito!

CLXXI

Dizem que não póde ser
Haver flôres n'este tempo...
Aqui está 'ma casa cheia,
Bulindo sem haver vento!

CLXXII

Detraz de qualquer vallado
Se colhe uma verde ameixa.
Quem por sécia se faz grave,
Tambem por sécia se deixa.

CLXXIII

Desde o principio do mundo
Muita gente tem morrido:
Nem na terra fazem falta,
Nem o ceu se tem enchido.

CLXXIV

Dizem que a serra—que é serra...
A serra tambem dá pão!
Na serra tambem se criam
Meninas de estimação.

CLXXV

Disse Maria a Marianna:
—Eu não gósto de fulano.—
Eu tambem não gosto d'ella:
Em pouco vae o engano.

CLXXVI

De noite tudo são sombras...
Eu por ellas hei-de andar,
Já que de dia não posso
Teus carinhos alcançar.

CLXXVII

Deixa vir a primavera,
Verás tudo felorido.
Quem sáe aos seus não d'genera...
Toda a vida assim tem sido.

CLXXVIII

—D'estas todas que aqui estão,
Qual é a minha cunhada?
—E' aquella mais baixinha,
Da falla mais engraçada.

CLXXIX

Desejava de encontrar-te
N'uma casa sem tijôlo,
Que te qu'ria perguntar:
—Que te importa o meu namôro?!

CLXXX

Desejava de encontrar-te
N'uma rua sem sahida,
Que te qu'ria perguntar:
—Que te importa a minha vida?!

CLXXXI

Disseram ao meu amor,
Que eu lhe não queria bem...
Essa ingrata que lh'o disse,
Se o quer, ahi o tem!

CLXXXII

Dá-me um beijo, dou-te dois:
A minha paga é dobrada;
E' o dever de quem ama...
Pagando, não deve nada!

CLXXXIII

Das ruas que Serpa tem,
P'ra mim, a que tem mais graça
E' a da Porta de Beja,
Desde o Arco até á Praça.

CLXXXIV

Da minha janella á tua
E' uma vara medida;

Do meu coração ao teu
E' uma estrada seguida.

CLXXXV

D'aqui d'onde estou bem vejo
Dois botões em meio d'abrir:
São os olhos de meu bem
Que p'ra mim se estão a rir.

CLXXXVI

E's uma flor, um jasmim,
'Stou enlevado em teu rosto;
O bem-querer não tem fim,
Tu és amor do meu gôsto.

CLXXXVII

Eras meu bem? Não ha tal!
Foste meu mal, isso sim;
Tambem foste liberal
Em dares cabo de mim!

CLXXXVIII

Eu me desejo esconder
Debaixo do chão que eu piso;
E' tanta a minha desgraça,
Sem fallar, *descandaliso!*

CLXXXIX

Eu cuidava, com o tempo
Minha pena acabaria...
Mas ella vae em augmento
A toda a hora do dia!

CXC

Eu sósinha vivo bem
Sem dar cavaco á traição;
Se acaso não acreditas
Faze uma experimentação.

CXCI

Eu pedi a Deus dos ceus,
(Assim m'o queira fazer!)
'Té ao fim da minha vida
Ninguem ter que me dizer.

CXCII

Eu tenho uma carta feita...
Assim alguem m'a levasse
Ao amor da minha vida,
E nas mãos d'elle a deixasse!

CXCIII

Encontrei o sol, de noite,
Na rua dos Mercadores:
Quando o sol anda de noite,
Que fará quem tem amores!

CXCIV

Eu não duvido de amar,
No mundo, alguem, com fé;
Minha sorte está talhada...
Mas comtigo, amor, não é.

CXCV

Eu quero bem a um nome,
Mas a lettra não a digo;
Não quero que ninguem saiba
Por quem morro ou por quem vivo.

CXCVI

Eu qu'ria-te amar,
Mas tu não quizeste..
Eu não tive a culpa,
Tu é que a tiveste.

CXCVII

E's do ceu brilhante estrella,
E's da terra a luz do dia;
E's minh'alma, és minha vida,
E's a minha sympathia!

CXCVIII

Eu ausente e tu ausente,
Eu de ti e tu de mim;
Tu ausente d'uma rosa,
Eu ausente d'um jasmim.

CXCIX

Eu tenho á minha janella
O que tu não tens á tua:
Um vaso de violetas
Que dá cheiro a toda a rua.

CC

Eu te deixo, tu me deixas,
Ficâmos á bella paz;
Tu tens outra rapariga
E eu tenho outro rapaz.

CCI

Empenhou-se a natureza
Em tudo seres formosa;
Egual á tua pessoa,
Eu creio que não ha rosa.

CCII

Eu escrevi ao Cupido
Mandando lhe perguntar,
Se um coração offendido
Tem obrigação de amar?

CCIII

Eu já vi um Santo Antonio
Em cima d'um albricóque,
Com 'ma seringa na mão
Para seringar San Roque.

CCIV

Esta noite chovem pápas:
Oh moças, tragam colheres!
Quem quizer ouvir mentiras,
Chegue-se ao pé das mulheres.

CCV

Eu adoro a uma flôr:
E' singella mas é pura:
Por ella quero deitar
As faces á sepultura.

CCVI

Estas meninas d'agora
Já não nos mostram os dentes.
Anda agora muito em moda
Garibaldes de patentes.

CCVII

Esta noite, nem me eu deito,
Só a fim d'ouvir cantar;

Gósto d'ouvir o bem feito,
Em certo particular.

CCVIII

Eu não sei que sympathia
Minh'alma co'a tua tem!
Não me pede o coração
Senão que te queira bem.

CCIX

Eu não sei que mal eu fiz
Ao ladrão do meu amor!
Passa por mim, não me falla...
E' um falso, é um traidor!

CCX

Eu amei a um ingrato...
Esquecel-o, isso não;
Cada vez que n'elle fallo,
Palpita meu coração!

CCXI

Eu amava dois amores:
Deixei os por não ter geito;
Agora, nem um nem outro...
'Stá um cápêço bem feito!

CCXII

Eu quero bem e não quero
Dizer a quem quero bem;
Quero bem a um ingrato,
Dizel-o me não convem.

CCXIII

E's uma prata lavrada,
E's um oiro sem espuma,
E's uma rosa encarnada
Sem teres falta nenhuma.

CCXIV

Eu já fui ao Oriente,
Ao jardim de Salomão;
Vim de lá muito contente,
Vi muita rosa em botão.

CCXV

Eu tenho meu coração
Que nem uma bala o passa)
Coisas de contra vontade,
Manda a lei que se não faça.

CCXVI

Eu não canto para ouvir
Respostas ao consoante;
Eu canto p'ra divertir
Meu amor firme e constante.

CCXVII

Eu qu'ria ser boi, ou vacca,
Ou outro animal maior,
Qu'ria ir beber á bica
Onde bebe o meu amor.

CCXVIII

E's uma arca de vento,
Castello de phantasia;
Namoras dez ao serão,
Dás cavaco a cem, n'um dia.

CCXIX

E's bonita como a morte,
Alegre como um enterro,
Direitinha como um fuso,
Delicado como um cerro.

CCXX

Eu quero bem á desgraça,
Que sempre me acompanhou;
Tenho odio á ventura,
Que no melhor me deixou.

CCXXI

Eu fui, tu foste, nós fômos;
Fallei, fallaste, fallámos;
Eu vi, tu viste, nós vimos;
Amei, amaste .. e amámos!

CCXXII

Eu cuidava que a cabaça
Era a mulher d'algum home;
E' uma erva tão ruim,
Que até o gado a não come!

(Da tradição oral, em Serpa)

(Contínua) **M. DIAS NUNES.**

CONTOS ALEMTEJANOS

O hortelão e o môço

(Continúado de pag. 45)

QUANDO chegaram a casa, foram ápresença do pae, e o filho mias velho entregou-lhe o dinheiro, dizendo que era o ganho que elle tinha tido durante o anno. O filho do meio fez o mesmo. E, como o filho mais novo nada entregasse, o pae olhou para elle, e perguntou-lhe:—«Então tu o que ganhaste?» Diz o filho mais velho:—«Esse maroto, tudo quanto ganhou, gastou-o em vinho e no jogo.» O pae, suppondo que isto era verdade, perdeu a cabeça e pô-lo no meio da rua.

O rapaz, quando o pae o poz na rua, começou chorar e a dizer que tudo aquillo era mentira; e foi a poder de muitos pedidos da mãe que o pae o attendeu. Passados dias, o rapaz, vendo que o pae já estava mais maduro (brando), chamou-o e disse-lhe:—«O' pae, traga a nossa burrinha e uma gôrpêlha (golpêlha), e verá como traz muito dinheiro.» O pae fez o que o filho lhe disse, e pelo caminho disse ainda o rapaz:—«Pae, eu faço-me num galgo, e toda a caça que se levantar, hei de agarrá-la. No meio do mat-

to ha d'apparecer o rei, que anda numa caçaria com todos os vassallos; d'ao pé do rei ha de levantar-se uma lebre, e eu, em a agarrando, vou empinar-me ao cavalho delle, para lh'a entregar. O rei ha de ficar muito contente e ha de querer comprar-me. Vocemecê venda-me, mas peça muito dinheiro e diga-lhe que a colleira não entra na venda.»

Effectivamente aconteceu tal qual como o rapaz tinha dito. O rei comprou o cão, e o velho ficou com a colleira. O rei continuou depois a caçar, e, ao levantar-se uma lebre, o cão correu logo atraz della; mas ao dispôr (transpôr) duma altura, o cão fez-se num rapaz e sentou-se numa pedra. O rei, vendo que o cão não apparecia,foi á busca delle, e, encontrando o rapaz sentado, perguntou-lhe: —«O' rapaz, tu não viste passar aqui um galgo correndo atraz duma lebre?» —«Eu não senhor»— respondeu o rapaz. —«Eu tambem só agora aqui cheguei.» O rei continuou a procurar o cão, e o rapaz foi para casa.

(Continua)

(Da tradição oral — Brinches)

ANTONIO ALEXANDRINO.

Questionario sobre as crenças relativas aos animaes

Respostas

III

Em resposta a este questionario indicarei aqui, segundo os desejos dos redactores de *A Tradição*, os factos que me occorrem e que constam quasi todos de outros trabalhos meus, já impressos. Se rebuscasse, quer as minhas notas mss., quer o que se tem escrito sobre as nossas tradições populares, muitos mais factos poderia addicionar; mas por agora falta-me o tempo para isso.

1. Vid. as *Tradições populares de Portugal.*, § § 262, 268-a, 273, 274, 299.
2. Vid. as *Trad. pop. de Port.*, § § 264-*d* 287, 289, 297.
3. Vid. as *Trad. pop. de Port.*, § § 290, 292.
4. Cfr. *Trad. pop. de Port.* § 293.
5. Nada me occorre.
287, 289-*b* 284-*j*.
6. Vid. *Trad. pop. de Port.*, § § 286-f, 287, 289-b ; 284-j.
7. Vid. *Trad. pop. de Port.*, § 286f. e p. 196
8. Vid. *Trad. pop. de Port.*, § 279. Cfr. *Religião da Lusitania*, I, 247 e n.º 2. — Vid. tambem o quesito n.º 2.
9. Podem entrar na resposta a este quesito os seguintes factos: matança do porco em epochas mais ao menos fixas (*Trad. pop. de Port.* § 318 3) ; perus que se comem pelo Natal; gallos e cabritos que se comem no Entrudo.
10. Vid. *Trad. pop. de Port.*, § § 285 a 340-e, e p. 199.
11 Vid. *Trad. pop. de Port.*, § 330-e.
12. Em certas doenças chronicas come-se caldo de cobra, ou mesmo esta cosinhada com arroz (Beira-Alta).
13. Vid. *Religiões da Lusitania*, p. 113 sqq., e *Trad. pop. de Port.* § § 272-b, e 313. — Vid. o n.º 12
14. Em certas romarias vendem-se bolos que representam animaes, mas creio que nem já a isto se liga nenhuma ideia relativa aos santos.
15. Vid. *Relig. da Lusitania* p. 223, e *Trad. pop. de Port.* p. 309 e nota.
16. Não conheço exs. de as feiticeiras se transformarem em animaes; são as bruxas que se transformam: Vid. *Trad. pop. de Port.* § § 172, 302, 380-c.
17. De modo geral diz o povo que outr'ora os animaes fallavam (como todas as cousas): cfr. *Trad. pop. de Port.* § § 286-e (c 285) ; por isso o povo lhe attribue ainda certos ditos : ob. cit. p. 198, e §§ 323, 325. Para chamar os animaes usa o povo varias expressões que elles, pelo hábito, entendem : ob. cit., p. 190.
23. Creio que nada existe, mas ha muitas tradições em que se estabelecem intimas relações physiologicas entre o homem e os animaes: tratéi d'isso em 1881 num artigo intitulado «Cosmogonia popular portugueza», impresso em folhetins d-*A Vanguarda* (de Lisboa) n.os 39 e 40; cfr. *Trad. pop. de Portugal*, § 334.
19. Nada me occorre especial ás crianças. De modo geral diz-se que no 1.º de Maio se devem comer castanhas *para o burro nos não levar* (Beira-Alta).
20. Supponho que nada ha em Portugal a este respeito.
21. Vid. *Trad. pop. de Port.* § 335-2; cfr. a mesma obra. § 335-n-f'-i'.
22. Cf. *Religiões da Lusitania*, vol- I, 119 nota; e *Trad. pop. de Port.*, § § 323-f, 313, 323,-b. 325-d.
23. Parece-me que nada ha.
24. Vid. *Trad. pop. de Port.*, § § 314, 324-g.
25 Vid. *Trad. pop. de Port.*, § 234-b, e nota 80, e § 280-*h*.

Querendo algum leitor d-*A Tradição* entrar em mais amplos desenvolvimento, ahi lhe ficam essas notas que o poderão ajudar.

Lisboa, 2-IX-1900.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

ANNO III

VOLUME III

N.º 5

SERPA, Maio de 1901

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel*, *Doutor Adolpho Coelho*, *Alfredo de Pratt*, *Alvaro de Castro*, *Alvaro Pinheiro*, *Alves Tavares*, *Antonio Alexandrino*, *Doutor Athaide d'Oliveira*, *Castor*, *Conde de Ficalho*, *C. Cabral*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *Filomatico*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *Lopes Piçarra*, *D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª)*, *Miguel de Lemos*, *Paulo Osorio*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *Ramalho Ortigão*, *D. Sophia da Silva (Dr.ª)*, *Dr. Souza Viterbo*, *Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires*.

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.)*, *Alfredo de Pratt*, *Alvares Pinto*, *Antonio Alexandrino*, *A. de Mello Breyner*, *Arronches Junqueiro*, *Doutor Athaide de Oliveira*, *Conde de Ficalho*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *J. J. Gonçalves Pereira*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *D. Margarida de Sequeira*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Cóvas*, *R.*, *Doutor Souza Viterbo*, *N. W. Thomas*, *A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*.

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

Anno III — N.º 5 SERPA, Maio de 1901 Volume III

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

NOTAS HISTORICAS ÁCERCA DE SERPA

X

A alcaideça Saluquia

As campanhas de D. Sancho II haviam levado a fronteira portugueza desde Elvas pelo valle do Guadiana abaixo até ao mar do sul. As duas margens do rio pertenciam-nos: Moura, Serpa, Ayamonte ao lado esquerdo, Mertola, Cacella, Tavira ao lado direito. Os moiros de Silves e de Faro tinham as communicações cortadas por terra com os de Niebla, Cadiz e Sevilha; e só por mar podiam receber d'ali socorros, naturalmente incertos, dadas as condições da rudimentar navegação do tempo.

Isto, seja dito de passagem, tornava imminente para elles a perda do resto do Algarve, onde mal se poderiam manter n'aquella especie de isolamento. De modo, que a posterior conquista do Algarve por D. Affonso III, tão altamente celebrada pelos nossos velhos historiadores, não foi mais do que a consequencia forçada das emprezas de D. Sancho II, tão injustamente amesquinhadas pelos mesmos historiadores. D. Sancho II foi o verdadeiro conquistador do Alemtejo; e o seu reinado marca na historia da nossa região uma epoca de transformação *definitiva*.

Effectivamente o que então se ganhou não se tornou a perder. Em tempos antigos, Serpa havia sido tomada por Affonso Henriques mas logo depois perdida. Parte do Algarve havia sido dominada por Sancho I mas depois reconquistada pelos arabes. D'esta vez, Serpa, Moura, Mertola ficaram na posse dos christãos definitivamente e até hoje [1]. E' clarissimo, que este caracter permanente das conquistas no periodo a que chegámos não deriva, nem exclusivamente, nem mesmo principalmente, do esforço do rei e dos seus cavalleiros, por mais energico e heroico que esse esforço fosse; tem outras causas muito mais fortes e muito mais geraes. Explica-se pela decadencia progressiva do poder mussulmano no Andalús e no Maghreb; explica-se pela acção, parallela á nossa, de Fernando III, que, além de um santo canonisado, foi inquestionavelmente um grande rei; explica-se por muitos factos da historia do tempo, evidentemente fóra da alçada d'estas modestissimas Notas. Simplesmente succedeu, que Serpa foi tomada em um momento de transformação definitiva, e por isso ficou *definitivamente* christan.

---

[1] Veremos em notas seguintes, porque motivo é mais exacto dizer dos *christãos*, que dos *portuguezes*.

Feita esta advertencia, necessaria porque n'aquelle meiado do seculo XIII se deu uma funda alteração na vida e na historia da margem esquerda, e Serpa deixou de ser contestada entre christãos e moiros, para ser contestada entre portuguezes e leonezes; feita — digo — esta advertencia, devemos seguir na nossa narrativa. Antes porém, há outra advertencia a fazer, e um pouco mais longa.

Dissémos logo no começo, quanto estas Notas deviam ser singelas e superficiaes, destinadas apenas a darem em um periodico local algumas noticias de interesse local. Sem ideia de percorrer archivos em busca de solução a pontos duvidosos, ou de nos alargarmos em discussões criticas, incompativeis com a indole da publicação e com o espaço de que dispõe, unicamente quizémos dar uma narrativa, incompleta mas quanto possivel clara, e sobretudo exacta, do que se tem passado em relação á nossa terra. E comprehenda-se bem o que entendemos por esta expressão, uma narrativa *exacta* — quer isto simplesmente dizer *tão exacta* quanto o conseguimos fazer. Deixámos sempre de parte o que nos pareceu lenda, phantasia, invenção interessada ou simplesmente litteraria — e a nossa historia é fertilissima em tudo isto — para narrar só o que nos pareceu provado ou pelo menos muito provavel.

Deveriamos talvez explicar a rasão da nossa escolha, os motivos porque nem nos referimos ás vezes a factos mencionados em Chronicas e Livros de auctoridade relativa; mas isso mesmo nos levava muito longe. E já que esta Nota vae adeantada, dediquemos o espaço que ainda nos resta, a discutir, como exemplo, uma lenda da margem esquerda do Guadiana, e veremos quanto é difficil em muitos casos — em alguns impossivel — deslindar e separar a verdade historica das *invenções* historicas. Este exemplo pode servir de desculpa para o facto de termos passado em silencio outras lendas, pois a discussão de todas seria interminavel.

Em varios livros portuguezes antigos—relativamente antigos—se encontra uma historia que diz respeito á margem esquerda do nosso rio, e que, abstrahindo de algumas variantes, é em substancia a seguinte.

Uma rapariga mussulmana, chamada Saluquia, governava militarmente, era *alcaideça* do castello de Moura. Seu pae, por nome Buaçon, poderoso senhor moiro n'aquelles contornos, havia levantado o castello das ruinas em que se achava, e havia lh'o dado para seu casamento, como uma especie de dote. Effectivamente, um moiro chamado Brafama, senhor do castello de Arôche, ajustou-se a casar com Saluquia, ou no desejo de possuir o castello, ou seduzido pelos encantos pessoaes da rapariga, porque nada nos impede de imaginar que ella fosse muito bonita. No dia marcado para os desposorios, vindo Brafama de Arôche para Moura, dois cavalleiros portuguezes sairam-lhe ao caminho com os seus homens de armas e soldados e mataram-no assim como a todos os moiros que o acompanhavam. Vestiram-se os portuguezes nos trajos moiriscos dos mortos, e vieram a caminho de Moura, fingindo ao longo da estrada escaramuças de alegria — uma especie de *fantasia* arabe. Saluquia estava em uma alta janella do seu castello, esperando o namorado; viu vir de longe aquella comitiva de festa; e só mesmo á chegada conheceu serem inimigos e christãos. Desesperada e não querendo ficar cativa, lançou-se da janella e caiu em baixo morta. Os portugueses, n'aquelle primeiro momento de confusão, entraram as portas e apoderaram-se da fortaleza.

Logo á primeira vista, toda a historia tem ares de uma pura e simples lenda; e de uma lenda de origem christan, inventada e bordada por quem já não tinha um conhecimento muito intimo e muito completo dos habitos e modo de viver dos moiros.

COSTUMES & PERSPECTIVAS

(Cliché de Mello Breyner)

A notavel villa de Serpa vista do nascente

Aquella rapariga, governando o seu castello, esperando na janella o namorado, pode lembrar uma nobre senhora de sangue neo-godo, assomando-se ás ameias da torre de menagem como Miraguarda em Almourol, para ver ao longe o cavalleiro que a requestava; mas tudo isto está em perfeito desaccordo com os habitos dos moiros, e com a posição subordinada e enclausurada da mulher na sociedade mussulmana, tanto mais enclausurada quanto mais alta era a sua jerarchia. O proprio sentido em que se toma a palavra alcaide é christão; os moiros chamaram cáid *(al-cáid)* ao chefe de uma região ou districto; e foram os christãos da Peninsula, quem, ao adoptarem a palavra, lhe deram o sentido mais restricto de governador de um castello. Quanto á fórma feminina *alcaideça*, escusado será dizer que é puramente portugueza.

Algumas provas adduzidas em abono da historia, pouco ou nenhum valor tem. Por exemplo, a que é tirada das armas de Moura, nas quaes figura uma torre com uma mulher morta ao pé, não prova nada, ou prova simplesmente que as armas derivam da lenda. A ideia, de que a fortaleza era conhecida nos arredores pelo nome de *Castello da Moura*, e por isso se ficou chamando Moura, tambem é infeliz. Qualquer que seja a origem do nome Moura, o que parece certo, é ser um nome já conhecido e corrente antes da primeira conquista por D. Affonso Henriques. [1] Tudo, pois, nos levaria a collocar a historia da alcaideça no dominio nebuloso das lendas puras, se um antigo documento não viesse dar-lhe á primeira vista certa confirmação.

Esse documento, que obrigou fr. Antonio Brandão a incluir a historia de Saluquia na *Monarchia Lusitana*, é uma doação da senhora D. Brites, filha bastarda de Affonso o Sabio, rei de Leão e de Castella, e mulher de Affonso III de Portugal. Esta senhora, estando em Sevilha já depois de viuva, doou no anno de 1284 o castello de Moura ao seu vassalo e *parente* (os sublinhados são nossos) D. Vasco Martins Serrão. Fez a doação em paga de serviços prestados por D. Vasco Martins e sua mulher, accompanhando-a nas jornadas por Portugal e Castella; em attenção tambem aos serviços, feitos a D. Affonso III na conquista do Algarve pelos irmãos de Vasco Martins, D. fr. Pero Martins, mestre de Santiago, e D. fr. Alvaro Martins; e considerando egualmente, como D. Alvaro Rodrigues, e seu irmão D. Pedro Rodrigues, *avó* de D. Vasco Martins *tomaram o Castello de Moura á alcaideça d'elle matando lhe o desposado no caminho*, *o qual* (o Castello de Moura) *teve e defendeu com os seus amigos e soldados emquanto o não largou á ordem do Hospital por consentimento dos reis.* [1] Aqui temos, pois, a lenda da alcaideça apparentemente confirmada por um documento, e passando a ter os fóros de facto historico.

Como se vê, o documento deixa a data da conquista no vago; tão completamente no vago, que fr. Antonio Brandão se lembrou de collocar o successo no tempo de D. Affonso Henriques, e depois se arrependeu e o transferiu para o reinado de D. Affonso II, deslocando-o assim de mais de quarenta annos.

A primeira ideia de Brandão, apresentada na *Terceira parte da Monarchia Lusitana*, é a mais geral-

[1] O *Livro de Noa*, antiquissimo, contemporaneo ou quasi do successo, diz que foram tomadas *mauram et serpam*. A *Chronica Gothorum* do mesmo modo *Mauram et Serpam*. O *Chronicon Lamecense* egualmente *maura (sic) et Serpa*. Assim como *Serpa, Maura* ou Moura parece ser já então um nome bem conhecido; e a maneira corrente de o mencionar, não dá a entender que fosse inventado então, e derivado de uma circumstancia da propria conquista.

[1] Pareceu-me inutil conservar a orthographia do documento; mas dou exactamente as proprias palavras.

mente seguida. João Baptista Lavaña, o conhecido annotador do *Livro* chamado do *Conde D. Pedro*, fundando-se na citada doação da rainha D. Brites, e na instituição de uma capella — documento, que, por signal, não foi encontrado depois—quiz identificar o fidalgo que tomou Moura com D. Pedro Rodrigues de Guzmão. Por este modo se explicaria o parentesco do seu neto, Vasco Martins, com a rainha D. Brites, que era filha de D. Mayor Guilhem de Guzmão. D. Pedro Rodrigues de Guzmão — diz Lavaña — foi rico-homem de Affonso VIII, andou com Affonso Henriques na guerra aos moiros, e é provavel ser este o que tomou Moura no anno de 1165, aliás 1166. [1]

Muitos annos depois da Lavaña e de Brandão, o tão diligente investigador quanto confuso escriptor, José Anastacio de Figueiredo, parece seguir o mesmo caminho. Digo *parece* porque o seu estilo é tão enredado, cortado de tantas duvidas, hesitações, orações incidentes e parenthesis, que a maior parte das vezes é difficil e algumas impossivel saber onde elle quer chegar. Na seguinte phrase, que para o seu costume não é muito confusa, admitte, porem, a conquista no tempo de D. Affonso Henriques: «... «nem repugna entendermos ser o pri- «meiro D. Pedro Rodrigues de Gus- «mão *avóo* de D. Vasco Martins, não «taxativa, mas quasi exemplificativa- «mente (como dizem); isto é: algum «dos Avós e Maiores Ascendentes «d'aquelle cunhado do Commendador «Farinha; e o Rico-homem, que ga- «nhasse Moura no tempo do Snr. D. «Affonso Henriques». [2]

Este modo de ver levanta innumeras difficuldades secundarias de datas, nomes, parentescos, idades e outras, que não vale a pena examinar; mas levanta uma difficuldade capital, que é necesserio apontar. A doação affirma, que o castello de Moura foi *mantido* desde a sua conquista até ser entregue aos cavalleiros do Hospital. Sem procurar agora quando foi aquella entrega, o que é certissimo, é que só poderia ser depois do anno de 1232. Teriamos, portanto, um pequeno castello na margem esquerda do Guadiana, conservado na posse dos christãos durante o periodo de 1166 a 1232, o que é absolutamente inadmissivel. Nem por um momento é licito imaginar, que se mantivesse aquella posição nos reinados de D. Sancho I e D. Affonso II; quando o Alemtejo todo era dos moiros, e os colossaes exercitos dos khalifas o corriam de lado a lado.

Em vista de todas estas difficuldades, que lhe pareceram e com rasão insuperaveis; fr. Antonio Brandão abandonou a sua primeira ideia, e na *Quarta parte da Monarchia Lusitana* collocou a historia de Saluquia no reinado de Affonso II. Mas a verdade é, que as difficuldades subsistem para esta segunda theoria. A fóra a tomada de Alcacer, todo o Alemtejo continuava a ser dos moiros, os quaes tinham Elvas, Badajoz, Juromenha e em geral tudo para sueste de Evora; e a impossibilidade de *manter* Moura continuava a ser exactamente a mesma. E' o que A. Herculano exprime em uma phrase, que não podemos deixar de citar textualmente, por que resume a situação com a maior clareza: «Em qualquer hypo- «these, — diz elle — é militarmente «impossivel que em tempo de Affon- «so II se houvesse conquistado e «*conservado* um castello além do Gua- «diana a muitas leguas das fronteiras, «então actuaes, dos estados christãos, «entre cujos territorios e Moura fica- «vam fortes e importantes povoações «sarracenas». [1]

[1] *Nobiliario de D. Pedro, conde de Barcelos*, nota E a p. 104; e nota A a p. 334.
[2] *Nova Malta portugueza*, II, 65.

[1] *Hist. de Portugal*, II, 485 — N'esta pagina, A. Herculano diz simplesmente, que a historia de Saluquia tem «visos de uma lenda»; mas na *Introducção* aos *Livros de Linhagens* colloca-a francamente entre «as in-

Na impossibilidade de conciliar as affirmações da doação com os factos provados da historia, ficamos em face de duas soluções: ou a Senhora D. Brites e quem por ella escreveu se enganaram, o que não parece provavel, tratando-se de uma circumstancia importante, e de successos, então, relativamente recentes: ou o documento é falso. Quem abre a porta para esta solução mais radical, é José Anastacio de Figueiredo, mencionando uma nota manuscripta de Lousada, na qual este nega a authenticidade do documento. O testemunho de Gaspar Alvares de Lousada é importante, porque este Escrivão do Archivo era bastante perito em taes assumptos, e alem d'isso devia conhecer bem um documento falso, pois não se livra da fama de ter forjado alguns.

Ainda que estas Notas sejam mais de generalisação que de investigação; e eu não tenha nem tempo, nem sobretudo a aptidão necessaria para fazer pesquizas nos archivos; o caso pareceu-me bastante curioso para me levar á Torre do Tombo. Lá está a doação de Moura a Vasco Martins Serrão, lançada no *Livro I de Doações de D. Affonso III*, a fol. 144 v.º, e repetida mais em resumo a fol. 161 v.º; [1] e lá está a seguinte nota, que parece ser da lettra de Lousada: *hé impostura por má guarda dos officiaes passados.*

Não sendo, nem me dando por conhecedor n'estes assumptos, só posso dizer muito singelamente o que vi. Tanto na fol. 144 v.º. como na fol. 161 v.º, a doação parece estar lançada nos intervallos de outros documentos, aproveitando-se para isso as partes das folhas de pergaminho que ficaram em branco. A lettra imita a dos documentos que precedem e que seguem, mas é diversa, menos perfeita e cuidada. A tinta tambem é diversa, muito mais pallida. A primeira impressão, para um profano como eu sou, é de que Lousada tinha toda a rasão e aquelles documentos são falsos.

Se a nota manuscripta, acima copiada, é de Lousada, a falsificação já estava feita no seu tempo; mas podia ser pouco anterior, decerto já do XVI seculo. Porque se fez a falsificação—se houve falsificação, o que julgo provado para mim, mas me não atrevo a affirmar — porque se fez a falsificação? Talvez porque houvesse interesse material em a fazer; talvez só para firmar a lenda n'aquella epoca em que tantas lendas se inventaram e tantos documentos se forjavam.

Escolhemos esta lenda para a examinar e muito ao de leve: porque pertence ás terras da nossa margem esquerda: porque é das que teve mais acceitação, sendo recebida de braços abertos por fr. Bernardo de Brito e outros de egual criterio; collocando em embaraços o exacto fr. Antonio Brandão, que andou com Saluquia ás costas de reinado para reinado sem saber onde melhor a collocar; e dando ainda que pensar ao exactissimo e escrupulosissimo José Anastacio de Figueiredo. Por este exemplo se vê quanto taes discussões são longas e seriam descabidas nas nossas curtas Notas; e assim iremos seguindo singelamente o pouco que se sabe e apura dos documentos dignos de fé.

Posta de parte a doação da rainha D. Brites cae toda a lenda de Saluquia; e o que ficamos sabendo em relação á conquista de Moura, é simplesmente o que dissémos na Nota anterior — é pouquissimo mas é seguro.

CONDE DE FICALHO.

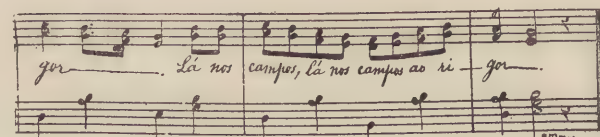
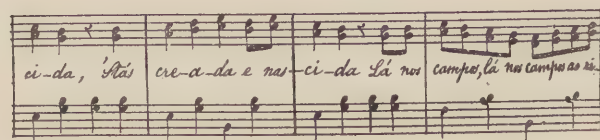
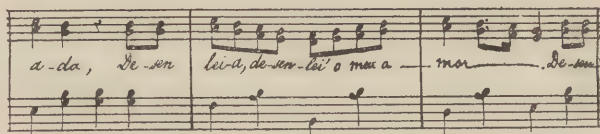
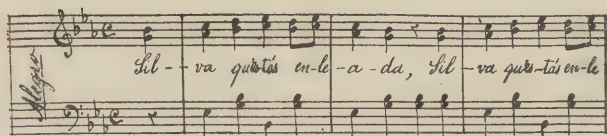
---

venções dos fabricantes de burlas». (*P. M. H. Serptores*, p. 137)

[1] E' o I da *Chancellaria de D. Affonso III*. Foi citado incorrectamente por erro de imprensa a pag. 54, como «Livro de D. Affonso III, 3.º»; e fica notado o erro.

CANCIONEIRO MUSICAL

V

Silva, que estás enleada

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(CHOREOGRAPHICA)

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

SILVA, QUE ESTÁS ENLEADA

Silva, que estás enleada,
Desenleia o meu amor!
'Stás creada e nascida
Lá nos campos ao rigor.

Serpa

M. DIAS NUNES.

TYPOS POPULARES DO PORTO

O Apanha-alminhas — O Cartola de Villa Nova

Ao evocar as recordações da minha infancia e da minha mocidade, nem sempre resurgem nitidas como as imagens colhidas em flagrante pela machina photographica. Perpassam nebulosamente na minha phantasia como uma pulverisação etherea de via-lactea, como vultos diaphanos e intangiveis, circumdada a fronte pensativa por um nimbo de saudade. A memoria é como um herbario, onde as nossas impressões se archivam como plantas seccas, que já não recreiam os sentidos, mas que satisfazem a curiosidade dos naturalistas. Ha cousas todavia que se depositam inalteraveis, conservando o seu viço e frescura primitiva, sendo phenomeno tanto mais para admirar quanto é certo que raras vezes houve da nossa parte o proposito de reter a impressão ou de perpetuar a imagem, que nos deliciam agora com a sua lembrança carinhosa. E passando em revista essa legião sonhadora, que desfila quasi involuntariamente aos nossos olhos nos momentos de concentração devaneadora, como a gente sente pena de não poder retroceder ao passado para melhor analysar esses factos, para interrogar essas esphynges, que tanto nos atormentam agora com os seus mysteriosos e impenetraveis olhares! O que nos parecia então indifferente e insignificante desperta hoje em nós uma anciedade indifinivel, como quem vae atraz d'uma sombra, que nos foge esquiva de continuo, negaceando-nos com o seu manto de nevoas, como o toureiro negaceia o boi com a sua capa encarnada. Parece uma especie de tormento do guloso, que tendo-se banqueteado á farta n'uma festa de gala, rememora no dia seguinte, penalisado, as iguarias, em que deixou de tocar, por já lh-o não consentir a sua gargantuice d'abbade plenamente satisfeita.

Se a evocação do passado me representa as cousas envoltas n'uma neblina mais ou menos translucida, tem esta pintura a distancia uma inquestioonavel vantagem e um intraduzivel encanto. Desgastaram-se as cruas arestas do realismo e em vez da saliencia rude das formas, tantas vezes repugnantes, fica-nos um contorno incerto, mas ondulante e poetico; em vez dos per- fumes acres, que estonteam e envenenam, um aroma suave, fino e subtilque penetra no nosso organismo como parcella de essencia divina.

Nos meus tempos de creança e de rapaz conheci no Porto alguns typos populares, que se prestariam hoje a um bello estudo de psychiatria, mas que eu não posso reproduzir senão em escorço pittoresco, na rapida variabilidade d'um kaleidoscopio. Essas personagens da rua, limo da maré social, ajudam a caracterisar uma povoação e o sentimento d'uma dada epoca. O *Manuelinho d'Evora*, por exemplo, é o percursor da revolução de 1640.

Um d'esses typos chamava-se o *Apanha-alminhas*. Creio que fôra homem de alguns haveres, como o denunciava ainda uma certa distincção no trajo andrajoso e no porte, não sabendo eu apreciar que infortunio ou que desgosto lhe produzira o inoffensivo desiquilibrio mental, uma das mais originaes manias que tenho co-

nhecido e que talvez fosse causada por influencia de fanatica educação religiosa. Tinha o quer que fosse de ascetico na sua physionomia e como que caminhava no vago, abstraido do mundo real, cogitando em alguma cousa superior. De quando em quando abaixava-se rente ao solo, simulando colher na rua alguma cousa, como quem apanha uma mosca, lançando depois esse invisivel objecto na copa do chapeu alto. Era uma alma que recolhia na sua perigrinação. A garotada, na sua impulsiva e inconsciente tyrannia, apupava-o, mas elle mostrava-se indifferente e proseguia inalteravel na constante via-sacra.

A'quelle tempo existia e creio que existe ainda hoje—talvez transformada e em posse de novo possuidor—a meio da calçada dos Clerigos, á direita de quem sóbe, uma loja de fazendas e miudezas, muito afreguezada e conhecida vulgarmente pelo nome de loja do *alminhas* ou das *alminhas*. O epitheto vinha-lhe de ter sobre a porta central um retabulo ou oratoriosinho com o painel das almas, a que todas as noites se accendia uma lampada.

Nas provincias do norte, sobretudo no Minho, é muito commum ver-se nas estradas, e até em caminhos pouco frequentados, paineis com os tormentos do purgatorio, com disticos em que as almas imploram a caridade dos transeuntes. Algumas vezes acha-se appensa a caixa das esmolas, o que redunda n'um razoavel beneficio para o devoto explorador que assim arma a sua rêde á crendice popular. Um estudo comparativo de todos estes paineis, com a sua epigraphia extravagante, com a sua representação picaresca das torturas infernaes, daria uma ideia muito curiosa da ingenuidade esthetica do nosso povo, da sua cultura intellectual e moral, do estado dos espiritos rudes e crentes sob o ponto de vista artistico, litterario e supersticioso. Ao *folklorismo* nacional recommendo a tarefa, que não será de todo improductiva. Pelo menos talvez se podesse organisar um album de imagens grotescas, sim, mas caracteristicas, d'uma importante significação piedosa e ethnologica.

Outro typo — o *Cartola* de Villa Nova. Parece que ainda está soando aos meus ouvidos a toada da sua habitual e monotona cantilena, embora, confesso-o, a sua figura me tenha desapparecido completamente da retina. Em todas as tardes assoalhadas de domingo, quer de inverno quer de verão, lá vinha elle de Gaya atravessando a ponte-pensil, a Ribeira, a rua de S. João, a das Flores, o largo de S. Bento, a Praça Nova ou de D. Pedro, voltando-se para as janellas e improvisando as suas cantigas, que principiavam sempre pelo estribilho:

Cartola, cartola,
Cartola de Villa Nova.

Poucos lhe recusavam esmola. Aquellas tardes domingueiras davam-lhe feria para toda a semana.

A personalidade do *Cartola* ficou ligada, ainda que indirectamente, á vida litteraria e politica do Porto. Um incidente bastante ruidoso, embora passado no recinto d'um theatro, contribuiu para perpetuar d'algum modo aquella passageira celebridade das ruas. Eu lhes conto summariamente o caso.

Em dezembro de 1863 el-rei D. Luiz e sua augusta consorte a sr.ª D. Maria Pia visitaram o Porto e dignaram-se, na noite do dia 3, assistir no theatro Baquet, de tão infausta memoria, a um espectaculo em favor dos typographos e dos tecelões, aos ultimos dos quaes a crise algodoeira collocara n'uma dolorosa situação. No intervallo do 1.º para o 2.º acto, um *mancebo inexperiente das boas praticas sociaes*, recitou uma poesia, que produziu extremo alvoroço em toda a sala, mais que alvoroço, um verdadeiro escandalo. Eu não tenho presente a poesia, que causou tamanha excitação, mas, se me não engana inteiramente a reminiscencia, creio que

ella se limitava a incitar o joven monarca a que seguisse as fraternaes pisadas de D. Pedro V, a quem o Porto prestara ferveroso culto, e cuja perda prematura causou ali profunda commoção. Mas ou porque o poeta não traduzisse convenientemente o seu pensamento, ou porque o publico não interpretasse bem o seu proposito, que talvez não implicasse a menor censura ou sequer o desejo de lançar na festa uma nota desagradavel, como quer que seja, o que é certo é que a onda da indignação passou pela cabeça de todos os espectadores, até que outro poeta, que chegou a gosar de bastante popularidade, sobretudo na colonia portugueza do Brazil e que media mais gostosamente os versos que os pannos na paterna loja de mercador, á rua das Flores, fazendo-se ecco de indispensavel desagravo, recitou duas quadras de protesto, que excitaram o maior delirio. Os episodios d'essa noite ficaram registados nas columnas do *Jornal do Porto* pela prosa faiscante de Ramalho Ortigão, que era o chronista d'aquella importante folha, onde collaboraram tantos homens de valor, o mais insignificante dos quaes, se com elles se pôde enfileirar, é o obscuro signatario d'estas linhas. Pinheiro Caldas, publicou o seu *Desforço* no seu volume de *Poesias*, impressas no Porto em 1864 addiccionando-lhe em nota a narrativa do brilhante companheiro de Eça de Queiroz.

Ramalho occultara o nome do poeta iconoclasta da realeza, mas alguem que eu ignoro quem seja, na orientação de Pinheiro Caldas e fazendo-se paladino da desafronta, deu á luz um folheto com uma poesia satyrica parodiando a que tamanha celeuma levantára no Baquet. Ahi se comparava o seu autor ao Cartola, incitando-o a que o imitasse:

Imita-o Zé-Diogo... Este Zé Diogo era José Diogo Souto, que depois se evidenciou mais de uma vez, já em lanços identicos, já n'outros a que não foi extranha a sensibilidade amorosa d'uma interessante menina da colonia extrangeira portuense. Por occasião da celebração do centenario Camoneano no Palacio de Cristal, Souto recitou uns versos, que destoavam absolutamente da encomiastica e louvaminheira toada geral. Festejamos hoje Camões — philosophava — mas se elle voltasse outra vez ao mundo, talvez lhe correspondessemos com a mesma justiça e com o mesmo carinho com que os seus contemporaneos o trataram. D'esta feita os versos foram apreciados devidamente, cobertos de applausos, que fariam, se fosse necessario, esquecer os apôdos e os dissabores do theatro Baquet.

Em 1863 o Porto era ferranhamente monarchico e ninguem descortinava sequer os longiquos prenuncios da aurora revolucionaria de 31 de janeiro. Não admira, por conseguinte que a poesia de Souto fosse considerada inconveniente, susceptibilisando a tal ponto a delicadeza palaciana dos meus conterraneos. Hoje, lida serenamente, estou persuadido que ninguem encontraria offensa no que apenas se poderia considerar um desejo de se afastar um pouco das triviaes formas aduladoras.

O epitheto de *Cartola*, postoque immerecidamente, parece ter acompanhado Souto, a ajuisar por um telegramma do Porto para uma folha de Lisboa, annunciando a sua morte. Eu não tivera a ousadia, ou antes impiedade, de reproduzir estes factos, embora do dominio publico, se imaginasse que elles poderiam por qualquer modo melindrar a memoria, ou offuscar o bom nome de José Diogo Souto; pelo contrario, eu entendo que elles nada o prejudicam, antes podem servir de realce á sua reputação litteraria. O tempo liquida tudo, faz justiça a todos, e nivella as acções dos homens, como succede n'este caso, contrabalançando com os merecimentos reaes o que possa haver de menos puro em qualquer caracter, de menos perfeito em qualquer intelligencia.

Eu convivi muito pouco ou quasi nada com Diogo Souto e só passados bastantes annos é que me encontrei frequentes vezes com elle em Lisboa, homem feito, extinctas as verduras da mocidade, entregue exclusivamente aos seus negocios. O bohemio, o curioso das letras, o conquistador, transformara-se n'um agente de emprezas e concessões. Nos momentos de descanço que lhe deixavam as suas lides quotidianas, estacionava na Havaneza. O restante do dia vel-o-hieis na Arcada, nas secretarias, nos corredores da camara, fallando a um ministro, segredando com um deputado, apertando afavelmente a mão a este, dizendo adeus sorridente para aquelle. Dir-se-hia um d'estes influentes politicos da provincia, que, quando chegam a Lisboa, produzem oscillações no barometro ministerial. Tinha engordado sem perder todavia a linha de sua habitual elegancia. De constituição apparentemente robusta, soffria bastante d'um padecimento chronico, que lhe dava relances de melancolia e desalento. N'uma das ultimas vezes em que estiveramos cavaqueando, fallou-me elle d'um artigo que eu publicara no *Diario de Noticias* acerca da nossa lingua. Era um assumpto que elle versava com gosto e proficiencia e estou persuadido de que entre os seus papeis algumas notas interessantes se devem encontrar sobre esta materia.

Não sei se J. Diogo Souto tirou correspondentes lucros das suas afanosas emprezas ou se as suas fadigas não foram tão fructiferas como seria para desejar. A sua e a minha doença tinham-nos posto, para assim dizer, fóra do meio circulante e eu nunca ousei tomar a confiança de penetrar na sua vida intima. O que sei é que tive de assistir mais uma vez a este funebre desfilar ininterrupto d'aquelles a quem se estima e que fazem parte constituinte da atmosphera moral que respiramos. Custa já a acumular no coração tantas folhas de saudade. José Diogo morreu em Mathozinhos a 27 de fevereiro. Expirou, como lampada n'um oratorio, na santidade da familia, que o estremecia e que era seu unico anhelo.

Lisboa, 6-3-1901.

SOUSA VITERBO.

JOGOS POPULARES

O Algorovão [1]

Eis um jogo que, sem duvida, nos foi transmittido de remotas eras, e que apesar d'isso, ainda ha bem pouco tempo o viamos praticar com muita frequencia, tanto nas noites de inverno como nas de verão.

O logar preferido para o jogo do algorovão é o adro da egreja. Os rapazes, uma vez alli reunidos, diz um d'elles para o grupo:—«Vamos jogar ao alguerévão?» — «Vamos» — respondem os outros. E dito isto, tratam immediatamente d'indicar pelo processo da pedrinha, já descrito, qual dos circumstantes tem de representar o papel *d'algorovão*. No interior do adro, marca-se um pequeno recinto chamado *coito*, dentro do qual só fica o algorovão; todos os demais jogadores saltam para fóra. Os rapazes depois põem-se a dançar em volta do coito, gritando: — «salta o alguerévão! salta o alguerévão!...» O algorovão excitado por estes atrevidos desafios, sae do coito em perseguição dos seus buliçosos provocadores, até agarrar um. Em seguida, algorovão e prisioneiro dão-se as mãos e correm sobre os outros rapazes para tambem os apanharem.

Os jogadores que são agarrados vão logo passando para a classe dos algorovões; e estes, sempre de mãos

[1] *Algorovão*, ou *alguerévão* como diz o povo, é um termo arabe que serve para designar uma determinada ave. O vulgo tambem o applica a qualquer pessoa alta e magra.

dadas, proseguem sem cessar na sua taréfa de prender os parceiros. E' necessario que os algorovões não se larguem, porque se tal succede, os perseguidos voltam-se aos perseguidores e toca a bater-lhes com lenços torcidos.

Quando os algorovões são muitos, como é de preceito darem-se as mãos, formam, é claro, um longo cordão, que os restantes jogadores ainda livres tentam romper. Comprehende-se o empenho que estes mesmos jogadores tentam em romper o cordão, porque só assim elles pódem satisfazer o seu appetite dando bastas e rijas lençadas.

Desde que os algorovões se vejam desligados, o unico recurso que têem para escapar ao ataque dos seus adversarios, é refugiarem-se no coito, que é inviolavel.

*
* *

O jogo do algorovão, simples e alegre, como acabâmos de ver, distingue-se por uma certa particularidade. E vem a ser a lembrança de chamar *algorovões* aos rapazes pertencentes ao grupo dos perseguidores.

Porque tomou este jogo o nome de *algorovão?* Haverá nas crenças e superstições populares, ou mesmo nas lendas, alguma coisa que o explique? Ou tratar-se-ha apenas duma circumstancia meramente accidental, sem a menor ligação com outros factos historicos?

Qual d'estas duas hypotheses seja a mais provavel, não sabemos, tanto mais que os dados da ethnographia local são, a tal respeito, completamente nullos. A' sabia investigação dos ethnologos compete esclarecer este ponto, que não deixa de ser interessante.

(Brinches)

LADISLAU PIÇARRA

Crenças & Superstições

N'ESTA freguezia, quando qualquer creança de peito é má, isto é, está sempre a chorar, é costume levá-la a mãe á egreja, para a rebolar no altar de N. S. da Conceição. A creança torna-se mansa desde que seja ali rebolada até urinar-se toda.

*
* *

Quando alguem tem cravos nas mãos e quer livrar-se d'elles, usa da seguinte prática: mette tres pedras de sal dentro d'um panninho e vai deixál-as junto da fonte, depois volta para casa, mas sem olhar para traz. Qualquer pessoa que depois vá á fonte e, por curiosidade, pégue no dito panninho, é para essa pessoa que passarão os referidos cravos.

*
* *

Se uma pessoa tiver sardas e quizer eliminál-as, póde recorrer ao seguinte processo, que é muito simples: colloca-se ao pé d'agua e chama para junto de si qualquer outra pessoa, mostra-lhe o seu retrato reflectido na agua, e isso basta para que a segunda pessoa contráia as sardas que affectavam a primeira.

*
* *

Quando uma mulher se vê a braços com um parto laborioso, é costume ir o seu marido dar sete badaladas no sino da torre, puxando a corda do sino com os dentes.

*
* *

Se uma mulher tiver sete filhos a eito, o ultimo será lobishomem; se forem raparigas, a ultima será bruxa. E para que esta não seja bruxa, é preciso ser afilhada da irmã mais velha.

*
* *

Se uma mulher tiver d'um compadre uma filha, esta será tambem bruxa, excepto se fôr baptisada com o nome d'Eva.

*
* *

A gallinha que cantar de gallo, não deve ser dada nem comida, mas sim vendida. E o dinheiro que d'ahi resulte, deve andar de rasto, quer dizer, deve ser empregado em calçado para assim andar pelo chão.

*
* *

Quando um defuncto vai para a egreja, se houver doentes nos sitios por onde passar, esses doentes são obrigados a porem-se em pé, ou, pelo menos, a sentarem-se na cama, senão marcham em seguida ao morto.

Ainda mais. O lado para onde fôr a cabeça do morto, d'esse mesmo lado morrerá qualquer habitante.

*
* *

Quando o som do sino fôr muito piedoso, e a cêra accesa na egreja cheirar muito, é signal de que brevemente haverá mortalha na freguezia.

*
* *

Existe o costume de chamar ás creanças, antes de serem baptisadas: Custodio, sendo menino, e Custodia, sendo menina.

Colhido na freguezia de Cidadelhe.

J. J. GONÇALVES PEREIRA

CONTOS ALEMTEJANOS

O hortelão e o môço

(Concluido de pag. 64)

No outro dia, quando se levantou, pediu a benção ao pae e disse:—«Pae, nós agora vâmos á feira. Eu faço-me num cavallo, e vocemecê venda-me mas diga que é com a condição do freio não entrar na venda. Se vocemecê me vende com o freio mata-me.» O pae e o filho foram para a feira, e quando chegaram á corredoira já o tal hortelão tambem lá estava. O hortelão, assim que viu um cavallo tão bonito conheceu-o logo, e chegando-se ao pé do velho, bateu-lhe com a mão no hombro e perguntou:—«O' vélhóte, vócê quer vender o cavallinho?» —«Quero sim senhor,» — disse o dono —«mas ha de dar-me *tanto* (a importancia), e o freio não entra na venda.» —«Sem freio!...» — respondeu o hortelão —«nem dado eu o quero. Agora com o freio, ainda m'obrigo a dar esse dinheiro.»

O velho, vendo que era uma boa venda que fazia, não se importou com a recommendação que o filho lhe tinha feito, e entregou o cavallo com o freio.

O hortelão assim que se viu com as redeas na mão, fallou a dois homens e disse-lhes: —«O' rapazes isto aqui é bater sem dó, como quem bate em centeio. E não o deixem chegar á agua.» Os homens, vendo que o cavallo era muito bonito, só lhe bateram emquanto o dono esteve á vista. E ao passarem ao pé dum pôço, o cavallo não fazia senão rinchar, e o que queria era chegar-se ao pôço. Os homens, então, como já não avistavam o dono, foram dar agua ao cavallo e tiraram-lhe o freio. O cavallo, mal se viu sem o freio, fez-se num peixe e saltou para dentro do pôço.

Mas o hortelão, que já vinha perto, vendo o cavallo fazer-se no peixe, fez-se tambem num *pica-peixe* e saltou do mesmo modo para dentro do pôço. O rapaz, sentindo-se perseguido, fez-

se numa perdiz e voôu. Immediatamente o hortelão fez-se num gavião e começou a voar atraz da perdiz. O rapaz, então, fez-se num annel e foi cahir no collo duma rapariga que estava numa varanda, a pentear-se.

O hortelão, em vista disto, fez-se logo num tendeiro e sentou-se ao lado da rapariga, dizendo-lhe que lhe vendesse aquelle annel. A rapariga de maneira nenhuma queria vender o annel. E o hortelão, vendo a teima da rapariga em não querer vender o annel, disse-lhe:— «Então troque-o por este par de brincos e mais este cordão.» A rapariga, então, disse que sim, e quando foi tirar o annel do dedo elle partiu-se e fez-se numa roman já esbagulhada. O tendeiro depois fez-se numa gallinha com pintos, e desataram a comer os bagos da roman, um a um. Mas um dos bagos, que estava por traz do pé da cadeira, fez-se numa zôrra (rapoza) e comeu os pintos e a gallinha.

(Da tradição o al — Brinches)

ANTONIO ALEXANDRINO.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continuado de pag. 63)

CCXXIII

Eu hei-de mandar fazer
(Que eu não posso fazer tudo)
Uma cruz do paciencia
Para viver n'este mundo.

CCXXIV

Eu parti meu coração
E dei-te a maior metade...
Toda a gente se admira
Da minha felicidade!

CCXXV

Eu hei-de abrir e fechar
Uma janella em teu peito,
Para vêr de que maneira
O teu coração 'stá feito

CCXXVI

Eu tenho meu coração
Em quatro boccados feito:
Corre sangue a borbotões
D'este meu sincero peito!

CCXXVII

Eu senti ranger meu peito,
Metti a mão de vagar:
Achei meu coração morto...
Sem o sentir acabar!

CCXXVIII

Eu subi ao altar-mór
A accender vellas ao throno.
Ai de mim! que estou amando
Coração que já tem dono!

CCXXIX

Eu já fui ao ceu em vida,
N'uma nuvem fiz encôsto;
Dei um beijo n'uma estrella
Cuidando que era teu rosto!

CCXXX

Eu jurei, fiz juramento
De homem rico não amar;
Se algum pobre me não quer,
Solteira vou a ficar.

CCXXXI

Eu tenho quarenta amores,
N'estas quatro freguezias:
Dez em Serpa, dez em Moura,
Dez em Brinches, dez em Pias,

CCXXXII

Eu casei-me, captivei-me,
Troquei a prata pór cobre;
Troquei minha liberdade
Por dinheiro que não corre...

CCXXXIII

Enganou-se quem cuidava
Que os homens eram leaes;
São falsos, são lisongeiros,
Mentirosos, tudo mais...

CCXXXIV

Eu não duvido que haja
No mundo quem te mereça;
Quem te queira mais do que eu,
Não me entra na cabeça!

CCXXXV

Eu invejo a linda sorte
Dos namorados pombinhos,
Que desfructam sem receio
O gôsto que dão beijinhos.

CCXXXVI

Eu subi áquelle oiteiro,
Ouvi 'ma voz, escutei:
Era a minha mocidade,
Que tão mal a empreguei!

CCXXXVII

E' bella a rosa no prado,
Inda mais a linda flôr;
Inda mais do meu agrado
O rosto do meu amor.

CCXXXVIII

E' bella a rosa do prado,
Inda mais a do jardim;
Inda mais do meu agrado
Tuas faces de setim.

CCXXXIX

Eu, como rosa, me offereço
P'ra te amar, lindo botão;
Se vês que eu que te mereço,
Entra no meu coração.

CCXL

Eu, como cravo, me offereço
Para te amar, linda rosa;
Se vês que eu que te mereço,
Entra no meu peito e gósa.

CCXLI

Enganou-te o coração,
Que eu nunca te amei devéras;
Eu nunca fiz apprehensão
Na figura que tu eras.

CCXLII

E's tão linda! Mas não tens
Palavras d'amor constante;
E's só firme emquanto vês
As pessoas, no flagrante.

CCXLIII

E' tão lindo o teu semblante
Que o meu enche d'alegria;
Se o meu gôsto for ávante,
Vens p'rá minha companhia.

CCXLIV

Eu hei-de morrer d'um tiro
A' porta d'uma querida,
Para quem passar dizer:
— Por amar perdeu a vida!

CCXLV

Eu hei de morrer d'um tiro
A' porta d'uma cigana,
Para quem passar dizer:
— Ah! que morte tão tyranna!

CCXLVI

Eu já vi Lisboa arder,
As pedras a estalar,
Eu vi as ondas do mar
Fóra do seu natural.

CCXLVII

Eu hei-de ir, hei-de ir,
Não hei-de mandar,
Que eu não quero coisas
Armadas no ar.

CCXLVIII

Eu não sei que fiz ao sol,
Que não vem á minha rua!
Hei-de me vestir de branco,
Que de branco anda a lua.

CCXIX

Eu já fui ao teu jardim,
Já n'elle fui jardineiro;
Já fui teu amor de graça,
Agora... nem por dinheiro!

CCL

Eu tenho quarenta amores,
Todos quarenta são fixes;
Tenho dez n'Aldeia Nova,
Dez em Serpa, vinte em Brinches.

CCLI

Eu fui a que accendi lume
N'uma chaminé doirada;
Eu fui a que reparti ..
D'amores, fiquei sem nada.

CCLII

Eu fui a que accendi lume
N'uma chaminé de canna;
Eu fui a que reparti...
D'amores, fiquei com Anna.

CCLIII

E's uma porca-javarda,
E's uma cabra-cabrita;
E's mais feia que uma loba...
Com fama de ser bonita!

CCLIV

Eu vivo na minha casa
Como outra qualquer pessoa;
Não dando eu que fallar,
Minha fama ao longe sôa.

CCLV

Eu não vi ma' estava ouvindo
Dois amantes de conversa;
Tem vontade de ser santo
Quem de noite se confessa.

CCLVI

Eu tenho um vestido rôxo
P'ra vestir na tua ausencia:
As mangas são de suspiros,
O corpo é de paciencia.

CCLVII

Eu não sei que tenho
Que me amarga a bocca...
Eu vinho não bebo,
Aguardente é pouca.

CCLVIII

Eu fui a San Bento,
Eu fui a San Braz;
Cheguei á Boiada
Voltei-me p'ra traz.

CCLIX

Esses teus amores, todos,
Chegam d'aqui a Lisbôa!
A tua louca cabeça
Não vem dar em coisa bôa...

CCLX

Eu suspiro sem destino,
Não tenho consolação!
Oh amor, tem paciencia...
Tem dó do meu coração!..

CCLXI

Eu sou sol e tu és sombra,
Qual de nós será mais firme?
Eu como sol a chegar-me,
Tu como sombra a fugir-me.

CCLXII

Eu tenho-te dito...
Tu tens ateimado...
Qualquer dia temos
O caldo entornado!

CCLXIII

Eu hei de ir um dia
Passear ao lago,
Espalhar as maguas
Que em meu peito trago

CCLXIV

E's felor, tens pé de seda
E as folhas d'oiro brilhante;
Eu levo aqui ao meu lado
Quem é todo o meu encante.

CCLXV

Fui dispôr uma saudade
Juntamente a um botão.
Tens um logar separado
Dentro do meu coração.

CCLXVI

Francisco, por ti me arrisco,
Pos ti perco o meu valor!
Diga o mundo o que disser:
Francisco é o meu amor!

CCLXVII

Fui dispor o rôxo na agua,
O encarnado na areia;
Fui dispôr uma saudade
Na mais delicada feia.

CCLXVIII

Fui colher a rosa branca
A' roseira do Japão:
Era o teu fiel retrato
Unido ao meu coração.

CCLXIX

Foi-se meu bem! foi-se, foi-se...
Se se foi, deixal-o ir!
Se elle se foi de seu gôsto,
Elle tornará a vir.

CCLXX

Fui dispôr salsa no rio,
Hortelã d'aquella banda.
Não se póde ter amores,
Da fórma em que o mundo anda.

CCLXXI

Fui ao jardim buscar flores,
Achei a porta fechada;
Encontrei o meu amor,
Que era a flor que eu desejava.

CCLXXII

Fui dispôr couves na serra,
Que longe me fica a horta.
Desejava de saber,
Minha vida que te importa?

CCLXXIII

Fui ao mar pescar peixinhos,
Não pesquei senão areia...
Não basta um homem ser pobre,
Senão ter a mulher feia!

CCLXXIV

Fui ao mar pescar peixinhos,
Pesquei uma Margarida...
Margarida da minh'alma,
Que andavas no mar perdida!

CCLXXV

Fui-me a confessar ao Carmo,
Confessei que andava amando;
Deram-me de penitencia,
Que fosse continuando..

CCLXXVI

Fui um dia a passear,
Encontrei o meu amor;
Olhou p'ra mim e me disse:
— No coração fica a dôr

CCLXXVII

Faz o gôsto á tua mãe,
Que não quer senão riqueza;
Bem lhe podes mandar vir
Das Indias uma princeza.

CCLXXVIII

Graças a Deus que chegou
Quem eu desejava vêr!
A' palavra não faltou...
Assim é que ha-de fazer!

(Da tradição oral, em Serpa)

(Continúa) **M. DIAS NUNES.**

ANNO III

VOLUME III

N.º 6

SERPA, Junho de 1901

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel*, *Doutor Adolpho Coelho*, *Alfredo de Pratt*, *Alvaro de Castro*, *Alvaro Pinheiro*, *Alves Tavares*, *Antonio Alexandrino*, *Doutor Athaide d'Oliveira*, *Castor*, *Conde de Ficalho*, *C. Cabral*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *Filomatico*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *Lopes Piçarra*, *D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª)*, *Miguel de Lemos*, *Paulo Osorio*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *Ramalho Ortigão*, *D. Sophia da Silva (Dr.ª)*, *Dr. Souza Viterbo*, *Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires*.

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.)*, *Alfredo de Pratt*, *Alvares Pinto*, *Antonio Alexandrino*, *A. de Mello Breyner*, *Arronches Junqueiro*, *Doutor Athaide de Oliveira*, *Conde de Ficalho*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *J. J. Gonçalves Pereira*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *D. Margarida de Sequeira*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *R.*, *Doutor Souza Viterbo*, *N. W. Thomas*, *A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*.

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

Anno III — N.º 6 SERPA, Junho de 1901 **Volume III**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

A SEPULTURA DE HERODES

TRATA-SE do regente da Baixa Galilêa, que houve o nome de Herodes Antipas. Isto não tem nada de extraordinario. O que é admiravel, porém, é que, sendo elle, pois, de tão longe, lá dos quintos, de cascos de rôlha, e tendo sido por lá que viveu e reinou, viesse por fim, como a cousa mais simples de este mundo, deixar em Portugal a ossada. Pois é assim mesmo. Ha uma lenda que o diz. Herodes foi morto em Portugal e tem a sepultura n'uma pequena povoação chamada Redinha, que demora entre Pombal e Condeixa. Foi ahi que o mataram. Cá, no nosso paiz, onde abundam os cogumelos, ha tambem uma praga de terras, grandes e pequenas, illustradas e rudes, com suas baldas que, certas ou não, fazem a quizilia dos seus moradores. De esta arte, quem aos habitantes e filhos da Redinha perguntar pela *sepultura de Herodes* leva-os á serra sem mais que nem para que. Afinam. Não gostam da graça. E' o mesmo que perguntar aos de Mortagua por «quem matou o juiz de fóra», aos de Palmella se «já veiu o homem», aos de Lagos pelo «que fizeram do Maio», e aos de Vallongo pela «cadeira do padre Verissimo». Esta da *sepultura de Herodes* é propriedade exclusiva da Redinha, ainda que os de lá queiram dizer o contrario, pelo facto de tambem n'outra terra haver a sepultura de Herodes. Depois saberemos que outra terra essa é. Primeiro esmiucemos o cazo.

Rezam muitas chronicas, bem velhas algumas, que o barbaro monarcha Herodes Antipas morreu de uma cruel enfermidade com que Deus o castigou severissimamente pela sua proeza da degolação dos innocentes. «Sahia-lhe do corpo um formigueiro de bichos que lhe devoravam a carne e tal fetido exhalavam as chagas que mal podia elle proprio toleral-o». [1] Ora, isto é o que dizem as chronicas. A lenda, porém, a tradição popular, dá-nos a honra, a nós portuguezes, de termos sido os vingadores, não dos pobres innocentes degolados, mas do muito estimado S. João Baptista, a quem Herodes tambem deu a morte. Com a voz do povo, que é a voz de Deus, está Fr. Antonio da Purificação, de braço dado com outros escriptores. Ouçamos, portanto, o doutissimo frade:

«Andando Herodes desterrado em Hespanha, o colheram os portuguezes e o mataram, vingando n'elle a

[1] A opinião mais seguida é que Herodes Antipas foi morto pelo povo á pedrada. Talvez seja a mais certa. As chronicas que se escreviam nos claustros encerram muita santa bernardice.

injusta morte que deu ao grande Baptista.» [1] A injusta morte do santo precursor, creio em que todos nós a sabemos. S. João não tinha papas na lingua. Disse a Herodes umas verdades amargas no tocante a um assumpto melindroso para o monarcha; e este, que não era para graças nem para desgraças, encarcerou-o no castello de Maqueronte. Temos, pois, S. João sob ferros de el-rei! E' para que saiba. Não se dizem aos monarchas verdades amargas, muito especialmente em pontos de fraqueza. Ora, o fraco de Herodes Antipas era um fraco como o de qualquer outro homem. Amava o femeaço, era doido pelo bello sexo. Fez o seu dever. O peor era que n'esse sentimento mais ou menos lamecha se perdia muitas vezes como um tolo sublime. Era isso o peor. Todavia o eterno feminino do seu tempo, se não sabia como o de hoje mais catoptrica que Newton, mais perspectiva que Paladio, mais anatomia que Barlotino, tinha a grande habilidade catita de exhibir-se de maneira a fisgar corações. Nem mais. Pois em uma noute de festarasgada na côrte de Herodes Antipas, entre as bailarinas que alli se encontravam, e que não eram poucas, uma havia, chamada Salomé, que fazia as delicias da festa. Era filha de Herodias e ainda solteira. Uma mulher de uma canna. Claro está que pela sua elegancia, desenvoltura e belleza não havia outra que se lhe avantajasse. Herodes Antipas andava pelo beiço. Pudéra. Elle amava a Salomé doidamente inflammado, arrastava-lhe a aza com toda a sua gana; e ella, sem mostrar relutancia, antes pelo contrario, correspondia na mesma moeda. Era digna de Herodes. Assim, este amor todo lubricidade foi mais um escandalo de sua magestade. S. João Baptista verberou-o indignado, e em prol da moral, do pudor, da decencia, deu para baixo no rei e tambem na Salomé. Arranjou-se, coitado. Nós já sabemos o que logo lhe succedeu. Foi prezo. Mas a bailarina ainda mais agastada que o rei, e instigada pela senhora sua mãe, achava a prisão do Baptista pequeno castigo para tamanha ouzadia. Ella tinha seu bocado de maus figados. De esta arte, sem escrupulos nenhuns, bonita por fóra, mas feia por dentro, pediu a Herodes a cabeça do prizioneiro. Os seus pedidos eram ordens para o rei. De ahi a momentos via ella penetrar no salão um dos servos do paço, que trazia em uma salva de prata a cabeça do santo, do martyr, cuja vida o barbaro Herodes sacrificou ao capricho rancoroso da desalmada bailarina Salomé.

Em virtude do exposto, ou vistos estes autos, a mim me parece afinal que muito lisongeira nos é a lenda que diz que fomos nós portuguezes os fieis executores da mais recta justiça em um crime de tal ordem. Não o entendem, porém, do mesmo modo os habitantes e filhos da Redinha, onde existe de facto a sepultura de Herodes. De facto, é um modo de dizer. A lenda é que fala. No entanto, sem querermos desfazer de maneira nenhuma a lenda em questão, antes pelo contrario, diremos agora que terra vem a ser essa outra onde existe tambem a sepultura de Herodes. Chama-se Villa Velha de Rodam. A respeito de sepulturas, louvado seja Deus, não está muito mal governado o barbaro monarcha, que a Redinha matou. Com duas, nem menos se abotôa o sujeito. E aqui está, bem ou mal explicado, por que ha tanta gente sem ter onde caia morta. Por que a Herodes e outros quejandos se dão por ahi sepulturas aos pares. O mais bonito, porém, é que ambas as terras, Redinha e Villa Velha de Rodam, declinam de si, empurrando-a uma para a outra, a façanha da morte do assassino do Baptista. Não querem a honra. São modos de vêr.

[1] *Chronica da antiquissima provincia de Portugal da ordem dos eremitas de S. Agostinho, bispo de Hipponia e principal doutor da egreja.* Lisboa, 1642. Parte 1.ª Pag. 12.

COSTUMES & PERSPECTIVAS

Cliché de J. V. Pessôa)

Serviçal (de Grandola)

Manuel de Faria e Souza tambem n'este assumpto deu a sua colherada. Diz elle que «deposto da sua corôa e desterrado da sua patria, o sacrilego Herodes, que tinha morto o grande Baptista, veiu a Hespanha levado de lhe parecer que, como viviam n'ella muitos judeus e tinham suas synagogas nas cidades principaes, e elle era da caza real judaica, e sua mulher da familia Azonomia, os acharia affectos para passar o seu desterro mais alliviado; porém em vão, por que miseravelmente foi morto em um lugar de Portugal chamado Rodio. Dos d'este nome permanecem: o primeiro junto á villa da Redinha, entre Pombal e Condeixa, onde se acham pedras de lavor romano, e a uma parte do sitio, outro de forma quadrangular, lavrado de curioso mosaico, que tudo na memoria dos homens, por virtude de tradições, foi uma cidade chamada Rodon, ou Rodio. O segundo no bispado da Guarda, junto ao rio Tejo. Se em alguns d'estes não quizerem os escrupulosos que morresse Herodes, pouco pezam elles por certo na reliquia». [1] Realmente, não pezam mesmo nada. A lenda, no entanto, não fala em Villa Velha de Rodam para couza nenhuma. Logo, os habitantes e filhos de esta terra não teem de que orgulhar-se, nem tão pouco de que dar o cavaco. Cavaco ou orgulho cabe só aos da Redinha. Tenham paciencia. E agora, que já vimos o depoimento de Fr. Antonio da Purificação, e tambem o de Faria e Sousa, vem a talho de fouce o de Fr. Bernardo de Brito. Este escriptor, depois de narrar a morte de Santhiago na Judêa, descreve a fuga de Herodes com sua familia para Hespanha. Conta elle este caso tal qual como Josepho nas *Antiguidades*, e accrescenta de sua lavra o seguinte:

«O mesmo sentem Nicelloro, Addo Vienense, Vasco, Angelo Pacense, Garivay, Morales, Villugos e Laymundo, que com sua costumada brevidade diz que *profugas a facie Dei vixit in Taracone & Emerita & fae de occiditur in Rhodio Lusytanie oppido,* quasi dizendo que andou como fugitivo da face de Deus, sem ter quietação em lugar certo, umas vezes vivendo em Tarragona, outras em Merida, e ao fim o mataram torpe e miseravelmente em um lugar da Luzitania, chamado Rhodio. Desejei saber em que parte cahiria esta terra cujos moradores foram os que matando este tyranno, com a ignominia que as palavras mostram, satisfizeram a morte do grande Baptista, e depois de revolver alguns livros e fazer as deligencias possiveis, vim a descobrir dentro da Luzitania dois lugares com os nomes mui semelhantes, um dos quaes me mostraram pouco distante da villa que chamam Redinha, entre Pombal e Condeixa, no sitio em que antigamente esteve uma povoação, onde se acham pedras lavradas ao romano, e talhões de grossura consideravel, e para uma parte do campo se descobriu um pedaço de terra de alguns vinte pés em quadro, pouco mais ou menos, lavrado de curioso mosaico, e me disseram os moradores da terra que estivera alli uma cidade chamada Rodão, ou Rodio, e hoje em dia se chama aquelle sitio em que esteve, a Roda, accrescentando que a villa da Redinha era diminuitivo de *Rodium*, que em latim se diz *Rodiolum*, em portuguez *Rodinho,* ou *Redinha* como agora se chama. Os vestigios da cidade, na forma que digo, e a tradição do nome, são infalliveis. Ser este o Rodio em que mataram Herodes é conjectura minha, deduzida da grande semelhança do nome: posto que no bispado da Guarda, junto ao rio Tejo, está hoje outra povoação chamada Villa Velha de Rodão, em que a inteireza do nome dá claros signaes de poder ser esta a em que fala Laymundo, e quanto a mim eu

---

[1] Veja *Historia del reyno de Portugal.* Edição de Anvers, 1730. Parte segunda, cap. I.

o tenho por mais provavel, tanto pela grande semelhança do nome que conserva, como pelas apparencias do sitio, e outras particularidades que se offerecem a quem o considera com a vista; supposto que o certo é difficil de averiguar emtanta antigudade.» [1]

Temos, pois, que Fr. Bernardo de Brito, bem como Faria e Sousa, não sabem ao certo dizer onde foi que deram cabo do canastro ao regente da Baixa Galilêa. Se na Redinha, se em Villa Velha de Rodam. Está no mesmo caso Fr. Antonio da Purificação, o qual diz que foi «no lugar de Rodio, que hoje se chama a Redinha, no bispado de Coimbra, ou, segundo outros, é Villa Velha de Rodam, no bispado da Guarda» [2]. Este ultimo, porém, Fr. Antonio da Purificaçãc, não se inclina nem para um lado nem para o outro. Faria e Sousa idem. Não assim Fr. Bernardo de Brito. Este douto escriptor, alli onde o vêem, inclina-se para ambos os lados. Assim é que é! Na sua opinião, como vimos de ver, acha elle que podia ter sido na Redinha que houvessem dado cabo de Herodes; e, a não ser n'esta terra por qualquer circumstancia, então em Villa Velha de Rodam. Isso mesmo. N'alguma parte devia ter sido. Não ha duvida nenhuma. Valha-nos, portanto, a boa da lenda, ou a velha tradição popular. Sem rodeios, sem preambulos, sem peias, diz ella que foi na Redinha que se deu esse acontecimento. Em Villa Velha de Rodam não fala. Já o dissemos. O que nós não dissemos ainda é que foi a Redinha que metteu Villa Velha na balha. Foi ella mesma. A sepultura de Herodes que se vê em Villa Velha de Rodam representa, quanto ao nome que lhe pozeram, uma méra invenção dos bestuntos da Redinha, que crearam a referida sepultura, como os protestantes, não menos bestuntos, inventaram a papiza Joanna. Claro como agua. Isto mesmo resalta e palpita de dois factos que não querem dizer pouco, e que são esse mesmo da lenda ou tradição popular não envolver referencias a Rodam, mas unicamente á Redinha, e aquelle da balda, ou pergunta pela *sepultura de Herodes*, se jogar tão sómente a esta ultima. Tambem não diz menos o contraste ratão que se dá entre as duas localidades no tocante á decantada sepultura. Na Redinha é uma enorme caverna situada á margem do Anços. Em Villa Velha de Rodam é tambem uma caverna que fica muito perto do Tejo. Mostram os de Rodam essa prenda aos curiosos, sem se fazerem rogados, sem mostrarem relutancia. Os da Redinha, porém, quando por tal se lhes pergunta, damnam-se todos, abespinham-se, arrenegam-se, e dão a entender que lhes serve a carapuça. E' significativo. Portanto, se o tal Rodio, Rodium, Rodão, ou Roda, que Fr. Antonio da Purificação, Faria e Sousa e Fr. Bernardo de Brito põem na Lusitania, não é a cidade romana de nome Rhoda, a sepultura de Herodes vem a ser a caverna da Redinha.

Nada mais natural.

ALFREDO DE PRATT.

[1] *Monarchia Lusitana.* Lisboa, 1609. Tivro quinto. Cap. III.

[2] *Chronica da antiquissima provincia de Portugal da ordem dos eremitas de S. Agostinho, bispo de Hipponia e principal doutor da egreja.* Lisboa, 1642. Parte primeira. Pag. 12.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

O' meu panninho, panninho...

O' meu panninho, panninho,
O' meu panninho de armar!
Eu hei-de ir ao matto á lenha,
A' rêde te hei-de apanhar.

A' rêde te hei-de apanhar,
N'uma charneca tamanha!
O' meu panninho, panninho,
O' meu panninho bretanha.

Esta moda do panninho,
Retratada no vapor...
Eu tenho um lenço marcado
Que me deu o meu amor!

Que me deu o meu amor,
Que me deu o meu bemsinho...
Retratada no vapor,
Esta moda do panninho.

Serpa

M. DIAS NUNES.

A PEDRA DA VERDADE OU PENHA-LONGA

JUNTO DE CINTRA

O convento da Penha Longa, da ordem de S. Jeronymo, foi fundado em 1355 com a invocação de Nossa Senhora da Victoria, que depois mudou para Nossa Senhora da Saude, em consequencia do caso, veridico ou não, que narra o Prior de S. Pennaferrim em 1758. Por occasião duma peste introduzida por umas naos vindas da India a população refugiou-se nos campos, e as pessoas, que chegaram ao sitio da Penha-Longa, ficaram livres e sans, devido á influencia de Nossa Senhora.

E' isto o que conta o Prior Antonio de Sousa Sexas (Seixas) na sua memoria existente no Archivo Nacional (Diccionario Geographico, pag. 2270).

O nome mais antigo do sitio era Pera-Longa *(Petra langa)*, que nos fins do seculo XVI foi transformado, provalvelmente por affectação, em Penha-Longa.

A palavra *penha* é de origem hespanhola como demonstrou o sr. Leite de Vasconcellos (Rev. Lusitana IV, 131 e 273), recebendo, no que fica dito, mais uma confirmação a etymologia de erudito professor.

Pinho Leal, no *Portugal Antigo e Moderno*, II, 303, descreve a penedia de Penha-Longa como formada por fragas roladas pelas aguas, ficando sobranceiro a ellas o enorme penedo que deu o nome ao sitio, no vertice do qual tinham os frades mandado collocar uma cruz que já não existia em 1874.

O nome vulgar desse penedo é hoje *Penedo dos Ovos*. A razão da denominação provem da côr amarella do musgo que reveste o penedo do lado do sul. Nesta pedra localisou ou applicou o povo um episodio dum conto popular com o fim de explicar a côr da rocha, o qual é o seguinte: Uma velha tentou em tempos antigos demolir a penha, por lhe constar haver no interior um *thesouro encantado*, e para esse effeito não achou melhor meio do que arremessar-lhe ovos, sem comtudo poder abrandar a mole, a qual ficou desde então maculada de amarello.

As formas e particuridades das rochas têm sempre attrahido sobre si a attenção dos povos, obrigando-os a certos cultos e a fazer-lhes crear com a sua phantasia lendas maravilhosas.

No sitio onde foi construido o convento, já existia, ao que parece, uma ermida destinada a guardar uma imagem duma Nossa Senhora que por alli tinha apparecido. E' provavel que haja uma relação qualquer entre este apparecimento e um supposto culto primitivo da *pera*[1] longa. Seria pelo tempo da fundação do convento que o penedo foi christianizado com a collocação da cruz, de que hoje, talvez, nem os restos já existam.

O penhasco, como Pinho Leal já sabia vagamente, teve tambem o nome de Pedra da verdade. Encontro na Caixa 116 da Collecção Especial, existente no Archivo Nacional, um documento comprovando que junto a esta pedra se escreviam os contractos, ou pelo menos se escreveu um. Porem do nome do penedo e do acto que se celebrou junto delle, po-

[1] *Pera* é a forma antiga de *pedra*. E' natural que já no sec. XVI fosse desconhecida a origem da palavra e a confundissem com o nome desse fructo.

CANCIONEIRO MUSICAL

VI

O meu panninho, panninho...

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(CHOREOGRAPHICA)

demos deprehender o grau de respeito que influiria, pelos castigos que entes invisiveis faziam cahir sobre a pessoa que quebrasse o juramento prestado ante a pedra.

Vejamos o resumo do decumento.

Em 3 de julho de 1449 Affonso do Prado, mercador, e morador em Lisboa, na freguezia *das Martens* (Martyres) estando junto da «pedra da verdade da parte da serra, termo da villa de Cintra que é a cerca do mosteiro de Pera Longua», em presença de Affonso Eanes, tabellião nomeado pela rainha na sua villa de Cintra, declarou deixar ao mosteiro mencionado todos os bens que tinha em Alcoutom, termo de Cascaes, os quaes bens houvera por compra de Fernão Feio, cavalleiro. Em compensação exigia Affonso do Prado que o mosteiro lhe cantasse todos os annos por sua alma dois anniversarios, ou como quem diz duas missas no dia anniversario da sua morte. O nome Alcoutom, onde erão situados os bens, provinha talvez do nome de algum mouro (Al-Coutom) proprietario naquelles sitios. E' hoje Alcoitão, freguezia de Alcabideche, concelho de Cascaes.

Foram testemunhas d'esta doação, entre outros, João das Velhas, filho do tabellião, João da Palença, alfaiate, e Fernando Esteves, lavrador *na Douroana*, termo de Cascaes.

E' tudo o que posso mencionar da Pedra da Verdade; mas é de suppor que haja mais elementos, tanto em documentos como na tradição oral.

Uma das testemunhas acima mencionadas residia na Douroana. Vejamos este nome, que na sua forma primitiva devia ser *A da Ouroana*, [1] e que hoje se escreve Doroanna.

Ouroana é nome de mulher, e em *A da Ouroana* quer dizer que uma mulher assim chamada residia ou melhor possuia uns terrenos a que o povo juntou o seu nome. Não é só em Alcabideche que o encontramos, em S. Thiago de Cacem achamos *Daroana*, e em Panoias (Ourique) ha *Douroanna de Baixo* e *de Cima*.

Pondo de parte a Ouroana de Gonçalo Ermingues, figuras apenas falsas, foi o nome referido vulgarizado pelo romance de Cavallaria Anadiz de Gaula, ao qual ainda se não poude determiuar regularmente a lingua em que primeiro foi escrito. Nos livros de linhagens do seculo XIV vem já mencionadas Ouroanas. A etymologia de Ouroana é incerta, sendo as até aqui dadas falhas de consideração. Alexandre Herculano, illudido com a antiguidade do nome, traduz directamente *Aurodonna* ou *Aurodomina* por Ouroana (*Port. Mon. Hist.* Dip. 315); e o sr. Th. Braga no *Curso de Historia da Litt. Port.* (1885), pg. 104, julga haver entre *Idoine* e Ouroana uma relação qualquer phonetica. Effectivamente se Amadiz deriva de *Amadas*, era de presumir que Ouroana derivasse de *Idoine*, que são as principaes figuras do romance do sec. XIII *Amadas et Idoine*. Não succedeu assim, segundo me parece. O nome da amante de Amadiz de Gaula provem doutro romance, pertencente tambem ao systema *Roman d'Aventures*, chamado *Conte de la Violete*, um pouco mais moderno do que o acima mencionado. Neste romance a amante do personagem principal denomina-se *Euriant* ou *Ourianc*. E' desta forma que se deriva *Ouriana*, que mais tarde passou para Ouroana.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

FESTAS POPULARES

Natal

Começando pela primeira desta serie de festas de todos os annos, peço licença de registar na *Tradição* tudo quanto ainda hoje se respeita em Loulé, relativamente a cada uma del-

[1] Cfr. A de Beja, A da Maia, etc.

las — restos venerandos dos antigos tempos.

No dia 8 de dezembro — dia consagrado á celebração da festa da Conceição da Virgem — semeia-se a *seara do Menino Jesus*. Esta seara é semeada em pires de louça e consiste numa certa porção de trigo, que se colloca em quatro, cinco ou mais pires, com uma pequena porção de agua. Desde que o trigo nasce não mais se rega, mas apenas se borrifám as radiculas com pequena porção d'agua.

Nas vesperas do Natal arma-se o presepio, onde figura o Menino Jesus deitado, tendo em redor a Virgem e S. José e a tradicional vaquinha e competente mulinha. Proximo e em redor collocam-se os pires com a seara, laranjas e outros ornamentos, consoante o bom gosto de cada um.

Na vespera do Natal são estes presepios visitados pela gente da villa e do campo, que nessa noite vem á villa para assistir á *missa do gallo*, assim chamada talvez por se celebrar á *meia noite*. Não mencionarei agora as diversas cantigas ao Menino Jesus, porque brevemente as publicarei em livro, que se está a imprimir.

Na cosinha de todas as casas arde o madeiro, conhecido pelo *madeiro do Natal*, e o feliz que visitar sete destes madeiros ganha muitas indulgencias e está livre de sezões durante o anno.

Nesta noite e no dia seguinte reunem-se os membros de cada familia, vindo mesmo os que estão ausentes pelo resto da provincia. No jantar do dia festivo corta-se um canto do primeiro pão que vem á mesa e barra-se com pingo da carne de porco, cosida nesse dia e que vem á mesa. Este canto guarda-se e é dado a quem tem a infelicidade de ser mordido por cão damnado (hydrofobo). E' um remedio santo para os que forem mordidos. Coisa extraordinaria!: O pão barrado com aquelle pingo, ainda mesmo durante um anno inteiro, nunca chega a criar bolôr!

O cepo ou *madeiro* do Natal deve arder durante os dias da vespera do Natal até a noite de Reis, e o que sobejar guarda-se para ser queimado quando fizer trovões, porque, como succede á palma, benta em quarta feira de cinzas, e as vélas que alumiam o Santo Sepulcro, tem o cêpo a virtude de nos livrar dos trovões e raios.

Passado o dia da festa dos Reis planta-se a pequena seara que adornou o presepio nas noites do Natal, Anno Bom e Reis, no quintal de cada casa ou em qualquer terreno. Esta seara raras vezes dá espiga, mas a palha, feita em cosimento, cura todas as dôres de quem a bebe.

Os canticos da noite do Natal, Anno Bom e Reis, são acompanhados ao som rouco dos adufos. O que seja um adufo, descreverei quando escrever ácerca da festa do Anno Bom.

Anno Bom

Ao escurecer a noite da vespera do *Anno Bom* começam a apparecer pelas ruas da villa diversos grupos de creanças e pessoas adultas, que se distribuem pelas portas das casas pertencentes ás pessoas mais abastadas e ahi se põem a cantar o *Deus Menino* e a pedir esmola em seu louvôr. As cantigas, numa tonadilha que varia de terra para terra, são acompanhadas principalmente pelo *adufo* formado de uma panela ou alcatruz, cuja bocca é tapada hermeticamente com uma pelle de coelho bem esticada e ligada por um cordel ou corda de linho ao gargalo da panela ou alcatruz. No centro da pelle abre-se um buraco por onde se introduz uma canna, cuja parte superior é segura pela mão do musico, que faz descer a outra extremidade ao fundo do alcatruz, produzindo uma fricção de encontro á pelle, donde resulta o som rouco deste instrumento, logo que o tocador faz descer e subir a canna.

Ha grande variedade de cantigas, como em tempo mostrarei, seguidas

das chamadas *chacotas*, elogiosas ou não, conforme os cantores receberam ou não a respectiva esmola.

Uma amostra das *chacotas* elogiosas:

> Viva a dona desta casa,
> Raminho de salsa branca;
> O seu corpo é de neve,
> Como a alma d'uma santa.

Um exemplo da *chacota* não elogiosa:

> Esta casa cheira a breu,
> Aqui mora algum judeu.
> Esta casa cheira a unto,
> Aqui mora algum defuncto.

Variam as esmolas offerecidas aos cantores: umas vezes dão-lhes *fritos*, filhozes, outras pão, algumas dinheiro. As esmolas em dinheiro são quasi sempre as melhor recebidas.

E' costume estreiar-se neste dia um fato novo: tem-se a certeza de que durante o anno se hão de estrear outros bonitos. E' por isso que por esta epoca os alfaiates teem sempre muito que fazer.

Neste dia do Anno Bom é o presepio ornado como na noite do Natal, substituindo-se as flores murchas por outras frescas.

Rêis

Nesta festa celebrada principalmente na noite da vespera com os mesmos descantes acompanhados ao som do adufo e em que só variam os versos, já o *Menino Jesus* é representado no presepio, de pé. Tambem se encontram os grupos a cantar por essas portas, pedindo esmola, sempre em louvor do Deus Menino.

Proximo da freguezia de Loulé, no sitio da Dôr, pertencente á freguezia de Querane, é costume muito antigo festejar a vespera e dia de Reis com o desempenho de um *auto*, desempenho em que figuram diversos sujeitos do sitio. Contam-me maravilhas desse *auto*, que ainda não consegui obter apesar das diligencias que tenho feito. Desculpam-se dizendo que o *auto* desappareceu e que hoje se regulam pelos conselhos dos velhos que o sabem de cór. Tenciono assistir este anno a essa festa e contarei aqui o que lá tiver visto e ouvido.

Na vespera da festa dos Reis ha aqui — em Loulé — o costume de illudir os que pela primeira vez se achão neste dia na villa, e aconselhal-os que vão esperar os Reis, que veem da Dôr. Tenho visto muitos desses illudidos com uma escada ás costas, com uma luz na mão, caminhando muito satisfeitos a esperar os Reis. Chegado ao logar onde é costume esperar os Reis, o nescio sobe a escada e ali espera com a luz na mão a chegada dos Reis. Imagine-se o frio que elle apanha nessa noite.

Tambem é costume illudirem os mesmos desgraçados por occasião da *serração da velha* no meio da Quaresma, e no sabbado santo, fazendo-os andar de porta em porta com uma grande pedra ás costas a que chamam a *pedra da Alleluia*. Hoje são raros os que caem, mas... ainda os ha. E é excusado dizer que o infeliz que cae nestas esparrellas tem sem, pre muito que soffrer da garotada- que não cessa de o apupar.

No dia dos Reis toda a gente come ao jantar uma romã, porque só comendo neste dia este fructo pode ter a certeza que nunca o dinheiro lhe faltará durante o anno.

Ha quem sustente que já no dia do *Anno Bom* se deve comer uma romã, mas essa opinião não é geralmente seguida.

E' o que se me offerece por agora dizer ácerca destas festas; se mais alguma cousa de novo se me offerecer, farei o respectivo supplemento.

Continuaremos com as festas do anno.

Loulé (Algarve)

ATHAÍDE D'OLIVEIRA.

LENDAS & ROMANCES

O Principe d'Allemanha

Já bate o sol na vidraça,
Já lá vem o claro dia,
E' o principe d'Allemanha
Que com a rainha dormia.
Ninguem do palacio o sabe
Senão D. Bernarda,
Filha da mesma rainha.
—Tu que o sabes, ó Bernarda,
Não me queiras descobrir,
Que o principe é muito rico,
De ouro te ha-de vestir.
—Que se me dá do seu ouro,
Mais tambem do seu damasco,
Inda tenho meu pae vivo,
Já me querem dar padrasto;
Deixe vir meu pae da missa,
Que eu lh'o irei a dizer.—
Palavras não eram dictas,
O rei á porta a bater.
—Que tendes, D. Bernarda,
Que assim estaes agoniada?
—Que hei de ter, ó meu pae!
Estando no meu tear,
Fiando ouro e tela,
Veio o principe d'Allemanha,
Dois fios me quebrou d'ella.
—Cala-te, D. Bernarda,
Que elle é rapaz, quer brincar.
—Mal o haja a sua brinca,
Mais tambem o seu brincar.
—Mal o hajas tu Bernarda,
Mais o leite que mamaste,
Sendo o principe tão bonito,
A morte que lhe causaste.
—Cale-se, senhora mãe,
Não me faça aleivosia,
Que a morte que o principe leva
Vossa alteza é que a mer'cia.
—Mal o hajas tu Bernarda,
Mais o leite que mamaste,
Sendo o principe tão bonito
A morte que lhe causaste.
—Cale se, senhora mãe,
Não me faça arrenegar,
Que a morte que o principe leva
Inda vós a hav'reis de levar.

(Elvas)

O Conde d'Allemanha

(Variante do romance anterior)

Já bate o sol na vidraça,
Já la vem o claro dia,
Já o conde d'Allemanha
Com a rainha dormia.
Nem criados, nem criadas,
Ninguem na côrte o sabia;
Sabe-o D. Bernarda,
Filha da mesma rainha.
—Tu que o sabes, ó Bernarda,
Não me queiras descobrir,
Que o conde é muito rico,
De ouro te ha de vestir.
—Não quero seu vestido d'ouro,
Que eu tenho os meus de damasco,
Inda tenho meu pai vivo,
Já me querem dar padrasto;
As manguinhas da camisa
Eu não as chegue a romper,
Se em meu pai vindo da missa
Eu não lhe fôr a dizer.—
Palavras não eram ditas,
O rei á porta a bater.
—Deus vos salve, senhor meu pai,
Bôa seja a vossa vinda,
Que se deu aqui um caso,
Um caso que maravilha.
—Que tendes D. Bernarda,
Que assim estaes agoniada?
—Que hei de ter, ó meu pai!
Estando no meu tear,
Fiando ouro e tela,
Veio o conde d'Allemanha
Dois fios me quebrou d'ella.
—Cala-te, D. Bernarda,
Ninguem tal te ouça falar,
Que o conde é muito novo,
Fal-o-hia por brincar.
—Mal o haja a sua brinca,
Mais tambem o seu brincar,
Que me pegou pela mão
E á cama me quiz levar.
—Cala-te D. Bernarda,
Ninguem tal te oiça dizer,
Que antes do sol se pôr
O conde ha-de padecer.
—Oh! que enterro é aquelle
Quem vae alem a enterrar?
—E' o conde d'Allemanha,
Que meu pai mandou matar.
—Mal o hajas tu, Bernarda,
Mais o leite que mamaste,
Sendo o conde tão bonito,
A morte que lhe causaste.
—Cale-se, senhora mãe,
Não me faça aleivosia,
Que a morte que o conde leva
Vossa alteza é que a mer'cia.
—Mal o hajas tu, Bernarda,
Mais o leite que mamaste,
Sendo o conde tão bonito
A morte que lhe causaste.
—Cale-se, senhora mãe,
Não me faça arrenegar,
Que a morte que o conde leva
Inda vós a hav'reis levar.

(Elvas)

A rainha descoberta

(Segunda versão de *O Principe d'Allemanha*)

Já lá vem o claro sol,
O claro luzeiro do dia,
E o conde d'Allemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabia o rei,
Nem quantos na côrte havia;
Sabia-o só Julianna,
Filha da mesma rainha.

—O que te peço, Julianna,
Não me queiras descobrir,
Que o conde d'Allemanha
D'ouro e prata te ha-de vestir.
—Eu dou o seu ouro ao démo,
Tambem dou os seus damascos,
Pois se tenho meu pae vivo,
Para que quero eu padrasto?
As manguinhas da camisa
Não as chegue eu a romper,
Quando meu pai vier da missa
Eu lhe hei de ir a dizer.–
Palavras não eram ditas,
O pai que á porta chegava.
—O que é isso, ó Julianna,
Que estás tão apaixonada?
—Estando eu no meu tear,
Tecendo ouro e tela,
Veio o conde d'Allemanha
Tres fios me quebrou d'ella.
—Deixa-te d'isso, Julianna,
Que isso seria brincar,
Tu és nova, elle é novo,
Isso seria zombar.
—Eu não gosto de tal brinca,
Nem de tal zombaria,
Porem o conde me levou
A' cama onde eu dormia.
—Cavalleiro que tal faz
Merece ir a enforcar.
—P'ra maior vingança minha,
Mande o meu pai degolar.
—Oh! que sinos são aquelles
Que eu oiço aqui a dobrar?
—E' o conde d'Allemanha
Que já lá vae enterrar.
—Mal o haja, Julianna,
Mais o leite que a alimentou,
A morte d'um tão bom conde
Julianna é que a causou.
—Cale-se, ó minha mãe,
Cale se com cortezia,
Que a morte que o conde leva
Vossa mercê é que a mer'cia.
—Mal o haja minha filha,
Mais o leite que mamou,
Que a separação de mim e do conde
Julianna é que a causou.
—Cale se, ó minha mãe,
Cale-se por seu bel estar,
Que a morte que o conde levou
Não lh'a faça eu levar.
—Oh que razões são essas
Entre a mãe e entre a filha?
—Quebrou-se-me um fio d'oiro,
End'reital-o não podia.

(Elvas)

O Conde d'Allemanha

(Terceira versão de *O Principe d'Allemanha*)

Já bate o sol na vidraça,
Já lá vem o claro dia,
Já o conde d'Allemanha
Com a princeza dormia.
Nem criados nem criadas,
Ninguem na côrte o sabia;
Sabia-o D. Bernarda,
Filha da mesma rainha.
—Tu que o sabes, ó Bernarda,
Não n'o queiras descobrir,
Que o conde é muito rico
D'ouro fino te ha-de vestir.
—Não quero vestidos d'ouro,
Que tenho os meus de damasco,
Inda tenho meu pai vivo
Já me querem dar padrasto;
As mangas d'esta camisa
Eu não as chegue a romper,
Se em meu pae vindo da missa
Eu lh'o não fôr já dizer.—
Palavras não eram ditas,
E o pae á porta batia.
—Venha cá, oiça, ó meu pae,
Um caso de maravilha:
Estando eu no meu tear,
A bordar a ouro em tela,
Veio o conde d'Allemanha,
Tres fios me roubou d'ella.
—Deixa-o lá, ó minha filha,
Que é menino, quer brincar.
—Mal o haja a sua brinca,
Mais o seu tanto brincar,
Agarrou em mim em braços,
E á cama me quiz levar.
—Alto, alto minha filha,
Que eu o mandarei matar,
Debaixo de meus palacios
Ha-de vir a enterrar.
—Mal o hajas tu, Bernarda,
Mais o leite que mamaste,
Era o conde tão bonito,
E a morte que lhe causaste.
—Cal'-se ahi, ó minha mãe,
Cale-se com cortezia,
Que a morte que o conde leva
Vossa alteza é que a mer'cia.

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continuado de pag 80)

CCLXXIX

Graças a Deus que chegou,
Seja muito bem 'parecido!
O rigor da sua ausencia
Só eu o tenho sentido.

CCLXXX

Graças a Deus que começo,
Em louvor do Esp'rito Santo!
E' a primeira cantiga
Que aqui n'este balho canto.

CCLXXXI

Graças a Deus, ai! que gloria!
Já zombei de amor um dia;
Já quebrei, fiz em boccados
Um grilhão que me prendia!

CCLXXXII

Góstas, que eu bem sei que góstas,
De me veres acabar!
Se o meu morrer te dá gôsto,
Vou morrendo de vagar.

CCLXXXIII

Graças a Deus que já chovem
Pingas d'agua no jardim!
Graças a Deus que já vejo
Meu amor em par de mim!

CCLXXXIV

Hei-de te amar se me amares,
Querer-te se me quizeres,
Deixar-te se me deixares...
Farei o que tu fizeres!

CCLXXXV

Hei-de te amar com ciumes,
Que te hei-de fazer raivar!
Nem hei-de casar comtigo,
Nem te hei-de deixar casar.

CCLXXXVI

Hei-de me ir embora,
Hei-de me ir sahindo;
Tu has-de ficar
Em casa dormindo.

CCLXXXVII

Ha tres mezes que não como
Senão lagrimas e pão...
Estes são os alimentos
Que meus amores me dão!

CCLXXXVIII

Inda sou quem era d'antes,
Inda te faço visitas;
Em chegando á tua rua,
As pedras p'ra mim são fitas.

CCLXXXIX

Inda sou quem era d'antes,
Inda sigo os mesmos passos;
Em chegando á tua rua,
As pedras p'ra mim são laços.

CCXC

Isto não é de quem quer
Fugir á lei do amor...
Deixo pae e deixo mãe,
Vou p'ráonde o meu bem fôr.

CCXCI

Ingrato! Permitta o ceu
Que eu te chegue a ti a ver
No açougue, feito em quartos,
Aos arrateis a vender!

CCXCII

Impossivel! Sem ser Deus,
Haja quem de ti me aparte!
Se houver quem se ponha a isso,
Haja tambem quem me mate!...

CCXCIII

Ingrato! suspende os golpes,
Não me acabes de matar!
Deixa respirar com vida
Quem tão firme sabe amar!

CCXCIV

Inda que atirem commigo
Ao mar, por cima das ondas,
Nunca deixo de te amar!...
Assim tu me correspondas!

CCXCV

Inda agora reparei!
Ao meu direito lado
'Stá o jasmim, 'stá a flor,
'Stá a rosa, 'stá o cravo.

CCXCVI

Ingrata! *desconhecida!*
Que te custava dizer:
—Amor, busca a tua vida,
Que eu tua não quero ser?

CCXVII

Inveja, cruel inveja,
Que nunca se ha-de acabar!
Quem tanto mal me deseja,
Nunca bem póde passar.

CCXCVIII

Ingrato! *Paramonde* outrem
Deixas minha companhia!
Juro que te hão-de lembrar
Meus affectos, algum dia.

CCXCIX

Inda que queira não posso
D'amores fallar comtigo:
Eu tenho guardas á porta,
Sentinellas ao postigo.

CCC

Inda que queira não posso
Deixar de ter-te affeição;
Tenho-te tanta amisade,
Que não tem comparação!

CCCI

Inda que queira não posso
Olhar p'ra ti sem me rir;
Tenho-te tanta amisade,
Que a não posso encobrir.

CCCII

Já um rico se quiz pôr
A' mão d'reita de Deus Padre;
Os anjos lhe responderam:
—No ceu não ha *gravidade.*

CCCIII

Jurei não amar, e amo:
Já foi grande sympathia!
Os teus olhos me fizeram
Quebrar juras que eu fazia.

CCCIV

Já o mar não leva agua,
Leva folhas de jacé.
Não tenho por quem mandar
Cartinhas ao meu José.

CCCV

Já o mar não leva agua,
Leva folhas de trovisco.
Não tenho por quem mandar
Cartinhas ao meu Francisco

CCCVI

Já o mar mar não leva agua,
Leva folhas de alecrim.
Não tenho por quem mandar
Cartinhas ao meu Joaquim.

CCCVII

Já o mar não leva agua,
Leva folhas de papel.
Não tenho por quem mandar
Cartinhas ao meu Manuel.

CCCVIII

Já lá se vae o entrudo
Com gallinhas e capões;
Agora vem n'a quaresma,
Estudam-se as orações.

CCCIX

Já lá se vae o entrudo
Com gallinhas e carófos;
Agora vem n'a quaresma,
Estudam-se os padre-nossos.

CCCX

Já lá se vae o entrudo
Pelo barranco da nóra,
Gritando em altas vozes:
—A quaresma me põe fóra!

CCCXI

Já o sol se vae 'scondendo
Lá detraz d'aquelles ramos:
Alegria para nós,
Tristeza p'ra nossos amos.

CCCXII

Já lá tens novos amores,
Cuidas que ninguem n'o sabe!
Queira Deus que ature tanto
Como a polv'ra quando arde...

CCCXIII

Já veiu tarde o cumprimento
E correspondencia a dar...
Tem paciencia, meu bem,
Já 'stá outro em teu logar.

CCCXIV

Já morri, já me enterraram,
E agora já estou aqui!
Não poude a terra gastar-me
Sem me eu despedir de ti.

CCCXV

Já no ceu não ha estrellas
Senão uma ao pé da lua.
Tenho buscado e não acho
Cara mais linda que a tua.

CCCXVI

Jnrei pelo junco verde,
Que é a jura dos pastores,
Que não ha fonte sem *lismos*,
Nem donzella sem amores.

CCCXVII

Já não ha quem vá
A traz dos quintaes,
Pormonde os marotos
Dos officiaes.

CCCXVIII

Já não ha quem vá
Ao campo ás felores,
Pormonde os marotos
Dos trabalhadores.

CCCXIX

Jovem, nossos corações
Já se amam com ternura;
Se algum dia se apartarem,
Pouca é nossa ventura.

CCCXX

Já lá vae a nau p rás Indias,
Já lá vão os navegantes!
Choram as mães pelos filhos,
E as filhas pelos amantes!

CCCXXI

Já lá vae, já se acabou
O tempo dos agriões;
Arrabaças tambem servem
Em certas occasiões.

CCCXXII

Ja lá vem nascendo o sol,
Ai! que lindas alegrias!
Como se ha-de fazer velho
Nascendo todos os dias!

CCCXXIII

Justos céus! Se eu, n'algum tempo,
For ingrato ao meu amor,
Que os mesmos céus me consumam
Entre um fogo abrazador!

CCCXXIV

Já te eu devia ter dado
O meu leal coração;
Arreceio que tu faças
D'elle pouca estimação.

CCCXXV

Já os tristes campos choram,
Que não teem que vestir!
Já lhes romperam as galas
Que lhes deu o mez d'Abril.

CCCXXVI

Já no adro nascem silvas,
Já não ha passeadores;
Já não ha quem veja andar
Passeando os meus amores.

CCCXXVII

Julgo eu, por minha idéa,
Julgo eu que assim será:
De nada serve o querer bem
Se liberdade não ha.

CCCXXVIII

Já me não namoram fitas,
Nem amarellas nem verdes;
Namoram-me esses teus olhos,
Que me estou revendo n'elles.

CCCXXIX

Jesuino, meu doce amor,
Meu prazer, minha ventura:
Jurei de te amar constante,
Firme até á sepultura!

CCCXXX

José amo, José quero,
Jose trago no sentido;
Cada vez que em José fallo,
Minh'alma se enche d'allivio.

CCCXXXI

José amo, José quero,
José trago na memoria;
Cada vez que em José fallo,
Minh'alma se enche de gloria.

CCCXXXII

Linda flor é o loureiro
Que nasce pelos quintaes.
As filhas dos sacerdotes
Chamam «padrinhos» aos paes.

CCCXXXIII

Lindos olhos tem meu par,
Ind'agora reparei;
Se reparasse mais cedo
Não amava a quem amei.

(Da tradição oral, em Serpa)
(Continúa)

M. DIAS NUNES.

CONTOS ALGARVIOS

O toiro azul

Era de uma vez um rei e uma rainha, os quaes tinham, cada um, um filho. Como ambos fossem viuvos resolveram casar-se, e assim o fizeram. Entregava-se o rei muito ao exercicio da caça, e emquanto por lá andava era a sua filha que o representava, sendo por isso o idolo dos grandes do reino.

A madrasta ardia em ciumes por esta preferencia e jurou em sua alma vingar-se da filha do marido. Nesse intento, em uma occasião que o marido teve de ausentar-se, ordenou a madrasta á enteada que fosse guardar um toiro azul, que o pae d'esta comprara, e era muito bravo.

A boa da menina, toda transida de medo, cumpria as ordens da madrasta, recebendo desta uma parca refeição para o dia. Contra a sua expectativa o toiro não só a não maltratou, mas até a olhava serenamente. No dia seguinte voltou a menina, e quando se dirigiu para o toiro, este ajoelhou deante e disse:

—Tira um guardanapo, que tenho por detraz da orelha, e estende-o no chão, que logo te apparecerá comida e bebida consoante a tua condição.

A princeza fez o que o toiro lhe ordenou e logo viu na sua presença os melhores manjares. Satisfeito o appetite, tornou a collocar o guardanapo atraz da orelha do toiro, que, em seguida, se retirou, cortejando-a.

E assim se passaram alguns dias. Admirada a rainha de que o toiro não attentasse contra a enteada e de que esta parecesse viver satisfeita, ordenou a um pagem que espreitasse a enteada. Em breve se certificou de toda a verdade e a communicou á rainha.

Neste tempo voltou o rei, e a rainha fingiu-se doente, de cama. Ficou o rei muito aflicto e mandou chamar os medicos, que declararam achar-se a rainha muito enferma. A rainha fingiu grande fastio, mas como instassem com ella que comesse, resolveu pedir um bocado de carne do toiro azul.

Ficou a filha do rei extremamente maguada com aquella exigencia, e antes que o pae mandasse matar o toiro, foi ella prevenil-o.

Pela calada da noite dirigiu-se á tapada onde logo viu o toiro.

—Já sei a que vens aqui: a rainha quer matar-me. Vem comigo, senão ella dá cabo de ti.

E ambos fugiram. Depois de terem andado toda a noite e o dia seguinte, disse o toiro:

—Agora vamos entrar em esse jardim, onde ha muitas flores de cobre, guarda-o um gigante com quem brigarei, e como elle é muito forte, talvez me mate. Tu repara se cai alguma flor.

Apezar das supplicas da princeza, o toiro encaminhou-se para o jardim. Logo aos primeiros passos viu a menina cair uma flor.

—Guarda-a no teu avental — disse-lhe o toiro.

E a princeza assim fez. Quasi ao mesmo tempo appareceu o gigante e entrou a luctar com o toiro. Este ficou vencedor, mas muito ferido.

— Tira um frasquinho, que o gigante ahi morto tem á cintura, e deita-me sobre as feridas o oleo n'elle contido.

A menina cumpriu a ordem, e o toiro ficou completamente sarado.

Mais adeante chegaram a outro jardim em que as petalas das flores eram de prata. Nelle tambem havia um gigante, que foi morto pelo toiro, sendo as feridas que este recebera curadas com o licor contido no frasquinho que pendia á cinta do gigante. Aqui tambem caiu uma petala que a menina recolheu no seu avental.

Mais adeante appareceu outro jardim em que as petalas eram de ouro. De guarda estava um formidavel gigante que trazia á cinta um frasco e uma faca de matto. Instou o gigante com o toiro e aquelle foi morto. Então disse o toiro:

—Deita-me nas feridas o liquido do frasco e guarda a faca de matto.

A menina assim fez. Mais adeante pararam e disse o toiro:

—Que vês acolá?

—Vejo uma ribeira e lá em cima uma casa.

A casa que ves é um palacio; ahi vive uma rainha com seu filho. Agora farás o seguinte: com a faca que trazes tira-me a pelle, guarda n'ella as tres folhas que apanhaste, e vae metter tudo debaixo daquella lagea (aponta-lha), a qual, ás tres pancadas, se levantará. Depois suja-te na ribeira e vae offerecer-te como creada áquelle palacio. Quando ouvires dizer que ha aqui perto alguma festa, faze-te parva e pede que te deixem lá ir. Debaixo da lagea encontrarás o que desejares para te vestires.

Bem contra sua vontade, a menina fez o que o toiro lhe ordenou. Foi emfim a princeza, suja e com os cabellos em desalinho, offerecer-se por creada ao palacio, dando-se o nome de Maria.

Foi recebida por creada. D'ahi a dias pediu o principe um pente. Foi a creada levarlh'o. Elle atirou fóra o pente, dizendo:

—Já não tinham por quem mandar o pente senão pela Maria Suja!...

Passado tempo celebrou-se naquelles arredores uma festa. A' custa de muitos pedidos deixarem ir a creada á festa. A creada dirigiu-se á lagea e para logo, deante d'ella, surgiu uma carruagem de cobre e juntamente uma vestimenta completa do mesmo metal. Maria dirigiu-se na carruagem ás festas, onde deu nas vistas de todos, sem excepção do principe, seu amo, que lhe perguntou de onde era.

—Da terra dos pentes—respondeu Maria.

De outra vez mandaram pela mesma creada ao principe um guardanapo que elle pedira para se limpar. O principe recusou a toalha dizendo:

— Não quero toalhas de Maria Suja.

D'ahi a poucos dias houve outras festas ás quaes a creada Maria, seguindo os processos já indicados, se apresentou em carruagem de prata e vestida do mesmo metal.

—De onde é? — perguntou-lhe o principe.

—Da terra das toalhas—respondeu Maria.

Ainda em outra occasião repetiu-se egual scena em que o principe recusou um copo da mão de Maria Suja.

(Conclue)

Loulé!

ATHAÍDE D'OLIVEIRA.

ANNO III

N.º 7

SERPA, Julho de 1901

VOLUME III

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

Anno III — N.º 7 SERPA, Julho de 1901 Volume III

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

RECORDAÇÕES DA INFANCIA

A Serpa, onde nascera, e donde sahira na edade de anno e meio, regressei na epocha da maior effervescencia do feroz regimen miguelista. Era esta villa uma das que mais violentamente alimentavam os odios e as discordias civis, em que ardia então todo o reino, e que para sempre assignalaram o medonho periodo da nossa historia, decorrido de 1828 a 1833.

As familias dos dois campos adversos, — *Malhados* e *Realistas* — eram incompativeis.

Estes, tendo por si o exemplo e o patrocinio das autoridades, opprimiam cruelmente os seus contrarios, que, vexados e perseguidos sem piedade, não tinham direitos, nem segurança, nem socego. A tyrania de um fanatismo estupido e cruel exercia-se infrene contra os adversarios.

Dos liberaes, — malhados, — salvo um limitadissimo numero de homens illustrados, os outros adheriam á causa constitucional sem bem saber por quê; não era crença em principios, que não entendiam: as confusas reminiscencias do que tinham ouvido desde 1820, interesses pessoaes senão accidentes, ou acasos, os tinham impellido n'aquella direcção. Odeavam, é verdade, o governo que os opprimia, mas eram impotentes, sem força nem cohesão para conspirar; bastavam, porém, ligeiras suspeitas, vis e insensatas denuncias contra elles para incorrerem na pena de carcere, ou deportação.

A fim de escapar a tal ferocidade, muitos dos representantes das principaes familias, uns, haviam emigrado, indo reforçar o escasso nucleo d'esse futuro exercito, que na hora fixada pelas vicissitudes historicas veio desembarcar na Praia do Mindelo; outros, andavam fugitivos, vagabundos, e a monte, pelas serras e malhadas, onde eram incerta e assustadamente acolhidos, ou se occultavam nas povoações limitrophes da Hespanha. Assim, os principaes sujeitos do povoado, homens e mulheres escapados ás cadeas, haviam desamparado a villa.

Mellos, Parreiras, Almeidas, Zuzartes, Louzeiros, Madeiras, etc, eram victimas da perseguição miguelista.

—Os chefes do partido dominante, Miguel Francisco Palma, coronel de voluntarios realistas, e o Prior do Salvador, Carlos Chistovam Genuez Pereira, dispunham da força brutal da multidão fanatisada e ignara. O primeiro d'estes, de ideas curtissimas, fizera-se perseguidor, e opprimia mais por suggestão partidaria, do que por malevolencia; o segundo, espirito mais culto e intelligente, tinha a perseguição e o terror, como

maxima fundamental da sua theoria politica.

Um e outro, antes dominados que dominadores da plebe réles, e exaltada, tinham por indispensavel esmagar os malhados, e fazel-os *comer terra*, (era a expressão) para assentar e firmar o throno de El-rei Nosso Senhor.

A promptidão e ligeireza em denunciar os actos mais innocentes, estupidamente interpretados como perigosos ou suspeitos; o agrado com que o governo recebia os denunciantes; o carcere ou deportação que logo seguia a denuncia gerava entre as familias, desconfiança, e terror, que as afastava umas das outras, e cruelmente suffocava até as manifestações de sympathia, de piedade ou de qualquer affecto benevolente.

Estas sinistras condições sociaes, recordavam as palavras de Tacito, descrevendo o tempo de Tiberio.

«Neque propinquis aut amicis assistere illacrymare ne visere quidem diutius dabatur».

II

Dos annos d'este tormentoso periodo, (dos 10 aos 12 annos) que passei em Serpa, conservo recordações saudosas, como sempre são para os velhos, as da sua longinqua mocidade.

E entre ellas, já em parte obscurecidas pelos annos, tristes umas, alegres outras, vêm-me á idea as mil futilidades que no intimo, e quasi isolado viver da familia, entretinham entre irmãos a nossa despreoccupada puericia, só em casos gravissimos perturbada pela tormenta politica que em torno de nós se desencadeava.

Dentre as mais tristes reminiscencias desta epocha, apontarei a consternação e o terror da minha familia, e sobre todas, da minha pobre mãe, — o ente mais timorato deste mundo, — ao receber da bocca do escrivão Leonardo Mergu a intimação, da parte do Juiz de Fóra, de que meu pae ia ser encarcerado na cadêa de Beja.

Igualmente me recordo da noticia da morte de uma muito chegada parente minha, a qual, mais o marido, tres filhas e dois filhos, andavam homisiados errando pelas serras, ou por alguma aldea do reino visinho.

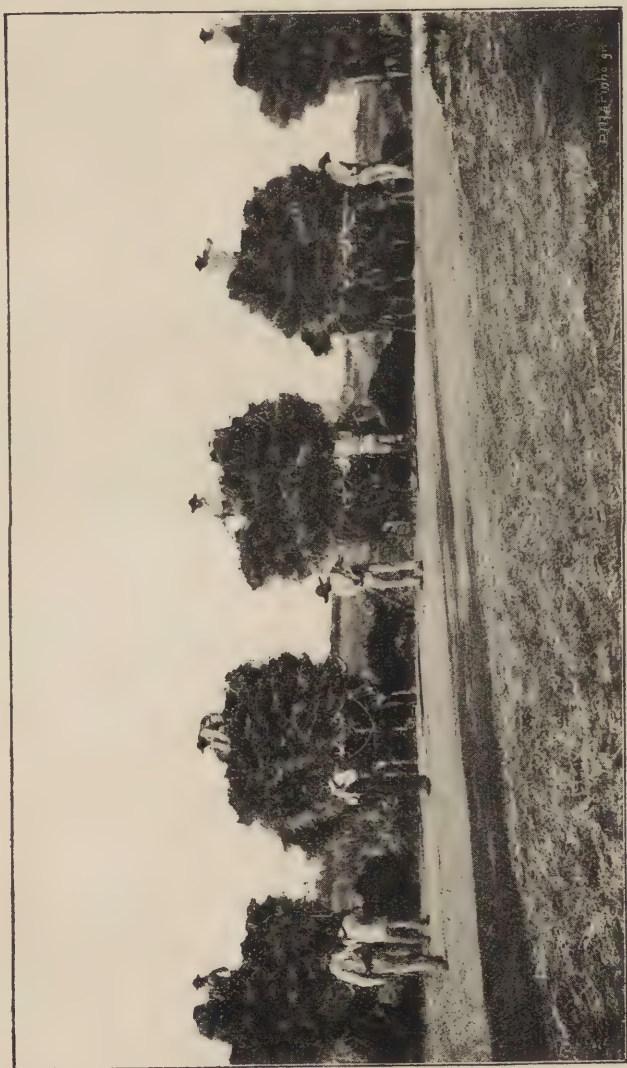
Lembro-me de que esta lugubre nova fora recebida em segredo, porque qualquer indicio de communicações com os exilados era terrivelmenre compromettedora, e traria afrontas populares, ou consequencias mais severas ainda. Era de ordinario, um bondoso frade hespanhol, que, ao abrigo do seu caracter sagrado, se fizera, com subtil e artificioso disfarce, o emissario da rara correspondencia entre as familias da villa, e os seus ausentes, afastando sempre, cautelosamente, a suspeita de tão generosa mas arriscada incumbencia.

Apezar da minha então curta e pouco attenta edade, e de mais de 70 annos terem decorrido, desde essa noite luctuosa, ainda me impressiona vivamente o relembrar tal scena.

Está reunida a familia em torno da lareira.

Minha Mãe, cinco filhos todos creanças, uma irmã de meu Pae, a velha ama que o creara, as inevitaveis comadres envolvidas nas mantilhas, e sentadas no chão, e duas creadas do tempo de minha Avó. A casa da reunião era espaçosa, chão de ladrilho, paredes caiadas, tecto de abobada; a mobilia negra, de pau santo, cadeiras de costas de couro e pregaria amarella; tudo soturnamente illuminado pela sinistra luz do classico candieiro de latão lusidio, e de tres bicos!...

A' tibia e sinistra claridade da frouxa luz, foi lida a carta em que meu tio, da Malhada onde n'esse instante se escondia, participava a morte de sua mulher, e narrava, em doloridas phrases, a doença rapida cheia de privações, de angustias e de saudades, que a arrebatara: narrava tambem como fora elle o seu unico com-

COSTUMES & PERSPECTIVAS

Cliché de Mello Breyner

Na eira (Serpa)

panheiro na ultima agonia, pois que filhos e filhas, arredados, e dispersos em desvairados esconderijos, não poderam dar-lhe o ultimo adeus, nem receber a sua eterna benção!...

A impressão funebre d'este luctuoso acontecimento, em tão lamentaveis circumstancias, foi em todos vivissima. Os chóros, suffocados, pelo receio de serem ouvidos, eram geraes, acompanhados das mais profundas e pungentes reflexões, sobre tanto desamparo.

Eu, muito creança e impressionavel, embora não conhecesse a martyr, nem sentisse a magoa de quem perde um ente que nos tem beijado e querido, estava sob a influição do terror geral. A luz escassa, o som dos gemidos, as observações funebres, e os suspiros abafados dos que me cercavam, levou-me a tal estado de terror, que me faz lembrar do passarinho de quem Bocage diz que

> «De susto e de piedade,
> Quasi os sentidos perdeu».

* * *

NA EIRA

Descarregam-se na eira as carretas [1] que trazem o trigo em rama.

Depois de quasi um anno de afadigada lida agricola, o lavrador recolhe o fructo dos seus trabalhos, das suas canceiras, dos seus incessantes cuidados,—quando não o desengano das suas esperanças! Mas, pouco ou muito que seja, sempre recolhe alguma coisa que lhe traz uns mezes, umas semanas, de pão á farta para a familia e para os criados. Nos bons annos é a seara a salvação do seu credito com a abundancia da sua casa.

[1] Chama se *carreta* ao carro grande puxado por bois.

Na eira do pobre anda este, a mulher e os filhos aproveitando bem todas as espigas, todos os bagos do trigo salvador que veiu «expulsar o Lazaro» da casa que, havia mezes, invadira.

Não despreza o rico esta occasião para vigiar o recolhimento da seara. A' tarde, principalmente, «ao romper da maré», frequenta elle a sua eira, calculando o montão, informando-se das carradas que alli se encontram, e das que possa ainda haver no restôlho, e fazendo calculos sobre as sementes que a seara dará.

Se a vida simples do lavrador é isenta das intrigas e mexericos da politica dos grandes centros, está todavia sujeita a continuas preoccupações proprias da industria agricola. Tem o lavrador de fiscalisar constantemente os animaes que emprega, para que sejam bem alimentados, a horas e a tempo; e tem ainda de zelar por que os serviços se façam como é devido e com a diligencia e actividade necessarias á economia rural.

Poucos lavradores usam já as carretas no carrego do trigo; geralmente adoptam os carros puxados a muares. Os pequenos seareiros, porém, empregam ainda as tradicionaes cangalhas de madeira. E' este ultimo processo que se observa na serra de Serpa.

(Serpa)

A. DE MELLO BREYNER.

O TENORIO DE ZAFRA

(LENDA)

I

Em 4 de maio de 1619 celebrou-se em Zafra uma boda com grande fausto e ostentação. Não faltava motivo para tanto, pois que se uniam n'aquelle dia duas familias riquissimas: a de *Silva e Figueiredo*, portugueza, e a de *Alvarez*, hespanhola.

D. Alvaro da Silva e Figueiredo, que era o contrahente, havia nascido na cidade de Elvas, em os primordios de 1600. Filho de familia ennobrecida, fôra educado, como toda a juventude rica da sua epocha: entre religiosos, para não ter religião alguma, e entre sabios, para ficar um eterno ignorante.

Em 1617 figurava o seu nome entre os dos móços mais turbulentos que concorriam ás festas populares que se realisavam na fronteira. Nas festas que em 1618 se celebraram em Zafra, por occasião da sua famosa feira chamada de S. Miguel, appareceu o moço elvense montando um fogoso corcel da raça arabe, como nunca havia sido visto, — e foi um verdadeiro alvo de admiração por parte das jovens que n'aquelle anno abrilhantaram os salões da boa sociedade zafrense. Uma d'ellas, a mais formosa talvez de todas, chamava se Maria Alvarez, e d'ella se enamorou D. Alvaro, e com ella se desposou em 1619.

II

Dezoito annos haviam decorrido depois que Maria e Alvaro tomaram estado. Deus abençoou esta união dandol-hes uma encantadora filha, inveja de toda a comarca. Chamava-se Mecía de Olvido, e contava 17 annos, quando, em 1637, aconteceu passar por Zafra uma companhia de infanteria, que deixou na villa um destacamento de quarenta praças commandado pelo alferes D. Lopo de Mendoza, moço de excellente porte e de apurada linhagem como pertencente a uma das mais nobres familias de Sevilha.

Amaram-se, e com a mais viva paixão, Mecía de Olvido e D. Lopo, apenas se conheceram certo dia na casa dos senhores de Ugarte, e a bem curto prazo trataram de unir-se pelo indissoluvel laço do matrimonio; mas D. Alvaro, ao saber que o moço official, apesar de seus pergaminhos nobliarchicos, não contava outra fortuna alem da que lhe offerecia a sua espada, oppoz-se aberta e tenazmente a semelhante união, e por sua parte resolveu dar marido a sua filha na pessoa de um descendente da familia dos Ramires do Prado, familia tão nobre quão endinheirada.

Tardía fôra esta resolução de D. Alvaro. Mecía de Olvido e D. Lopo amavam-se já o bastante para se não poderem esquecer, e muito menos tão de improviso. Entendeu, então, D. Alvaro dever recolher sua filha no mosteiro das religiosas de Santa Clara, tendo para tanto obtido a competente licença de D. Gomez Suarez de Figueiroa, primeiro Conde de Zafra e Duque de Feria, padroeiro que era do dito mosteiro; — inutil, porém, se tornou semelhante rigor, porque Mecía de Olvido soube adquirir a sympathia da propria freira encarregada de a vigiar, e, por sua intervenção e com as maiores precauções, teve repetidas conferencias com D. Lopo.

Por alguns mezes se prolongou esta situação, e, emquanto D. Alvaro preparava o casamento de sua filha com D. Affonso Ramires do Prado, poude D. Lopo persuadir sua amada a fugir do convento, para casar-se secretamente com elle. Valeu-se para isso do pagem que o servia; mas, desgraçadamente, esse pagem estava comprado por D. Alvaro, e, assim, ao ir effectuar-se a fuga, por meio de uma escada de corda dependurada de um dos muros da horta do convento, viu-se D. Lopo inopinadamente rodeado de D. Alvaro da Silva e seus creados, que intentaram matal-o, nem mais nem menos que como fez D. João Tenorio com D. Luiz Mexia na sua aventura de Sevilha.

D. Alvaro, ao ver-se frente a frente do seductor de sua filha, não se contentou em dirigir-lhe os maiores improperios, senão que, alçando a mão, lhe assentou uma valente bofetada. Mendoza, ao ver-se por tal maneira injuriado, arrancou, cheio de ira, a sua espada, e, exclamando: *Ninguem até hoje me esbofeteou!...* afundiu-a até ao punho no peito de D. Alvaro,

que cahiu por terra, balbuciando: *Morto!... Maldito sejas, infame castelhano!*

A confusão, que esta inesperada scena produziu no animo dos creados de D. Alvaro, salvou D. Lopo, que, montando n'um dos cavallos que tinha de prevenção para o rapto, abandonou Zafra a todo o galope, chegando em tres dias a Sevilha, onde alcançou um logar de sua graduação n'um dos terços hespanhoes que partiam para Napoles, e embarcou para a guerra de Italia, onde as tropas hespanholas correram fortuna varia.

III

Os azares da guerra n'um paiz estrangeiro levaram o moço Mendoza a diversas cidades, onde travou relações com algumas e encantadoras damas, d'estas que sempre teve Italia para admiração de naturaes, e de estranhos. Innumeras aventuras amorosas, duellos afortunados, e vantajosas partidas lhe fizeram promptamente esquecer a aventura de Zafra, e com ella a formosa Mecía de Olvido, que, negando-se a dar a mão a D. Affonso Ramires do Prado, tomou o véo no convento em que seu pae a recolhera, e onde, com o decorrer do tempo, acabou seus dias aos trinta e seis annos de edade, suspirando pelo gentil donzel, que requestou seu coração para apagar n'elle bem de prompto affeições dulcissimas, olvidando juramentos e palavras que ella nunca poude afastar de seu febril pensamento.

Entretanto, D. Lopo de Mendoza pagava bem cara a sua negra ingratidão.

Certa noite, em que se retirava a deshoras pelas solitarias ruas de Napoles, ao passar em frente do Palazzo Fabrizi Colonna, acerca-se de elle um vulto envolvido em comprida e negra capa, e entrega-lhe uma carta fechada com lacre preto.

— Quem sois? perguntou D. Lopo.

O desconhecido, desembuçando-se, e deixando ver, á luz roxa da sua lanterna, o rosto cadaverico do proprio D. Alvaro da Silva e Figueiredo, aponta com o index a ferida de seu peito, e exclama com sarcastico sorriso: *Maldito sejas, infame castelhano!*

Mendoza quiz levar a mão á espada, mas não poude, e cahiu por terra desmaiado. Ao recuperar os sentidos viu-se só; mas a carta conservava-a em suas mãos. Abriu-a, e leu o seguinte:

«✝Hoje, 7 de Fevereiro de 1639, «eu, Alvaro da Silva e Figueiredo, «natural de Elvas, pae de Mecía de «Olvido, e morto por tua mão em 7 «de Fevereiro do anno de 1638, por «especial permissão de Deus venho «annunciar-te a tua morte, que se ve- «rificará, irremissivelmente, no dia 7 «de julho, ao cumprirem-se os 17 me- «zes da minha... E' a justiça de Deus. «Que se cumpra, é o seu mandado.

«*Maldito sejas, infame castelhano!*»

O terror e o assombro apoderaram-se de D. Lopo, extremamente desvairado pelo que tinha visto e pelo que havia lido. Quando, muito tarde, se lhe foi desvanecendo, pouco a pouco, o natural terror, fazia estas reflexões: Mas não poderá constituir esta carta um gracejo, e bem pesado, de algum dos meus companheiros de armas, sabedor da aventura de 7 de Fevereiro de 1638? E aquellas feições, que eu reconheci como proprias de D. Alvaro, não poderiam ser as de uma perfeita mascara com que cobrisse seu rosto o desconhecido?... E tudo isto, esta apparição em frente do Palazzo Fabrizi Colonna, não será mesmo uma simples illusão?...

Tinha já esquecido completamente este successo, quando marchou com a sua companhia para Milão, onde desde logo frequentou os palacios das familias mais gradas da cidade.

Em 7 de março achava-se n'um baile que dava sua ex.ª o Governador, e, ao formular a sua declaração amorosa á filha do *Sindaco* (Alcaide), a dama mais galante do baile, um dos criados da casa se lhe dirigiu, dizendo,

que certo individuo, embuçado até aos olhos, lhe havia entregado a carta que depositava em suas mãos.

Mendoza reconheceu que a letra do sobrescripto tinha notavel semelhança com a da carta do embuçado de Napoles, e, todo tremendo, abriu a missiva, e leu:

«+ Hoje, 7 de março de 1639, eu, «Alvaro da Silva e Figueiredo, natu«ral de Elvas, pae de Mecía de Ol«vido, e morto por tua mão em 7 de «Fevereiro do anno de 1638, por es«pecial permissão de Deus venho an«nunciar-te, que só te restam 4 me«zes de vida. Prepara-te para mor«rer... Quer a justiça de Deus que «morras em 7 de julho, ás dez horas «da noite.

«*Maldito sejas, infame castelhano!*»

D. Lopo, cheio de pavor, aterrorisado, abandona a sala, sahe do palacio, e, afflictivamente, attribuladamente, eis que se dirige ao convento dos Padres Capuchinhos, que encontrou fechado.

Encostando a sua cabeça escandecida contra uma das columnas do portal, ahi esperou que fosse dia, para que lhe abrissem a porta.

A's 6 da manhã um leigo veio abrir o postigo para proceder á limpeza do atrio.

D. Lopo dormia, abraçado ao pedestal da columna.

— Irmão — lhe diz o religioso, acordando-o — estaes enfermo?

— Não, — estou bom.

— Buscaes asylo sagrado?

— Sim, para a minha consciencia peccadora...

— Entrae, entrae, e batei á porta da direita, que se vos abrirá.

D. Lopo chamou á porta indicada. Minutos depois girava ella sobre os gonzos, apparecendo a figura do Guardião, homem alto, secco, de rosto austero, mas de olhar doce e complacente.

— Careceis de alguma cousa d'esta santa casa, irmão?

— Procurava o Guardião da Communidade para me confessar: sou um peccador arrependido.

— O Guardião sou eu; e a casa de Deus é muito vasta. Quem a ella bate, entra, porque no reino de Deus todos cabem. Dos arrependidos é a maioria no reino dos céos...

IV

D. Lopo ajoelhou reverentemente aos pés do padre e fez confissão geral da sua vida turbulenta, das suas loucuras, das donzellas por elle difamadas, dos desafios e cutiladas que sustentou com amigos e com adversarios, declarando que era seu desejo, e firme proposito, desde aquelle momento, em que Deus lhe havia tocado no coração, abandonar o bulicio do mundo, e trocar a vida licenciosa das armas pela vida santa da egreja, pela estreiteza da clauzura, pela regra rigida e austera a que sujeitavam a sua existencia os Padres Capuchinhos.

O Padre Guardião aconselhou-o a que bem meditasse; pois que era ainda joven; e que iria deixar uma carreira, que para muitos havia sido brilhante, e para não poucos gloriosa.

D. Lopo insistiu no seu proposito, fazendo ardentissimos votos do mais sincero arrependimento.

O Padre Guardião terminou por absolvel-o attenta a sua ferverosa instancia, e conduziu-o a uma das cellas, dizendo-lhe:

— Esta é a vossa casa, irmão, e tambem a vossa sepultura. Mudae de roupagem; sois admittido desde hoje como leigo d'esta communidade.

— Obrigado, Padre Guardião! respondeu D. Lopo; fico-vos devendo a vida, a minha tranquillidade, e a minha regeneração completa.

D. Lopo quiz tomar incontinente o habito; certas diligencias, porém, que era indispensavel praticar, dilataram por um mez a cerimonia, que só poude celebrar-se em 7 de Abril.

Em manhã formosa, como de primavera, na Italia do Meio-Dia, o interior do convento estava fortemente

CANCIONEIRO MUSICAL

VII

O cerro da neve

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(DESCANTE)

illuminado. Os religiosos, de velas nas mãos, haviam celebrado a procissão claustral para conduzirem o noviço até á capella-mór, onde pronunciou seus votos, e ao regressar ao côro, quando ia tomar assento na cadeira que lhe fôra prescripta, viu a seus pés uma carta cerrada com o fatal lacre preto, carta ali posta por mão desconhecida. Guardou o papel, e, ao terminar as rezas da rubrica, dirigia-se para a sua cella, balbuciando em latim os ultimos psalmos que a Igreja dedica a S. Herman, chamado José, cuja festa se celebrava n'aquelle dia, quando, lá, no fundo do baixo claustro, lhe pareceu divisar um vulto, encostado á parede. Era, com effeito, o espectro de D. Alvaro da Silva e Figueiredo, que o saudou com as palavras por elle pronunciadas ao expirar: *Maldito sejas, infame castelhano!*

D. Lopo chegou inconsciente, machinalmente, á sua cella. Victima desde aquelle momento de uma terrivel enfermidade, originada pela melancholia e pelo espanto que lhe produziam os repetidos avisos de sua morte proxima, cahiu de cama para não mais levantar-se.

Luctando com allucinações e desvairamentos, que o punham ás portas da morte, veiu o 7 de Maio, encontrando n'esse dia, debaixo do travesseiro, um aviso, de que sómente lhe restavam 60 dias de vida, e, em 7 de Junho, outro, aconselhando-o a que se preparasse para morrer em 7 de Julho, depois da meia noite, hora a que havia dado a morte ao pae de Mecía de Olvido. Antes de cumprido o praso fatal, D. Lopo de Mendoza sentiu-se atacado de violentas convulsões; em 6 de Junho pediu para ser ouvido de confissão pelo superior do convento; e em 7 expirou, deixando consternados os seus companheiros de communidade.

V

Tal é a tradição, que se conserva nos povos da fronteira portugueza, sobre D. Lopo de Mendoza, a quem hoje muitos chamam o *Tenorio de Zafra*, sem duvida por ter querido fazer da joven Mecía de Olvido outra *D. Ignez*, do drama de Zorrilla.

Não conhecemos os fundamentos historicos da anterior lenda, muito corrente na Hespanha do seculo XVII; mas podemos dizer que a familia dos *Silvas e Figueiredos* era muito numerosa em Elvas, desde o seculo XIV; que um *D. Alvaro da Silva* viveu e tomou estado em Zafra nos principios do seculo XVII; que uma *D. Mecía de Olvido y Alvarez* professou no mosteiro de Santa Clara de Zafra e ahi morreu nos meados do seculo citado, e que um *D. Lopo de Mendoza* foi frade descalço de Milão, tomando o nome de Fr. *José Lopes de Sevilha* e morreu no referido convento em 7 de Julho de 1639.

Coincidencias são estas para ter-se em conta, como as teve, indubitavelmente, o auctor de certa obra intitulada *Recuerdos de un viaje por España* (Madrid, 1863), onde foi recolhida parte d'esta lenda, que, mal coordenada, o leitor pode consultar, abrindo o tomo segundo da mencionada obra, a pag. 343.

Pelo que respeita a D. Alvaro da Silva e Figueiredo, o natural é que não morresse da estocada recebida em 7 de Fevereiro de 1638, e que, resolvendo vingar-se do seductor de sua filha, seguisse D. Lopo até Italia, ideando o diabolico meio, que pôz em pratica, para matar, pelo terror, o ex-alferes de infanteria, já convertido em frade descalço.

Madrid.

NICOLÁS DÍAZ Y PÉREZ.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

O CERRO DA NEVE

Todas as bem-casadinhas
Vão par'ó cerro da neve...
Eu tambem para lá hei-de ir
Antes que a morte me leve.

Antes que a morte me leve
A mim mais ao meu amor...
Eu tambem para lá hei-de ir,
Oh meu Deus, oh meu Senhor!

(Serpa)

M. DIAS NUNES.

CONTOS ALGARVIOS

AS TRES CIDRAS DO AMOR

HAVIA duma vez um principe, que padecia *mal de melancolia*. Ora, de que se havia lembrar o sr. rei, seu pai? Mandou fazer tres tanques defronte do palacio, e um encheu de agua, outro de azeite e outro de mel.

Corria gente de toda a banda para encher nos tanques as suas cantarinhas. Vinham moças muito lindas; mas o principe nem nas olhava.

Onde appareceu certo dia uma velha muito velha, trazendo á cabeça a sua cantarinha.

Vae o principe achou tanta graça á velha, que atirou uma pedrinha lá de riba. Ella olhou, olhou... e não deu rumor de ninguem. Voltou no outro dia, e o principe... zaz; outra pedrinha em cima da velha. Ella olhou, tornou a olhar, e nada... porque o principe, que já dava um ar da sua graça, tinha-se logo escondido.

Ao terceiro dia, e terceira cantarinha, que as outras duas havia-as o principe quebrado, foi a velha mais experta e deu com o principe, muito manhoso, a espreitá-la.

Diz a velha d'esta maneira:

—Ah! é Vossa Alteza? Pois deixe estar — já não lhe digo adonde páram as tres cidras do Amor...

—Diz'-me onde estão as tres cidras do Amor, e dou-te oiro com que carregues tres cavallos.

—Não digo, que o principe quebrou-me as minhas cantarinhas!

—Diz-me onde estão as tres cidras do Amor, e dou-te tantas riquezas que as não possas contar.

—Não digo, que o principe quebrou-me as minhas cantarinhas!

Aqui, o principe encheu-se de grande magua e desatou a soluçar.

Assim que viu aquillo, a velha pegou-se a rir.

—Ah! tem muita pena? Não chore mais, que eu lhe digo adonde estão as tres cidras do Amor. Em batendo a meia noite, monte-se no seu cavallo e deixe-se ir adonde elle o levar. Há-de encontrar uma torre que é a *Torre-da-Má Hora*, guardada por um leão. Se elle tiver os olhos fechados volte para traz. Se os tiver abertos, tire-lhe da bocca as chaves da torre e lá encontrará as tres cidras do Amor.

Como o principe assim fez. Mal bateram as badaladas da meia noite, montou-se no seu cavallo, entregando-se a Deus e á ventura. Foi dar á *Torre-da-Má-Hora*, guardada pelo poderoso leão. Mas como o principe lhe visse os olhos abertos, foi-se a elle tirou-lhe as chaves da bocca, furtou da torre as tres cidras e desandou caminho para traz. Lá no meio d'um descampado, apeou-se e partiu a primeira cidra. Onde lhe sahiu de dentro uma menina muito linda, que disse assim.

—Dá-me agua, senão morro!

Não havia alli nascente nem regato e a menina, já se vê, espereceu.

Montou-se o principe outra vez no seu cavallo; mas lá adeante cresceu-lhe vontade de abrir a segunda cidra. Abriu-a, e sahiu outra menina. E se a primeira era linda, a segunda ainda lhe ganhava. Diz ella:

— Dá-me agua, senão morro!

Não havia alli nascente nem regato e a menina, já se vê, espereceu.

Ficou o principe muito triste da sua vida e o terceira cidra ja foi abri-la á borda d'agua corrente. Assim como elle a abriu, appareceu-lhe terceira menina. E se os duas eram lindas esta a *ambas e duas* ganhava.

Palavras d'ella:

—Dá-me agua, senão morro!

Logo o principe lhe deu agua pela

aba do seu chapéo, e a menina disse-lhe:

—Já que me desencantaste, comtigo é que hei-de casar.

Assentou-se ella á sombra duma arvore, e o principe deitou-lhe a cabeça no collo. Logo a menina entrou a catá-lo e o principe adormeceu.

Quem havia de vir á fonte? Uma preta, muito preta. . muito preta e muito feia. Assim que deu com os olhos na menina, encheu-se de tamanha inveja que o seu fito foi de a desgraçar. Chegou-se com muitos rodeios e muitas palavrinhas de mel.

—Ai, que menina tão bonita! Quer que eu a cate, minha lindeza?

A menina deixou-se catar, e vae a preta atinxa lhe um alfinete na nuca!

Mudou-se a menina numa pombinha, bateu as azas e voou.

A menina que voava, o principe que abria os olhos. Muita festa da preta, toda desengonçada para elle «e que era ella a menina encantada em fórma de preta, e que em o principe lhe dando a mão se voltaria ao natural», e porque torna, e porque deixa...

Capacitou-se o principe de que tudo aquillo fosse a pura da verdade, e levou a preta para palacio, comsigo.

Ficou toda a gente embasbacada de ver um principe tão formoso noivo de uma preta tão medonha. O sr. Rei seu pae e a sr.ª Rainha sua mãe andavam moidos de desgostos; mas o principe, que não tinha dado pelo engano e estava na fé de que a preta era a sua menina, punha os pés á parede «que havia e mais que havia de casar».

Tudo prompto para as bodas com grande magua da côrte, e já o principe se estava compondo para as festas, entrou-lhe pela janella do quarto uma pombinha branca de neve. Os principesinhos mais moços agarraram-n'a; e o que hão-de elles descobrir? Que a pombinha trazia um alfinete atinxado na cabeça. Muito dó por amor da pombinha, sim, senhores, e trataram logo de lhe arrancar o alfinete. Muda-se a pombinha numa menina, e foi quando o principe veiu a cahir no engano em que tinha andado.

Deu logo alli ordem para que a preta fosse posta em ferros d'el-rei: ella, porem, assim que o soube, deitou-se d'uma janella abaixo e d'esta fórma acabou.

O principe casou com a menina, houve grande gala na côrte, e... fui lá não me deram nada!

(Da tradição oral, no Algarve).

(Serpa)

MARIA VELLEDA.

APPARIÇÕES

O caso que adiante publicamos, diz respeito a uma pobre e humilde heptagenaria, alma extremamente bondosa e duma adoravel simplicidade. Ella propria, a ingenua velhinha, me contou a singular historia do que lhe succedera; e as suas palavras foram tão serenamente, tão claramente proferidas, que o nosso espirito não vacilla em as acceitar como profundamente verdadeiras. Trata-se, pois, dum depoimento leal e sincero que merece ficar registrado para o estudo das *apparições.*

Não me leve o leitor a mal que, nesta observação, como em todas as que vou dando a lume, eu desça á menção de certos dados individuaes e hereditarios, concernentes aos allucinados aqui exhibidos. A razão é obvia: desejo provar á luz dos factos, que o protagonista duma apparição, qualquer que ella seja, é sempre uma pessoa cujo systema nervoso está mais ou menos perturbado.

Eu bem sei que a principal causa determinante do fenomeno, é a crença, geralmente perfilhada pelo povo, de que — a toda a pessoa, sem distincção de sexo nem d'edade, se podem deparar coisas, que aos outros se tornam imperceptiveis. Mas a ver-

dade é que similhante crença só produz os seus effeitos em individuos affectados de nevrosismo, embora muitos desses individuos se nos afigurem como as creaturas mais sãs deste mundo. Em pessoas d'intelligencia clara e nervos bem equilibrados, é que o facto nunca se dará. Pelo menos, as nossas modestas observações confirmam plenamente este modo de ver.

E posto isto, passemos ao caso alludido.

*
* *

M. A., natural de Serpa, é uma simples mulher do povo, conta setenta annos d'edade e não sabe ler nem escrever; é viuva com tres filhos. Seu pae era alcoolico e sua mãe padecia d'ataques nervosos, e tão violentos eram, que um delles a lançou no lume, resultando-lhe dahi a morte.

Conta M. A. que ha trinta annos, pouco mais ou menos, lhe falleceu a mãe, e que logo após este doloroso acontecimento, pois eram decorridos tres dias apenas, nasceu-lhe um filho, que ainda vive. Note-se a coincidencia do nascimento do neto com a morte da avó, o que tem a sua importancia, conforme depois veremos.

Num domingo, quinze dias depois do seu nascimento, foi o menino baptisado, e na segunda feira immediata teve logar a lúgubre scena que vamos descrever.

Era, como dissémos, uma segunda feira, e logo de manhã, como de costume, levantou-se M. A. e poz-se a lavar e a vestir o filho. De repente lembrou-se de levar a creança a Nossa Senhora dos Remedios. Para que? Para Nossa Senhora operar o milagre de fazer manso o seu menino. E se bem o pensou M. A., melhor o fez, porque acto continuo lá marchou caminho da Senhora dos Remedios, com seu petiz ao collo, e acompanhada por uma irmã que vivia comsigo. E, na verdade, M. A. lá foi, com toda a santa ingenuidade da sua boa alma, rogar a Nossa Senhora que intercedesse em favor do seu querido filho.

A Senhora dos Remedios é uma santa muito venerada pelo povo de Serpa, e a sua imagem acha-se numa ermida do mesmo nome, que fica á entrada da villa, pelo norte.

Vejâmos em que consiste a cerimonia religiosa, por meio da qual, a gente do commum julga obter a mansidão das creanças. E' muito simples: A creança, recentemente baptisada, é conduzida á presença da santa mais predilecta, e seguidamente é deitada sobre o respectivo altar. A mãe, então, ajoelhando ao pé do mesmo altar, réza algumas salve-rainhas, que offerece a Nossa Senhora, e pede-lhe que proteja e torne mansa a creancinha ali presente.

Tal foi a innocente prática a que M. A. teve de submetter-se para conseguir o seu *desideratum*.

Regressando a casa, ainda de manhan, foi M. A., com seu filho nos braços, sentar-se á lareira, porque era d'inverno e fazia bastante frio. Subitamente, ao canto direito da chaminé, uma figura sinistra se lhe patenteou. Essa figura era nada mais nada menos que sua propria mãe, amortalhada de preto, de mãos postas e lenço branco na cabeça. Exactamente como ella tinha descido á cóva. M. A., completamente assombrada perante aquelle funéreo quadro, começou a gritar e a dizer á irmã — apontando para o canto — que ali estava a mãe. Em seguida, fulminada por indescriptivel terror, caiu para traz, deixando escapar a creança para o lado. A irmã, vendo isto, rompeu tambem em afflictivos gritos, ao som dos quaes accudiu muita gente da vizinhança.

M. A. recuperou depois os sentidos, mas continuava a dizer que via a mãe. Em virtude desta insistencia, disse-lhe a irmã que a requeresse, o que M. A. immediatamente fez, nos seguintes termos: — «Mãe, da parte de Deus te requeiro: diga o que quer, mãe!» Ao que a mãe respondeu: —

«Sim, olha, quando teu pae foi á Hespanha, ao assucar, com o teu tio José dos Santos, e que lh'assentou o macho um coice numa perna, eu prometti ao Senhor Santo Amaro uma perna de cera, e alumiá-lo. Eu não estou no ceu nem na terra, ando no ar. Vai pagar esta promessa para eu poder entrar no ceu.»

Logo no dia seguinte, tratou M. A. de cumprir a sagrada promessa que sua mãe fizera, e para isso dirigiu-se á egreja da Senhora da Saude, sendo nesta piedosa missão acompanhada por suas irmãs e algumas vizinhas.

A egreja da Senhora da Saude é um elegante e gracioso templo situado no cemiterio desta villa, e no qual se encontra a imagem de Santo Amaro. Pois bem, neste mesmo templo, e precisamente no instante em que a promessa acabava de ser cumprida, viu M. A. sua mãe approximar-se de si e ouviu dizer-lhe: — «Filha, Nosso Senhor te pague. Seja pelo amor de Deus a esmola que me fizeste.»

Estas funebres palavras — diz M. A. — foram pronunciadas ao seu ouvido direito, e produziram-lhe uma impressão de frieza tão forte, que nunca mais ella deixou de padecer desse ouvido.

M. A. declara que não sabia da promessa feita por sua mãe ao milagroso Santo Amaro, mas que se lembra ainda do padecimento que o pae teve na perna, o qual levou a curar mais dum anno.

Finalmente diz-nos M. A. que, desde o pagamento da promessa, deixou de ter mêdo da mãe, e que esta nunca mais lh'appareceu.

*
* *

A curiosa e interessante historia duma apparição, ahi a tem o leitor, fiel e imparcialmente narrada. Quanto á sua interpretação, não nos parece muito difficil, desde que se attenda a estas breves considerações que passamos a expor.

Assim, observaremos em primeiro logar que, padecendo M. A. de tremores e tendo como progenitores um alcoolico e uma mulher nervosa (epileptica ou histerica?), não podemos deixar de considerá-la como sendo uma *nevropatha hereditaria*. Em segundo logar, convém advertir que M. A. não passa duma triste plebéa, vivendo num meio acanhadissimo, sem nenhuma especie de cultura intellectual, e, por conseguinte, apta a nutrir todo o genero de superstições. Nestas condições, nada mais natural que M. A. ter, por via sugestiva, uma allucinação, a qual revestiu — como vimos — a forma visual e auditiva.

Mas porque foi a mãe de M. A. que se lhe deparou, e não qualquer outra pessoa? A razão é simples. Sabemos por um lado que, quando M. A. deu á luz o filho, tinha recentemente fallecido sua mãe, e portanto a figura desta havia d'estar ainda bem fresca na memoria de M. A. Por outro lado, tambem sabemos, que os dois acontecimentos, dando-se quasi simultaneamente, deviam necessariamente produzir na parte moral de M. A. uma notavel depressão. E em tal estado, que admira que ao debil espirito de M. A. surgisse medonho e aterrador o espectro de sua mãe?

O leitor comprehende agora, certamente, o motivo porque atraz frisámos o curto praso que mediou entre a extincção da avó e o apparecimento do neto.

Outra pergunta: Como é que, não sebendo M. A. da promessa de sua mãe, essa mesma promessa veiu expontaneamente despertá-la do seu hypnotismo?

De dois modos se póde explicar o extranho fenomeno: 1.º ou M. A. ouviu alguma vez dizer a sua mãe que tinha promettido uma perna de cera a Santo Amaro, e depois esqueceu-se do que ouvira; 2.º ou então M. A. ignorava effectivamente o que se passára; mas o que, com certeza, ella não ignorava, é que Santo Amaro é o advogado das doenças das pernas,

e ao mesmo santo costuma offerecer-se uma perna de cera, sempre que alguma cura maravilhosa se realisa sob a sua invocação.

No primeiro caso M. A. não fez mais que reproduzir, em sua allucinação, palavras cuja imagem ella inconscientemente guardava no cerebro; no segundo, essas palavras accudiram á mente de M. A. por meio d'auto-sugestão, como tão vulgarmente se observa nos allucinados.

E destas duas hypotheses não se póde fugir, sob pena de cairmos nas doutrinas nebulosas do *espiritismo*.

Ha finalmente na historia desta visão, uma circumstancia digna de ser notada. Refiro-me ao incommodo auditivo de M. A., o qual ella attribue á impressão de frieza que, em seu ouvido, causaram as palavras de sua mãe.

Devemos declarar, para socêgo do benevolo leitor, que este curioso facto não representa nenhum mysterio, pois que a theoria das allucinações explica-o perfeitamente.

O que naturalmente aconteceu, foi isto: M. A. não era muito san dos ouvidos, mas assim ia vivendo sem dar pelo seu achaque, até que um tenebroso dia veiu a famosa allucinação verbal por-lhe em evidencia a fragilidade do seu tympano direito.

Resta-nos saber se a fraqueza auricular de M. A. é d'ordem puramente nervosa ou estará ligada a alguma lesão organica.

Pela nossa parte não o pudémos averiguar. Em todo o caso creio que a perturbação auditiva existe e que precedeu mesmo a allucinação.

Serpa

LADISLAU PIÇARRA.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continuado de pag. 95)

CCCXXXV

Limoeiro da Italia
Já não póde dar limões,
Já lhe cortaram as guias
Que prendiam corações.

CCCXXXVI

Lá no arco do Castello
Nasce o sol, combate o vento.
Commigo tendes a fama,
Com outra *passas* o tempo.

CCCXXXVII

Laranjeira de pé d'oiro,
Com seus raminhos de prata.
Oh amor, dá os teus olhos
A quem por elles se mata!

CCCXXXVIII

Lindas flores são junquilhos,
Junquilhos são lindas flores;
Lindas mães, que criam filhos
Para dar aos seus amores!

CCCXXXIX

Loureiro, verde loureiro,
Baga verde é o teu fructo.
Foste o meu amor primeiro...
Deixar-te, custa-me muito!

CCCXL

Lisbôa, por ser Lisbôa,
Com braços de mar ao pé,
Não é tão grande cidade
Como Val-de-Vargo é...

CCCXLI

Lá vae uma, lá vão duas,
Lá vão tres pela primeira;
Lá vae o meu coração
A' busca de quem n'o queira!

CCCXLII

Lá vae uma, lá vão duas...
São as prendas que te dou!
Ama, amor, quanto quizeres...
Commigo já se acabou!

CCCXLIII

Lindos olhos tem a turca,
Lavada no lamaçal;
Eu hei-de ir lavar os olhos
Onde a turca os foi lavar.

CCCXLIV

Linda lettra é um F,
Sendo ella em botão:
E' lettra com que se escreve
O nome de meu irmão.

CCCXLV

Linda lettra é um J,
Sendo ella em felôr:
E' lettra com que se escreve
O nome do meu amor.

CCCXLVI

Levantei-me um dia cedo,
Fui á praia passear:
Encontrei o meu amor,
Na areia, ao pé do mar.

CCCXLVII

Linda flôr é a perpetua
Colhida de madrugada.
Sempre parece solteira
A mulher que é bem casada.

CCCXLVIII

Linda jovem, jovem linda,
Oh minha rosa em botão!
Se meu gôsto fôr ávante,
Vens p'rá minha geração.

CCCXLIX

Meu amor já me deixou,
Desprezou-me inteiramente;
Desprezou-me a mim sem causa:
Fez o gôsto á sua gente.

CCCL

Manuel, por vêr as moças,
Fez uma fonte de prata;
As moças não vão á fonte:
Chora Manuel que se mata.

CCCLI

Matastes um porco gordo,
Has-de me dar 'ma talhada,
Que seja o corpo todo,
Mais a cabeça agarrada.

CCCLII

Menina, estás á janella
Olhando para quem passa:
Tens uns olhos de cadella...
Queres ir commigo á caça?

CCCLIII

Mais vale um ganhão
Sem manta nem nada,
Que trinta sovinas
De bota engraxada.

CCCLIV

Mais vale um ganhão
Rôto e sem camisa,
Que trinta sovinas
De marrafa lisa.

CCCLV

Meu amor 'stá mal commigo,
As pazes não quer fazer;
Hei-de levar em meu brio
De lhe não obedecer.

CCCLVI

Mãosinhas de neve
A's minhas chegaram:
Traziam feitiços
Que me enfeitiçaram...

CCCLVII

Meu coração é relogio,
Minh'alma dá badaladas;
Nos dias que te não vejo
Trago-te as horas contadas.

CCCLVIII

Meu coração é sincero,
Não pretendas mangações;
Eu bem sei onde tu *vás*
Certas noites dar serões...

CCCLIX

Meu coração é de vidro:
Póde estalar, mas não dobra;
Firmeza para comtigo
Tenho tanta, que me sobra!

CCCLX

Meu coração é de vidro:
Fechado na mão se quebra;
Assim é você commigo...
Cuida que o vento me leva!

CCCLXI

Meu coração é pequeno,
Mas tudo lhe cabe dentro;
Vae ouvindo e vae guardando
P'ra fallar quando fôr tempo.

CCCLXII

Meu coração, em demanda,
Já tem vencido batalhas.
Queira Deus que eu chegue a vêr
O meu rival de cangalhas.

CCCLXIII

Meu Deus! Que vida tão triste
Que eu n'este mundo estou tendo!
Sempre que me assomo á porta
Logo o meu rival 'stou vendo.

CCCLXIV

Minha papoila da India,
Disposta na branca neve!
Tua mãe diz que não quer?
Por isso, não quero fezes!

CCCLXV

Minha papoila da India,
Disposta no caramelo!
Tua mãe diz que não quer?
Por isso, fezes não quero.

CCCLXVI

Mil beijos dei n'esta flor
Que, arrebatada, apanhei;
Tantos affectos lhe fiz
Que por fim a desfolhei!

CCCLXVII

Manuel é vento norte,
Francisco estalaria,
Antonio rei dos amantes,
Espelho aonde m'eu via.

CCCLXVIII

Morrer e resuscitar,
Só Deus é que teve a dita.
Tu para mim já morreste:
Quem morre não resuscita!

CCCLXIX

Meu peito não é
Travessa de doce;
E' o que aqui está,
E o mais acabou-se.

CCCLXX

Muito se soffre co'a morte!
Na ausencia muito se sente!
Se a morte é ausencia eterna,
Ausencia é morte apparente.

CCCI XXI

Mandei comprar á botica
Remedio p'ra uma ausencia:
Respondeu-me o boticario,
Que não se vende a paciencia.

CCCLXXII

Mortal, se queres saber
A distincção que faz Deus,
Vae á carneira e conhece
Quaes são os ossos dos teus.

CCCLXXIII

Malo hayan cerros
Que encobrem baixuras,
Que não deixam vêr
Certas creaturas.

CCCLXXIV

Meu amor: se te deixei,
Não foi por minha cabeça...
Quem toma conselhos d'outrem,
E' bem que assim lhe aconteça!

CCCLXXV

Mil imperios eu daria
(Se fosse omnipotente)
Se consentisses, amor,
Que t'eu desse um beijo ardente.

CCCLXXVI

Minha mãe diz que me case,
Meu pae diz que tal não faça.
—Tome o conselho da mãe;
O pae que vá rir á praça!

CCCLXXVII

Maria mais Anna
São os meus amores;
Maria é um ramo
De todas as flores.

CCCLXXVIII

Meu sentido está vasio,
N'este instante caducou;
Se ainda me não conheces,
Repara bem, que esta sou.

CCCLXXIX

Menina que é tão experta,
Ha-de saber explicar...
Diga-me lá, em cantigas,
Quantos peixes tem n'o mar?

CCCLXXX

Minha sogra morreu hontem,
Deus a leve ao paraizo!
Deixou-me uma saia rota...
Não posso chorar com riso!

CCCLXXXI

Meu amor é rico,
A pobre sou eu;
Co'a sua riqueza
Não o quero eu!

CCCLXXXII

Meu bem, na cidade,
Que estará fazendo?
Se for alfayate
Ha-de estar cosendo.

CCCLXXXIII

Ha-de estar cosendo,
Fazendo serão,
Pregando alamares
No seu fragatão.

CCCLXXXIV

Minha rosa branca
Toda riscadinha!
Dentro da minh'alma
Tu él-a rainha.

CCCLXXXV

Maria mais Anna
São irmãs carnaes:
Que uma tem de menos,
Tem outra de mais...

CCCLXXXVI

Ninguem d'amores como eu!
(D'esta sorte estou campando...)
Tenho o meu amor mais firme
Do que uma rocha abanando!

CCCLXXXVII

Ninguem d'amores como eu!
(D'esta sorte estou-me a rir...)
Tenho o meu amor mais firme
Do que uma rocha a cahir!

CCCLXXXVIII

No tempo em que eu era amante,
A's vezes me acontecia
Dar passadas de marchante...
Em vez de ganhar, perdia.

CCCLXXXIX

Nem a candeia dá luz,
Nem para mim amanhece,
Nem a agua me mata a sêde,
Nem o meu amor me esquece.

CCCXC

Não me saberão dizer
Onde o correio anoitece?
Quero mandar uma carta
A meu bem, que me não esquece.

(Da tradição oral, em Serpa)

(Continúa)

M. DIAS NUNES.

ANNO III

VOLUME III

N.º 8

SERPA, Agosto de 1901

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.°, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel*, *Doutor Adolpho Coelho*, *Alfredo de Pratt*, *Alvaro de Castro*, *Alvaro Pinheiro*, *Alves Tavares*, *Antonio Alexandrino*, *Doutor Athaide d'Oliveira*, *Castor*, *Conde de Ficalho*, *C. Cabral*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *Filomatico*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *Lopes Piçarra*, *D. Carolina Michaelis de Vasconcellos* (*Dr.ª*), *Miguel de Lemos*, *Paulo Osorio*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *Ramalho Ortigão*, *D. Sophia da Silva* (*Dr.ª*), *Dr. Souza Viterbo*, *Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires*.

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da **Tradição**, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho* (*Dr.*), ***Alfredo de Pratt***, ***Alvares Pinto***, ***Antonio Alexandrino***, *A. de Mello Breyner*, *Arronches Junqueiro*, ***Doutor Athaide de Oliveira***, ***Conde de Ficalho***, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *J. J. Gonçalves Pereira*, ***Doutor João Varella***, *Doutor Ladislau Piçarra*, *D. Margarida de Sequeira*, *Pedro A. d'Azevedo*, ***Pedro Côvas***, *R.*, *Doutor Souza Viterbo*, *N. W. Thomas*, *A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*.

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

Anno III — N.º 8 SERPA, Agosto de 1901 Volume III

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

NOTAS HISTORICAS ÁCERCA DE SERPA

XI

O infante D. Fernando de Serpa

Dos dois irmãos legitimos de D. Sancho II, o mais velho, D. Affonso, havia passado muito novo á côrte de França, onde o esperava a valiosissima protecção da sua tia direita, D. Branca de Castella, viuva já ao tempo de Luis VIII, e governando o reino em nome de seu filho Luis IX, mais conhecido na historia como S. Luis rei de França. Aquelle infante por lá assistiu bastantes annos, casando afinal — de certo pela alta influencia de sua tia — com Mathilde, viuva de um irmão de Luis VIII, herdeira por seu pae do condado de Dammartin, e por sua mãe do condado de Bolonha. Como é bem sabido, de lá veiu substituir seu irmão, primeiro no governo e depois no throno de Portugal.

Ficava no reino o mais moço, D. Fernando, que devia ter de quatorze para quinze annos quando foi a tomada de Serpa. E' de crer o senhorio d'aquelle castello e villa lhe fosse concedido, senão immediatamente ao menos pouco depois; e elle viesse logo residir nas suas terras. Nem a sua curta idade me parece ser um obstaculo a esta supposição, pois lhe seria dado como companheiro e guarda algum fidalgo, guerreiro experimentado; e, além d'isso, nós vimos como seu irmão andava já aos dezesete annos envolvido na guerra com os moiros. A escolha do unico irmão do rei — unico então em Portugal — para vir occupar e defender Serpa, prova a importancia ligada aquella nova conquista, que de feito era um posto de honra. Serpa ficava na fronteira dos moiros, os quaes ainda então occupavam em força quasi toda a Andaluzia, desde Arôche e Aracêna, a meia duzia de leguas d'ali, até Niebla, Sevilha e para lá.

A concessão de Serpa ao infante não parece ter sido uma simples e gratuita doação, mas deve ter entrado em uma troca ou escambo, feito entre os dois irmãos. D. Fernando cedeu tudo quanto possuia, todos os seus direitos ás heranças de seu pae e de sua irmã D. Leonor, rainha de Dinamarca, morta no anno de 1231; e recebeu do rei como compensação uma certa somma em dinheiro, e o senhorio de Serpa. Annos depois, julgando-se lesado n'aquella troca, e querendo-a desfazer ou alterar, allegava ter sido realisada sendo elle menor, e não tendo conhecimento cabal dos seus interesses. Isto vem em abono da nossa supposição, de que Serpa lhe fosse dada desde logo; e elle viesse habital-a talvez já no anno de

1233 ou quando muito no de 1234. [1]

Devemos crer, que o moço infante nos primeiros annos saisse raras vezes do seu senhorio, pelo menos Alexandre Herculano já notou quanto são raras as suas assignaturas nos documentos passados por seu irmão. Saía, porém, algumas vezes, e uma d'ellas foi em circumstancias bem infelizes.

Estava vaga a Sé de Lisboa; dois candidatos disputavam a mitra; e D. Sancho II, já envolvido nas desgraçadas contendas com o clero, que acabaram por lhe tirar a corôa, favorecia abertamente um d'elles. O cabido elegeu, porém, o contrario á côrte, um certo mestre João, posto que o favorecido pelo rei tivesse tambem alguns votos. Tanto bastou para que o infante D. Fernando, então nas proximidades de Lisboa, tomasse com violencia o partido de seu irmão, entrasse na cidade com um sequito de gente de guerra, e mandasse derribar as casas de mestre João e queimar todos os seus moveis e alfaias. Quando o moço D. Fernando — devia ter pouco mais de vinte annos — assistia á destruição dos aposentos do padre, viu que alguns dos creados e familiares salvavam os objectos mais preciosos, e se refugiavam em uma igreja proxima, fechando as portas. Ordenou aos seus homens de armas, que fossem arrombar o tecto da igreja para depois virem abrir a porta; mas elles hesitaram, assustados perante a violação do recinto sagrado. Então, o infante chamou uns moiros, dos muitos que ainda havia em Lisboa, e deu-lhes a mesma ordem. Os moiros foram, e quando desciam pelo altar-mór, o crucifixo desabou e partiu-se; e do sacrario aberto derramaram-se as particulas consagradas, sendo pisadas pelos moiros. [2] O desacato foi completo e medonho. De resto, este acto de violencia não fôra isolado, e já tempo antes o infante tinha mandado matar uns clerigos em Santarem. [1]

Rudes e ferozes, os principes e fidalgos d'aquella epoca, a muitos respeitos barbara, tinham tambem crenças religiosas profundas. Depois de ordenar estes assassinios e sacrilegios, D. Fernando ficou entregue a remorsos intoleraveis. O terror das penas eternas, a que se julgava irremediavelmente condemnado, não o deixou descansar um instante, emquanto não partiu para Roma, a lançar-se aos pés do papa e pedir-lhe perdão. O velho Gregorio IX levantou-lhe a excommunhão e absolveu-o; mas impondo-lhe penitencias publicas de rigor excepcional — tudo era excessivo n'aquella Idade-media, crimes e punições. Sem descrevermos as penitencias, constantes de uma carta do papa ao bispo de Osma, e largamente narradas por Herculano, [2] devemos unicamente apontar a parte que influiu na historia do infante e na de Serpa.

Ao terminar o periodo propriamente dito de penitencia e humilhação, o infante, segundo as prescripções de Gregorio IX, devia empregar-se activamente na guerra aos moiros durante trez annos. N'esta parte, o papa abrandava a sua severidade; concedia indulgencias aos que accompanhassem ou facilitassem as emprezas do infante; e permittia-lhe tornar a vender aos moiros as presas que lhes fizesse, excepto sendo armas, ferro, e em geral objectos ou mate-

---

[1] Os factos acima mencionados deduzem-se do theor da bulla *Constitutus*, longamente citada por A. Herculano, *Hist. de Port.* II, 262 e seg.

[2] Nada acrescentámos á narrativa, extrahida de documento contemporaneo: «... *Regis frater Sarracenos tecto irrumpere imperarat, qui cruces fregere, calcavere altaria, sacrum chrisma atque eucharistiam pedibus protrivere.*» Raynaldo, *Ann. Ecl.*, II, 201; ad ann. 1238.

[1] ... *apud Sanctaren ubi clericos præcepi interfici;* Raynaldo, II, 228. O facto é mencionado em epoca posterior, mas parece referir-se a um periodo anterior; e ao mesmo anno de 1238.

[2] *Hist. de Port.* II, 360 e seg. — A bulla vem na integra em Raynaldo, l. c. 229, ad. ann. 1239.

riaes que podessem servir na guerra.[1] Apezar de arrependido e contrito, D. Fernando não se esquecia em Roma dos seus interesses. Pediu licença ao papa para vender o castello de Serpa;[2] e sollicitou a sua intervenção para entrar na posse dos bens herdados de sua irman Leonor de Dinamarca, os quaes antes havia cedido.[3]

E' clarissimo, que D. Fernando podia cumprir a sua penitencia, no que dizia respeito á guerra aos moiros, sem sair de Portugal, e mesmo quasi sem sair do seu castello de Serpa. Tinha-os ali em toda a Serra Morena, ás portas mesmo de Serpa; e se quizesse operações mais activas, seu irmão ainda então andaria batalhando pelos lados de Ayamonte e os cavalleiros de Santiago pelo Algarve.[4] Preferiu, porém, expatriar-se.

Podemos talvez suspeitar, que as suas relações com D. Sancho II tivessem esfriado durante a estada em Roma. Arrependido dos seus crimes, collocado sob a influencia do papa, em contacto com os prelados portuguezes refugiados em Roma, com o proprio mestre João a quem tinha derribado e queimado a casa, D. Fernando voltou de lá pouco inclinado ao partido de seu irmão. A isto accresciam as questões de interesse, e o resentimento das verdadeiras ou suppostas lesões de que se queixou ao papa. Fosse por que fosse, passou então a Hespanha, ao que parece logo no anno de 1240.

Do mesmo modo que seu irmão D. Affonso encontrára uma alta protecção na sua tia direita, D. Branca, mãe de S. Luis, D. Fernando ia tambem encontrar a protecção de outra tia direita, D. Berengaria, mãe de Fernando o Santo — por que foi o singularissimo privilegio de Affonso VIII, ter duas filhas, ambas mães e educadoras de dois reis santos. Bem acolhido por sua tia e por seu primo comirmão, o infante portuguez tomou parte na guerra aos moiros, conduzida activamente no sul de Hespanha, e accompanhou provavelmente o infante D. Affonso — depois Affonso o Sabio — na expedição contra Murcia, que teve lugar n'aquelle anno de 1241. Ao mesmo tempo, Fernando III, ou mais provavelmente D. Berengaria, porque as senhoras se interessam geralmente mais por estes assumptos, ajustou o seu casamento com D. Sancha Fernandes de Lara, filha do conde D. Fernando Nunes de Lara.

O conde D. Fernando e seus irmãos, o conde D. Alvaro Nunes e o conde D. Gonçalo Nunes — principalmente D. Alvaro, segundo na ordem do nascimento mas primeiro em importancia — haviam sido os mais poderosos e soberbos fidalgos de toda a Hespanha, senhores e tyrannos de Castella durante o curto reinado de Henrique I. Depois, em virtude de successos conhecidos e alheios ao nosso assumpto, haviam perdido todo o poder, e perdido parte dos seus castellos e terras, como rebeldes a Fernando III. D. Alvaro morreu de desgosto e de raiva, e D. Fernando refugiou-se em Marrocos, onde morreu tambem pouco depois, deixando ambos uma memoria execrada. Alguns annos tinham, porém, passado sobre estes acontecimentos, já meio esquecidos; os filhos do conde D. Fernando haviam voltado ao favor do rei, que lhes restituira parte das terras e senhorios da familia; e, portanto, aquella alliança com uma se-

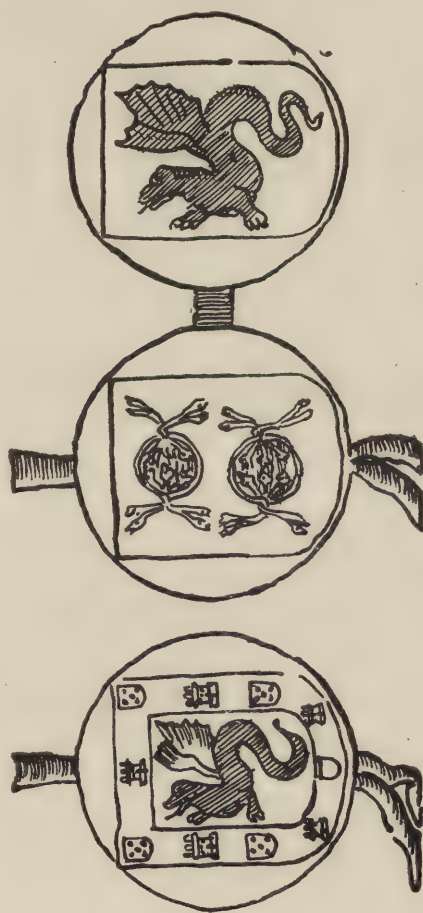
---

[1] Os nossos antigos historiadores em geral conhecem estas disposições favoraveis ao infante, sem conhecerem ou pelo menos sem mencionarem as primeiras, que lhe são contrarias; veja-se, por exemplo, a *Mon. Lusitana*, L. XIII, cap. 20.º

[2] «... *suam que arcem cui Septæ nomen erat, inditum vendere posset;*» Raynaldo, II, 229 — *Septa* é um erro por *Serpa*, que em outro logar Raynaldo menciona correctamente.

[3] *Hist. de Port.*, II, 362.

[4] Quanto se pode julgar, os factos succederam-se assim: os desacatos de Santarem e de Lisboa deram-se no anno de 1238; no de 1239 o infante foi a Roma, e voltou de lá ou no fim d'este anno, ou no principio do seguinte.

Sellos do Infante D. Fernando de Serpa e de sua mulher
D. Sancha Fernandez de Lara

Publicado por D. Luis de Salazar y Castro, fac-simile por Casanova.

nhora da grande casa de Lara podia considerar-se um bom casamento, mesmo para um principe, filho de rei.

Depois de casado com D. Sancha, o infante D. Fernando parece ter levado uma vida bastante obscura, pelo menos apenas encontramos o seu nome na confirmação de actos particulares, doações ou vendas, de sua mulher. Mas estes actos, insignificantes em si, interessam a historia de Serpa pelo modo porque o infante vem ali mencionado.

A 5 de fevereiro do anno de 1242, estando em Valhadolid, confirmou elle a venda ou doação de uma herdade ao bispo de Burgos feita por sua mulher, e diz assim: *Yo Infante D. Ferrando de Serpia, fi del Rey de Portugal, otorgo la vendida que fizo D. Sancha Ferrandez a vós D. Juan Obispo de Burgos,* etc. No anno seguinte, estando D. Sancha em Rioseras, a 20 de maio fez uma doação ao mesmo bispo, a qual começa: *Dona Sancha Ferrandez, hija del Conde Don Ferrando, con voluntad de su marido, el Infante Don Ferrando de Portugal, señor de Serpia, dá a Don Juan* etc. Do mez de junho do mesmo anno de 1243 ha outra doação ou venda: *In nomine domini. Conocida cosa sea a todos los omes que esta Carta vieren, como yo Dona Sancha Fernandez* (sic), *hija del Conde D. Fernando, de mi voluntat con placer, y otorgamiento de mi marido el Infante D. Ferrando* (sic) *de Portugal, Señor de Serpia vendo é roboro* etc. A deante, no mesmo documento: *yo Infante Don Ferrando de Portugal, Señor de Serpia, en uno con mi muger* etc. Ha outra doação do proprio mez de junho, onde vem mencionado o infante pelo mesmo modo. De um d'estes documentos estão pendentes — ou pelo menos estavam quando foi copiado — os sellos do infante e de sua mulher. As armas de D. Fernando eram uma serpe com azas, em allusão ao nome de Serpa, o que é interessantissimo; e em volta uma faxa com as quinas de Portugal e os castellos de Castella entremeados. As de D. Sancha eram as conhecidas caldeiras com as cabeças de serpentes dos Laras, e ao lado em um escudo separado a serpe alada de seu marido, mas sem faxa.[1]

De todos estes documentos, que para isso citámos, se vê bem claramente, como o infante, estando em Castella, continuava a intitular-se, ou D. Fernando de Serpia, ou D. Fernando de Portugal, senhor de Serpia. Por onde se prova, que a famosa venda de Serpa, para a qual elle tinha pedido a licença do papa, se não realisou, provavelmente porque D. Sancho II se oppoz á alienação e estava plenamente no seu direito de o fazer.

Não só, o infante D. Fernando gosou o senhorio de Serpa, estando em Castella, como parece tel-o deixado a sua mulher José Anastacio de Figueiredo, na sua *Malta Portugueza*, cita um documento do cartorio de Leça da Ordem do Hospital, o qual accusa uma «Doaçom que fez Sancha Fernandez ao spital do castello de Serpa».[2] E parece provavel, que esta senhora fosse D. Sancha Fernandez de Lara, viuva já ao tempo do Infante. De resto, teremos occasião de voltar mais detidamente a este ponto, quando examinarmos a complicada questão da vinda dos hospitalarios para Serpa.

Acerca da descendencia de D. Fernando e D. Sancha, ha uma certa

---

[1] A nossa estampa é o fac-simile, amavelmente copiado pelo sr. Casanova da estampa publicada por D. Luis de Salazar y Castro, o qual segundo parece se guiou pelas copias feitas no Archivo de Burgos por D. Juan Lucas Cortes. Ao nosso amigo e illustre artista o sr. Casanova aqui ficam os nossos agradecimentos. Póde vêr-se Salazar y Castro, *Hist. geneal. de la casa de Lara*, III, 35 e seguintes; e IV *Pruebas*, 624 e seg.

[2] Isto quer dizer — uma doação do castello de Serpa á Ordem militar do Hospital de S. João de Jerusalem, a que depois foi mais conhecida pelo nome de Ordem de Malta.

confusão e obscuridade, pois se disse que tiveram uma filha, chamada Leonor, a qual veiu a casar com Waldemaro de Dinamarca. Ha n'isto um equivoco, porque a infanta portugueza, chamada D. Leonor, casada em Dinamarca, era a irman de D. Sancho II, irman portanto e não filha de D. Fernando de Serpa. Que este tivesse uma filha, chamada Leonor como sua tia, é perfeitamente possivel; mas não casou com um principe dinamarquez, e nada sabemos ao certo a seu respeito. [1]

Tambem, ácerca dos ultimos annos do nosso Infante ha excassas noticias. Apenas encontramos algumas, perdidas no *Prologo* da *Quinta parte* da *Monarchia Lusitana*, onde fr. Francisco Brandão as inseriu, como por incidente. [2] Diz-se ali, que o Infante D. Fernando no anno de 1245 estava em Portugal, onde, além do senhorio de Serpa, tinha então o senhorio de Lamego, ou pelo menos de parte das suas terras. Constava este facto de uma escriptura, pela qual uma certa D. Sancha Nunes dava alguns casaes ao mosteiro de S. João de Tarouca, e dizia ser isto no reinado de D. Sancho: *Rege D. Sancio II. Domino terrae in Lameco D. Fernando Infante de Serpa.* Por onde se vê, que elle até 1245 se intitulou infante de Serpa, e tambem que tinha a terra de Lamego, ou pelo menos terras em Lamego.

O motivo, que — segundo fr. Francisco Brandão — trouxe o infante a Portugal, foi uma certa velleidade de ambição. Todos viam imminente a deposição de D. Sancho II, e vinham-se chegando os candidatos ao throno: D. Pedro, conde de Urgel, tio do rei; o conde de Bolonha, seu irmão; e o irmão mais moço, o infante de Serpa. Este tinha porém poucos direitos, ainda menos apoios, e, além d'isso, a morte veiu surprehendel o, cortando-lhe os planos. Segundo diz o mesmo Brandão, deve ter morrido em Lamego no dia 19 de janeiro do anno de 1246, como testifica o kalendario da Sé de Lamego. Nascido ahi por 1216 ou 1217, escassamente contava trinta annos.

Eis o que pude apurar ácerca do primeiro senhor de Serpa; e é forçoso confessar que não foi um personagem muito interessante. Levou uma vida bastante obscura, cujo unico acto saliente foi um acto de violencia, digamos a palavra, de pura brutalidade. Influencia na restauração de Serpa, no amanho das suas muralhas, na sua repovoação por christãos, pouca pode ter tido. Habitou ali dois ou tres annos, sendo quasi creança; e não parece ter voltado ao seu senhorio, depois de ir a Roma.

CONDE DE FICALHO.

[1] Houve effectivamente dois casamentos em Dinamarca: o primeiro de D. Berenguela ou Berengaria com Waldemaro II; e o segundo de uma D. Leonor com Waldemaro III; mas esta D. Leonor era filha do nosso D. Affonso II, e portanto irman do infante D. Fernando de Serpa. Quem primeiro confundiu as duas Leonores parece ter sido Duarte Nunes de Lião, a quem seguiram outros chronistas, e mesmo, posto que com hesitação, o grande genealogista D. Luis de Salazar y Castro (*Hist. gen. de la casa de Lara* III, 37). Os nossos auctores portuguezes estabeleceram depois bem claramente ser a rainha de Dinamarca a tia e não a sobrinha; veja-se, por exemplo, D. Antonio Caetano de Sousa (*Hist. genealogica* I, 142).

[2] Estas noticias escaparam á vista perspicaz de Alexandre Herculano, pois diz: «ha falta absoluta de memorias do infante de Serpa desde o anno de 1243.. » (*Hist. de Port.*, II, 384) — ou talvez Herculano não acreditasse nas noticias de Brandão; mas não vejo motivo algum para as pôr em duvida.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

Vamos lá seguindo

Vamos lá seguindo
Por estes campos fóra,
Que a manhã vem vindo
Ao romper d'aurora.

CANCIONEIRO MUSICAL

VIII

Vamos lá seguindo

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(CHOREOGRAPHICA)

Ao romper d'aurora
A manhã vem vindo...
Por estes campos fóra
Vamos lá seguindo.

(Serpa)

M. DIAS NUNES.

O Biôco

A historia desenvolvida do biôco, estudado na sua origem e nas suas evolutivas transformações, daria assumpto para uns artigos curiosissimos, que eu me abstenho de tentar, dada a minha reconhecida e confessada incompetencia em trabalhos ethnographicos de largo folego. No entanto, creio poder affirmar que o biôco, tal como o conheci e vi adoptar por senhoras da minha familia e das minhas relações, traduz um claro vestigio, aviva uma poetica recordação do dominio arabe na peninsula. Evidentemente, não poderia dimanar d'outra fonte aquelle recatado costume que obrigava as mulheres a velar a face, passando na rua anonymas e mysteriosas, em o seu deslisar aéreo de sombras.

O biôco — ou *biuco* — como mais vulgarmente lhe chamavam, era um traje honesto e sobretudo commodissimo. Nada mais simples nem menos elegante : Dobrava-se um chale—(preto ou escuro quasi sempre)—de maneira a affectar o geito de um lenço de tres pontas. Junto á dobra fixavam-se com alfinetes umas tiras de papel resistente, de vinte centimetros de comprido sobre dez de largura, pouco mais ou menos; dobrava-se o chale novamente no sentido das tiras de papel, encobrindo-as, e estava o biôco preparado. O resto ainda era mais facil: Lançado o chale pela cabeça, afeiçoava-se em bico, que prolongavam á vontade na direcção dos olhos, e se fechava discretamente á altura da bocca, por meio d'um alfinete de vidro, com cabeça preta.

A mulher assim embiôcada, respirava e via pelo estreito oculo que deixava na extremidade do biôco. Ora, a respiração tornava-se bastante difficil, isso tornava... mas—quanto a ver?—via-se perfeitamente—e sem se ser vista, o que proporcionava á meuda curiosidade feminina satisfações que hoje parecem ineditas e ignoradas.

Composto o biôco, deitava-se pelos hombros o capote—aquelle tradicionalissimo capote de nossas avós, que toda a gente mais ou menos conhece, —afofava-se o chale pela parte posterior da cabeça, e ficava o vestuario completo.

Uma mulher embiocada designava-se pelo nome do seu traje, e era para todos os effeitos - *um biuco.*

Os biucos, vistos a distancia, tinham um que quer que fosse de poetico e fantastico. Vultos negros de aves noctivagas, levavam o pensamento para os longes do sonho, para as regiões palpitantes do mysterio.

Quando eu o conheci, ha bons vinte annos, ainda o biôco triumphava da guerra surda que já então lhe moviam. Se a mulher o adorava, porque elle era o amigo discreto e economico, que a levava a toda a parte—modesta e desconhecida,—sem lhe trahir nunca o incognito, o homem—esse—é que não lhe perdoava o segredo, o ar de inviolabilidade que o biôco austero distribuia sobre o leve corpo, que, vergando a tamanho peso, elle encobria e occultava. Todavia, sahir-se á rua de biôco não representava ainda um perigo, como aconteceu alguns annos depois. Mas... lá iremos.

O biôco, alem de economico, porque evitava a difficil exposição de vestidos luxuosos, apresentava outras vantagens, que não lhe eram somenos:

Surgia uma necessidade imprevista de se ir aqui ou acolá : Uma receita a aviar na pharmacia, por exemplo, qualquer coisa da loja de modas, uma visita urgente... emfim, que sei eu?

N'estas ou semelhantes circums-

tancias, o biôco suppria todas as enfadonhas e complicadas minudencias d'um traje que houvesse de fazer-se desde o espartilho até ao chapéo. Embiocava se a madama, girava sósinha sem causar a minima estranheza, e ainda que fosse reconhecida — pelo metal da voz, pelo modo de andar, o commentario audacioso nunca a desrespeitava nem attingia. D'aqui a liberdade que então se desfructava e hoje nos é interdicta, sob pena de passarmos por extravagantes, quando voltemos costas á rotina, tão acatada nas terras de provincia, onde uma senhora não pode transitar só sem a inevitavel e obnoxia companhia de um mocinho ou de uma velha mulher de recados ..

O biôco, em linguagem familiar, tinha uma denominação realmente engraçada. Chamavam-lhe...—o *carrão!*

Encontravam-se duas senhoras e falavam dos passeios que tinham feito, das festas em que haviam estado:

—Assististe no domingo ao *Te-Deum?*

—Assisti: fiquei na capella do Santissimo.

—E' boa! não te vi! ..

—Podera!... se eu fui de *carrão!*

Rodava que era um regalo—aquelle santo carrão!

N'aquelle tempo, pelo menos em Olhão e em Faro, d'onde recolho estes apontamentos, e onde o biôco imperava sem restricções, creio que fossem raras, muito raras, as pequenas intrigas de caracter aventuroso e romanesco. Fazia-se amor á antiga, honestamente, ingenuamente, sem cóio suspeito, sem entrevistas furtivas... nem receios... nem remorsos...

Todavia, como a arvore do fructo prohibido se multiplicou no Eden, estendendo as suas raizes por toda a terra, provavel é que o biôco desempenhasse então, lá de longe em longe, o seu papel de secreto medianeiro. E comquanto eu reconheça que me estou desviando do caminho da tradição, a minha phantasia compraz-se em idealisar uma entrevista amorosa, realisada sob a discreta protecção do biôco... *inviolabilissimo*...

Mais tarde, o biôco abandalhou-se, fez-se alcoviteiro de aventuras faceis, assentou capacho no lupanar.

Começaram então de apparecer nos passeios, nas egrejas, nas ruas, uns *biucos* suspeitos e facilmente reconheciveis pelo seu conjuncto tão outro do *biuco* honesto, do *biuco* limpo. Elle era o sapatinho decotado e a meia de cores estridentes substituindo a severa botina de duraque... elle era o chale garrido abrindo em oculo provocante, donde espreitavam dois travessos olhos incendiarios... e era a mão, que segurava o capote, faiscando brilhos de oiro ou comprimida em luva de pellica de seis botões. Pela abertura do capote, que propositadamente se descerrava, entrevia-se —quantas vezes!—uma saia cheia de folhos, de tufos, com muitos arrebiques e confeições.

—Era o biôco desmoralisado, o biôco-cilada, o biôco de esquina.

A egreja converteu-se por esse tempo em logar de escandalo, onde o femeaço embiocado estabelecia arraiaes, perturbando o recolhimento das preces com as suas risadinhas, a sua picante correspondencia com a rapaziada do lyceu.

A breve trecho, o biôco foi voluntariamente abandonado pelas senhoras honestas da alta roda; mas as que usavam d'elle por economia principalmente, aquellas cujo luxo consistia unicamente no seu rico capote de panno fino, e só reservavam um vestido—o *pallio rico* das estrondosas solemnidades,—essas—coitadas!—fizeram finca pé... Mas que série de contrariedades, ao depois!

Primeiro, foram as *piadas*, os dicterios do elemento masculino, cujo triumpho rebentava. Seguiram-se-lhe as perseguições, o cerco em plena rua... e em Faro não poucas vezes succedeu a varias embiocadas arran-

carem-lhes violentamente capote e chale—mesmo na praça publica e no adro da vetustissima Sé!

Imagine-se o gaudio do rapazio e o desespero das pobres creaturas, cujo capote, apenas em casa, era logo ali retalhado em casacos, calças e coletes!...

Decididamente, sua excellencia—o Homem—tinha motivos para rejubilar.

Decadente, exhausto, inutilisado para a lucta, o biôco decente agonisava, quando foi nomeado governador civil do districto de Faro, um cavalheiro que falleceu em Beja ha-de haver dois annos—o dr. José Virgolino Carneiro.

Foi elle quem deu o golpe de misericordia no biôco estertorisante. Editaes muito concisos e intransigentes prohibiram lhe a circulação, ostracismáram-no para o tragico ergastulo do guarda-roupa, impondo multas ás transgressoras d'essas severissimas disposicões.

O mulherio, claro, resistiu; e o governador civil foi amaldiçoado em todos os tons de todas as escalas possiveis. De nada, porém, lhe valeu a resistencia, porque o homem, escudado d'esta vez com a auctoridade e auxiliado pela policia, redobrou de encarniçamento, no furor da perseguição.

Mulheres honestas iam parar á esquadra, d'onde saiam depois de esportular a multa respectiva, em promiscuidade aviltante com as ribaldas da *Alagoa*, que era n'esse tempo e não sei se ainda é,—o *Bairro Alto* da esturdia farense...

Infeliz biôco! A imprensa fustigava-o sem dó; a policia... *ande lá par diente;* e a propria mulher, sua amiga de bons tempos, voltava-lhe as costas com desdem. Batido, insultado, desprezado, depois de muito protestar, de muito insurgir-se, o biôco rendeu-se—afinal!

Rendeu-se, é verdade; mas nem por isso a decencia ganhou grande coisa, e perderam os maridos, cuja bolsa o modesto biôco respeitava. Bom proveito para o commercio das rendinhas e correlativas bagatellas...

Emfim, isto não vem para o caso. O certo é que o biôco morreu. Pois...

... *requiescat in pace. Amen.*

(Serpa).

MARIA VELLEDA.

O TABACO OU HERVA SANTA

O PRAZER que encontra a humanidade em banhar os pulmões no fumo da planta geralmente conhecida com o nome de tabaco, ou em atulhar as cavidades nasaes com a substancia negra e aparentemente putrefacta do rapé, é um uso ou abuso relativamente moderno. A utilidade do emprego é discutivel e não entrarei no assumpto. A inclinação que temos pelo tabaco é talvez mais como passatempo do que rigorosamente pela excitação que elle possa produzir nos organismos, principalmente nos de ha muito costumados a usal-o. A iniciação é mais dolorosa do que agradavel e se a necessidade de parecer forte não instigasse o garoto incipiente, este com certeza lançaria para bem longe de si o cigarro. No nosso paiz só é dado aos homens o uso do fumo, sendo olhadas com extranhesa as mulheres que a tal se afoutem. Succedaneos do tabaco só o têm os habitantes do campo, porque a sua magra bolsa nem sempre permitte adquirir legalmente a planta transatlantica. Quando ha poucos annos Portugal, por motivos varios, voltou ao regimen dos monopolios, a salva-brava teve uma certa aura, mas em breve caiu no esquecimento sem nunca ter chegado a ser rival presumido do tabaco. E' o fumo um bello auxiliar da sociabilidade. Não se sabe dar uma resposta a tempo, accende-se um charuto ou enceta-se a complicada obra de fazer um cigarro, a fim de reflectir. Quer-se vigiar alguem, pára-se repentinamente, e abstracto, ao que pa-

rece, de tudo o que se passa em roda, procede-se a quaesquer das operações já descritas. Ha muito a fazer— fuma se um cigarro. Inversamente, applica-se a mesma receita.

No *flirt*, idem. Os nossos antepassados pre-fumitivos deveriam passar a existencia bastante monotona sem esta invenção, que lhes pareceria no principio como se fosse trazida por Satanás do inferno. Effectivamente a egreja anathematizou o tabaco, pelo visto sem resultado, pois os fieis por muito orthodoxos que sejam, só lhe obedecem aos dictames *sub conditione* de se coadunarem com as suas inclinações.

O estado obtem por meio desta planta um dos seus principaes rendimentos, e numerosos operarios alcançam na elaboração, a subsistencia. Foi durante o dominio hespanhol que o tabaco passou a ter uma regulamentação qualquer. Em 1642 terminou o monopolio (*Archivo Nacional*, Liv. 4 de Leis, pg. 92), mas logo 7 annos depois, quando já ia esquecendo a liberdade, começou a lucta que ainda hoje dura contra o cultivo na Europa do tabaco. Entre outros considerandos da lei de 1640 ha o seguinte: «por causa de se lavrarem nelles tabaco com que vem a occupar as terras que podem dar pão e outros generos (*Arch. Nac* Liv. 4, fl. 207). Por motivos indenticos mandou arrancar o Marquez de Pombal no seculo XVIII as vinhas do Ribatejo e por outras causas impediam tambem os romanos a cultura da vide no occidente. Em 1668 ordena uma lei novamente o arrancamento de todas as plantas (*Arch. Nac*. Liv. 5, fl. 87).

A resistencia foi energica e as prepotencias numerosas, como vemos nas *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*, pag. 168, referido no anno de 1671: «os contratadores derão sobre os particulares, e não só fizeram muitas tomadias, senão que cortarão e poserão por terra todas as plantas de tabaco que havia no Reino, sem respeito a lugar nem a pessoa». O ata que, como não era possivel deixar de ser, tomou aspecto em parte ridiculo e em parte oppressivo e injusto como todas as leis anti-naturaes decretadas sem o conhecimento do maior numero. Poucas pessoas conhecem a planta, e como esta tem poder enorme de propagação, em qualquer ponto se desenvolvem, attraindo ao proprietario do terreno grande somma de vexações e contrariedades. Nos terrenos baldios desenvolve-se egualmente o tabaco, sendo então interessante registar que na sua extincção trabalham lado a lado o corpo fiscal e o exercito de linha, no fim commum de defenderem o orçamento de qualquer possivel diminuição.

(Continúa) **PEDRO A. D'AZEVEDO**

Rimas Populares

Decimas

Vou á ceifa p'ró verão,
A' vindima e azeitona,
Que eu não sou «Senhora Dona»
Nem mulher de estimação.
Quem de mim faz mangação,
Quem de mim fizer chalaça,
Deus lhe dê memoria e graça,
Luz e muito entendimento,
«Que eu ganho p'ró meu sustento,
E sem comer ninguem passa».

O pedir ninguem extranha,
Porque vem da antiguidade,
Pedir por necessidade,
Ou por devoção, ou manha...
Se um homem se desacanha
A pedir a um e outro,
Sempre alcança, muito ou pouco;
As esmolas não dão calmas...
Quantos pedem para as almas,
P'ra sustento do seu corpo!

E' muito facil cahir
O ceu todo aos boccadinhos,
Choverem mós de moinhos
E um mosquito as engulir;
Uma só mosca parir
Quatrocentas mil barracas,
Os mortos virem dar sécca
Aos que ainda hão de nascer...
Então poderão dizer
«Ser Jesus Christo que pécca».

Virgem da Consolação,
De S. Paulo padroeira,
Hoje em dia Serpa inteira
Com ella tem devoção;
Com muita satisfação
No seu dia é festejada,
Da nobreza acompanhada
Com gloria e com prazer;
Tem sido sempre e ha-de ser
De Deus muito abençoada.

Oh! Virgem Santa Maria!
Oh! Virgem immaculada!
Virgem que foste sagrada,
Mais pura que a luz do dia!
Bem haja a Ave-Maria
Que alumia o vosso ventre!
Mas eu, como penitente,
Confessei o meu peccado;
Já Deus me tem perdoado
Na gloria, eternamente.

(Da tradição oral, na villa de Serpa)

JOÃO VARELLA.

CONTOS ALEMTEJANOS

ERA-NÃO-ERA [1]

Ao meu afilhadinho Candido Xavier da França

Era-Não Era andava lavrando na serra com um boi preto e outro *calhandro*. Vieram-lhe novas que o pae tinha morrido e a mãe não tinha nascido. Foi tão grande o seu prazer que pôz os bois a uma moita e o arado a comer. Vae por um val' abaixo, encontra um ninho de cartaxo, com ovos de *bastarda*.

—Onde hei-de pôr os meus ovinhos? Oh... debaixo da burrinha parda!

Sahiram-lhe dois *galvões;* e adonde haviam de ir poisar? Numa arvore que dava avelans. E enregou a jogar-lhe pedras e a cairem cebolas albarrans. Foi vendel-as á villa e fez um dinheirão. A' volta dá com um meloal e entra a apanhar melões. Vem de lá o dono e diz:

—Mancebo! que fazeis em faval alheio?

Atirou-lhe um melão, acertou-lhe com um torrão no artelho, e fez-lhe sangue tão vermelho que nem uma coalhada!

Seguindo o seu caminho, chegou ás suas colmeias e não deu contados os cortiços; foi contar as abelhas... faltava-lhe uma! N'isto ouviu resmalhar em uma moita, e julgando que fosse a abelha, jogou-lhe com o machado. Foi á busca do machado, mas não o encontrou. Atiçou fogo na moita, queimou-se o machado e lá appareceu por fim o cabo.

Voltou para traz e foi *á do* professor, «que lhe fizesse um machado». Vae de lá o mestre ferreiro apresentou-lhe um anzol. Que se havia elle lembrar? Lembrou-se de ir á pesca. Quando sente morder no anzol. Puxa a linha e trouxe... um burro pelas orelhas, sem as ter! Deixou o burro a comer, e foi ás colmeias outra vez. Estava a moita feita em mel. Tirou dois piolhos da cabeça, alvorou-os em dois coiros, e com elles carregou o burro, depois de os encher de mel. Ora a carga era muito pesada, e o burro ficou todo ferido. O *Era-Não-Era*, dizendo mal á sua vida, foi ter com o alveitar. O alveitar ensinou-lhe que pozesse em cima da chaga favas torradas. Vae elle, cuidando que o burro morria, pôz-lhe as favas mes-

---

[1] Apresento aos pequeninos leitores d'estes contos, um escriptorsinho de 11 annos, que se estreia na *Tradição*. O *Era-Não-Era* alemtejano, como vão vêr, tem o seu chiste particular. Eu sei d'outra variante, mais pequena e menos engraçada, que ouvi no Algarve ha muitos annos. E' assim:

«*Era Não Era* andava lavrando. Deu noticia que o pai era morto e a mãe por nascer, e foi tão grande o seu prazer que pôz os bois ás costas e o arado a comer. Foi por um caminho que não sabia, á busca duma capa que não tinha. Encontrou uma amoreira e pôz-se a comer avelans. Vem de lá o dono e diz:

— O' seu maroto, que faz você no faval alheio?

Elle desceu ao torrão, o outro atirou-lhe á cabeça um melão, e sahiu-lhe o sangue pelos calcanhares!»

Maria Velleda.

mo cruas, por ser assim mais depressa, e lá o deixou no campo a pastar. Passado um anno voltou ao campo, e viu um grande faval nascido em cima do burro. Tratou logo de ir buscar uma foice para ceifar as suas favas; mas quando ia começar o trabalho, viu lá dentro um porco espinho. Jogou-lhe com a foice, e o cabo entrou-lhe pelo rabo, com licença dos senhores. Com o rabo o porco ceifava, com as patas debulhava... e d'esta maneira o *Era-Não-Era* recolheu uma grande seara.

(Da tradição oral, em Odivellas do Alemtejo.)

Serpa, 31—7—901.

LUIZ FREDERICO.

QUADRAS SOLTAS

Amar-te como a mim, ninguem,
Como a mim ninguem se vio;
Maior força de [1] amar,
Meu amor me fugio

O meu amor é José,
Sobrenome não o sei;
Ainda ha pouco que o amo,
Ainda não lo procurei. [2]

José quero, José amo,
José trago no sentido;
Por amor de ti, José,
Trago meu somno perdido.

Adeus Castello Branco,
Para mim Castello Negro,
Vou-me de cá embora,
Vou cumprir o meu degredo.

As janellas do Hospital
Teem quatro metros d'altura;
Menina que lá estás dentro, [3]
Quem vos dera na rua!

As janellas do Hospital
Teem vinte metros d'altura.
Vae procurar ó sr. Douctor
Se o meu mal inda tem cura.

1 Pronunciam como *i*.
2 Pronunciam *precurei*.
3 Apesar de ser mais musical *que estás lá dentro*, é como vae que o povo diz.

Adeus meu amor, adeus,
Com adeus fica-te embora; [1]
O adeus mavioso,
Quem diz adeus sempre chora.

Não sei que mal fiz ao sol
Que não dá na minha rua;
Heide-me vestir de preto,
Que de branco anda a lua.

A salsa frita tem gosto,
Tambem eu gósto de ti;
Quando te eu deixar d'amar,
Consedere que morri.

(Da tradição oral, em Sardoal)

ALVARO DE CASTRO.

CONTOS ALGARVIOS

O toiro azul

(Concluido de pag. 96)

Dias depois houve outra festa a que Maria assistiu vestida de ouro, em carruagem do mesmo metal, e toda coberta de joias de subido valor.

O principe, com os seus ares mais namorados e respeitosos, approximou-se de Maria e perguntou-lhe de onde era.

—Sou da terra dos copos—respondeu ella.

Desta vez o principe não permaneceu calado e pasmado. Correu atraz d'ella e conseguiu agarrar-lhe um dos sapatos, que levou para palacio, como reliquia preciosa.

Convocou no dia seguinte todas as princezas d'aquelles contornos, resol-

1 A pontuação n'este verso apresenta-se difficil. Pelo rithmo que o povo dá, a pontuação seria:

Com adeus fica-te embora,
........, adeus,
O adeus mavioso,
.... sempre chora.

Mas então parece que a ideia não se completa (o que é vulgar em versos populares).
Sendo d'outra forma...

.... adeus.
Com adeus fica-te. Embora
O adeus mavioso,
....

A ideia completa-se, o sentido é perfeito; mas a forma de dividir assim é mais complexa e muito pouco vulgar em versos populares. Pode talvez isto servir, para concluir-se, que esta quadra não seja de creação popular; mas corre na tradição oral, de ha muito.

vendo casar com aquella a quem o sapato servisse. Entre as diversas princezas concorreu tambem a enteada de seu pae e filha de sua madrasta. Calçou ella o sapato e disse que lhe ficava bem, embora a maguasse a ponto de lhe rasgar o pé, deixando-o ensanguentado.

Em vista de servir o sapato, foi logo marcado dia para o casamento.

Succedeu porem haver no palacio uma pega, que foi causa de se descobrir o engano. Com effeito, quando os dois noivos iam receber-se entrou a pega a gritar:

— Olha como ella vae toda inchada com o sapato, que pertence á Maria Suja...

Parou immediatamente o cortejo e tratou de certificar se era verdade o que a pega dizia. O sapato não servia effectivamente á princeza, que agora o trazia, mas chamada a Maria Suja, reconheceu-se que só a ella o sapato servia. Em visto de tudo isto o principe casou com a Maria Suja, pois que o principe era nem mais nem menos que o toiro azul.

Loulé.

ATHAÍDE D'OLIVEIRA.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continuado de pag. 112)

CCCXCI

Não quero que me dês nada,
Que eu tambem nada te dou;
Não quero que vivas lembrada
Do tempo que já passou.

CCCXCII

Não quero que me dês lenços:
Lenços de mais tenho eu!
Não quero que depois digas:
— Esse lenço te dei eu.

CCCXCIII

Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir;
Já te dei meu coração
E chave para o abrir.

CCCXCIV

Na Cabeça Gorda
Não ha senão prantos...
Caiu a egreja,
Morreram os santos!

CCCXCV

Na Cabeça Gorda
Ha um santo só:
E' de pau d'asinho,
Feito á enxó.

CCCXCVI

Na torre de Beja
'Stá uma roseira
Com o pé voltado
Para a Vidigueira.

CCCXCVII

Não tenho mais nada,
Meu bem, que te offereça
Senão uma rosa
Da minha cabeça

CCCXCVIII

Não é fineza nenhuma
A rosa em botão cheirar;
Fineza é, depois de secca,
O mesmo cheiro deitar.

CCCXCIX

Nem a rosa na roseira,
Nem outra qualquer felôr,
Nem a primavera inteira!
Valem mais que o meu amor.

CD

Nas ondas do mar, lá fóra,
Tenho quem me queira bem;
Não é na primeira onda?
E' na segunda que vem.

CDI

Não posso ter alegria,
Meu amor, em te não vendo!
Não me importa a sympathia
Que tu com outra estás tendo.

CDII

Não te mates, não te cances,
Que já não me has de vencer;
Eu já tenho quem me logre
Dois dias que hei-de viver.

CDIII

Não cuides, por me deixares,
Que me causaste desgôsto;
São pratos na cantareira:
Um tirado, outro posto.

CDIV

N'estes campos solitarios
Onde a desgraça me tem,
Brado, ninguem me responde,
Olho, não vejo ninguem!

CDV

N'estes campos solitarios,
Cheios de mimosas flores,
Nada, nada me distrahe!
'Stou triste *pormonde* amores.

CDVI

Não colhas a parra á vinha,
Nem a raiz á serralha,
Que é o sustento dos homens
No anno em que ha pouca palha.

CDVII

Não póde uma rapariga
Com o seu rapaz fallar...
São tantos olhos a vêr,
Sentidos a murmurar!

CDVIII

Não colhas a parra ã vinha,
Nem a raiz ao loendro,
Que é o sustento dos homens
No anno em que ha pouco fêno.

CDIX

Na mais alta laranjeira,
No raminho mais cerrado,
'Stá o nome de meu bem,
N'uma folhinha assentado.

CDX

Na mais alta laranjeira,
No raminho mais interior,
Sou eu capaz de assentar
O nome do meu amor.

CDXI

Não ha coração no mundo
Mais desgraçado que o meu!
Para penas inda existe,
Para glorias já morreu...

CDXII

No adro do Salvador
'Stá uma herva nascida
Que se chama malmequeres...
Mal me queres toda a vida!

CDXIII

Não ha nada que eu mais góste
Que é de viver ao desdem...
Mostrando agrado a todos,
Não qu'rendo bem a ninguem.

CDXIV

Não te faças tão isenta!
Considera que és mulher,
Que eu posso armar-te um laço...
E cáes como outra qualquer!

CDXV

Nasce a aurora, que alegria!
E eu julgo-me em trevas pôsto...
Para mim só rompe o dia
Quando contemplo o teu rosto.

CDXVI

Não me atires com pedrinhas
Aos folhos da minha saia...
Minha mãe está-me creando
P'ra um marujo da praia.

CDXVII

Não sei que quer a desgraça,
Que atraz de mim corre tanto;
Hei-de parar e dizer lhe,
Que de vêl-a não me espanto.

CDXVIII

Nasce o sol para adorar-te,
Dá volta ao mundo p'ra ver-te...
Quando o sol deseja amar-te,
Como não hei-de eu querer-te!

CDXIX

Não olhes para a nogueira,
Que tem as nozes contadas;
Olha aqui para meu peito
Que está cheio de facadas!

CDXX

Nas ondas do mar se cria
Alecrim verde ás mãos cheias.
Tanto merecem a Deus
As bonitas, como as feias.

CDXXI

Nas ondas do mar se cria
Alecrim verde aos feixinhos,
Tanto merecem a Deus
Os altos, como os baixinhos.

CDXXII

Nas telhas do teu telhado
Tenho um cigarro escondido.
Não quero que ninguem saiba
Que tens amores commigo.

CDXXIII

Não caso porque não acho
'Ma mulher a meu contento;
Para mim nenhuma é bôa,
Todas teem seu defeito.

CDXXIV

Não ha nada que eu mais goste
Que é de ter muita rival:
Diverte-se o meu amor
E eu tenho aonde pensar.

CDXXV

O' anjo, pergunta a Deus
Se eu no ceu terei entrada...
Se os meus olhos te offenderam,
Minh'alma não é culpada.

CDXXVI

O mar pediu a Deus peixes,
Na manhã de San João.
Quando o mar pede companha,
Que fará meu coração!

CDXXVII

O mar pediu a Deus peixes,
O peixe pediu montanha (?);
O homem pediu 'foiteza,
A mulher, malicia e manha.

CDXXVIII

O sete-estrello vae alto
Mais alto vae o luar;
Mais alta vae a ventura
Que Deus tem para me dar.

CDXXIX

O' meu amor, meu amor,
Das duas ha-de ser uma:
Ou hei de casar comtigo,
Ou hei-de correr fortuna.

CDXXX

Oh minha salva de prata,
Oh meu copo de Veneza,
Oh minha corrente d'oiro
Onde a minh'alma está presa!

CDXXXI

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil côres.
Quando o sol promette prendas,
Que fará quem tem amores!

CDXXXII

O sol anda que desanda,
Dá mil voltas p'ra se pôr;
Eu não ando que desando,
Sou leal ao meu amor.

CDXXXIII

O sol é arco da lua
Onde subiu a lindeza.
Trata-me com lealdade,
Que eu te amarei com firmeza.

CDXXXIV

Oh vida da minha vida,
Oh vida mal arranjada!
Todos arranjam a vida...
Só eu não arranjo nada!

CDXXXV

Olha a noiva se está séria,
Assentada na cadeira!
Deixa pae e deixa mãe,
Deixa o estado de solteira.

CDXXXVI

O sol quando nasce
Vem deitando fitas.
As moças bonitas
São par'ós artistas.

CDXXXVII

O sol quando nasce
Deita diamantes.
As mocas bonitas
São pr'ós estudantes.

CDXXXVIII

O sol quando nasce
Vae par'ós *alquéves*.
As moças bonitas
São pr'os almocreves.

CDXXXIX

O sol quando nasce
Vem pelos oiteiros.
As moças bonitas
São par'ós caixeiros.

CDXL

O' Antonio, cravo rôxo,
Não venhas ao meu quintal;
Querem-te atirar um tiro:
Não te posso vêr matar.

CDXLI

O' Antonio, bago d'oiro,
Cravo da minha varanda,
Caixinha dos meus segredos,
Onde o meu pensamento anda

CDXLII

O' meu amor pequenino,
Quanto tenho te darei!
Dou-te a luz dos meus olhos,
Cega por ti ficarei.

CDXLIII

O meu amor, coitadinho,
Já não gosta de me vêr!
Passa por mim fecha os olhos...
Faz-se cego sem o ser.

CDXLIV

O' amor, segue o caminho,
Não o deixes crear herva;
Quem tem amores ao longe,
Nem um instante socega.

CDXLV

O meu lindo amor
E' um *aldeano*...
Ai! que lindos olhos
Que tem o tyranno!

CDXCVI

O' meu lindo amor,
Quiz-te amar, não pude;
D'outra vez será...
Tomára eu saude!

CDXLVII

— O' meu amor d'algum dia,
Inda nós nos qu'remos bem?
— Essa pergunta está bôa!
Isso duvida-o alguem?!

(Da tradição oral, em Serpa)

(Continúa)

M. DIAS NUNES.

NNO III

VOLUME III

N.º 9

SERPA, Setembro de 1901

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — Galeria Monaco — Rocio

Porto — Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44

Coimbra — Livraria França Amado

Summario:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

Anno III — N.º 9 SERPA, Setembro de 1901 Volume III

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

OS CAVALLEIROS DE BADAJOZ

(LENDA HISTORICA)

I

Entre os povos hespanhoes da fronteira portugueza existe uma lenda extremamente curiosa. Segundo essa lenda, el-rei D. Sancho II, o *Capello*, quarto dos monarchas em Portugal, e um dos que mais conquistas conseguiu contra os arabes, sitiava em 1229 a povoação de Elvas (ao tempo denominada *Belch* ou *Xelb*) sem grandes esperanças de rendel-a, quando certa manhã viu passar pelo acampamento um castelhano montado em soberbo potro cordovêz.

— Aonde ides ?—porguntou o monarcha.

— A Badajoz.

— Vendeis-me o potro em que montaes ?

— Vender, eu!... não; offercer-vol-o será melhor, que é o que compete a um cavalleiro castelhano.

— Pois, acceito.

— Vosso é o potro, senhor; uma condição, porém...

— Qual ?

— Que um dos vossos capitães venha por elle a Badajoz, pois não entro na cidade a pé.

— Tambem acceito a clausula — disse el-rei — e deu logo ordem n'esse sentido a um capitão.

Dispondo-se o castelhano a retirar, el-rei D. Sancho estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Obrigado, generoso fidalgo... e como vos chamaes ?

— Sou o capitão Alonso Perez de Badajoz, o que ajudou el-rei D. Affonso a tomar aquella cidade aos mouros com outras mais... e, querendo vós, ganharia tambem esta a que estaes pondo cerco...

D. Sancho dirigiu um olhar desdenhoso ao capitão Perez, e, apertando-lhe a mão, despediu-o, dizendo:

— Obrigado pelo vosso cavallo... e pelo que respeita a Elvas, cá me arranjarei com os meus capitães.

D. Alonso, acompanhado do capitão portuguez, metteu esporas ao potro e dirigiu-se a todo o galope a Badajoz. Morava no *Al-Kalat*, ou castello, n'um sumptuoso e antigo palacio, proximo da egreja de Santa Maria de Calavrata, então cathedral da Séde Pacense, e, hospedando o portuguez no melhor da sua casa, conduziu-o (depois de obsequial-o com um esplendido banquete) ás suas cavallariças.

Aos olhos do hospede appareceu como que uma visão phantastica, que pouco a pouco se volveu em positiva realidade. Ao longo de immensa galeria subterranea viu quinhentos cavalleiros ostentando na mão direita uma buzina. Os cavallos estavam im-

moveis e os guerreiros pareciam estatuas sustidas pelos estribos sobre as sellas. Com seus capacetes acerados, suas dalmaticas com as armas de Leão, suas lanças reluzentes e suas compridas buzinas, tudo isto causou a admiração do capitão portuguez, que, absorto ante aquella extranha apparição, exclamou:

— Estão mortos ou vivos, estes cavalleiros?

— Mortos parecem, disse D. Alonso; mas se faço resoar a minha buzina, despertarão e hão-de seguir-me, como leões, aonde os leve... Duvidaes? Convencer-vos-hei desde já.

O portuguez não sabia que responder, e D. Alonso empunhando a buzina e levando-a aos labios, por tres vezes a fez belicosamente soar. Rapidamente se moveram os cavallos, como que obedecendo a um impulso sobrenatural, e os cavalleiros aprumando as lanças e firmando-se nos estribos, por sua vez levaram aos labios as buzinas, fazendo-as soar com grande algaravia.

— Promptos estão para o combate — disse D. Alonso.

Senhor, se o meu Rei D. Sancho contára com estes cavalleiros, prompto conquistaria *Xelb*.

— Pois seus são, que para ganhar essa cidade aos infieis os tenho formados esperando a hora da lucta... Podeis correr a annuncial-o assim a vosso Rei e Senhor...

— Mas com effeito... ireis em seu soccorro?

— Nunca menti, porque sou cavalleiro e bom christão.

— Dae-me o vosso potro, e n'elle irei ao acampamento levar tão grata nova.

— Podeis marchar promptamente; atraz irei, a todo o galope, com os meus quinhentos cavalleiros, dispostos a acampar dentro do castello de *Xelb*.

E o capitão portuguez sahia pouco depois de Badajoz pela *Bab as Wadiana* (porta do Guadiana), para tomar rio abaixo, o *majadha* (vau da Granadilla), em direcção ao *rehala* ou acampamento de D. Sancho, frente a *Xelb*. Detraz d'elle e a distancia de meia legua, D. Alonso, com os seus quinhentos cavalleiros, corria sem cessar. Uma nuvem de denso pó se elevava na atmosphera, e um ruido infernal, que produziam as quinhentas buzinas, annunciava aos arabes que o exercito crhistão vinha em soccorro do de el-rei D. Sancho II. Aquelles ginetes correndo a todo o galope pareciam uma legião de demonios disposta a devastar quanto se oppozesse á sua passagem, e D. Alonso, qual novo Godofredo, creu ver em *Xelb* outra Jerusalem.

D. Sancho, vendo de longe acercar-se aquelle formidando tropel de cavalleiros, apressou-se a formar as suas hostes em batalha, para recebel-os com vivas e acclamações.

D. Alonso apresenta-se, dizendo:

— Aqui estou, Senhor, com a minha gente; não percâmos um minuto, que o nosso melhor acampamento está na cidade. Vós, o primeiro, guiae-nos á victoria, que enorme triumpho nos espera. A cruz brilhará dentro em pouco sobre os altos torreões de essa cidade de infieis.

E D. Sancho, com a espada n'uma das mãos e na outra o pendão real, rodeou-se de seus capitães, pediu lhes que o seguissem, e, collocando D. Alonso á sua direita, foi-se contra as filas musulmanas, semeando tal pavor e confusão na gente mourisca, que, cahindo uns sem vida e fugindo outros perante o terror que lhes incutiam os cavalleiros de Badajoz, deixaram indefesa uma parte das muralhas, podendo D. Sancho penetrar na cidade com os cavalleiros de Badajoz e pôr o pendão real no mais alto da torre de menagem, juntamente com a cruz, symbolo de nossa fé.

II

Tal é a tradição, que recolhemos, sobre o feito mais notavel de *Os cavalleiros de Badajoz*. Indubitavelmen-

COSTUMES & PERSPECTIVAS

Camponeza minhôta em trajo de festa

te, a phantasia popular formulou esta lenda, que dista muito da verdade.

D. Sancho II, o quarto dos monarchas portuguezes, nascido em Coimbra em 1202, tomou as redeas do governo aos 21 annos d'edade, em 1223 e desde logo seguindo os seus impulsos bellicosos, reuniu grandes exercitos, emprehendendo uma formidavel campanha contra os musulmanos, que estavam de posse do melhor da peninsula. As victorias em 1225 provocaram os applausos dos reis christãos e ainda do proprio Pontifice Honorato III. Desde 1229 a 1242 emprehendeu novas guerras contra os arabes com animo de expulsal-os de todo o Alemtejo e em pouco tempo lhes ganhou Elvas, Juromenha, Serpa, Aljezur, Mertola, Cacella, Ayamonte, Tavira e ainda outras povoações mui importantes dos Algarves. E' fama que deu por armas a Elvas a sua propria effigie a cavallo com o estandarte real na mão, por ser elle o primeiro que entrou na cidade ao ser ganha aos infieis, como diz Aires Varela, Antonio Caetano de Sousa, Herculano, Almada e outros historiadores; ainda que outras cousas escrevam os que sustentam que é a figura do alféres-mór de el-rei D. Sancho II o valente *Martim Annes*, que acompanhou o dito monarcha na entrada e assalto de Elvas, e muito menos o que escreve José de Torres, que vê no cavalleiro do escudo a phantastica figura de *João Paes Gago*, protagonista da lenda do roubo da bandeira castelhana na festa de *Corpus Christi*, de Badajoz, em 1384; gloria que, segundo outros, lhe disputa *Gil Fernandes*, protagonista de outra lenda analoga á anterior e dada em a noute de S. João, nos campos da mouraria em Elvas.

É evidente que D. Sancho conquistou Elvas, levando por alferes-mór a Martim Annes, e com o unico concurso de suas tropas portuguezas. De onde provém, pois, a lenda dos *Cavalleiros de Badajoz*? Quem a patrocina? Quando se formou? É egual entre os dois povos da fronteira portugueza?

Não é muito facil responder plenamente a estas perguntas. De prompto, diremos que nenhum *chronicon* traz esta lenda, nem nenhum historiador peninsular recolheu a mais leve referencia a ella. Tambem não conhecemos romances, canções ou outras poesias que as refiram. A tradição oral, transmittida de umas a outras gerações, é a unica que, ao que se vê, patrocína e sustenta esta lenda, que talvez conte seculos de existencia entre os simples aldeãos dos povos da fronteira e nem em todos se refira de egual maneira, pois alguns a completam dizendo: «que os ca«valleros de Badajoz, seguindo sem«pre a D. Sancho II, entraram em «*Xelb* por uma das portas da cidade, «e sem deter se n'ella, sairam em di«recção a Badajoz, para que assim «melhor gozára do triumpho o mo«narcha portuguez.»

Crêmos firmemente que esta lenda nem é peninsular, nem é unica, nem é authentica, porque conhecemos pelo menos duas quasi eguaes, e n'isto perde a originalidade e parte de sua belleza esta de *Os cavalleiros de Badajoz*, que vimos de recolher aqui para entretenimento do leitor, que nos honra dedicando-nos a sua attenção.

(Madrid.)
(Conclúe.)

NICOLÁS DÍAZ Y PÉREZ.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

As saias á camponeza

Estas saias á camponeza
Estão bem a toda a pessôa.
Valem mais as nossas saias } bis
Que os balões que ha em Lisboa. }

Serpa.

M. DIAS NUNES.

O TABACO OU HERVA SANTA

(Concluindo de pag 123)

De um jornal de Lisboa *A Folha da Tarde*, de 31 de maio de 1901, copio a seguinte interessante noticia:

«*Samora Correia*, 30—Deu se aqui um facto de relativa importancia, que, com toda a imparcialidade, vamos narrar aos nossos leitores para que o julgue como elle merece.

A sr.ª Margarida Conceição Rita, casada em primeiras nupcias com o sr. Manuel Cardoso da Rita, possue além de outras, uma propriedade na rua do Grillo, onde em tempo do seu primeiro marido habitou e teve estabelecimento.

No quintal que tem esta casa nasceram duas plantas completamente desconhecidas, e que, pela sua belleza, conquistaram as sympathias dos seus possuidores, sendo por isso melhor tratadas que nenhumas das outras que ha no mesmo quintal.

Como a proprietaria da casa mudasse para outra propriedade sua, foi arrendada a pessoas que desconheciam tambem a qualidade das plantas.

Ultimamente foi viver para o predio o sr. Martinho Faria da Silva, que estava ausente e que foi chamado por sua esposa em virtude dos factos occorridos na sua residencia.

A' sua porta, hontem, bateu um empregado da Companhia dos Tabacos, que lhe pediu auctorisação para examinar o quintal, visto haver recebido uma denuncia de que no mesmo existiam umas plantas de tabaco.

Imagine-se a estupefacção e o espanto da pobre senhora, que tendo a consciencia de que nada compromettedor tinha no quintal, mandou entrar os guardas, que arrancaram as plantas desconhecidas, e com ellas mais 112 da mesma especie, ainda pequenas, queimando-as em seguida.

Chegado aqui o sr. Martins (sic), hoje, foi immediatamente preso e remettido para Santarem, sem que saibamos, até agora, o que lhe haverá succedido.

E' necessario, porém, frisar, que o sr. Martins e sua esposa ignoravam a qualidade das plantas e que não fizeram uso d'ellas para coisa alguma.»

A antiguidade não conhecia o prazer do fumo como nós hoje o empregamos. Queimavam-se, é certo, perfumes, de que ainda hoje ha resto na lithurgia catholica no que diz respeito ao incenso. Vapores narcotizantes punhão fóra de si a Pithia no templo de Delphos, e os crentes ouvindo-se, julgavam que pela bocca della falava o deus.

A verdadeira patria do fumo é a America. Foi ella que deu ao velho Mundo a planta apropriada e o modo do emprego. Em Ratzel, *Raças humanas* II, os capitulos referentes aos povos americanos trazem numerosas referencias ao uso do tabaco nas festas religiosas das civilisações destruidas e nas das tribus fugitivas ante a cruz implacavel.

Um trabalho publicado na *Collecção de Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, III, ha uma noticia minuciosa do Brasil dedicada em 1589 a D. Christovão de Moura. Ahi a pg. 176 se diz que o nome americano da herva, a que em Portugal chamão santa e *Petume*. [1] Depois diz o seguinte:

«A folha d'esta herva, como he seca, e curada he muito estimada dos indios, e dos mamelucos, e dos portuguezes, que bebem o fumo d'ella ajuntando muitas folhas destas torcidas humas com as outras, e metidas em hum canudo de folha de palma, e põe-lhe o fogo por huma banda, e como faz braza, metem este canudo pela outra banda na boca, e sorvem-lhe o fumo para dentro até que lhe sahe pelas ventas fóra. Todo o homem que se toma de vinho, bebe muito fumo deste, e dizem, que lhe faz esmoer o vinho. Affirmão os in-

[1] Damião de Goes chama-lhe *betum*.

dios, que, quando andão pelo mato, e lhes falta o mantimento, matão a fome, e sede com este fumo, pelo que o trazem sempre comsigo, e não ha duvida senão, que este fumo terá virtude contra a asma, e os que são doentes della se achão bem com elle, cuja natureza he muito quente». Aqui está o motivo porque o tabaco tem vulgarmente no campo, em Portugal, quando planta, o nome de herva santa. Ha uma ilha na America Central, proximo da costa de Venezuela, chamada Tabago, desta ilha se disse provir o nome de Tabaco. Entre nós introduziu-se o nome, que não a planta como já fica demonstrado, entre 1600 e 1640 por influencia hespanhola.

De Portugal se espalhou pela Europa o conhecimento por intermedio de Jean Nicot, que foi embaixador da França em Lisboa por 1559. Assim communica o Visconde de Santarem, *Quadro Elementar*, etc. III, 378.

Um aspecto interessante da sociedade portugueza no seculo XVI era a tendencia que tinham os grupos mais ou menos intellectuaes em se remirem, sob a egide real, em tribunaes reservados (conselhos) e promulgarem juramentos. Se cada um dos componentes se sentisse possuido da vontade de investigação, não entraria nestes gremios, que tinham por fim compararem ou aferirem o procedimento de outros individuos de menor qualidade com os artigos e paragraphos contidos em regimentos ou regulamentos. Era tarefa summamente facil que demandava unicamente certo grau de argucia a fim de moldar quando convinha o julgamento a um certo ponto de vista. [1]

Tal era o Santo Officio. A crueldade e a hypocrisia delle são pontos secundarios que nos não devem affectar.

Antes de entrar no episodio que vou narrar direi que a sociedade civil só teve culpa e não pequena em ter creado o Santo Officio, e em aggraval-o com ter entregue a direcção aos proprios interessados: os ecclesiasticos.

O que vou agora narrar encontra-se no processo n.º 1335 da Inquisição de Lisboa. Em 18 de janeiro de 1595 appareceu em Olinda ante o delegado do Santo Officio Iria Alvares, india brasila (fórma antiga de brasileira). Da sua confissão deprehende-se que tinha sido baptisada ainda pequena e que era verdadeira a accusação de bigamia, dirigida contra ella pois que, não havendo noticia certa da morte de seu primeiro marido, uma portugueza, casara com um francez de nome Simão Luiz. Na sua qualidade de francez era este livre em questões de religião; numa occasião chegou a dizer á india sua esposa, que preferia fazer antes mesura a um cepo de que á cruz.

Summamente interessante é o que ella confessou em 12 de junho de dito anno de 1595 e que vem a ser o seguinte:

«Haverá alguns oito annos, que na Bahia entre os indios gentios e tambem christãos (houve) uma abusão, que chamavam Santidade e estando ella em Matoim na fazenda de Pero de Aguiar na mesma fazenda havia tambem brasis christãos, que tinhão a dita abusão e fazião as ceremonias della que erão bailar e jogar apontando com os dedos e tomar os fumos da erva que chamão em Portugal erva santa e dizião que aquella abusão era cousa de Deus, no qual tempo ella parvoamente alguns tres dias andou com esta dita abusão bailando e fazendo os ditos folgares com os dedos e tomou duas vezes os fumos sobreditos crendo e cuidando que aquillo era cousa santa e de deus com os da dita abusão, mas ella não lhes vio ter idolos nem fazer nada mais que fazer os ditos bailes e folgares e tomar os ditos fumos».

Mais disse ella o seguinte:

[1] E' por agora o modo mais anodino por que as defino.

CANCIONEIRO MUSICAL

IX

As saias á camponeza

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(DESCANTE)

«Que os ditos da dita erronia chamada Santidade dizião que Deus, Nosso Senhor, havia de descer do ceu á terra e que havia Deus de mudar este mundo e que, quando viesse á terra, haviam de morrer todos e que depois de morrerem se havia de tornar a levantar e dizião mais que aquella chamada Santidade era cousa de Deus e que lhe jejuassem». Corresponde bem ás ideias cosmologicas dos antigos americanos o que fica apontado nesta ultima parte da confissão. Debaixo da influencia dos indios semi-christãos fugidos para o mato é tambem possivel que se originasse uma nova fórma religiosa. Ficamos ignorando por este processo inquisitorial se a Santidade era immaterial,se nome de qualquer agitador religioso, de que não faltam exemplos no Brasil; e um até bem recente. Tambem nos não é dado resolver, se o nome Santidade era traducção portugueza de qualquer palavra indigena.

As tres phrases do uso do tabaco são as seguintes:

1.ª *Religiosa-therapeutica.* Os povos primitivos e as classes não educadas dos povos civilisados são dotados da tendencia de confundirem o material como lhes parece com o intellectual em proveito d'aquelle, ou por outro modo não sabem differenciar os dois polos entre os quaes se move a humanidade. O sacerdocio e a medicina têm origem commum. As doenças como são enviadas ou consentidas por um deus, tambem são atalhadas divinalmente. Mesmo os alimentos devem a origem ou a preparação aos deuses. Entre nós o vinho, azeite e pão têm ainda certo caracter sagrado.

Religião e superstição é a mesma cousa. A superstição é o que foi expulso da religião ou ainda lá não entrou. Não fica fóra do quadro o tabaco uma substancia religiosa. Vejamos o que dizia Damião de Goes em 1566 na chronica de D. Manuel, fl. 53 a respeito dos indios do Brasil: «São muito dados a agouros, e feitiços e deste officio ha entrelles homẽs, e molheres a que chamão pagés, ahos quaes crem tudo ho que dizem, e hos tem em muita estima, e acatamento. Estes trazem huma cabacinha feita quomo cabeça de homem com boca, narizes, olhos, e cabellos, posta sobre huma frecha, dentro da qual fazem fumo com folhas secas da erva Betum, e do fumo que sae desta cabeça tomão elles pellos narizes tanto, atte que com elle sembebedam, e depois de bem tornados fazem geitos, e cerimonias quomo demoninhados (*epilepticos*), dizendo ho que lhes vem á vontade, ou ho que lhes ho diabo ensina, tudo o que dizem lhe crem, e tem por cousa certa. Etc». Ainda hoje os curandeiros indios curão as doenças com invocações e fumigações de tabaco como narra entre outros Crévaux na sua viagem de Caiena aos Andes em 1878. Com a enorme facilidade que os portuguezes têm de ser affectados pelo maravilhoso não puderam escapar inteiramente á influencia deste agente supersticioso. Possuidores, porem, de um corpo de doutrinas religiosas encararam o tabaco um pouco mais pelo lado medicinal, sem, entretanto, deixarem de lhe chamar *herva santa*, presidindo ao seu juizo a mesma ideia que fez chamar ás aguas mineraes *fontes santas*.

2.ª *medicinal.* Se a Damião de Goes devessemos o nome popular de herva santa dada ao tabaco isso fazia abalar um pouco a convicção de que o amigo de Erasmo, (tel-os-hia este?) o conhecedor das doutrinas dos reformadores religiosos, era destruido inteiramente de prejuizos não só populares mas da religião. Mas é elle que o diz a fl. 52 da chronica mencionada: «entre has quaes (hervas odoriferas e medicinaes) hé ha que chamamos do fumo, e *eu* chamaria herva Santa, de cuja virtude poderia aqui poer cousas milagrosas etc» [1].

[1] Sousa Viterbo, Estudos sobre Damião de Goes, 2.ª serie, 69.

Explica-se melhor talvez dando aos qualificativos *santo e milagroso* o sentido que se lhes dá hoje de *muito bom* e *espantoso*

Conta neste logar Damião de Goes as doenças que erão reduzidas pelo tabaco, taes como as aposthemas ulceradas, fistulas, *caranguejas*, polipos, frenesís, etc. A' maneira da morphina muitos individuos principiam a usar o tabaco quer em fumo, quer em rapé para combater qualquer padecimento, principalmente as dores de cabeça, para o qual affirma o povo o tabaco póde ser remedio soberano, e terminam por lhes ser completamente indispensavel a sua applicação.

3.ª *de passatempo*. Nesta phase, a em que estamos, converteu o tabaco em alimento nervoso ou de luxo, como o vinho e a cerveja, não contando com as substancias orientaes mastigantes.

Não é escassa a litteratura sobre o tabaco, sempre tem havido partidarios e defensores delle. A *Macarronea-latino-portugueza* lá lhe dedica uns versos burlescos pró e contra.

Estes começam assim:

Qui quondam docuit primus tomare tabacum
Multo escalari dignus açoite fuit.
Si genus humanum sêssos cheiraret docaret,
Not nos in tantos palleret ille logrot.

Da apologia retiro os que se seguem:

Nam cecidisse velhac à superis tua semina contant:
Hin te Herbam Sanctam vulgus ubique chamat.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

P. S. Toda a correspondencia conhecida de Jean Nicot foi publicada em 1897 pelo sr. Edmond Falgairolle. Não se contém nella nenhuma noticia de extraordinaria importancia para a historia de Portugal. As suas negociações limitavam-se a tratar do casamento de D. Sebastião com uma princeza franceza, negociações que naufragaram como todas as outras deste genero perante as intrigas do sombrio rei de Hespanha e mais ainda pelo feitio do monarcha portuguez.

A acção de Nicot limitou-se afinal a proteger bem pouco efficazmente os seus compatriotas nas questões de que resta ainda a phrase *roupa de francezes*. Numa carta de 26 de abril de 1560 ao cardeal de Lorena dá Nicot parte de uma herva da India (Occidental) de grandes virtudes para curar o *noli me tangere* (affecção cutanea) e fistulas. Promette mandar sementes para o jardineiro do cardeal proceder á competente cultura. Poucos annos antes de Nicot já o viajante francez Thévet se referira ao tabaco.

Conta Damião de Goes nos logares citados que a planta foi trazida á Europa por Luiz de Goes, que mais tarde entrou na companhia de Jesus. Foi provavelmente então que a conheceu Nicot, póde acontecer mesmo que a visse em poder do futuro jesuita. Ao celebre Drake coube fazer conhecer o tabaco em Inglaterra.

Catharina de Medices usava nas suas *migraines* dar folhas pisadas de tabaco, no fim dos combates, segundo conselho ao que parece de Nicot, ao que se fazia attribuir a protecção real a elle concedida.

Em 1626 é que começou em França a cultura do tabaco em grande escala, apesar das excomunhões de Urbano VIII em 1624 e repetidas em 1695.

Com a planta passou de Portugal tambem a França o nome que entre nós era de *petume* ou *betum*, de que facilmente os francezes derivaram *pétum*. Era o nome que tinha entre os indios brasileiros. Os hespanhoes nas suas explorações do golfo do Mexico tambem encontraram a planta que tinha o nome de tabaco, conforme diz o bispo Bartholomeu de las Casas.

Durante o dominio hespanhol de 1580 a 1640 foi olvidado o nome americano do sul e adoptado o americano do norte *tabaco*, que é o usado em todo o mundo.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

A TÓCA DA GALLIANA

Na extremidade occidental do concelho de Serpa, margem esquerda do Guadiana, e distando de Pedrogão pouco mais d'um kilometro, fica uma herdade chamada dos *Galliados*. Pois bem, em terreno d'essa herdade, e mesmo á beira do rio, acha-se uma gruta conhecida pelo nome de *Tóca da Galliana*. Esta gruta é formada por uma serie d'enormes rochedos sobrepostos, deixando ver no seu interior uma caverna de difficil accesso. Eleva-se uns 40 mettos acima do nivel do rio, e mede cerca de 10 metros de profundidade sobre 1 a 3 de largura.

A entrada da gruta é baixa e estreita, e só alli póde penetrar uma pessoa de cada vez. E' um ponto estrategico de primeira ordem. Qualquer individuo que se introduza na gruta, póde precipitar no rio, sem o menor esforço, todas as pessoas que pretendam lá entrar.

Todo o som produzido na gruta reflecte-se na margem direita do rio, em frente, de maneira a dar origem a um magnifico echo. Uma pessoa que em dias serenos se ponha a falar para dentro da gruta, póde ouvir um echo de 5 e 6 syllabas. Quando no mesmo sitio se dispára um tiro, o effeito então é surprehendente: repete-se o echo pelos outros rochedos que existem rio abaixo, assimelhando-se a uma forte fuzilaria, principiando perto e terminando ao longe.

Partindo da *Tóca da Galliana* e seguindo a montante, observa-se, á distancia d'uns 200 metros, no meio do rio, um grande penedo a que o vulgo chama *Penedo do Pombo*, e logo ao pé um outro mais pequeno denominado *Corôa do Rei*, por ter uma tal ou qual similhança com a corôa real. Proseguindo a montante, e tambem á distancia de 200 metros, approximadamente, véem-se na margem direita do rio tres grandes rochas alongadas e sobrepostas, formando como que degraus d'uma extensa escada, dos quaes o primeiro fica ao nivel do leito do rio e o ultimo a 10 metros acima do mesmo nivel. A este rochedo dá-se o nome de *Bôcca da Péça*. Precisamente em frente d'este logar, formam as aguas do rio, principalmente nas cheias, um enorme remoinho, d'onde é difficil safar-se qualquer barco que por infelicidade alli vá metter-se.

Ahi tem o leitor, singellamente descripto, um dos sitios mais agrestes e ao mesmo tempo pittorescos do nosso Guadiana. E tudo isto vem a proposito d'uma lenda ligada á celebre *Tóca da Galliana*, e que eu vou referir.

Porém, antes de narrar a lenda, devo dizer que, segundo réza a tradição, encontravam-se na mencionada gruta utensilios de pedra, taes como: pratos, almofarizes, panellas, etc. Mas eu, que por diversas vezes lá entrei, nunca me foi dado observar objecto algum d'aquelles.

Passemos agora á lenda da *tóca*. Diz a tradição que, no tempo dos mouros, — é da praxe attribuir-se aos mouros tudo quanto é antigo — era senhor d'estes sitios um rei mouro chamado *Gallafre*. Esse rei tinha uma filha designada pelo nome de *Galliana*, a qual gostava muito d'ir para alli vereanear. Tinha a dita princeza por costume passar as horas de maior calor dentro da gruta, que por este facto se ficou chamando *Toca da Galliana*.

Como se vê, a lenda é curta e simples, mas não deixa por isso de ser interessante.

(Pedrogão do Alemtejo.)

ROSA DA SILVA.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

O Monte da Má Hora

Havia, em tempo antigo, tres irmãos: o mais velho era muito medroso, o do meio, quasi valente, e o mais novo, muito valente. Um dia, como elles não tinham que fa-

zer, combinaram ir correr fortuna, e em todos os trabalhos [1] em que se vissem, o primeiro a affrontá-los seria o mais velho, depois o do meio, e, em ultimo caso, o mais novo.

Depois de todos se comprometterem a cumprir o que tinham combinado, marcharam. Em todos os montes aonde chegavam, pediam trabalho, e, em não lh'o dando, continuavam o seu caminho. Um dia, era d'inverno, já quasi ao sol posto, chegaram a um monte, e, como costumavam, pediram trabalho para o dia seguinte e *gasalho* para essa noite. O lavrador respondeu-lhes:

—«Trabalho para os tres, tenho, agora *gasalho* é que não posso dar a mais de dois. Mas se querem, eu tenho ali tres leões, um de vócês leva um, e póde ir dormir para aquelle monte que está além naquellas brenhas. Aquelle monte é o monte da Má Hora, e dizem que quem lá vai, não torna. Mas em levando o leão com certeza não lh'acontece mal nenhum.»

Como era já muito tarde, e no dia seguinte tinham ali trabalho, acceitaram a offerta do lavrador. E para o tal monte foi o irmão mais velho. Mas como elle era muito ruim, [2] foi chorando quasi todo o caminho. Quando chegou á porta do monte, víu uma velha a pentear-se, e, fingindo que tinha coragem, porque levava o leão, disse para a velha:

—«Salve-a Deus, ti'vélhóta!

Então póde por esta noite dar-me gasalho a mim e ao meu leão?»

—«Ai menino,» —disse-lhe a velha, já desdentada— «posso sim senhor, nem só por esta noite, por todas as que quizer. Mas pégue lá neste cabello e vá prender o seu leão na *cavelhariça.*»

O rapaz pegou no cabello: atou-o ao pescoço do leão e prendeu-o.

E quando voltou, disse a velha, antes delle lhe chegar ao pé: —«Cabellinho, cabellão—faze-te numa corrente — e enterra-te pelo chão.» O cabello fez-se logo numa corrente, e a velha, quando o rapaz lhe chegou ao pé, disse-lhe:—«Ai menino, vamos deitar uma *mâlúta*, [1] para vermos quem tem mais força?» O rapaz, com muito medo, respondeu-lhe: —«Ora, ti'vélhota, então para que? pois não vê que eu sou um rapaz novo, e que hei de ter muita mais força que vócemecê?» — E' o mesmo,» — lhe disse a velha — «vamos lá experimentar.»

O rapaz, como ella o derriçou [2] muito, sempre cahiu, e começaram a luctar. Ora, como a vélha era o *diabo*, deitou logo a baixo o rapaz, e assim que o apanhou no chão, pegou num cacete e agora verás quem bate!.. O rapaz fartou-se de bradar pelo leão, mas como o cabello se tinha feito numa corrente, o leão não lhe poude accudir.

No outro dia, á tarde, como o rapaz não apparecia, foi o irmão do meio. Aconteceu-lhe a mesma coisa. No dia seguinte, é claro, teve d'ir o mais môço. A vélha, assim que o viu, deu-lhe logo um cabello para elle prender o leão que levava. Mas o rapaz, que era muito experto, não o atou ao pescoço do leão, deixou o leão solto. E, quando voltou, a vélha fez-lhe a mesma *sarrazina*, até que se pegaram. O rapaz, assim que se viu fraquejar, disse: — « Valha-me aqui o meu leão.» O leão apresentou-se ali immediatamente e arrancou o rapaz dos braços da vélha. Elle, assim que se viu livre della, pegou num cacête e zurziu-a muito bem zurzida. E depois d'estar farto de bater, olhou para ella e disse-lhe:

—«O' velha maldita, ou os meus irmãos apparecem já aqui, ou então mato-te, grande velhaca!»

—«Os teus irmãos»—respondeu a vélha—«estão naquelle quarto.»

O rapaz foi abrir a porta do quar-

[1] Trabalhos = afflicções.
[2] Ruim = medroso.

[1] *Mâluta* = lucta.
[2] *O derriçou* = insistiu com elle.

to, e entretanto a velha desappareceu.

No outro dia, pela manhan, quando os tres rapazes se levantaram, viram na rua do monte uma mó, e como ali não havia nenhum moinho, disse o irmão do meio:

—«Ainda assim, o que quererá aquillo dizer?»

—«Vamos saber já»—respondeu o irmão mais moço. E levantaram-na. Debaixo da mó estava um grande poço. Como elles queriam ver o que havia no fundo daquelle poço, foram ao monte arranjar cordas e um cavanejo, para descerem lá abaixo.

Assim que arranjaram as cordas e o cavanejo, disseram os dois irmãos mais novos para o mais velho:

—«Mette-te lá dentro do cavanejo, que nós seguramos as cordas, e, em tendo medo, toca este *escálho* (chocalho), para te tirarmos.»

Mas como elle era muito medroso, assim que perdeu os irmãos de vista, começou logo a tocar o *escálho*.

Os irmãos tiraram-no para fóra do poço, e depois metteu-se dentro do cavanejo o irmão do meio. Este, como era mais corajoso, chegou a descer até ao meio do poço, depois, suppondo que o poço não tinha fim, tratou de tocar tambem o *escálho*. Os irmãos tiráram-no tambem do poço, e por fim teve tambem o irmão mais moço de metter-se dentro do cavanejo. E quando elle se metteu no cavanejo, disse aos irmãos:

—«Vocês, emquanto houver corda, deixem ir.»

Chegou o rapaz ao fundo do poço e viu logo, em frente, uma porta, e bateu. Veiu uma rapariga abrir-lh'a, que ficou muito admirada e ao mesmo tempo assustada.

—«Ai senhor,»—disse ella ao rapaz—«pelo amor de Deus, vá-se embora, porque se o meu guarda o vê aqui, mata-o com certeza.»

—«Então quem é o seu guarda?—perguntou-lhe o rapaz.

—«E' uma *bicha-féra* com sete cabeças.»

—«Pois bem. Então que signal dá ella quando vem?»

—«Ai senhor! vem dando uns assobios muito grandes!...»

—«Nesse caso, abra lá a porta, que eu é que a hei de matar a ella.»

A rapariga, então, já mais animada, abriu a porta, e elle poz-se por traz, com um punhal na mão á espera da *bicha-féra*.

Effectivamente, dahi a pouco, soaram os assobios. Elle, assim que os ouviu, preparou-se melhor, e, quando ella tinha metade do corpo dentro de casa, matou-a com uma punhalada. A rapariga, vendo que o seu guarda já estava morto, olhou para o rapaz e disse-lhe:

—«Eu, senhor, sou uma princeza encantada, e emquanto não matassem o meu guarda não podia ir para o palacio. E como foi o senhor quem o matou, aqui tem este annel.» E deu-lh'o.

Quando ella ia a sahir, lembrou-se das irmãs, e disse ao seu salvador que ainda ali estavam duas irmãs suas tambem encantadas. O rapaz, ouvindo isto, foi pelo corredor adeante, e quando viu outra porta, bateu tambem. Appareceu logo a princeza pedindo-lhe que se fosse embora, senão o seu guarda que o matava.

—«Então quem é o seu guarda?»—perguntou-lhe o rapaz.

—«O meu guarda, senhor, é um leão.»

—«Pois bem, não tenho medo. Abra-me lá a porta, que em elle vindo mato-o com este punhal.»

A princeza abriu a porta, veiu o leão, e o rapaz matou-o effectivamente. Em recompensa a princeza deu ao rapaz outro annel e disse-lhe que ainda ali estavam mais duas irmãs tambem encantadas. O rapaz respondeu que não eram duas, era só uma, porque a mais velha já elle tinha desencantado.

Depois continuou pelo corredor, e quando viu a outra porta, bateu. A princeza veiu abrir a porta, e assim que viu o rapaz, disse-lhe o mesmo

que disséram as outras duas, «que se fosse embora, senão o seu guarda que o matava.» O rapaz perguntou-lhe quem era o seu guarda, e ella respondeu-lhe que era o *diabo*. Assim que ella lhe falou no diabo, disse elle logo:—«Oh! pois desse amigo mesmo é que eu ando á busca, para ajustarmos umas contas já antigas. Abra-me lá a porta, faça favor.»

A princeza, vendo deante de si um homem tão valente, abriu immediatamente a porta e levou-o a uma sala d'armas. Mostrou-lhe umas espadas muito luzidías e outras muito ferrugentas. Depois da princeza mostrar tudo ao rapaz, disse-lhe:

—«Elle, em vindo, ha de tratá-lo muito bem e ha de convidá-lo a jogar á espada, mas o senhor finja que não sabe nada, e em logar de pegar nas espadas luzidías, pégue nas ferrugentas.»

Tal qual ella disse, assim aconteceu. Veiu o diabo, cumprimentou muito bem o rapaz e convidou-o logo para jogarem á espada. Como o diabo fazia pouco caso do jogo, o rapaz deu-lhe uma *espaldeirada* numa orêlha com tanta força, que lh'a cortou. O diabo, assim que se sentiu ferido, e sem a orêlha, fugiu, e a princeza ficou immediatamente desencantada. A princeza deu depois ao rapaz um annel e disse-lhe que ainda ali tinha duas irmãs tambem encantadas.

—«Já não ha nenhuma» —respondeu-lhe elle.—«E a Senhora Princeza vai tambem já sahir.»

E metteu-a no cavanejo.

(Da tradição oral — Brinches.)

(Continúa.)

ANTONIO ALEXANDRINO.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continuado de pag. 128)

CDXLVIII

O' meu amor, meu amor,
Quando has-de tu me esquecer?!
Quando eu não tiver vida
Nem olhos para te vêr.

CDXLIX

Os olhos do meu amor
São bonitos, benza os Deus!
Não lhes quero dar quebranto,
Não sei se virão ser meus.

CDL

Olhos que não vêem olhos
Senão de mezes a mezes,
Como estarão desejosos,
Vendo-se tão poucas vezes!

CDLI

O cravo depois de secco
Significa amor perdido.
Inda que queira, não posso
Tirar de ti o sentido.

CDLII

Os teus olhos são tão pretos...
E' uma noite cerrada!
Mesmo assim com elles pretos,
Sem elles não vejo nada.

CDLIII

O' amor desconfiado,
Inda te hei-de dar a vêr;
Nem devéras, nem mangando,
Sou capaz de te offender.

CDLIV

O sol quando nasce inclina
A's pedras do meu annel.
Tambem eu vivo inclinada
Ao coração de Manuel...

CDLV

O sol quando quer nascer
Deita raios ao comprido.
Tambem eu para te vêr,
Dou mil voltas ao sentido.

CDLVI

Ó correio do sentido,
Traz-me novas d'um ausente!
Não me tragas novas tristes...
Novas tristes tenho eu sempre!

CDLVII

Oliveira pequenina,
Cargadinha d'algodão.
Moças pezadas a oiro,
E moços, a lan de cão.

CDLVIII

Oliveira pequenina,
Cargadinha d'algodão.
Quando nasceram os homens,
Nasceu toda a maldição.

CDLIX

Oh Serpa, melhor das villas,
Talvez que algumas cidades!
Oh! quem pudéra lá ir
A matar umas saudades!

CDLX

O tocador da viola
Merece uma bôa ceia:
Uma data de pasadas,
Trinta dias de cadeia.

CDLXI

O tocador da viola
Merece uma gravata;
Hei-de mandar fazer-lhe uma
Do rabo da minha gata...

CDLXII

O tocador da viola
Merece uma gallinha....
Mastigada, co' os meus dentes,
Cá p'rá minha barriguinha.

CDLXIII

O tocador da viola
E' feio, mas toca bem...
Se não casar pela prenda,
Formosura não a tem.

CDLXIV

O tocador da viola,
Oh moças! tratem n'o bem,
Que elle é de fóra da terra,
Não conhece aqui ninguem.

CDLXV

O tocador da viola
Merece levar pasadas:
A viola não é sua,
As cordas são emprestadas!

CDLXVI

Os teus olhos de pau preto,
Riscadinhos a compasso,
São o espelho em que me vejo
Quando á tua rua passo.

CDLXVII

Oh amor, pois tu nãa vês,
Tristeza em meu duario?!
Acaba já d'uma vez
Com meu viver solitario!

CDLXVIII

—Olá, camarada!
Que levas á tua?
— P'ró cabello armado
Levo-lhe uma lua.

CDLXIX

O' moças, não queiram
Casar com ganhões!
Não ganham àvondo
P'ra comprar botões.

CDLXX

O' José, pega na penna,
Escreve, que eu vou notando;
Escreve—que eu por ti morro,
Sem saber hora nem quando.

CDCXXI

O jasmineiro é verde,
As flores que dá são brancas.
Como póde amar firme
Quem se diverte com tantas!?

CDLXXII

O meu lindo amor
Merece, merece...
'Ma colhér de pau,
P'ra comer alméce.

CDLXXXIII

O meu amor é de Brinches,
E' de Brinches, é brincheiro...
O que importa ser de Brinches,
Se elle tem muito dinheiro?!

CDLXXIV

O homem que usa bigode,
Usa de moda bem louca;
E' como o gato assanhado
Que leva o rato na bocca...

CDLXXV

O meu amor 'stá nas sortes,
Mas não ha-de ser soldado;
Ha-de haver algum empenho
P'ra livrar um desgraçado.

CDLXXVI

O encarnado é guerra,
Quem n'o usa quer brigar;
O rôxo é paciencia...
Deus m'a deu para te amar!

CDLXXVII

O' rosa, deixa-te estar
Fechadinha em botão;
Aberta caem-te as folhas,
Fechada não caem, não.

CDLXXVIII

O' rosa, vem-te commigo,
Deixa ficar a roseira;
Esta noute chove agua:
Rosa molhada não cheira.

CDLXXIX

O amor quando se encontra
Mette susto e dá gôsto,
Sobresalta o coração,
Faz chegar a côr ao rosto.

CDLXXX

O meu amor não é este,
Não é este, não o quero;
O meu tem olhos azues,
Este tem-n'os amarellos.

CDLXXXI

O amor nasce dos olhos,
Procede do coração,
Vive da correspondencia
E morre da ingratidão.

CDLXXXII

O amor não é p'ra tolos;
Deixem amar os expertos,
Que sabem render finezas,
Corresponder aos affectos.

CDLXXXIII

O meu amor mais o teu
Ambos são trabalhadores:
O meu é cravo dobrado,
O teu é *bouquet* de flores.

CDLXXXIV

O meu amor mais o teu
Ambos são officiaes:

O meu é carapinteiro,
O teu reboca p'iaes

CDLXXXV

Os olhos d'aquella *aquella,*
Os olhos d'aquella alem...
Os olhos d'aquella *aquella*
São os olhos de meu bem!

CDLXXXVI

O' rosa, ó rosa,
O' rosa, rosinha:
Eu hei-de ser teu,
Tu has-de ser minha.

CDLXXXVII

O' amor, não dês
Minha carta a ler,
Que eu tambem não dou
Meu braço a torcer.

CDLXXXVIII

Os brinquinhos ás orelhos
Sempre se estão bandeando...
Quem me déra dar um beijo
Onde os brinquinhos 'stão dando!

CDLXXXIX

O meu lindo amor
Tem olhos marôtos...
Que lhe hei-de eu fazer?
Se elle não tem outros!

CDXC

Os senhores que aqui estão,
Uns sentados, outros de pé,
Não veem cá por balhar,
Veem só por darem fé.

CDXCI

O amor não precisa lingua
Quando se quer declarar;
Basta o terno mover d'olhos,
N'um momento respirar.

CDXCII

O sol quando quer nascer
Vinte e quatro raios bóta;
Comtigo são vinte e cinco,
Quando te assômas à porta.

CDXCIII

O' rosa, nunca consintas
Que o cravo te ponha a mão;
Porque a rosa enxovalhada
Já não tem acceitação.

CDXCIV

Os teus olhos são dois cravos,
As pestanas são as folhas,
E as sobrancelhas... são laços,
Quando tu para mim olhas.

CDXCV

Os olhos do meu amor
São duas peras verdeaes,
Que dão saude aos doentes,
Resuscitam os mortaes.

CDXCVI

Olhos, testa, nariz, bocca,
Tudo lindo meu bem tem;
Quatro feições mais galantes,
Juro que as não tem ninguem!

CDXCVII

Oh! que linda troca d'olhos
Que fizeram dois amantes!
Trocaram dois olhos pretos
Por dois azues mais galantes.

CDXCVIII

Olhos pretos e ramudos
Ninguem n'os tem senão eu;
Agradeço-os ao meu pae
E á minha mãe, que m'os deu.

CDXCIX

O' olhos da minha cara,
Não olheis para ninguem;
Não quero na minha cara,
Olhos que offendam alguem.

D

O' olhos da minha cara,
Jà vos tenho reprehendido:
—Onde não forem chamados,
Não sejam intromettidos.

DI

Os olhos requerem olhos,
Os corações, corações;
Os meus requerem os teus
Em certas occasiões.

DII

Olhos que de vêr se animam,
São olhos afortunados;
Ou teem quem os anime,
Ou de seu são animados.

DIII

Os olhos do meu amor
São duas peras n'um ramo,
Talhadinhos á thezoira,
Rasgados ao desengano.

(Da tradição oral, em Serpa)

(Continúa)

M. DIAS NUNES.

LENDAS & ROMANCES

O CONDE ALARDOS

Estando a filha do rei
Muito triste em demasia,
Perguntou-lhe seu pae rei:
«Filha minha, o que *tenia*?»
— Outras de menos idade
Teem casa e filhos criam.
— O que queres, filha *mia*,
Se na côrte não havia...
Só se fosse o Conde Alardos,
Mas casa e filhos *tenia*.

— Esse, esse, ó meu pae,
Esse é que eu queria,
Mando-m'o já a chamar,
Da sua parte e da *mia*,
Que venha cá ao meio dia.
— Inda agora vim do Paço
E já me mandam chamar?!
Se será para meu bem!
Se será para meu mal!
Entrei pelo Paço a dentro
Fiz a minha cortezia:
«Que me quer Vossa Alteza,
E mais Vossa Senhoria?»
— Sabe, sabe, Conde Alardos,
Que ainda me não esquecia,
Quero que jantes commigo
Uma perna de gallinha.
— Obrigado a Vossa Alteza,
E a Vossa Senhoria,
Que eu para meu jantar
Gallinha tambem *tenia*.
— Sabe, sabe, ó conde Alardos,
Não me voltes demasia,
Quero-te assentar á mesa
A' d'reita de minha filha;
Comerás bem bons bocados
E uma perna de gallinha.
— Obrigado a Vossa Alteza,
E a Vossa Senhoria,
Que eu para o meu jantar
Gallinha tambem *tenia*.
— *Cala-te*, ó Conde Alardos,
Não me voltes demasia,
Quer' que mates a condessa,
P'ra casar's com minha filha.
— Como póde ser, Senhor,
Se a Condessa o não mer'cia,
Mandarei-a p'ra uma clauzura
Onde não veja sol nem lua;
Ou *mandarei-a* p'ra França,
Onde pae e mãe *tenia*.
— Cala-te, ó Conde Alardos,
Não me voltes demasia,
E traz-me a sua cabeça
N'esta formosa bacia;
E não m'a troques por outra,
Que eu mui bem a conhecia:
Tem tres signaes na cara,
Todos tres com bizarria. —
Foi-se d'ali o Conde Alardos
Muito triste em demasia.
— Que tendes, ó Conde Alardos,
Que tendes *por minha via?*
— O' Condessa, vem p'rá mesa,
Comeremos um bocado
Que será por despedida. —
Olhando um para o outro,
Nenhum d'elles comia;
As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corriam.
— O que tendes, ó meu esposo,
O que tendes *por minha via?*
— Manda El-rei que te mate,
P'ra casar com sua filha.
— Cala-te, ó conde meu,
Que isso mui bem se fazia:
Manda-me p'ra uma clausura,
Onde não veja sol nem lua,
Ou manda-me para França
Onde eu pae e mãe *tenia*.
— Já lhe propuz isso, condessa,
El' respondeu que não q'ria,
Que levasse a cabeça
N'esta maldita bacia;
Que a não trocasse por outra,
Que muito bem te conhecia:
Que tens tres signaes na cara,
Todos tres com bizarria.
— Não me mates com cutelo,
Nem com arma que fira;
Da-me cá uma toalha
Das mais finas que *tenia*.
Já me corre o meu leite
Pelas minhas alvas carnes;
Andarão os meus menínos
De comadres em comadres...
Já me corre o meu leite
P'las minhas alvas camizas;
Andarão os meus filhos
De visinhas em visinhas...
Já me corre o meu leite
Pelas minhas bellas veias;
Andarão os meus meninos
A mammar mammas alheias!...
Dá-me cá o meu menino,
O mais novo que eu *tenia*:
Mammae filho, mammae filho,
Este leite de amargura,
Que amanhã por esta hora
'Stá tua mãe na sepultura!...
Anda cá filho mais velho,
Que te vou a ensinar,
A' mãe que tu vaes a ter,
Como lhe has-de falar:
O teu chapeusinho na mão
E o joelho posto em terra,
Com toda a veneração,
Que ella a realeza encerra:
Aqui, vos peço, Senhora,
Benção para um infeliz,
Que já hoje não tem mãe...
Vossa alteza assim o quiz!
Separastes um casal
Que tão feliz vivia,
Não póde Deus, Senhora,
Dar-nos completa alegria...
Meus irmãosinhos pequenos,
A quem tirastes a mãe,
Não os desprezeis, Senhora,
Nem tão pouco a mim tambem;
Já me fostes tão cruel,
Não leveis vossa tyrannia
Em desgraçar os filhos
Da que mal vos não fazia. —
Depois de ao filho ensinar
O que devia dizer,
Deitou a toalha ao collo
Para a morte a si dar,
Pôz os olhos no ceo,
Os sinos ouviu tocar.

(Conclue)

Elvas. **A. THOMAZ PIRES.**

ANNO III

N.º 10

SERPA, Outubro de 1901

VOLUME III

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — Galeria Monaco — Rocio

Porto — Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44

Coimbra — Livraria França Amado

Summario:

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel*, *Doutor Adolpho Coelho*, *Alfredo de Pratt*, *Alvaro de Castro*, *Alvaro Pinheiro*, *Alves Tavares*, *Antonio Alexandrino*, *Doutor Athaide d'Oliveira*, *Castor*, *Conde de Ficalho*, *C. Cabral*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *Filomatico*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *Lopes Piçarra*, *D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª)*, *Miguel de Lemos*, *Paulo Osorio*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *Ramalho Ortigão*, *D. Sophia da Silva (Dr.ª)*, *Dr. Souza Viterbo*, *Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires*.

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.)*, *Alfredo de Pratt*, *Alvares Pinto*, *Antonio Alexandrino*, *A. de Mello Breyner*, *Arronches Junqueiro*, *Doutor Athaide de Oliveira*, *Conde de Fiçalho*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *J. J. Gonçalves Pereira*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *D. Margarida de Sequeira*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *R.*, *Doutor Souza Viterbo*, *N. W. Thomas*, *A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*.

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

Anno III — N.º 10 SERPA, Outubro de 1901 Volume III

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

COMMUNICAÇÃO [1]

... Senhores Directores da revista *A Tradição.*

Cultor das litteraturas neolatinas e em especial da portugueza, vou procurando tornar conhecidas na Italia as glorias litterarias da nobre Luzitania, irmã dilecta e talvez preferida entre as outras, á qual me liga uma fraterna e espiritual sympathia.

E pois que, aqui e alli, no decurso dos meus estudos e investigações, me acontece frequentemente encontrar noticias relativas ao vosso paiz, é sempre com prazer que de tal assumpto me occupo, tanto quanto minhas forças o permittem.

A revista de V., superiormente dirigida, que leio, e com proveito, graças á vossa amabilidade, representa, como justamente escreve o illustre Ramalho Ortigão, «o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa» — recolhendo de mão em mão as várias manifestações populares, que na poesia, nas lendas, nos usos e nos costumes, constituem a alma do povo, revelando o espirito de raça, caracter e elemento principalissimo d'uma nacionalidade.

A Demopsychologia, esta sciencia moderna que tantos aspectos do caracter do povo tem revelado, está destinada, a meu vêr, a uma alta funcção social. Porque, por meio d'ella, se tem reconhecido a affinidade de costumes, tendencias e usos entre povos, que a principio nos pareciam affastados, — auxiliando assim poderosamente o estudo da linguistica, da philologia, etc., e contribuindo, creio eu, d'um modo efficaz para o novo despertar da consciencia nacional em relação á consciencia universal.

Por isso me dirijo a V. e á sua revista, para fazer-lhes uma communicação que julgo não ser destituida de interesse, dado o caracter que reveste e o fim que se propõe, a *Tradição*, qual é o de recolher e regis-

[1] Do Senhor Doutor Antonio Mari, sabio professor e publicista italiano, que no seu bello e florido paiz se occupa brilhantemente da litteratura portugueza, recebemos ha tempo o magnifico artigo que a *Tradição* publíca hoje em editorial. Mau grado o vivo desejo de sermos agradaveis ao illustre escriptor, nosso presado amigo e venerando collega da *Eros*, de Messina, foi-nos de todo em todo impossivel inserir mais cedo a sua notabilissima communicação, por motivo da extraordinaria abundancia de original retardado.

Que nos releve a falta, involuntariamente commettida, o prestigioso homem de sciencia, a quem muito do coração agradecêmos as captivantes amabilidades com que immerecidamente nos distingue e honra.

A REDACÇÃO.

trar as recordações, as tradições do povo portuguez.

Eis a communicação:

Giuseppe Baretti litterato e jornalista italiano do seculo XVIII (1716-1789), teve uma vida muito aventurosa, já pela sua indole luctadora, que lhe acarretou numerosos desgostos, já tambem pela especial condição do tempo em que viveu.

Alem d'isso, elle andou peregrinando atravez os paizes da Europa, passando de Turim a Londres, de Londres a Lisbôa, e de Lisbôa a Hespanha. Residiu depois algum tempo em Portugal, ao voltar de Inglaterra em fins de Agosto de 1760, retirando-se em seguida para Hespanha e d'alli para Italia.

D'esta sua viagem deixou elle uma importante descripção em dois volumes de cartas aos irmãos, dos quaes volumes interessa conhecer o que respeita a Portugal.

Alli se encontram descripções de cidades, egrejas, ermidas, hospedarias; corridas de touros, pompas regias, festas patriarchaes, n'uma palavra, muitos e solemnes acontecimentos.

Mas o que maior importancia tem para V. é, creio eu, uma veridica e bella descripção do memoravel terremoto de 1755, que abalou os dois reinos de Portugal e Algarve, bem como muitos pontos de Hespanha, e que se fez terrivelmente sentir, na terra e no mar, em muitas outras partes da Europa.

«Quem sente prazer — diz o editor no proemio — em conhecer os costumes dos povos, e no philosophar sobre os seus diversos vicios e virtudes, e lhe apraz subtilmente indagar nas origens, o progresso e seus effeitos, encontrará aqui pasto abundante para a sua curiosidade.»

Na primeira carta, datada de Lisbôa em 1 de Setembro de 1860, dá noticia d'uma festa de touros, ou corrida, como ahi se diz, realisada n'um amphitheatro chamado «Campo pequeno», á qual assistiram o Rei, a Rainha, e o principe D. Pedro com a esposa, princeza do Brazil. E é curioso notar como os touros, excitados d'um lado por oito pessoas vestidas de guerreiros indianos, e do outro por outras tantas vestidas de mouros, tivessem as pontas emboladas com uns pedaços de madeira torneada.

N'outra carta, falla da feira e dos bailes d'Elvas, os quaes são caracteristicos pelas pessoas que n'elles tomam parte e pelo modo como estas dançam, ora ao som d'uma ou mais guitarras, ora ao som das guitarras, junto ao canto dos homens e das mulheres.

N'este ultimo caso, especialmente, e ainda que o movimento seja incessante, as pessoas apenas se balanceam e «dão castanholas tão bem e tanto a tempo com os dedos de ambas as mãos, premendo o pollegar sobre o medio, e batendo com os calcanhares no solo, tão rapido e tão forte, e tanto a compasso, que extasia vel-as».

A carta que descreve o terremoto de Lisbôa, parece me a melhor, quer pelo poder descriptivo, quer pela noticia do facto e do logar. Esta carta, em que a arte domina soberana, é frequente encontrar-se na Anthologia de prosa italiana dos melhores escriptores.

Em seguida, outra em que nos falla de scenas e factos a que assistiu em Meaxaras e em Talavera, cidade que, embora faça parte da Hespanha, tem alguma coisa de commum com o visinho Portugal.

Este é o summario principal e muito synthetico da obra do escriptor italiano, que eu quiz fazer notar, para que não passasse desapercebido a uma revista que distinctamente se occupa do *folklore* portuguez, e á qual, julgo, não desagradará saber como, ha cerca de seculo e meio, um extrangeiro pensava a respeito d'esse paiz.

Que, em Italia, o nosso illustre demopsychologo, o professor Pitré,

COSTUMES & PERSPECTIVAS

(Cliché de Silva Ribeiro)

Transporte d'uma rede ao som de festa (praia da Torreira)

occupou-se, entre outras coisas, d'estas narrações de viajantes extrangeiros.

Parece-me que não seria obra de todo inutil, se algum litterato d'ahi examinando o livro das *Lettere familiari* de Baretti, traduzisse a parte que mais directamente interessa a Portugal.

E V.,... Senhores, tende esta minha noticia e o alvitre que apresento, na conta que melhor entenderdes.

Entretanto acceitae os sentimentos da minha camaradagem.

Vosso muito devotado,

(Messina.)

Adv. Prof. ANTONINO MARI.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

MINHA HESPANHOLA

Hespanhola, minha hespanhola!
Extrangeira, minha extrangeira!
Eu quero que você use
Um chapeo à marinheira.

Um chapeo á marinheira,
Um chapeo da moda agora...
Extrangeira, minha extrangeira, } bis
Minha hespanhola, minha hespanhola! }

Serpa.

M. DIAS NUNES.

LENDAS & ROMANCES

O CONDE ALARDOS

(Concluido de pag. 144)

— Tocam os sinos na Sé,
Repicam os da Trindade...
Quem morreu, quem morreria
N'esta nobre cidade?
Tocam os sinos na Sé;
Quem morreu, quem morreria?
— Morreu a filha do rei,
De inclemencias que fazia,
Apartar os bem casados,
Coisa que Deus não permittia.

(Elvas.)

A INFANTA CASTIGADA

(Variante do romance anterior)

— Casae-me, meu pae, casae-me,
Que a edade me obriga;
Já todas as do meu tempo
Teem casa e teem vida.
— Com quem te casarei, filha,
Se a côrte já é corrida,
Sem achar quem pretendia?
— Se o conde Alardos não fosse,
Mulher, filhos que *tenia*,
Esse é que era o que eu amava,
Esse é que era o que eu q'ria.

....
....

— Inda agora vim do paço,
El-rei me mandou chamar,
Não sei se é para meu bem,
Se será para meu mal;
Entrei pelo paço a dentro,
Fazendo mil cortezias:
Que quer vossa magestade,
Que quer vossa senhoria?
— Quero que mates a condessa,
P'ra casar's com minha filha.
— Como a hei-de matar, rei,
Se a morte não é mer'cida?
Mandal-a-hei para a França
Onde pae e mãe vivia;
Ou mettel-a hei n'uma torre,
Onde não veja sol nem dia,
E nem as *avens* do ceu
Noticia d'ella daria.
— Tudo isso serà bom,
Mas nada d'isso eu queria;
Quero que me tragas a cabeça
N'uma dourada bacia;
Não a troques tu por outra,
Que eu logo a conhecia:
Tem dois signaes na cara,
Que muito bem lhe dizia.—
Foi o conde para casa
Muito triste, em demasia,
Sentou-se co'a condessa á meza,
Nem um nem outro comia,
As lagrimas eram tantas
Que pela meza corriam.
— O que tendes, q'rido conde,
Contae me a vossa agonia?
— Eu não vos q'ria dizer,
Mas sempre vos dizia:
Manda el-rei que eu vos mate,
P'ra casar co'a sua filha.
— P'ra que me has-de matar, conde,
Se a morte não sou mer'cida?
Mandar-me-has para a França
Onde pae e mãe vivia.
Ou metter-me-has n'uma torre

Onde não veja sol nem dia,
E nem as *avens* do ceu
Noticia de mim daria.
— Tudo isso eu já lhe disse,
E elle disse que não q'ria;
Quer que lhe leve a cabeça
N'uma dourada bacia;
Que não lh'a troque per outra,
Que elle logo a conhecia:
Tem dois signaes na cara,
Que muito bem lhe dizia.
— Não me mates com espadas,
Nem com ferros que *tenia*;
Mata-me com laços finos,
P'ra mais alta senhoria.
O' criadas, ó criadas,
Venha papel e tinteiro,
Que me quero despedir
De toda a minha familia.
Adeus palacios, adeus salas,
Adeus conde d'Alegria,
Adeus quartos, adeus cama,
Adeus cama onde eu dormia,
Adeus jardim, adeus fonte,
Adeus fonte onde eu bebia,
Adeus criadas, vassallas,
Adeus minha companhia;
Que é mandado pelo rei
Fazer esta tyrannia.
Mammáe, filhinhos, mammáe,
Este leite d'amargura,
Que amanhã por estas horas
Tereis mãe na sepultura;
Mammáe, filhinhos, mammáe,
Este leite d'agonia,
Que amanhã tereis madrasta
De mais alta senhoria.
— Dobram os sinos da Sé,
Tocam em Santa Maria...
Quem morreu, quem morreria?
— Morreu a filha do rei
Pelo crime que *tenia*,
Matar a mãe a seus filhos
Isso era o que Deus não q'ria;
Descasar os bem casados
E' que Dens não permittia.

(Elvas.)

EL-REI DE MARROCOS

2.ª Variante de *O conde Allardos*

Estando el-rei de Marrocos
A' meza com sua filha,
Esta assim lhe dizia:
— Olhe, meu pae da minh'alma,
Vejo outras da minha edade
Casadas e terem filhos.
— Que queres tu, filha, que eu faça,
Se eu não sinto no meu reinado
Quem te a ti mereça, filha;
Está hi o conde d'Allemanha,
Que é casado e tem familia.
— Esse mesmo é o que eu q'ria.
— E' casado e tem familia,
De sorte acceitaria
— Mande-o meu pae chamar,
Meu pae n'isso lhe fallaria. —
Um criado que elle *tenia*
Logo o mandou a palacio:
— Vinde, vinde. senhor conde,
Que el-rei o manda chamar. —
Logo o seu coração disse:
«Se será para meu bem,
Se será para meu mal.»
Quando chegou a palacio
El rei ao cumprimentar,
Fitando o conde, disse:
— Uma nova te vou dar.
Matarás tua mulher,
P'ra casar's com minha filha.
— Senhor, não farei isso,
Senhor, não farei tal,
Tenho minha mulher moça,
Meus filhos para criar!
— Deixemo-nos de mais porfia.
A cabeça n'esta toalha,
E o sangue n'esta bacia. —
Foi-se o conde para casa,
Muito triste em demasia.
A condessa á roda d'elle:
— Que tens conde da minh'alma,
Que tens conde da minha vida?
— El rei te manda matar
P'ra casar com sua filha.
— Não me mates, ó meu esposo,
Que isso remedio teria;
Mette me n'um convento,
Onde nem sol nem lua veria.
— Mas se el-rei manda ir
A cabeça n'esta toalha,
O sangue n'esta bacia?... —
A meza mandaram pôr,
Nem um nem outro comia;
As lagrimas eram tantas
Que pela meza corriam.
— Dá cá aquelle tinteiro,
Mais aquella escrivaninha,
Quero escrever a meus paes
A desgraça d'uma filha;
Dà cá aquelles meninos
P'ra mammarem umas gotinhas.
— Mammáe, mammáe, filhos meus,
Esta mamma d'amargura,
Que hoje ainda tendes mãe,
E amanhã por estas horas
Estará na sepultura!...
Mammáe filhos, mammáe filhos,
Esta mamma amargurada,
Que hoje ainda tendes mãe,
E amanhã por estas horas
Já deve estar sepultada!...
Mammáe filhos, mammáe filhos,
Este leite de agonia,
Que amanhã tereis madrasta
Da mais alta gerarchia!
Assim corre este meu leite
Por esta alva toalha.
Andarão os meus meninos
De visinha em visinha..
Peço-te, meu marido,
Que não me matem com cutelo,
Nem coisa que faça sangue;
Matem-me com uma toalha

Das mais finas que haveria,
Para acabar de ser
O' uso da fidalguia.—
Palavras que eram ditas,
Os sinos da Sé dobravam
E de preto se tingiam.
— Quem morreu, quem morreria?
— A filha do rei de Marrocos,
Pelo mal que commettia;
Descasar os bem casados
E' o que Deus não fazia;
Tirar a mãe a seus filhos
Era a maior tyrannia!

(Elvas.)

DONA SYLVANA

(3.ª Variante de *O conde Allardos*)

Indo D. Sylvaninha
P'lo seu corredor acima
Tocando n'uma guitarra,
Oh! que estrondo não fazia!
Acordou seu pae na cama,
Do quarto onde dormia:
— Que tendes, D Sylvana,
O que tendes, filha minha?
— Todas as filhas que teve
Estão casadas, teem familia,
Eu por ser a mais bonita,
Para o canto ficaria.
— Não tenho com quem te case,
Pessoa igual á minha;
Só se fôr o conde Alberto,
Mas o conde tem familia.
— Pois esse mesmo, meu pae,
Esse mesmo é que eu q'ria.
Mande-o chamar a casa,
Da sua parte e da minha.—
Veiu o conde ao palacio
Saber o que o rei queria.
— Que quer vossa magestade,
Que quer vossa senhoria?
— Quero que mates a condessa,
P'ra casar's com a minha filha.
— Como hei-de matar a condessa
Se ella a morte não mer'cia!
— Mata-a conde, mata-a conde,
Senão eu tiro-te a vida!
Traz-me a cabeça d'ella
N'esta real bacia.—
Foi o conde p'r'ó palacio,
Triste como iria,
Mandou fechar as janellas,
Coisa que nunca fazia,
Mandou tirar o jantar,
Ao pino do meio dia;
Mas que tristeza era aquella
Que nem um nem outro comia! ?...
— Que tendes, ó conde Alberto,
Que tendes, ó vida minha?
Contae-me as vossas tristezas,
Que eu vos conto maravilhas.
— Manda el-rei que vos mate,
P'ra casar com sua filha.
— Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de amargura,
Que amanhã por esta hora
Tens a mãe na sepultura.
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de tristeza,
Que amanhã por esta hora
Serás filho da princeza.
— Tocam os sinos na côrte,
Ai! Jesus! quem morreria?
— Morreu D. Sylvana,
Da morte que ella mer'cia;
Que desmanchar bem casados
E' coisa que Deus não q'ria.

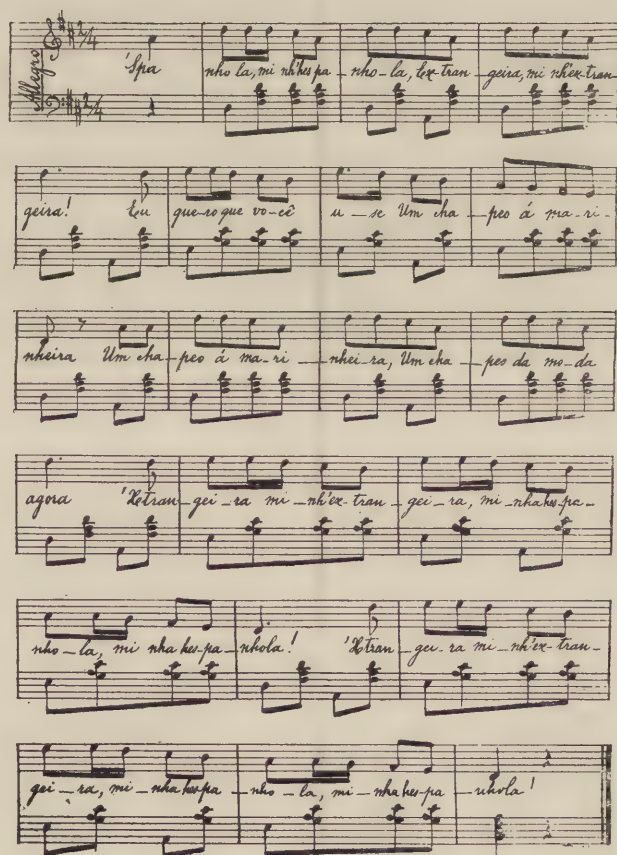
Elvas. **A. THOMAZ PIRES.**

JOGOS POPULARES

A PIANA [1]

Entre os numerosos e variados jogos que servem de recreio á rapaziada, nenhum ha mais alegre e attrahente que o da piana ou pião. Este jogo é geralmente usado no outôno, e para o realisar, escolhe-se um largo de chão bem enxuto e firme, afim da piana poder mais facilmente girar em volta do seu eixo. A' falta de bons terreiros tambem se lança mão de casas ou pateos ladrilhados.

Antes de passarmos propriamente á descripção do alludido jogo, digâmos em duas palavras de que partes se compõe a piana. Esta é feita de madeira e apresenta a fórma esferoidal; a sua superficie é lisa, á excepção d'uns pequenos sulcos circulares que lhe servem d'ornato.

As partes que se distinguem na piana, são tres: uma parte media dilatada *(barriga);* uma outra estreita *(pescoço),* na extremidade da qual se introduz uma pequena ponta d'aço *(ferrão);* e finalmente, na parte superior e ao centro da barriga, uma pequena saliencia conica de base voltada para cima *(cabeçálho).*

O pião compõe-se das mesmas partes, e apenas differe da piana em ter o bôjo mais estreito, predominando, por conseguinte, o diametro vertical.

[1] Piana = *pitôrra* ou *pitóga*.

CANCIONEIRO MUSICAL

X

Minha hespanhola

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(CHOREOGRAPHICA)

Tanto a piana como o pião, pódem ser privados de *cabeçálho*, e neste caso dizem-se *rabêtos*, á similhança dos animaes privados de cauda.

Posto isto, vamos descrever o jogo.

Reunidos os rapazes em qualquer sitio, para jogarem á piana, lança um d'elles no chão um cuspo. E' o alvo que todos os jogadores procuram picar com suas pianas para não ficarem debaixo, isto é, para que nenhum d'elles se veja obrigado a deixar a sua piana no chão. Effectivamente, manda o preceito que o jogador que picar mais longe do cuspo, abandone a sua piana no sólo, para supportar as nicadas das outras.

As pianas devem ser arremessadas de maneira que fiquem a bailar; doutra fórma não vale.

Apanhada uma piana no chão, os outros jogadores diligenciam crivá-la de *niques* (nicadas) com os seus ferrões. Mas as pianas que praticam estes niques, devem ser atiradas de modo a ficarem bailando.

Se a piana, ao ser jogada, não toca na outra que jaz no sólo, nem mesmo de raspão, tem nesse caso o respectivo jogador d'aparar a sua piana e bater com ella na que está debaixo. Do contrario, perde e é obrigado a collocar no chão a sua piana, ficando a outra livre.

E assim proségue o exercicio até os rapazes aborrecerem-se.

Não ha ninguem, de certo, que não saiba fazer bailar uma piana. Todavia vejâmos como os rapazes procedem em tão pittoresca operação.

Toma-se a piana com a mão esquerda, e, com a direita, enrola-se-lhe um cordel em espiral desde o ferrão até á parte media do bôjo. Em seguida, péga-se na piana com a mão direita, pondo o dedo polegar sobre uma das faces, e os outros quatro dedos sobre a face opposta, de maneira a segurar a extremidade livre do cordel; e feito isto, a piana é arremessada contra o sólo, imprimindo-se-lhe um movimento de rotação.

Quando a piana está quasi acabando de bailar, diz-se que está nas *ancias;* e quando deixou de bailar diz-se que se *apagou*. A piana que baila bem, isto é, que deslísa suavemente, qualifica-se de *serena*, se, pelo contrario, ella pula muito, toma o nome de *esgravulha*.

Os rapazes sentem extraordinario prazer em fazer bailar a piana; e uma das maiores habilidades que um jogador póde ostentar perante seus camaradas, é fazer vir á unha do dedo polegar direito, uma piana a bailar, e passeá-la depois pelas cabeças dos dedos.

Muita vez é a piana transportada para uma superficie lisa, uma taboa, por exemplo, afim de bailar ahi mais serenamente; e neste caso, não raro succede, que o ferrão da piana parece fixar-se num ponto. A piana, diz-se então que *ferrou* ou está *ferrada*.

Variantes do jogo da piana

A. — O açougue

Juntam-se os rapazes em qualquer largo, e lançado no chão um *cuspinho*, procuram picá-lo com suas pianas, conforme atraz ficou descrito. Aquelle que picar mais distante do cuspo, deixa, como já sabemos, a sua piana no sólo, a qual, todos os outros jogadores, cada um por sua vez, têem de nicar. As pianas devem ser jogadas de modo que niquem com seus ferrões a que está em baixo e, seguidamente, fiquem bailando. Se algum jogador falha no rigoroso cumprimento deste preceito, esse jogador é obrigado, em signal de castigo, a collocar a sua piana no chão, em logar da que lá estava.

Logo que a piana que está debaixo, tenha levado sete *niques*, vai encerrar-se. O encerramento consiste no seguinte: Fixa se com a mão esquerda, em qualquer parte, ordinariamente no chão, a piana que levou as sete nicádas, ficando o cabeçálho voltado para cima, e cada jogador, tomando na mão direita a sua piana, vibra na victima, apontando-lhe especialmente

ao cabeçálho, as sete nicadas do estylo.

B. — A casaróla

Traça-se no chão uma circumferencia chamada *casaróla*, e dentro della deposita a sua piana aquelle que picou mais afastado do cuspinho. Os outros jogadores, então, tratam d'expulsar a piana que s'encontra no interior da casaróla. E para o conseguirem, jogam suas pianas de molde a impellirem a outra que pretendem expulsar. Mas é preciso que as pianas expulsivas sáiam para fóra da casaróla, a bailar, porque em alguma se apagando dentro do mencionado circulo, tem de ficar lá depositada, á espera que a tirem pelo mesmo processo.

O jogo da piana, com suas variantes, é perfeitamente identico ao jogo do pião. A differença que entre elles existe, é apenas a do nome, que varía segundo a configuração da peça empregada. Pois que, como dissemos logo no principio, a piana distingue-se pela sua fórma bojuda, ao passo que o pião, pelo seu feitio conico.

Brinches.

LADISLAU PIÇARRA.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continuado de pag. 143)

DIV

Oh, mar largo! oh, mar largo!
Oh mar largo sem ter fundo!
Mais vale andar em mar largo,
Que andar nas boccas do mundo.

DV

Oh meu amor, meu amor,
Mal pagas a quem te adora!
A quem por amor de ti
Tantas lagrimas que chóra!...

DVI

O' amor, não desconfies
D'eu para ti não olhar,
Que isto são lembranças minhas
Para o mundo não fallar.

DVII

O' amor, não desconfies,
Quem desconfia perdeu;
Inda que eu falle com outrem,
Meu coração sempre é teu.

DVIII

O' castello abrasador,
Deita fogo se podéres!
Na batalha do amor,
Quem vence são as mulheres.

DIX

O' amor, emenda a lingua,
Que essa lingua não dá conta;
Quem tem a lingua comprida
Dá-se-lhe um golpe na ponta.

DX

O' José, aperta a cinta,
Não sejas desmaranhado;
Terás cintura de dama
Se andares bem apertado.

DXI

O sol quando nasce é rei,
Ao meio-dia é morgado;
A' tarde é fallecido,
E á noite, sepultado.

DXII

O recreio d'uma quinta
E' uma verde laranjeira;
O recreio d'uma mãe
E' ter 'ma filha solteira

DXIII

O recreio d'uma quinta
E' um rouxinol, de verão;
O recreio de meu peito
E' amar teu coração.

DXIV

O' coração de tres penas,
Dá-me uma, quero voar;
Quero ir ao ceu em vida,
E em vindo torno-te a amar.

DXV

O' coração retrahido,
O' cara cheia d'enganos,
Olha a paga que me deste
De te amar ha tantos annos!

DXVI

Oh coração, coração,
Oh coração desgraçado!
Para que vives no mundo
Sendo mal afortunado! ?...

DXVII

O coração de Maria
E' como a pomba ferida:

Vem no ar, derrama o sangue,
Chega ao chão acaba a vida.

DXVIII

O meu coração é teu,
O teu é de quem tu queres;
Eu hei-de te dar o meu
Quando tu o teu me deres.

DXIX

Os teus olhos são dois soes
Que dão claridade ao mundo;
As pestanas são anzoes
Que pescam no mar sem fundo.

DXX

O corção mais os olhos
São dois amigos leaes:
Quando o coração está triste
Logo os olhos dão signaes.

DXXI

O' Anna, tres vezes Anna,
Maria só uma vez;
Mais vale uma só Maria
Do que as Annas todas tres.

DXXII

O' amor, vae e vem logo,
E á vinda vem por aqui,
Que eu abaixarei meus olhos
E farei que os teus não vi.

DXXIII

Oh morte, tyranna morte,
Eu de ti tenho mil queixas!
Quem has-de levar não levas,
Quem has-de deixar não deixas.

DXXIV

Oh morte, tyranna morte,
Eu de ti mil queixas tenho!
Quem has de levar não levas...
Não me fazes meu empenho!

DXXV

O diabo leve os homens,
Aquelles que bebem vinho;
Mas não leve o meu amor,
Que elle bebe poucochinho.

DXXVI

Oliveira da barquinha,
Joga para cá um ramo.
Meu amor é tão teimoso...
Duram-lhe as teimas um anno!

DXXVII

O alecrim é rei das hervas,
O oiro rei dos mortaes;
Meu amor è rei dos homens,
Não desfazendo nos mais.

DXXVIII

O alecrim da chapada
E' comprido, não faz moita;
E' como a moça solteira...
No amar é que se afoita.

DXXIX

O meu amor quer que eu tenha
Juizo e capacidade...
Tenha-o elle, que é mais velho!
Eu sou de menor edade.

DXXX

O azul já se nãa usa,
O azul já ninguem tem.
O que ha-de o meu bem fazer
A' gravata azul que tem!?

DXXXI

O Senhor me deu por dote,
Meu amor, teu lindo rosto;
A tua bonita sorte
Acceito com muito gôsto.

DXXXII

O' ave, tu és culpada
Da dôr que meu peito tem!
Dize-me, ó ave, se sabes,
Aonde viste o meu bem?

DXXXIII

Os homens todos são falsos;
Eu por mim não quero amar:
Já fechei meu coração,
Deitei as chaves ao mar.

DXXXIV

Os homens todos são falsos,
Sem haver uma excepção;
Todos teem, mais ou menos,
Um perjuro coração.

DXXXV

Os teus olhos são dois livros
Onde amor lição me deu;
Eu sou mestre d'esses livros,
Ninguem te ama como eu.

DXXXVI

O' alto jasmin formoso,
O' bella liria formosa,
Consentes que eu dei um beijo
N'essas faces côr de rosa?

DXXXVII

O que quer dizer casar?
Eu comtigo casarei:
Sendo tu 'ma linda jovem,
Comtigo sympathisei.

DXXXVIII

O amor que eu puz em ti,
Mais valia... mais valia
Pôl-o á beira do rio,
Que as ondas o levaria.

DXXXIX

Os pombinhos, quando nascem,
Logo a mãe lhes dá beijinhos.
O' amor, façamos nós
Como fazem os pombinhos...

DXL

O homem nunca devia
Co'a existencia acabar,

E nunca se fazer velho
Para sempre namorar.

DXLI

O meu amor é ourives,
Mora na rua do Oiro;
Inda não fallei com elle,
Já me deu um annel d'oiro.

DXLII

O Cupido, como amante,
Apprendeu a cravador,
Para cravar diamantes
No peito do meu amor.

DXLIII

O meu lindo amor
Diz que não passeia...
Tem 'ma estrada feita
De roda da aldeia!

DXLIV

O' minha pombinha branca,
O' minha branca pombinha,
Salpicadinha d'amores,
D'amores salpicadinha!

DXLV

— O' minha pombinha branca!
— O' meu pombo rolador!
— Em me eu indo d'esta terra,
Quem ha-de ser teu amor!?...

EXLVI

O' meu amor, qual dos dois
Andava mais embaido?
Para agora me dizeres
Que não tinhas tal sentido!...

DXLVII

O' meu amor, meu amor,
Contra mim não armes guerra,
Que eu adoro a Deus nos ceus
E esse teu rosto, na terra.

DXLVIII

O' meu amor, quando iremos
A' egreja a dar a mão?
P'ra tapar a bocca ao mundo,
Descançar meu coração?...

DXLIX

— O tempo da mocidade,
Com que o comparas amor?
— Ao tempo da primavera
Quando ha muita felor.

DL

O tempo da mocidade
E' um tempo bem bonito!
Assim elle não houvesse
Tanto enredo, tanto dicto...

DLI

Oh! agua que vaes correndo
Por baixo da sacristia!
Oh terra, que estás gastando
Um espelho onde m'eu via!...

DLII

Oh infeliz mocidade!
Oh desgraçado viver!
Quem ama não considera
O que póde acontecer.

DLIII

O encarnado se queixa
Que não tem bonita côr...
Olha lá como elle brilha
No rosto do meu amor!

DLIV

O amor que eu puz em ti,
Mais valia pôl-o n'agua:
A agua lava, não suja;
Você suja mas não lava!

DLV

O mundo falla de todos,
Ou tenha razão ou não;
Muito tolo é quem dá
Ao mundo satisfação!

DLVI

O sete-estrello vae alto:
Levanta-te amor, vem ver;
Não andes por casa alheia,
São horas de arrecolher.

DLVII

Oh altos cerros da neve
Onde a prata retiniu!
Ninguem diga o que não sabe,
Nem affirme o que não viu.

DLVIII

Os cravos do meu craveiro
São regados com vinagre.
O que eu passo a teu respeito,
Só Deus dos ceus é que o sabe!

DLIX

O' pedra da pederneira,
Deita p'ra cá 'ma faisca!
Quem tem o amor á vista,
Sempre co's olhos petisca...

(Da tradição oral, em Serpa)

(Continua)

M. DIAS NUNES.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

O Monte da Má Hora

(Concluido de pag. 141)

Os irmãos, depois de tirarem as tres princezas, ainda deitaram para dentro do poço o cavanejo, mas elle, desconfiando que era para o matarem, em logar de se metter no cavanejo, poz-lhe uma pedra dentro.

Effectivamente, apenas elles ouviram o chocalho, puxaram pela corda, mas quando viram que o cavanejo já vinha no meio do caminho, largaram a corda de repente e foram-se embora para o palacio com as princezas. O rapaz, então, para sahir, lembrou-se da orêlha do diabo e mordeu-a. O diabo appareceu immediatamente e pediu-lhe a orêlha.

—«Dou-t'a,» — disse-lhe o rapaz— «mas é preciso que me tires já d'aqui.»

—«Pois sim,» — respondeu o diabo —«monta-te aqui ás minhas costas.»

O diabo, assim que o tirou, pediu lhe outra vez a orêlha, mas elle não lh'a deu. D'ali foi o rapaz, de *déu em déu*, dar a uma casa d'ourives onde pediu trabalho. O ourives, como n'aquella occasião precisava d'um rapaz para lhe guardar umas cabras, disse que sim.

Uma bella tarde, quando o rapaz chegou a casa com as cabras, encontrou o patrão e a patrôa muito tristes da sua vida, e perguntou-lhes:

—«Então o que é isso que têem, que estão tão tristes? Aconteceu-lhes alguma desgraça?»

—«Ora,» — disse o patrão—«o que ha-de ser... foi o nosso rei que me mandou dizer, que dentro de tres dias, tinha que lhe fazer um annel egual áquelle que a princeza mais velha levou para o encantamento. E isto com pena de morte, se eu o não fizer. Mas como o hei-de eu fazer, se nunca o vi?!...»

O rapaz, então, vendo a afflicção em que se achava o patrão, respondeu-lhe:

—«Se é só isso, não lhe dê cuidado, que tudo se ha-de arranjar. Mas é preciso pôr no meu quarto meio almude de vinho e meio alqueire de nozes.»

O ourives mandou logo comprar o vinho e as nozes e poz tudo no quarto do rapaz. Lá por essa noite adeante, o rapaz mordeu a orelha do diabo. E o diabo appareceu logo, dizendo-lhe:

—«Aqui estou, o que me queres?»

—«Quero que comas essas nozes e bebas esse vinho.»

O diabo, apenas ouviu esta ordem, *arca-se* com as nozes e o vinho, e mamou tudo. E quando acabou de comer e beber, perguntou ao rapaz se queria mais alguma coisa. O rapaz disse-lhe que não, que se podia ir embora.

No outro dia, pela manhã, o rapaz apresentou o annel ao patrão. E o patrão ficou tão contente, que já não queria que elle fosse guardar as cabras. Mas o rapaz de maneira nenhuma quiz deixar d'ir, e, assim que acabou d'almoçar, marchou com ellas.

Passados tres dias, aconteceu o mesmo. O rapaz ao vir para casa, encontrou outra vez os patrões muito tristes. Perguntou-lhes o que tinham.

—«Ora,»—disse o patrão—«o que ha-de ser? é a princeza do meio que tambem quer um annel egual áquelle que levou para o encantamento!...»

— «Ah!» — disse o rapaz — «não s'apoquente. Ponha no meu quarto outro meio almude de vinho e outro meio alqueire de nozes, e deixe o resto por minha conta.»

E' claro que no outro dia, deu-lhe o annel.

A princeza mais nova, como as irmãs já tinham os seus anneis, tambem quiz o d'ella. E por conseguinte foi logo ordem para o ourives. O ourives, apenas recebeu a ordem, participou logo ao rapaz, e este fez o mesmo que das outras vezes.

O rei, com o contentamento de ter já as filhas desencantadas, e com os seus anneis, fez uns grandes festejos, e convidou o ourives para tambem assistir a elles. Os festejos duraram tres dias, e houve cavalhadas. O rapaz, depois dos patrões marcharem, mordeu a orelha do diabo, e quando este lh'appareceu, disse-lhe: —«Eu quero aqui já o melhor cavallo, o melhor fato e a melhor espada que possa haver.» O diabo fez-se logo n'um cavallo baio e apresentou ao rapaz tudo quanto elle tinha pedido. O rapaz depois vestiu-se, montou a

cavallo e foi para as cavalhadas. Quando elle entrou na praça, toda a gente ficou admirada com tanta riqueza que elle levava; mas elle não deu cavaco a ninguem. Deu tres voltas á praça, fez uma vénia ás princezas, atirou com um ramo de flores para o collo da princeza mais velha, e foi-se embora.

No outro dia, o patrão tambem o queria levar, mas elle disse que não queria ir. O ourives, vendo que elle não queria ir de maneira nenhuma, lá marchou com a mulher. E elle, assim que lhe pareceu, deu outra dentada na orelha do diabo. O diabo appareceu immediatamente, e elle disse-lhe:—«Eu quero aqui já tudo o que me deste hontem, mas ainda superior.» O diabo fez-se logo num cavallo branco e apresentou-lhe o resto que elle pedia: um fato e uma espada. O rapaz vestiu-se, montou a cavallo e marchou para as cavalhadas. O rei assim que o viu entrar na praça, mandou por sentinellas para o agarrarem quando elle fosse a retirar-se. Mas elle, assim que deu tres voltas á praça e fez a vénia ás princezas e atirou com outro ramo de flores para o collo da princeza do meio, picou esporas ao cavallo; e quando os soldados o quizeram agarrar, já o tinham perdido de vista.

No outro dia, o ourives ainda teimou em querer levar o rapaz ás cavalhadas, mas elle que não, que não, e não foi. Mas depois do patrão marchar, fez o mesmo que nos outros dias. Deu as mesmas tres voltas á praça e atirou com outro ramo de flores para o collo da princeza mais nova, e depois desappareceu.

D'ahi a tempos houve uma guerra, e quando elle soube, mordeu outra vez a orelha do diabo, e quando este lh'appareceu, disse-lhe:—«Eu quero ir para a guerra, e, então, faze-te no melhor cavallo que possa haver e apresenta-me as melhores armas que houver.» O diabo fez logo o que elle lhe pediu, e marcharam para a guerra. Quando lá chegaram, andava já tudo em fogo, mas elle chegou-se ao pé do rei inimigo, tirou-lhe o estandarte e matou-o. Os inimigos, assim que se viram com o seu rei morto, e sem estandarte, fugiram. E elle, quando lhe pareceu, foi se embora, e no caminho disse ao diabo que se fizesse num burro pôdre (muito ruim), e elle, o rapaz, fez-se num vèlhinho. D'ahi a pedaço, os irmãos, que tambem tinham ido á guerra, chegaram ao pé delle, e como o não conheceram, disseram-lhe:

—«O' vélhóte! vócê tem que nos dar esse estandarte...»

—«Pois sim, senhores, tomem-no lá, que não quero isto para nada.»

Mas antes de lh'o entregar, cortou as duas borlas, sem os irmãos verem, e metteu-as na algibeira.

O rei ficou muito contente por ter ganho a batalha, e quando as tropas estavam formadas, em frente do palacio, passou o rapaz vestido com o mesmo fato que elle trazia quando desencantou as princezas. As princezas, assim que o viram, conheceram-no logo, e disseram:—«Pae, além está o rapaz que nos desencantou.»

O rei mandou-o chamar immediatamente e disse-lhe que fizesse conta de jantar no palacio, e á mesma mesa onde se sentavam os ministros e conselheiros. Veiu o jantar, e no fim disse o rei: — «Meus senhores, agora, cada um tem que contar a sua historia. Contaram todos a sua historia, e quando o rapaz, que foi o ultimo, acabou de contar a sua vida, os irmãos delle, que tambem estavam presentes, disseram:—«Saiba Vossa Magestade que tudo aquillo é mentira.» O rapaz, então, metteu a mão na algibeira, tirou as borlas de estandarte e disse. — «Para provar que é verdade tudo o que disse, aqui estão estas borlas, e se ellas não forem as do estandarte que meus irmãos entregaram a Vossa Magestade, peço que me fuzilem.»

O rei, enthusiasmado com tanta valentia, mandou buscar o estandarte, e depois de ver que effectiva-

mente as borlas lhe pertenciam, disse: — «Pois bem, visto seres tão valente e tão leal, dou-te em casamento a princeza que escolheres, e a teus irmãos, por serem tão ingratos, o premio que lhes dou é serem fuzilados amanhã, ao nascer do sol.»

No outro dia, ao nascer do sol, os irmãos foram fuzilados, e dahi a tres mezes casou elle com a princeza mais nova, e ainda a esta hora lé estarão — comendo migas com pão.

(Da tradição oral — Brinches.)

ANTONIO ALEXANDRINO.

CONTOS ALGARVIOS

Erminio

Houve em tempo um rei e um duque, tão amigos um do outro que, para em tudo mostrarem a sua mutua sympathia até se casaram no mesmo dia. Não tardou muito que suas mulheres lhes fizessem presente, a do rei d'uma menina, que foi chamada Helena, a do duque d'um menino a quem deram o nome d'Erminio. Como ambos fossem crescendo juntos, pois que suas mães, quando se visitavam, se faziam acompanhar dos filhos, não tardou que se apaixonassem um pelo outro; e sendo isto descoberto pelo rei, este ordenou á esposa do seu amigo, que não mais apparecesse em palacio com o filho.

A forçada separação da sua amada desgostou por tal fórma o mancebo, que pediu licença a seu pae para viajar; e obtida esta, mandou preparar o seu cavallo, levou comsigo uma mala, e no intento de se despedir dos sitios onde tão bons instantes passaram, encaminhou se para o jardim real. Ao chegar ali, deparou-se-lhe o ajudante do jardineiro a chorar.

— Porque choras?

— Despediram-me porque roubei uma colhér de prata — respondeu elle.

— Ora dize-me o que em seguida ao jantar costuma fazer a princeza? Se satisfizeres a minha curiosidade, dar-te-hei com que possas restituir a colhér roubada.

— A senhora princeza em seguida ao jantar vem para debaixo da laranjeira grande — respondeu o rapaz.

Não quiz Erminio saber mais nada. Depois de remunerar o seu informador, vendeu o cavallo, dirigiu-se a uma estalagem, vestiu uma roupa de corcovado (porque corcovado era o ajudante do jardineiro), e com uma cabelleira se disfarçou completamente. Em seguida foi assim disfarçado falar ao superintendente dos jardins reaes, e pediu-lhe que o admittisse. Este vendo-o corcovado e velho, recusou-se a acceital-o, mas apparecendo a princeza intercedeu por elle, e foi recebido.

Todas as tardes apparecia á princeza o seu disfarçado amante, e sem dizer palavra, offerecia-lhe um ramilhete. Por fim um dia disse-lhe a jovem:

— Gostas d'ouvir ler?

A' sua resposta affirmativa, ella poz-se a ler. Como o livro não fallava d'amores, deu-lhe o apaixonado disfarçado uma pancada, fazendo-o cahir a uma grande distancia. Então a princeza indignada por esta feia acção, chomou-lhe cachôrro e mal creado.

—De certo não daria esses nomes feios se me visse olhos azues e cabello côr de oiro. E tirando a cabelleira deu-se a conhecer, significando-lhe que o seu muito amor o levára a mascarar-se para estar na sua presença. Mas porque tudo isto ainda era pouco, propoz-lhe a fuga, ao que a princeza accedeu com a condição de a tratar como irmã.

Vestindo ambos o trajo de tendeiros puzeram-se a caminho, chegando no outro dia a uma aldeia aonde se alojaram. Mandaram ambos preparar uma gallinha para o jantar. D'ahi a pouco tempo voltou a dona da casa a dizer aos fugitivos, que acabava de chegar á terra muita gente armada.

— E' o meu pae que nos persegue — disse Helena para Erminio.

Em vista d'isto, pediram á boa mulher que os accommodasse em logar occulto, o que ella fez; e só quando souberam que os seus perseguidores tinham já sahido, é que se puzeram a caminho. Chegaram ambos a um ribeiro onde pararam para descançar. Encostou Erminio a cabeça no collo da sua amada, e d'ahi a pouco adormeceram ambos. Aconteceu passarem por ali duas fadas, as quaes abrindo uma pedra metteram sob ella Helena.

(Continúa).

ATHAIDE D'OLIVEIRA.

PROVERBIOS & DICTOS

A lettra, com sangue entra.

A occasião faz o ladrão.

A mãe aguçosa faz a filha preguiçosa.

A necessidade é inimiga da virtude.

Aguas verdadeiras, por San Matheus as primeiras.

Ande o frio por onde andar, ha-de vir no mez do Natal.

A quem peneira e amassa, nao lhe furtes a massa.

Aonde irá o boi, que não lavre!

Bôa casa, bôa brasa.

Em chegando Janeiro, póda se tens dinheiro.

Em vendo amarello, todo me descannelo.

Faça Abril o seu dever, faça Maio o que quizer.

Faca que não corta, que se perca pouco importa.

Gallo pedrez, não o vendas nem o dês.

Gallo loiro, é agoiro.

Guarda que comer, não guardes que fazer.

Guarda o que não presta, acharás o que te é preciso.

Lua com circo e estrellas dentro, ou chuva ou vento.

Mais vale pão duro, do que trigo maduro.

Mais vale deixar a maus, do que pedir a bons.

Mais vêem quatro olhos, do que dois.

Muito gosta o lobo do coice da ovelha.

Ninho feito, pega morta.

Ninguem dá o que não tem, nem mais do que tem.

Ninguem diz *ai!* que lhe não dôa.

Não ha bem que se conheça senão depois de perdido.

Nunca te verás vingado de quem for bem governado.

Nunca sirvas quem serviu, nem peças a quem pediu.

Nem por muito madrugar amanhece mais cedo.

Nodoa de Janeiro, não a tira o anno inteiro.

Não dá o frade o que bem lhe sabe.

Não ha talho sem trabalho.

Não se repicam os sinos sem se avistar a procissão.

Obra meninal — má de fazer, peor de pagar.

Ovelha gafeirosa, deseja gafar um cento.

Quem vem, não tarda.

Quem espera, desespera.

Quem sabe, lucta; e quem não sabe labuta.

Qem adeante não ólha, atraz se fica.

Quem guarda, acha.

Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle.

Quem não morre em moço, de velho não escapa.

Quem mais não póde, com suas maguas morre.

Quem anda á chuva, molha-se.

Quem tarde vier, comerá do que trouxer.

Quando Deus não quer, santos não rogam.

Quem vareja antes do Natal, fica-lhe a azeitona no olival.

Quem está atrazado vae p'ra Brinches.

Quem quer conversa vae p'rá do Pinto.

Sementeira franciscana é pobretana.

Sim, e não, duas coisas são.

San Jorge que em cavallo branco andou, alguma conta lhe achou.

Serpa — serpente, bôa terra, melhor gente.

Sentimentos, cedo, parabens tarde.

Trigo temporão — ou palha ou grão.

Todo o conselho tomarás, só o teu não deixarás.

Tantas vezes vae a infusa ao poço, até que lá lhe fica o pescoço.

Tantas faz a rapoza pela semana, que ao domingo não vae á missa.

Todos dizem «coitadinho!»; o mal é de quem o tem.

Tanto morrem os borregos como os carneiros (ou as ovelhas).

Tripas e meadas, nunca a velha as deu lavadas.

Uma mão lava a outra, e as duas lavam o rosto.

Uma vez cáe o cão, á outra já não.

Um dia bom mette-se em casa.

Entre mim e ti, Thomé, tres dias é.

Em tempo de festa não se tempéra viola.

Fermento de Janeiro, — de quarteiro.

Dividas e peccados, quem os faz é que os paga.

O dado tira a venda a quem quer juntar fazenda.

O menino e o escaravelho, a sua mãe parece um espelho.

(Da tradição oral, em Serpa)

(Continúa)

CASTOR.

Errata

No artigo ultimamente publicado sob o titulo «O tabaco ou herva Santa», sahiram, por lapso de revisão, diversos erros que convem rectificar.

Pag.	Col	Linha	Onde se lê	Leia-se
133	2	14	ouvindo-se	ouvindo-a
»	»	34	e	é
134	1	30	remirem	reunirem
»	»	32	juramentos	julgamentos
»	2	18 e 19	uma portugueza	um portuguez
136	1	49	uma	como
»	2	39	fazia	faria
»	»	42	destimido	destituido
137	»	25	dar	das
»	»	26	no	a
»	»	»	dos combates	de as combater

ANNO III

N.º 11

SERPA, Novembro de 1901

VOLUME III

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel*, *Doutor Adolpho Coelho*, *Alfredo de Pratt*, *Alvaro de Castro*, *Alvaro Pinheiro*, *Alves Tavares*, *Antonio Alexandrino*, *Doutor Athaide d'Oliveira*, *Castor*, *Conde de Ficalho*, *C. Cabral*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *Filomatico*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *Lopes Piçarra*, *D. Carolina Michaelis de Vasconcellos* (*Dr.ª*), *Miguel de Lemos*, *Paulo Osorio*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Cóvas*, *Ramalho Ortigão*, *D. Sophia da Silva* (*Dr.ª*), *Dr. Souza Viterbo*, *Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires*.

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em **papel superior** e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho* (*Dr.*), ***Alfredo de Pratt***, ***Alvares Pinto***, ***Antonio Alexandrino***, ***A. de Mello Breyner***, ***Arronches Junqueiro***, ***Doutor Athaide de Oliveira***, ***Conde de Ficalho***, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *J. J. Gonçalves Pereira*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *D. Margarida de Sequeira*, *Pedro A. d'Azevedo*, ***Pedro Cóvas***, ***R.***, *Doutor Souza Viterbo*, *N. W. Thomas*, *A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*.

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

Anno III — N.º 11 SERPA, Novembro de 1901 Volume III

Editor-administrador, *Jose Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

OS CAVALLEIROS DE BADAJOZ

LENDA HISTORICA

(Concluido da pagina 132)

III

Aos primeiros tempos da edade media temos de remontar para se conhecer d'onde e quando nasceu esta curiosa lenda, em que toma não pequena parte a magia encantada e a bruxaria. Com effeito, na edade media esteve em todo o seu apogeu, entre poetas e litteratos do norte, o romance ou trova intitulado *Ricardo, Coração de Leão,* no qual conta e canta o poeta que o exercito de Saladino foi derrotado pelo dos christãos por virtude de um potro que offereceram ao rei Ricardo, potro que participava da graça de Deus e estava contaminado do espirito divino; e no romance *Nievehnijen Lied*, um dos mais antigos que nos fornece a litteratura allemã, como composto no tempo do feroz Atila, se prodigalisam louvores ao cavallo, que idealisaram á uma todos os poetas, talvez pela influencia que prestara nas gueras. Não deve, pois, surprehendernos que a musa popular da edade media conte que aonde pôz suas unhas o cavallo de Atila não cresceu mais a herva; que o cavallo do Cid andasse cem leguas por dia e fosse tal o seu poder e resistencia que não o feriam lanças nem frechas por agudas que fossem; e que o cavallo de Santiago galgava de um salto montanhas de cem metros, ficando marcadas nas pedras as pégadas a sangue roxo. Foi tudo isto pura reminiscencia das tradições celtas, conservadas em parte pela mythologia pagan a que Roma rendeu grande culto e os nossos poetas latinos conservam ainda em alguns dos melhores poemas. Os cavallos-fadas, que retouçavam, cantavam e relinchavam; as sereias encantadas do mar, metade mulher, metade cavallo, como os touros marinhos, que ainda apparecem nas tradições irlandezas e escocezas, foram por vezes espiritos bemfazejos e não poucas vezes demonios, que appareciam nos *sabbados negros* ás almas peccadoras.

Em 1662 se processou e deu morte a Izabel Gawdie, em Auldearne (parochia e condado de Nairus) por haver entrado em correrias com os cavallos-fadas pelas altas montanhas de Dounie, o que demonstra que até ha bem pouco tempo a litteratura (como os costumes irlandezes) se inspirava nas tradições celtiberas. Os satyros e as fadas do norte da Europa, (fiel transumpto das creadas pelo povo celta) foram importantes na litteratura, e na edade media mais, porque a phantasia dos poetas romanos as popularisa-

ram, levando-as á mythologia pagan como uma de suas creações mais salientes.

Os poetas do norte espalharam pelo meio-dia estas lendas sobre as fadas, a feitiçaria, a allucinação dos sentidos, os demonios e as bruxas, que depois recolheram os nossos bardos e jograes, como pode ver-se em suas balladas amorosas, em suas canções e nos romances de encantamentos, guerras e conquistas que até nossos dias hão nutrido a litteratura romantica. Talvez contribuisse muitissimo para tanto o facto de os poetas do norte se inspirarem frequentemente nos exemplos tirados das chronicas de Espanha. A lenda dos Infantes de Lara; os triumphos do Cid e dos reis christãos de Leão e de Castella, desde D. Pelayo até Carlos V, os de Bernal Diaz del Castillo, Cortéz, Pizarro, etc., etc., foram cantados em seus livros e poesias romanescas.

O poeta escocez Thomas Erceldonne, que tanta fama logrou em Lauderlale, durante o reinado de Alexandre III, ao publicar o seu poema sobre *Fersston* e *Ideult*, escreveu uma poesia que mantém alguma relação com a lenda de *Os Cavalleiros de Badajoz*. Reinaldo Scott, referindo-se ao anterior poeta, conta a seguinte tradição como propria do seculo XIII:

„Um *chalan* venceu um cavallo negro a um veneravel ancião, que lhe marcou a meia noite para o respectivo pagamento, que devia verificar-se na notavel ponta chamada *Lucken Have*, nas montanhas de Eildon. Foi lá o vendedor, e tendo-lhe o velho pago a quantia ajustada em moedas antigas, convidou-o a entrar em sua casa. Segui-o o vendedor com grande admiração a umas cavallariças immensas, onde havia muitas filas de cavallos n'um estado de immobilidade completa, e um guerreiro tambem immovel ao lado de cada corcel.

— Todos esses homens — disse-lhe o velho em voz baixa — dispertarão á batalha de Sheriffmar.

Do extremo d'aquellas cavallariças extraordinarias pendia uma espada e uma buzina, que o propheta mostrou ao *chalan*, como meio de acabar com o encanto. Turbado e confundido, este tomou a buzina e poz-se a tocal-a. Eis que todos os cavallos relincham a não poder mais, pateando, e saccudindo os jaezes; levantam-se os guerreiros, retumba o ruido de suas armaduras, e amedrontado pelo tumulto que elle mesmo promovera, o *chalan* deixa cahir a buzina de suas mãos. N'isto ouve-se a voz de um guerreiro, que domina todo aquelle estrondo, e pronuncia estas palavras: Ai do misero e cobarde que não desembainhe sua espada antes de soltar a buzina!

Um forte remoinho de vento expelliu o *chalan* da caverna, e nunca mais conseguiu dar com a sua entrada.

Talvez que esta lenda de Ercelldonne dê a licção moral de que é preferivel armarmo'-nos contra o perigo do que arrostal-o. Mas é de notar que ainda que a referencia a Sheriffmar não permitte suppôr a lenda anterior a 1715, comtudo parece que sob o reinado de Izabel, e ainda antes, esteve muito em voga uma historia semelhante á referida por Scott. Em 1390 corria já esta tradição pelas aldeias da Escocia.

Nos povos do condado de Fife corre est'outra lenda, que refere Contell:

«Um dia — diz Contell — estive n'um dos mercados da cidade visinha para o effeito de vender um cavallo, mas não podendo obter por elle o preço que desejava, tornei a casa, e encontrei no caminho um homem, que começou por fallar-me familiarmente, perguntando-me que noticias trazia da cidade e que taes iam os negocios do paiz. Respondi nos termos que me pareceram mais conducentes, e aproveitei o ensejo para fallar-lhe do meu cavallo. Per-

COSTUMES & PERSPECTIVAS

(*Cliché de* J. V. Pessôa)

Gallinheira (de Murtosa)

guntou-me qual o preço d'elle, e, como acabassemos por entender-nos, disse-me se queria acompanhal-o a sua casa para receber o dinheiro. Consenti n'isso e puzemo'-nos a caminho, eu no meu cavallo negro e elle n'outro, que era branco como leite. Passado algum tempo perguntei-lhe aonde vivia e como se chamava. Disse-me que vivia a uma milha de distancia do sitio em que então estavamos, n'um local chamado Farran, de que eu nunca tinha ouvido fallar, apesar de conhecer todos aquelles contornos. Disse-me mais, que pertencia á familia dos Learmouths, de quem me fallavam muitas vezes como de um propheta. Comecei a suspeitar algum tanto, ao ver-me n'um caminho para mim desconhecido; e como continuassemos caminhando, conduziu-me, sem eu saber como, a um subterraneo onde me encontrei com uma mulher muito formosa, que me entregou o dinheiro sem dizer palavra. Fez-me sahir depois por uma avenida magnifica, onde vi mais de seiscentos homens armados e estendidos na terra como se dormissem, e junto a elles seus cavallos tambem immoveis, até que me encontrei ao ar livre, e á luz da lua reconheci o sitio em que o havia encontrado. Apertei o passo e cheguei a casa ás tres horas da madrugada; mas o dinheiro que havia recebido era precisamente o dobro do que pensava haver-me sido entregue por aquella senhora. Ainda hei de ter algumas moedas de nove soldos, treze soldos e meios soldos, que poderia mostrar a quem quizesse vê-las».

Indubitavelmente, Contell foi outro John Steward, jogral famoso de Irlanda que processaram por feiticeiro; a sua aventura corre como tradição pelo paiz ainda ao presente e como cousa real.

IV

E' evidente que a lenda de *Os Cavalleiros de Badajoz* é uma variante da de Erceldonne, como o foi tambem esta outra de Contell. Os trovadores allemães e francezes que vieram á Espanha nos seculos XIV e XV espalharam muitas lendas, que depois os nossos poetas adaptaram ás cousas e aos homens de Espanha. Na Catalunha principalmente se constituiu o nucleo d'estes cantores e poetas que enriqueceram a nossa litteratura e construiram, pode dizer-se, os fundamentos de nossa *fabula* castelhana. Andaluzia e Galliza secundaram Catalunha, como em menor proporção Extremadura. Não temos muitas noticias dos trovadores que appareceram no occidente da Peninsula; mas, seguramente, Garci Sanchez de Badajoz foi um d'elles, e talvez o mais importante. Pena é que não se conservem as canções e romances que compoz este trovador, quasi todos sobre assumptos da Extremadura. D'elle não conhecemos mais que os dois romances que nos dá o *Cancioneiro geral*, no tomo XVI, pag. 640 (Bibliotheca de Auctores Espanhoes) e outra poesia intitulada *Lamentações de amor*, muito superior, talvez, a quantas escreveu.

Garci Sanchez, na sua mocidade (pelos fins do sec. XV), percorreu os povos da fronteira portugueza, cantando ao som da guitarra suas proprias trovas e romances. E' fama que os tinha mui notaveis e que compôz muitos a proposito dos successos reaes ou phantasticos do paiz. E não iremos muito longe suppondo que esta tradição de *Os Cavalleiros de Badajoz* tem por base alguma das suas trovas ou romances, pois em Badajoz, Zafra, Jerez dos Cavalleiros, Fregenal, Elvas e Campo Maior[1] passou aquelle poeta os melhores annos da sua vida. A tradição é incontestavelmente do seculo XV e formada talvez com a de Erceldonne e introduzida na Espanha pelos jograes do norte, sendo para estranhar que os romancistas que contou Portugal e teve a Extremadura no seculo XVI, e especialmente Diaz Tanco, de Fre-

genal; Miranda, de Placencia; e Sepulveda e Romero de la Cepeda, de Badajoz, que todos elles escreveram romances mui notaveis (principalmente os dois ultimos), não recolhessem esta lenda de *Os Cavalleiros de Badajoz*, para troval-a ou romantizal-a, como fizeram com outros successos e tradições de não maior ruido que a conquista de Elvas, quaes foram a rebellião dos Bandos de Badajoz nos tempos de D. Sancho IV [1], as festas e regosijos publicos com que foi recebido na Extremadura el-rei D. Sebastião de Portugal, quando veio visitar Filippe II ao mosteiro de Guadalupe ([2]), ambos os feitos romantisados por estes poetas, em admiraveis versos por todos muito celebrados.

A'parte estas considerações puramente litterarias, temos de analysar agora esta lenda de *Os Cavalleiros de Badajoz* em face da historia.

D. Sancho II, o *Capello*, foi com effeito o conquistador de Elvas e o que concedeu as armas que esta cidade ostenta no seu escudo heraldico. N'aquella guerra tenaz que o monarcha portuguez travou, durante uns trinta annos, contra os infieis, não teve ajuda de estranhos, bastando-lhe para obter seus triumphos a que lhe prestaram o seu povo e os fidalgos do reino.

A musa popular formou a lenda dos quinhentos cavalleiros castelhanos, commandados pelo capitão Alonso Perez de Badajoz, com todas as côres das que se creavam na edade media, e em que a phantasia jogralesca cantava muitas aventuras tão absurdas como esta de *Os Cavalleiros de Badajoz*.

Houve cavalleiros em Badajoz, como os houve em Trujillo. Logo que estas cidades foram reconquistadas pelos exercitos christãos, cavalleiros muito principaes cuidaram de repovoal-as e engrandecel-as para maior gloria da christandade e proveito dos reis a quem serviam.

A Ordem dos Cavalleiros de Trujillo foi creada em 1184 ao ser tomada a cidade pela primeira vez aos infieis, e incorporada na Ordem de Calatrava dois annos mais tarde, em 1186, ao tornar Turjillo para o poder dos arabes.

A dos Cavalleiros de Badajoz correu quasi egual fortuna. Formou-se em 1228 e foram seus prsmeiros cavalleiros os famosos capitães Perez, Mendez, Sanchez, Suarez, Vargas, Vejarano, Ceballos e Diaz, que haviam acompanhado el-rei D. Affonso á conquista da cidade, dando-lhes el-rei christão por segundo appellido a todos elles o nome da cidade conquistada em 1228 e o direito de ter na mesma e dentro do seu castello casas fortificadas.

Em volta d'estes oito capitães, primeiros que formaram o seu Conselho, se agruparam cem fidalgos que constituiram a verdadeira nobreza da cidade, denominando-se *Filhos d'algo de Badajoz*; mas não conhecemos mais dados da ordem de cavallaria a que estes pertenceram. Suppomos que fôra dissolvida, e que passaram seus membros ás de Alcantara e Santiago, mas tambem não temos dados sobre este particular, porque as chronicas d'estas ordens não o

---

[1] *Bandos de Badajoz entre Portugales y Bejaranos.—D. Sancho IV los pasa á estos á cuchillo porque le desobedecieron* (Romance de Lourenço Sepulveda, poeta de Badajoz e romanceiro do seculo XVI).

[2] *Famosissimos romances. — El primero trata de la venida á Castilla del muy alto y muy poderoso señor D. Sebastian, primero deste nombre, Rey de Portugal, y del recibimiento que la muy illustre y muy leal ciudade de Badajoz hizo á su alteza, por mandado de su majestad. Repartido en tres cantos. El segundo y tercero tratan de la solemnidad com que fué recebido á la puerta de Sancta Marina y como fué llevado por las calles principales de esta ciudad. Y de la libertad que se dio á los presos que no tenian parte contraria*, compostos por Joaquim de Cepeda natural de Badajoz. Dirigidos (dedicados?) ao illustre Senhor, o licenceado Diogo de Hoyo, Corregedor e Justiça maior da dita cidade e seu territorio. (Gothico, em 4.º, sem logar nem anno de impressão: 4 folhas).

dizem. E' evidente que estes fidalgos serviram para nutrir a phantastica lenda de *Os Cavalleiros de Badajoz*.

(Madrid).

NICOLÁS DÍAZ Y PÉREZ.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

Vae fazer a cama

Vae fazel-a cam'á prima,
Na sala de o balancé;
Vae fazel-a cam'á prima,
Vae fazel-a, } bis
Trai-la-ri-ló-lé!

Serpa.

M. DIAS NUNES.

LENDAS & ROMANCES

O CONDE ALARDOS

(4.ª Variente de *O conde Alardos*)

Passeava D. Sylvana
Pelo corredor acima,
Tocando na sua guitarra
O melhor que sabia,
Levantou-se o pae da cama
Ao 'strondo que ella fazia.
— Que tendes, ó Sylvana,
Que tendes, ó filha minha?
— De tres manas que nós somos,
São casadas e teem familia;
E eu por ser a mais bonita,
Porque razão ficaria?
— Já corri a côrte toda,
Não ha fidalgo de valia;
Havia o conde de Alarcos,
E' casado e tem familia.
— Esse, esse, ó meu pae,
Esse é o que eu queria;
Mande-o meu pae chamar,
Da sua parte e da minha. —
Palavras que eram ditas,
A' porta do conde batiam:
— Inda ha pouco vim do Paço
E já me mandam chamar!?
Se será para meu bem,
Se será para meu mal...?
— Estou ás ordens de Vossa Alteza,
A mais alta Senhoria. —
— Sabes, conde, o que te mando?
Que cases com minha filha.
— Como matarei a condessa,
Se ella a morte não mer'cia?
— Mata conde, mata conde,
Não me voltes demasia,
E traz'-me a cabeça d'ella
N'esta dourada bacia;
Não m'a tragas demudada,
Porque eu bem a conhecia. —
Foi se o conde para casa,
Muito triste em demasia;
Mandou fechar seus portões,
Coisa que elle nunca fazia;
Mandou vestir seus criados
De lucto á mouraria;
Manda condessa para a mesa
Que este é o ultimo dia.
Pôz se o jantar na mesa,
Nem um nem outro comia;
As lagrimas eram tantas
Que até os pratos enchia.
— Que tendes tu, ó meu conde?
Que tendes ó alma minha?
— Cala-te, minha condessa,
Que se tu bem o souberas,
De repente morrerias;
Manda el-rei que te mate
P'ra casar com sua filha
— Cala-te ahi, ó meu conde,
Que isso remedio teria,
Manda-me metter n'uma torre,
Na mais alta que havia.
— Isso não, ó condessa,
Porque o Rei logo o sabia.
— Manda me deitar ao mar,
Que as ondas me levariam.
— Isso não, minha condessa,
Que el-rei logo o saberia;
Manda lhe leve a cabeça
N'esta maldita bacia:
Não lh'a leve demudada,
Que elle bem te conhecia.
— Deixa-me ir dar um passeio
Da sala para o jardim:
Adeus cravos, adeus rosas,
Adeus tanque d'agua fria,
Onde o rouxinol cantava
Pela hora do meio dia;
Adeus meu copo de prata
Por onde eu agua bebia.
Deixa-me ir dar um passeio
Da sala para a cozinha:
Adeus meus fieis criados
Que a mim tanto me queriam.
Anda cá filho mais velho,
Que te quero ensinar
O que amanhã por esta hora
A tua mãe nova has de falar:
Com o chapeusinho na mão,
E o joelhinho no chão;
Anda cá filho mais novo,
Que te quero dar de mammar,
Que amanhã por estas horas
Vae tua mãe a enterrar!
Mamma filho, mamma filho,
Este leite amargurado,

CANCIONEIRO MUSICAL

XI

Vae fazer a cama

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(CHOREOGRAPHICA)

Que amanhã por estas horas
Já teu pae 'stará casado;
Mamma filho, mamma filho,
Este leite de amargura,
Que amanhã por estas horas
Está tua mãe na sepultura. —
O menino, que não falava,
Que a edade o não permittia,
Mas o menino falou,
E p'la sua bocca dizia:
— Tocam os sinos em Mafra:
Quem morreu? quem morreria?
Morreu a Dona Sylvana,
Pelo mal que queria,
Querer apartar casados,
O que Deus não permittia. —
Tudo ficou assombrado
De o menino ouvir fallar;
A porta do seu palacio
Um correio 'stava a chamar:
Que suspendesse a morte
Que á condessa q'ria dar.
— Ajoelhae, ó meus filhinhos,
E a Deus vamos a pedir
Que perdôe os seus peccados
A' que deixou de existir.

(Elvas.)

DELGADINA

'Stando Dona Delgadina
Na sua sala quadrada,
E vindo seu pae da missa:
—Delgadina, Delgadina,
Has ser minha namorada.
—Não permitta Deus do céo,
E nem a Virgem Sagrada,
Que eu, sendo a vossa filha,
Seja vossa namorada.—
O pae que isto ouviu,
N'uma torre a encerrava;
O que Delgadina comia
Era pescada salgada,
O que lhe dava a beber,
A agua em que se lavava.
Ao fim de sete annos e um dia,
Delgadina, enfadada,
Assomou-se a'ma janella,
Uma janella mui alta,
Viu estar suas irmans
Bordando a ouro e prata:
—Por Deus lhes venho pedir,
Pela Virgem Consagrada,
Que me deem um jarro d'agua.
—Delgadina, Delgadina,
Quem te pudera valer!
Se o ladrão do nosso pae
Té a agua tem fechada!—
Foi-se d'ali Delgadina
Mui triste, desconsolada,
'Somou-se a outra janella,
Cada vez era mais alta,
E viu estar seu pae rei
Querendo jogar as cartas:
—Por Deus lhe venho pedir,
Pela Virgem Consagrada,
Que me dê um jarro d'agua.
— Não quero, morres á sêde.
—Já quero ser sua amada.
—Alto; alto, meus vassallos,
Vão dar agua a Delgadina,
Aquel'que chegar primeiro
Tem a commenda ganhada,
Aquelle que chegar ultimo
Tem a cabeça cortada —
Correram os cavalleiros
Com uma marcha apressada
Delgadina já está morta,
Ao lado da mão direita
Tem'ma fonte d'agua clara
Com letras d'oiro que dizem:
«Delgadina, Delgadina,
Oh! quem te não fora nada!
Tua alma está no céo,
A de teu pae condemnada».

(Elvas).

DONA SYLVANA

(Variante do romance anterior)

Estando D. Sylvana
No seu jardim assentada,
Em manguinhas de camisa,
Seu pae, que bem a mirava:
—Vá se d'aqui, ó meu pae,
Ouvir a missa do dia,
Que eu vou para o meu quarto
Vestir outra fatenia.—
Ao subir da negra escada,
Madre velha que encontrava:
—O que tendes vós, Sylvana,
Que assim vens agoniada?
— O que heide ter, madre velha,
Acuda-me com o seu poder,
Que meu pae é um traidor,
Sua filha quiz acommetter.
—Cala-te ahi, ó Sylvana,
Que isso remedio havia,
Deita-te na minha cama,
Que na tua me deitaria.—
Lá pela noite adiante
A traição a acommettia.
—Vae te d'ahi, ó Sylvana,
Vae-te d'ahi, ó malvada,
Que ó fim de 7 annos e um dia
Me fizeste mal casada.
—Cala-te ahi, mulher minha,
Que isso remedio havia,
Mando-a metter n'uma torre
Onde não veja sol nem dia;
Nem as *avens* do ceu
Noticias d'ella daria;
Comerá peixe salgado,
Agua não na beberia.—
O' fim de sete annos e um dia
Abriu se-lhe uma ventana,
Das mais altas que *tenia*.
Viu estar seus irmanitos
Jogando a espada preta:
—Irmanitos da minh'alma,
Por Deus e Santa Maria,

Dae-me um jarrinho d'agua!
—Irmanita da minh'alma
Quem te podera dar agua!
Nosso pae é um traidor
'Té a agua tem fechada!
Tem-nos promettido a todos,
P'las cruzes da sua espada,
Que aquelle que te der agua
Terá a cabeça cortada!—
Foi-se d'ali Sylvana,
Muito triste, agoniada;
Abriu-se-lhe outra ventana,
Das mais altas que *tenia*,
Viu estar suas irmanitas
Fiando ouro e prata:
—Irmanitas da minh'alma,
Por Deus e Santa Maria,
Dae-me um jarrinho d'agua.
—Irmanita da minh'alma,
Quem te podera dar agua!
Nosso pae é um traidor,
Té a agua tem fechada!
Tem-nos promettido a todas,
P'las cruzes da sua espada,
Que aquella que te der agua
Terá a cabeça cortada!—
Foi-se d'ali Sylvana,
Muito triste, agoniada;
Abriu-se-lhe outra ventana,
Das mais altas que *tenia*,
Viu estar sua madre velha,
Lendo n'um livro de prata:
—Madre velha, madre velha,
Madre velha da minh'alma,
Por Deus e Santa Maria,
Dae-me um jarrinho d'agua.
—Vae-te d'ahi, ó Sylvana,
Vae te d'ahi, ó malvada!
Que ó fim de 7 annos e um dia
Me fizeste mal casada!—
Foi-se d'ali Sylvana;
Muito triste, agoniada,
Abriu-se-lhe outra ventana,
Das mais altas que *tenia*,
Viu estar su padre velho
Lendo n'um livro d'ouro:
—Padre velho, padre velho,
Padre velho da minh'alma,
Por Deus e Santa Maria,
Dae-me um jarrinho d'agua,
Que eu prometto, ó meu pae,
De ser vossa namorada.
—Alto, criados, criados!
A Sylvana vão dar agua!
Aquelle que chegar primeiro
Tem uma prenda ganhada,
E aquelle que chegar ultimo
Tem a cabeça cortada.—
Chegaram todos *ó* tempo.
Já Sylvana está morta,
De anjinhos está cercada,
S. João fazia a cova,
Nossa Senhora a amortalhava:
A' cabeceira da cama
Tinha uma fonte d'agua.
—O' Sylvana, minha filha,
Oh! quem não te fora nada!
A tua alma está no céo,
A minha está condemnada.

(Elvas).

A. THOMAZ PIRES.

JOGOS POPULARES

A PÁTA

Em Serpa, como em toda a região do Baixo-Alemtejo, segundo creio, ainda ha poucos annos os rapazes s'entretinham bastante num interessante folguedo chamado *jogo da páta*. Este bello e movimentado exercicio, que supponho d'origem secular, executa-se ao ar livre, e principalmente durante o inverno.

Para jogar á *páta*, são precisos dois objectos de madeira: *páta* e *páteiro*. O *páteiro* de comprimento variavel, mas nunca excedendo meio metro, apresenta a fórma cylindrica e termina em bico numa das extremidades. A *páta*, de feitio tambem cylindrico, é ponteaguda d'ambos os lados e muito mais curta qua o *páteiro*.

No *jogo da páta* podem entrar dois, tres ou quatro rapazes; todavia o mais usual é jogarem os rapazes dois a dois. E é este o caso que vamos figurar.

Imaginêmo-nos, pois, em presença de dois jogadores da *páta*. A primeira coisa que elles fazem, depois de se haverem munido dos respectivos instrumentos, é escolher um largo assáz extenso, para que o *jogo* possa effectuar-se bem á vontade. Escolhido o largo, traçam no chão com o bico do proprio *páteiro* uma cruz, e sobre ella collocam a *páta*. A partir desse ponto, seguindo a direcção duma linha perpendicular ao meio da *páta*, marcam, por meio dum risco feito no sólo, uma distancia egual a tres passos. Em seguida, cada jogador, postando-se junto do mencionado risco, toma o *páteiro* com a mão direita,

como quem péga numa canneta, e atira com elle de molde a picar a *páta*. O parceiro que desta fórma attingiu a *páta*, ou, pelo menos, picou mais perto della, esse parceiro toma posse do *páteiro* e manda o outro á *caça*. Expliquemos como é praticado este acto de mandar e ir á *caça*:

O possuidor do *páteiro* péga na *páta* com a mão esquerda, e vibra-lhe com o *páteiro*, que tem na mão direita, uma pancada forte, de maneira que a *páta* seja impellida o mais longe possivel; immediatamente depois tem o outro individuo d'ir á *caça*, isto é, á procura da *páta*, e logo que a encontre, joga com ella, apontando o *páteiro* que está collocado na cruz. Se acerta, bem vai para quem jogou a *páta*, porque ganha a posse do *páteiro*, e passa, por conseguinte, a mandar o outro companheiro á *caça*. Se, pelo contrario, a *páta* erra o alvo, tem de retirar-se o *páteiro*, da cruz, para, em seu logar, ser posta a *páta*. E nesta ultima hypothese, o jogador que mandou á *caça*, bate tres vezes, com o bico do *pateiro*, em qualquer das extremidades da *páta*, de modo a fazê-la saltar; e, emquanto a *páta* salta, procura ainda o mesmo jogador dar-lhe rijas pancadas, para que ella transponha maiores distancias.

Manda a praxe que, antes do jogador fazer saltar a *páta*, pergunte ao seu companheiro: «está?» Quer dizer, se a *páta* está bem posta sobre a cruz. E só depois delle responder que sim, é que se lhe pode bater. Se este insignificante preceito é omittido, aquelle que o esqueceu, perde, e tem porisso de ceder o *páteiro* ao parceiro. Antigamente em vez de está? — perguntava-se: *estão bandeadas*? Esta expressão, hoje incomprehensivel, representa necessariamente o vestigio de certa particularidade do *jogo*, que se perdeu no decorrer dos tempos.

O possuidor do *páteiro* tambem perde, se, nas tres pancadas que vibrou sobre a *páta*, não a faz saltar uma distancia, ao menos, egual ao comprimento de tres *páteiros*.

Dadas na *páta* as tres pancadas acima referidas, vai o seu auctor ao local onde ella poisou, e d'ahi vem contando as voltas que dá com o *páteiro*. Eis como se procede nesta operação: Péga-se no meio do *páteiro* com a mão direita, e, apoiando no chão ora o bico ora a extremidade opposta, vão-se dando voltas ao *páteiro*, dizendo ao mesmo tempo, em voz alta, *páta-galharda-um*, *páta-galharda-dois*, etc.

Desde que as voltas do *páteiro* não cheguem a vinte e quatro, o jogador que as contou, limita-se a mandar novamente o outro á *caça*. Porém, se as voltas forem em numero de vinte e quatro, ou d'ahi para cima, neste caso, o mesmo jogador, collocando-se ao pé do risco cruciforme, atira com a *páta* á maior distancia que póde, e o caminho que fica entre o sitio onde a *páta* caiu e a citada cruz, percorre elle ás costas do parceiro que andou á *caça*. Assim qne chega á cruz, apeia-se e torna a mandar á *caça* aquelle que acabou de servir-lhe d'andôr. E assim vai seguindo o *jogo*.

Se em logar de dois rapazes, tomarem parte tres ou quatro, o jogo realisa-se da mesma fórma, devendo então o *páteiro* ir passando successivamente dos jogadores que picaram mais perto da *páta* para os que picaram mais longe.

*
* *

O *jogo da páta*, conforme ahi fica descrito, é sem duvida muito apreciavel, tanto pelo lado recreativo como sob o ponto de vista hygienico. Representa incontestavelmente um exercicio fisico de primeira ordem: já porque se verifica ao ar livre, e portanto um ar mais oxygenado é respirado a plenos pulmões, já porque os movimentos do corpo sendo largos e variados, muito poderosa-

mente concorrem para robustecer o organismo. Por este duplo motivo, não hesitâmos em aconselhar a prática dum tal divertimento, que merece ser cuidadosamente conservado em homenagem a um tradicionismo puro e são.

Ha comtudo neste jogo uma parte que convém eliminar, ou, pelo menos, deve ser bem vigiada. Referimo-nos á questão dos jogadores andarem ás costas, uns dos outros. Este facto, simples na apparencia, pode trazer graves prejuizos para a saude dos rapazes, principalmente quando elles sejam fracos.

LADISLAU PIÇARRA.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continuado de pag. 155)

DLX

Oliveira pequenina
Tambem dá pequena sombra.
Tambem eu sou pequenina...
Mas você de mim não zomba!

DLXI

Os homens, comparo eu
Com a cinza da madeira,
Que se apanha no capacho
E vae deitar-se á estrumeira.

DLXII

O amor-perfeito
Cinco folhas tem.
Já vae em cinco annos
Que eu amo meu bem!

DLXIII

Olhos pretos vão á fonte:
Que irão elles lá fazer?
Vão gosar um bem que adoram
E agua fresca vão beber.

DLXIV

Oh! meu amor, meu amor!
Quem diz o contrario, mente!
Querem-me apartar de ti...
Meu coração não consente!

DLXV

O meu lindo amor
E' um hespanhol;
Oh! que lindos olhos
Que tem o mariol'!

DLXVI

Onde quer que eu estiver
Haja paz e união;
Haja bondade nos homens,
Deitem se as armas ao chão.

DLXVII

O meu lindo amor
E' alto e trigueiro;
E' o melhor moço
Que vae ao Oiteiro.

DLXVIII

Oh Baleisão, Baleisão,
Oh Baleisão do alméce!
Ande lá por onde andar,
Baleisão nunca me esquece.

DLXIX

O' relogio maganão,
Que não dás as horas certas,
Fazes andar meu amor
De noite pelas travessas.

DLXX

O' rosa, ó rosa,
O' rosa encarnada,
D'este meu peitinho
Tu él-a estimada.

DLXXI

O' rosa, ó rosa
Toda enriçadinha,
Dentro de meu peito
Tu él-a rainha.

DLXXII

Onde estará meu amor,
Que ha dias que o não vejo?
Qual será o dia alegre
Que eu matarei meu desejo!

DLXXIII

O' José, nome de joia,
Quem te o pôz não te o errou,
Que as joias andam no peito,
José em meu peito andou.

DLXXIV

O' José, pinheiro verde,
Tu és a sombra do verão ..
Porque anda José á calma
Tendo a sombra na mão!

DLXXV

O meu amor é pastor,
Toda a vida guardou gado;
Tem uma chaga no peito
De se arrimar ao cajado.

DLXXVI

Oh Villa-Real alegre,
Lá ia morrendo á sede!
Uma sécia me deu agua
Da raiz da salsa verde.

DLXXVII

Oh Villa-Real alegre,
Provincia de Traz-os-Montes!

Os dias que te não vejo,
Meus olhos são duas fontes.

DLXXVIII

O meu lindo amor
Vive descançado:
Os rivaes que tem
Não lhe dão cuidado.

DLXXIX

O cypreste lá do valle
E' recreio dos passarinhos.
Em quem *dèstes* os abraços,
Volta atraz, dá os beijinhos.

DLXXX

Oh meu lindo amor!
Eu quero-te mais
Do que a flôr da murta
Lá nos olivaes.

DLXXXI

Oh meu lindo amor,
As pazes 'stão feitas!
P'ra fazer raivar
'Mas certas sujeitas...

DLXXXII

O annel que tu me déste
Era de vidro, quebrou-se!
A amisade que te eu tinha
Era pouca, e essa acabou-se.

DLXXXIII

Os teus lindos olhos
São irmãos dos meus;
Não lhes dou quebranto...
Digo: — benza-os Deus!

DLXXXIV

Oh! José, cabello loiro,
Cintura de capitão,
Cadeado do meu peito,
Chave do meu coração!

DLXXXV

Oh! José, cabello loiro
Penteado no deserto!
Eu não vi amor tão firme;
Namorar com tanto affecto!

DLXXXVI

O meu bem é rico,
Eu é que sou pobre.
Com suas fazendas
Talvez me não logre!

DLXXXVII

O' cannavial da quinta,
O' agua do caramelo!
Deixa de amar a quem amas,
Verás o bem que te eu quero.

DLXXXVIII

O' meu amor, se tu fôres,
Escreve-me do caminho;
Se não tiveres papel,
Nas azas d'um passarinho.

DLXXXIX

Oh moças! não se admirem
De eu cantar e ser viuvo,
Que eu canto com alegria
De vêr fugir o entrudo.

DXC

— Para que negas um beijo
A quem tanto amor te tem?
— Sendo esse o teu desejo,
Não seria o meu tambem?!...

DXCI

Parece que alguma féra
Te deu o leite a beber!
Tens um genio tão activo
Que não te posso soffrer!

DXCII

Puz-me a contar ás avessas
As pedras d'uma columna:
— Nove, oito, sete, seis,
Cinco, quatro, trés, dois, uma...

DXCIII

Puz-me a contar as estrellas:
Contei duzentas e doze;
Com mais duas em teu rosto,
São duzentas e quatorze.

DXCIV

Por ditosa me daria
Se visse a obra acabada:
Tu p'ra mim jasmim cheiroso;
Eu p'ra ti rosa dobrada.

DXCV

Passei pela tua porta,
Vi o que estavas fazendo;
'Stavas fallando com outro:
E' mundo! — iremos vivendo...

DXCVI

Puz-me a contar as estrellas,
Contei gradas e miudas.
A amisade que te tenho
Inda é mais do que tu cuidas.

DXCVII

Puz-me a contar as estrellas:
Contei-as, são vinte e cinco.
A amisade que eu te tenho,
Deus a sabe e eu a sinto!

DXCVIII

Pediste-me uma laranja,
Meu pae não tem laranjal;
Se queres um limão doce
Vae á porta do quintal.

DXCIX

Passarinhos que cantaes
N'esse raminho de flores!
Cantaes vós, chorarei eu,
Que assim faz quem tem amores.

DC

Passei pela oliveira,
Cinco folhinhas roubei.

Cinco sentidos que eu tenho,
Todos em ti empreguei.

DCI

Penteada d'arrepios,
Tambem usa caracoes...
Aqui n'esta balho anda
Quem pesca com dois anzoes.

DCII

Puz-me a chorar saudades
Ao pé d'uma fonte fria:
Mais choravam n'os meus olhos
Que a propria fonte corria!

DCIII

Por ora não tenho amor,
Mas ao desprezo não estou;
Antes tenho abandonado
Quem em tempos m'estimou.

DCIV

Peço a Deus (a Virgem queira!)
Que eu seja a mais pura rosa;
Que eu, amando, sempre diga:
— Sou firme mas arreceosa.

DCV

Por cima se aceifa o trigo,
Por baixo fica o restolho.
Quem namora sempre alcança
Uma piscadela d'olho.

DCVI

Permitta o ceu que eu te veja
Na praça dando mil ais,
Com seis mil filhos de roda,
Cada filho de seu pae!

DCVII

Por Antonio morro eu,
Por Francisco me sepulto;
Por Manuel é que eu visto
O meu coração de luto.

DCVIII

Papagaio penna verde,
Empresta-me o teu vestido;
O teu vestido é de pennas...
Penas trago eu commigo!

DCIX

Porque não me deves nada,
A' tua gente não temo...
Nem affectos, nem carinhos,
Obrigações inda menos.

DCX

Pela minha rua
Passeia quem quer,
Tanto faz ser homem
Como ser mulher.

DCXI

Passa meu amor
De noite cantando:
Eu oiço-lhe as vozes,
Fico-me enlevando.

DCXII

Pede-me a meu pae,
Ao sahir da missa;
Se elle não quizer,
Requere justiça.

DCXIII

Que alegria póde ter
Uma triste rapariga?
Por amar e querer bem
Querem-lhe tirar a vida!...

DCXIV

Que queres, amor? que queres
Do jardim d'este meu peito?
Se queres meu coração...
Mette a mão, tira-o com geito.

(Da tradição oral, em Serpa)

(Continua)

M. DIAS NUNES.

CONTOS ALGARVIOS

Erminio

(Concluido de pag. 159)

Ao accordar, quasi cuidou Erminio morrer de dôr, por não ver aquella que era a luz dos seus olhos. Só a ruminar tristezas encaminhou-se para a capital d'aquelle reino. Quiz o acaso que o rei andasse então em guerra e muito afflicto pelos continuos desastres que inflingiam. Apparecendo ali aquelle mancebo, cujo aspecto revelava á primeira vista a sua condição não vulgar, nomeou-o almirante. A desgraça, porém, que tinha começado a perseguir Erminio, não o abandonou d'esta vez, fazendo surgir uma forte tempestade que destruiu a armada, salvando-se elle a muito custo. Arremessado a uma praia, subiu a uma rocha adjacente e encontrou um prado onde pastavam innumeros animaes. Ao longe negrejava uma cabana de colmo. Com grande pasmo reparou que os animaes lhe acenavam com a a cabeça que fosse para deante. Ao chegar á cabana viu um velho, que lhe disse:

—Desgraçado! quem te trouxe aqui? Esses animaes que ahi vês, já foram mancebos, e a mesma sorte t'espera

se não tiveres mais juizo do que elles.

N'este comenos chegou n'uma carruagem de prata, e d'ella se apeou uma mulher ricamente vestida.

— Quem é esta? — perguntou Erminio.

— E' a rainha das fadas, que dando de comer avelãs durante tres dias aos que lhe cairam nas mãos, os converteu em irracionaes — respondeu o velho. Não comas avelãs — continuou o velho — e logo que a sintas dormir, puxa d'um cutélo, decépa-lhe a cabeça e tira-lhe o annel que ella traz, dizendo: — annel leva-me á cabana do velho.

Erminio levado d'ahi a pouco pela rainha, poz em prática os conselhos do velho e escapou-se do poder da fada. Com a ajuda do annel descobriu Erminio onde estava Helena e converteu a em pomba. Helena transformada assim e guiada pelos conselhos d'Erminio, entrou no quarto de seu pae e foi poisar-lhe no hombro. Armou o pae um laço de fita no intento de a apanhar, mas todos os esforços foram baldados, porque a pomba furtando-se ao laço dizia: «Pombinha tão bonita não cai em laço de fita.» Fez o pae egual tentativa com um laço de prata. «Pombinha tão esbélta não cai em laço de prata» — disse a pomba voando. Só quando lh'armaram um laço d'oiro se deixou apanhar, transformando-se na formosa donzella, que era.

Foi grande o contentamento de seus paes, e logo appareceram muitos principes a pedir-lhe a mão. Ella, porém, só prometteu a mão d'esposa áquelle que conseguisse colher o ramilhete, que ella tivesse na mão, á janella, correndo o pretendente n'um cavallo. Ao ter noticia d'isto, correu Erminio para a cidade. Só quando o torneio ia no fim, é que Erminio reclamou do annel aquillo de que precisava. Appareceu-lhe um cavallo e fatos riquissimos que elle vestiu. Apenas montado, correu a praça e depois d'apanhar o ramilhete da mão da princeza, desappareceu, deixando todos admirados da sua elegancia e ligeireza. Todos o procuraram, porém, de balde. Em vista d'isto, repetiu-se no outro dia o torneio, ordenando o rei que as portas da cidade fossem fechadas. Assim se fez. Mas ainda d'esta vez, Erminio illudiu as esperanças do rei, porque ao tirar o ramilhete da mão de Helena, o cavallo cujo magico poder o tornava em extremo ligeiro, saltou as muralhas da cidade, e desappareceu. Lançou o pae de Helena mão d'outro processo. Convidou a jantar em palacio todos os principes que aspirassem á mão de sua filha e pedir á filha que escolhesse ali o esposo.

Veiu a princeza, d'olhos no chão escolher o noivo, quando Erminio appareceu, disse: — Esqueceste-me Helena!

E mostrando os ramilhetes que trazia guardados, fez crer que elle fôra o vencedor nos torneios.

Então cahiram nos braços um do outro, e os mais commensaes celebraram o casamento de Helena com o Erminio.

Loulé.

ATHAÍDE DE OLIVEIRA.

Rimas Populares

—Acorda minha mãe,
Acorda de dormir,
Ouvirás o cego
Cantar e pedir.

—Se elle pede e canta,
Dá-lhe pão e vinho;
Adeante cego,
Lá vae o caminho.

—Não quero o seu pão,
Menos o seu vinho;
Quero que a menina
Me ensine o caminho.

—Péga, minha filha,
Em róca e linho,
Vae com o triste cego
E ensina-lhe o caminho.

—Espiou-se-me a róca,
Acabou-se-me o linho...
Adeante, cego,
Lá vae o caminho.

—Sou curto da vista,
Não enxergo bem;
Venha menina,
Até mais além.

—De condes e duques
Me vi pretendida,
Agora de um cego
Me vejo rendida!

Adeus minha mãe,
Adeus minhas janellas!
Adeus minha mãe,
Que tão falsa me eras!

(Da tradição oral = Cidadelhe)

J. J. GONÇALVES PEREIRA.

LITURGIA POPULAR

Oração do martyr S. Sebastião

Martyr S. Sebastião,
Santo bemaventurado,
Fostes alancetado [1]
Sem bulir com pé, nem mão.
Só pela noite adeante,
Antes do gallo cantar, [2]
Appareceu uma rosa florida [3]
No regaço da Virgem Maria.
—Onde nascestes madre?
—A' luz da claridade.
Quem esta oração disser,
Um anno, de dia a dia,
No fim lhe apparecerá
A Virgem Maria.

(Da tradição oral—S. João da Pesqueira)

Ave-Maria

Ave-Maria de graça,
Creada em Galliléa,
Foi fugindo ao mundo
Pela rua da Judéa.
Indo lá mais para diante
Ver a ceia, ceiou;
Deu graças ao Senhor,
Que nasceu Redemptor.
Não quiz nascer em palacio,
Nem menos em cama de oiro;
Quiz nascer em palhinhas
Aquelle rico thesoiro.
Quem não sabe não a diz,
Quem não ouve, não a aprende,
Lá no dia de Juizo
Verá o que ella pretende.

(Da tradição oral—Beira Alta)

ALVARES PINTO.

---

[1] E' vulgar esta prothese na linguagem do povo.
[2] O canto do gallo desempenha um largo papel nas composições do povo
Th. Braga—O Povo Portuguez—2.º vol. pag. 153 e 154.
[3] As flores têm muitas vezes uma significação funeraria.

PROVERBIOS & DICTOS

(Continuado de pag. 160)

Quem deve não logra.

Quando calma faz em Beja, aqui não lhe tem inveja.

Quando o rolão tufa, que fará o pó!

Quem dá primeiro, dá duas vezes.

Quem a medo morre, a medo lhe fazem a cova.

Quem não tem arte e manha, morre no ar como a aranha.

Quem vae para o mar avia-se na terra.

Quem parte velho paga novo.

Quem tem de morrer em palheiro não lhe erra a porta.

Quem não se aventurou, não perdeu nem ganhou.

Quem compra um burro e o vende, lá se entende.

Quem se concerta pelo San Miguel, não sáe de casa cada vez que quer.

Quem o seu não vê, o diabo lh'o leva.

Quem o seu inimigo poupa, ás mãos lhe vem morrer.

Quem corre de gôsto, não cança.

Quem não poupa réis, não ajunta mil réis.

Quem se *chisca* (chispa?), alhos come.

Quem se pica, cardos colhe.

Quem vae ao mar perde o logar.

Quem se deita sem ceia, toda a noite rabeia.

Quem vae á missa não perde viajem.

Quem tem fome falla em pão.

Deitar tarde e levantar cedo, cria carne e sebo.

Quem se deita tarde, nem sebo nem carne.

(Da tradição oral, em Serpa)

CASTOR.

Questionario sobre as crenças relativas aos animaes

— —

Respostas

IV

1. A *salamandra*, ou *salamantiga* como lhe chama o povo, traz desgraça a quem a vir, pois que existe aqui a crença de que é este batrachio o primeiro animal que vai ás sepulturas profanar os corpos dos mortos.

Quando pela porta a dentro nos entra inesperadamente em casa uma borboleta preta, é signal que vamos receber más novas; se, pelo contrario, a borboleta fôr branca, as noticias serão boas.

Quem pela primeira vez ouve cantar o cuco, deve rebolar-se no chão, se quer livrar-se de dores de barriga. Pelo cantar do cuco, tambem se póde prognosticar os annos que os rapazes ficarão solteiros. E para isso, devem os rapazes, ao ouvir pela primeira vez o cuco, dizer:

—«Cuco de Maio, cuco d'Aveiro,
Quantos annos me dás de solteiro?»

E, em seguida, quantas vezes a pequena ave *cucar*, tantos serão os annos que os rapazes terão de solteiros.

Com respeito ao cuco, ainda por aqui se diz: — «Se o cuco não vier entre Março e Abril — ou o cuco é morto, ou o fim do mundo está para vir.»

2. A andorinha traz felicidade á casa onde fizer o seu ninho.

Tambem haverá felicidade na casa em cuja cosinha ou lareira houver grillos.

Trazem, porém, desgraça á casa onde vivem, as gallinhas que cacarejam imitando o canto do gallo.

3. A coruja presagia a morte, quando vai piar sobre uma casa, sobretudo, havendo nessa casa doentes.

O cão tambem presagia a morte, quando uiva. Existe até a crença de que ha um meio simples para o fazer calar: é uma pessoa descalçar o sapato ou o tamanco do pé esquerdo e voltar-lhe a solla para o ar. Fazendo isto, calar-se-ha o cão immediatamente.

4. Pelo canto da codorniz se póde prever o preço do cereal. Assim, tantas vezes esta ave entoar o seu canto, quantos tostões custará o alqueire de trigo.

5. Nada conheço.

6. O vulgo acredita que um lagarto (o povo chama-lhe *sardão*) de rabo bifurcado, sendo apanhado e mettido numa caixa com cinza, escreve com a sua cauda um numero, e que a pessoa que comprar um bilhete da loteria com esse numero, sair-lhe-ha a sorte grande.

7. A côr a que mais anda ligada a superstição, é a preta.

8. Os animaes que por aqui gosam duma certa santidade, e que o povo respeita, são a *andorinha* e a *louva-a-Deus*.

9. No domingo de Paschoa é costume matar se um cabrito e assál-o no forno.

10. Nada sei.

11. Costumam andar aqui em peditorio, com o arcaboiço d'um lobo ou d'uma raposa. O mais vulgar é trazerem o arcaboiço da raposa, recebendo aquelles que o trazem, ovos que são offerecidos como esmóla.

12. Nada conheço.

13. Eis os animaes aqui usados na medicina popular:

a) Para alliviar as pessoas que soffrem de asthma, dá-se-lhe a comer um gato preto.

b) O cosimento aquoso da pelle da cobra dá se a quem soffre de tosse.

c) A parte branca do excremento do lagarto, secca, serve para o curativo de nevoas nos olhos dos animaes.

d) A carne gôrda dos porcos usa-se contra a mordedura da vibora. Fricciona-se com um bocado de carne a região mordida, e deixa-se depositada sobre a mesma região o resto da carne que s'empregou na fricção.

e) A têia d'aranha é empregada pelo povo para sustar a hemorrhagia que resulta dum golpe.

14 e 15. Nada conheço.

16. O povo crê na transformação das *bruxas* em animaes, principalmente em *patos*.

17, 18, 20 e 21. Nada conheço.

22. Para preservar as sementeiras do prejuizo causado pelas aves, é costume collocar um *milhafre* morto, d'azas abertas, no cimo d'uma vara espetada no campo.

23. Nada conheço.

24. As creanças costumam aqui jogar á *cabra-cêga*. Neste jogo tem uma das creanças d'andar com os olhos vendados. Nada, porém, aqui mostra analogia com o animal chamado *cabra*.

(Cidadelhe).

J. J. GONÇALVES PEREIRA.

ANNO III

N.º 12

SERPA, Dezembro de 1901

VOLUME III

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

Anno III — N.º 12 SERPA, Dezembro de 1901 **Volume III**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

MEDICINA POPULAR

As vimas

NA margem esquerda do Guadiana, e penso que em todo o Alemtejo, existe, entre as camadas populares, o habito inveterado *d'alimentar* os doentes por meio de vimas. Este curioso processo, bem simples e rudimentar, baseia-se na ingénua crença de que — as substancias alimentares postas em contacto com a pelle, produzem incontestaveis effeitos nutritivos.

E' uma prática evidentemente supersticiosa, e que por isso convém registrar. Vejamos no que ella consiste.

Quando os doentes se queixam de muito fastio e manifestam grande debilidade, é então que suas familias procuram alimentá-los com o auxilio das vimas. Estas são feitas, umas vezes, com simples fatias de pão torrado, embebidas em vinho e polvilhadas de cannéla; outras vezes com a carne de gallinha, cosida, muito bem pisada, egualmente embebida em vinho. Preparada a vima, colloca-se nos pulsos ou sobre o epigastro dos padecentes, e ali se deixa ficar por tempo indeterminado.

Aos facultativos, que na vasta e rica provincia alemtejana exercem a sua profissão, quantas vezes não succede, ao tomarem o pulso aos seus doentes, deparar-se-lhes como que umas pulseiras de trapo, que servem para cobrir as famosas vimas!

E' um velho uso a que o povo recorre a miude, e sempre com intensa fé, apesar da reconhecida innefficacia do remedio.

Ainda n'outro dia me contou um distincto collega, o dr. José Maria Cortez, que, tratando ha tempos d'uma pneumonica, uma bella occasião, ao abeirar-se da enferma, sentiu um cheiro nauseabundo. Investigando a causa, soube com grande surpreza que o mau cheiro provinha d'uma vima, a qual constava d'um pombo aberto e já em estado de putrefacção, collocado sobre a região epigastrica. E' extraordinario!

O dr. Lemos Vianna, meritissimo juiz d'esta comarca, informou-nos ha pouco de que, na Beira-Baixa se verifica tambem o costume d'applicar sobre o estomago dos enfermos affectados de molestias pulmonares, uma gallinha preta e outrosim aberta. Mas, n'este caso, parece que a principal mira é combater a propria doença.

Eis muito resumidamente descrita a mésinha tradicional das vimas.

Serpa.

LADISLAU PIÇARRA.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

Ai! que chita!

Ai! que chita tão bonita
Que eu comprei par'ó meu vestido,
P'ró mandar fazer á moda, } bis
P'ró mostrar ao meu marido.

Meu marido! oh meu maridinho!
Só a ti é que te eu quero bem!
Só a ti é que te eu adoro, } bis
Só a ti, a mais ninguem!

Serpa.

M. DIAS NUNES.

CRENÇAS & SUPERSTIÇÕES

Orações de Santa Helena e S. Zacharias

Entre as diversas orações, que a gente credula de Loulé costuma usar no intuito de prever acontecimentos futuros, duas ha de maior credito: a oração de Santa Helena e a de São Zacharias. A primeira d'estas orações só póde ser resada por uma mulher, a segunda, por uma pessoa de qualquer sexo. A mulher que resar a primeira oração, tem de preparar-se á noite da seguinte maneira: Despe-se, ficando completamente núa, desata o cabello de fórma a cair-lhe pelas costas; depois deita-se de costas sobre a cama, cruzando a perna direita sobre a esquerda e o braço esquerdo sobre o direito. E n'esta attitude profere em voz baixa a seguinte oração:

«Deus vos salve Santa Helena, que sois filha de rei e reina, gentia fostes e christan vos tornastes—sobre as ondas do mar andastes—com as mil virgens vos encontrastes—a pão e agua com ellas jejuastes—com a cruz de Christo sonhastes—com ella vos abraçastes—e os tres cravos que tinha tirastes—o primeiro ao vosso mano Constantino entregastes—para que todos os trabalhos ganhasse—o segundo ao mar o jogastes—para que sagrado o mar se tornasse—o terceiro com elle ficastes—e por esse cravo vos peço que me mostreis em sonhos...» (aqui pede-se o que se deseja saber). Padre-Nosso, Avé-Maria.

Depois de ter resado o Padre-Nosso e a Ave-Maria, a mulher mette-se dentro dos lençoes, sósinha, embora seja casada e tenha filhos a amamentar.

Tem esta oração a particular virtude de fazer sonhar, e do sonho tira a mulher a sua experiencia. Se os sonhos forem bons, o facto, que deseja conhecer, é favoravel; se forem maus, o facto é desagradavel.

A oração relativa a São Zacharias é como segue;

«Oh meu São Zacharias, oh meu Santo divino! pelo tempo que vós tivestes o vosso filho Baptista por baptisar, dae-me esse tempo para eu *dormir e sonhar... (aqui se faz o* pedido); se for para bem, permitti, meu divino Santo, que eu sonhe com aguas claras, casas caiadas e campos verdes; e não saindo como eu quero, sonharei com aguas turvas, campos seccos e espadas nuas. Padre-Nosso e Avé-Maria, em louvor de Deus e da Virgem Maria.»

Esta segunda oração póde ser feita por homem ou mulher, e logo que acabe de ser resada, a pessoa deita-se na cama para o lado direito, cruzando as pernas e os braços, como acima ficou dito.

Se alguma vez succeder que os individuos não sonhem, é que a oração não foi bem feita, nem resada com fé; e n'esse caso terá de repetir-se até vir o sonho.

ATHAIDE D'OLIVEIRA.

COSTUMES & PERSPECTIVAS

(*Cliché de* Gomes Marques)

Joven lavrador do Baixo-Minho

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continuado de pag. 173)

DCXV

Quando meu bem se ausentou,
Tres dias não 'stive em mim;
Tive uma paixão tão grande,
Que julguei-a não ter fim!

DCXVI

Quando as pedras banharem,
E a cortiça fôr ao fundo,
Então deixará de haver
Linguas malvadas no mundo.

DCXVII

Quando me dispuz a amar,
Deitei sortes á ventura;
Quando me quiz retirar,
Já meu mal não tinha cura.

DCXVIII

Quando a sorte é adversa,
Nada vale ao infeliz;
Inda ninguem alcançou
O que a fortuna não quiz.

DCXIX

Quero cantar mas não posso,
Falta-me a respiração...
—Falta-me a luz dos teus olhos,
Amor do meu coração!

DCXX

Quando eu era perpétua
Que estava no meu craveiro,
Já tu me andavas de roda
Para ser meu jardineiro...

DCXXI

Quero, porque quero,
Quero e tenho dito!
Quero um amor pobre,
Airoso e bonito.

DCXXII

Quando eu quiz não quizeste,
Julgavas que eras mais que eu;
Agora que tu já queres,
Agora não quero eu.

DCXXIII

Quem disser que a saudade
Que não chega ao coração,—
Tenha amores, viva ausente,
Saberá se chega ou não!

DCXXIV

Quando eu cantei, cantei,
Quando eu cantei, cantava;
Quando eu chorei, chorei,
Quando eu chorei, chorava.

DCXXV

Quem quizer pintar ao vivo
A triste melancholia,
Não tem mais que retratar-me
Sem a tua companhia.

DCXXVI

Quando comtigo me encontro,
Ao rosto me sobe a cor;
Inda que queira não posso
Negar que sou teu amor.

DCXXVII

Quem canta, seu mal espanta,
Quem chora, seu mal augmenta;
Eu canto por disfarçar
Uma dor que me atormenta.

DCXXVIII

Quem chora por um ausente,
Tendo á vista um bem que adóra,
Nem ama a quem tem presente,
Nem é firme por quem chóra.

DCXXIX

Quem de meu peito sahiu,
Grandes delictos causou!
Não me venha com meiguices:
Quem sahiu, já não entrou.

DCXXX

Que'ria-te bem, na verdade,
Amava-te certamente;
Assim que vi que eras falsa
Retirei-me airosamente.

DCXXXI

Quem quizer saber a causa
Da minha infeliz paixão,
Repare bem em meus olhos,
Que elles mesmos lh'o dirão.

DCXXXII

Quem não ama e não adora,
Vivo está na sepultura;
Só amando é que se vive:
Sem amor não ha ventura!

DCXXXIII

Quatro ruas ha em Serpa
Que se podem passear:
Rua Larga, rua Estreita,
Porta-Nova e Boninal.

DCXXXIV

Quando passas pela rua,
'Scarras e bates no chão;
Eu estou dentro de casa,
Não sei se passas, se não.

DCXXXV

Quem me dera dar um ai
Que chegasse á sepultura!
Que dissesse a minha mãe:
—Filhos sem mãe, sem ventura!

DCXXXVI

Quem te formou, lirio lindo,
Que tão bonita te fez?
Tens perdida a cor do rosto
Com tamanha pallidez...

CANCIONEIRO MUSICAL

XI

Ai! que chita!

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(DESCANTE)

DCXXXVII

Quando vejo meu bem triste,
Eu das maguas participo;
Não lhe posso dar allivio?
Meu coração fica afflicto.

DCXXXVIII

Quem parte, parte sem vida,
Quem fica nem alma tem...
Não tem alma, não tem vida,
Quem se aparta de seu bem!

DCXXXIX

Quem me dera ir sentada
No circo que tem a lua,
Para vêr, o meu amor,
Os passos que dá na rua.

DCXL

Quando eu te não conhecia,
Nada d'isso se me dava...
Sem pensamentos dormia,
Sem cuidados acordava.

DCXLI

Que lindo botão de rosa
Que eu levo á minha direita!
Que lindd sombra que faz!
Que lindo cheiro que deita!

DCXLII

Que lindo botão de rosa
Que levo á minha canhota!
Que linda sombra que faz!
Que lindo cheiro que bota!

DCXLIII

Quem disser que o preto é triste,
Hei-de lhe dizer que mente;
Eu tenho dois olhos pretos
Alegres p'ra toda a gente.

DCXLIV

Quem ouvir minhas cantigas
Dirá que eu que quero amar;
Todas fallam em amor:
Eu alguma hei de cantar!

DCXLV

Quem se vae deitar sou eu,
Enrolando este cigarro;
Quem desejava agarrar,
Já vejo que não agarro.

DCXLVI

Quatro joias bem unidas
Fizeram alto serão,
Foram dar o seu passeio
De canna verde na mão.

DCXLVII

Quando olhares para mim,
Repara bem como eu sou!
Filhas p'ra te dar ti,
Nunca a minha mãe creou.

DCXLVIII

Quando eu não tinha
Comtigo a ventura,
O dia p'ra mim
Era a noite escura.

DCXLIX

Quando eu não tinha
De ninguem lembrança,
Vivia no mundo
Com mais segurança.

DCL

Quando eu não tinha
Nada que te dar,
Logo tu puzeste
Outra em meu logar.

DCLI

— Quem aposta seis vintens,
Contra um cruzado novo,
Em agora me dizendo
Quantas pennas tem um corvo?

DCLII

— A aposta està ganhada,
O cruzado novo é meu:
O corvo não tem mais pennas
Que aquellas que Deus lhe deu.

DCLIII

«Raminho do bem-querer»
Me *chamastes*, amor meu;
E eu logo te respondi:
«O teu bem-querer sou eu».

DCLIV

Rosa branca, toma côr,
Não sejas tão descórada,
Que dizem as outras rosas:
— Rosa branca, não és nada!

DCLV

Repara, toma sentido
A quanto estamos do mez...
Não sejas amor fingido
Como foi da outra vez!

DCLVI

Repara bem para o norte
Quando o vento está levante.
Não faças tantos excessos...
Com menos temos bastante!

DCLVII

Roubei-te um beijo! Não digas
A ninguem que eu sou ladrão!
Eu roubei-te um beijo d'alma,
P'ró trazer no coração.

DCLVIII

Se eu te não amo devéras,
Nunca eu tenha bom fim!
Ceos e terra, fogo e agua,
Seja tudo contra mim!

DCLIX

Se eu fosse rica, tu pobre,
Eu fidalgo, tu ninguem,
Nada d'isso era bastante
P'ra deixar qu'rer-te bem.

DCLX

Senhor noivo, eu lhe peço,
Eu lhe torno a pedir,
Que não trate a noiva mal
Nem a leve p'ró Brazil.

DCLXI

Se o bem-querer se pesasse
Na balança de a razão,
Pesava o meu mais que o teu,
Correntes até ao chão.

DCLXII

Se o bem-querer é inferno,
Ai de mim, que estou perdida!
Vae-se o verão, vem o inverno,
E eu no bem-querer mettida...

DCLXIII

Se eu te não quizesse bem,
A' tua casa não ia;
Passos por ti não os dava,
Excessos não os fazia.

DCLXIV

Saudade é uma flor
Que em meu peito consumo;
Deito-me na minha cama
E nem um instante durmo.

DCLXV

Saudade é uma flor
Que se põe em qualquer vaso;
Uma saudade firme
Só se encontra por acaso.

DCLXVI

Saudades, saudes,
Saudades meu amor!
Saudades tenho eu
Sejam ellas de quem for...

DCLXVII

Saudade é flor que nasce
Entre as brenhas d uma ausencia;
Rega-se com triste pranto
E colhe-se com paciencia.

DCLXVIII

Saudade rôxa,
Rôxa saudade!
Deixa, que eu virei
Mais cedo ou mais tarde.

DCLXIX

Se eu tivesse penna d'oiro,
'Screvia em papel de prata;
'Screvia as ingratidões
Com que o meu amor me trata!

DCLXX

Se a morte fosse interesseira,
Tristes de nós! que seria!...
O rico comprava a vida,
O pobre è que padecia.

DCLXXI

Se os mortaes bem conhecessem
O damno que causa amor,
Fugiriam sempre d'elle
Como d'um falso e traidor.

(Da tradição oral, em Serpa)

(Continúa)

M. DIAS NUNES.

PROVERBIOS & DICTOS

(Continuado de pag. 170)

Dos meus pontos te rirás, meu dinheiro não levarás.

Duro com duro não faz bom muro.

Diz o tacho á sertan:—Chega p'ra lá, não me tisnes.

Diante de enforcado não se falla em baraço.

Dezoito é conta de sapo.

Diogo, joga o teu jôgo.

Vale mais um «toma» que dois te «darei».

Venha o diabo, escolha, e leve o que quizer.

Vento de Mira, ataca e tira.

Vale mais quem Deus ajuda, que quem muito madruga.

Gallinha que em casa fica, sempre depennica.

Gato miador não é bom caçador.

Amor primeiro — amor verdadeiro.

Aonde te conhecem, logar te fazem.

A mais ruim ovelha é a que suja no ferrado.

A carga leve, ao longe pésa.

Homem da côrte em Santarem, negocio tem.

Cada cabeça, cada sentença.

Cavallo dado, não se lhe olha ao dente.

Cuida o ladrão que todos o são.

Cada um conta da festa conforme lhe vae n'ella.

Cardo que ha-de picar, logo nasce com espinhos.

Remenda teu panno, chegar-te-á ao anno.

O que tiver de ser meu, á mão me ha-de vir.

O cão e o gato comem o que está mal arrecadado.

(Da tradição oral, em Serpa)

(Continúa.)

CASTOR.

Questionario sobre as crenças relativas aos animaes

Respostas

V

1.—O cuco, se não traz felicidade a quem o vê, ou a quem o ouve, não deixa por isso de ser escutado e olhado com uma tal ou qual sympathia ou mesmo veneração, porque—dizem—adivinha o futuro—especialmente na questão do casamento—; e não é raro ver pelas aldeias do norte do paiz, na quadra em que esta ave faz estação nos nossos campos, as raparigas—especialmente—gritarem quando o avistam:

—«Cuco d'Aveiro,
Quantos annos me dás de solteiro?»

Escutam-lhes depois o canto, e quantas vezes elle o repetir, tantos annos terá de ficar solteira a pessoa que lhe *fez a pergunta*.

2.—A andorinha dá a felicidade á casa onde fizer o ninho. São geralmente respeitadas, e não é raro ver—até pessoas adultas—invectivarem qualquer garoto imprudente que procura molestar alguma d'estas avesitas.

E' crença geral, entre a gente menos culta, que *ellas vão lavar os pés ao Senhor*.

As aranhas tambem tornam feliz a casa e não devem ser mortas.

As baratas e outros pequenos animaes, trazem egualmente a felicidade. Um gato preto, ou uma gallinha preta, são para os habitantes do predio, a respeito dos *espiritos malignos*, o que o pára-raios é para um predio. Quando algum d'esses *espiritos* passa pela casa onde ha um gato ou uma gallinha pretos, ataca-os de preferencia deixando em paz as pessoas que lá vivem.

Se no buraco d'um muro pertencente a uma casa qualquer se acoita uma cobra, a casa é egualmente feliz. Todavia, talvez por espirito de prudencia, os inquilinos preferem a sua tranquillidade ao beneficio que d'ali lhes possa advir, e sempre que pódem livram-se de tão incommoda visinhança,... matando-a.

3.—Um cão a uivar, ou uma coruja quando canta no telhado do predio onde haja uma pessoa doente.

Quando um gallo canta antes da meia noite, é signal de mau agouro. Crê-se ordinariamente que elle presagía a morte, em pessoa de familia do dono da casa, ou do visinho muito proximo.

7.—O que disse a respeito de gato ou gallinha preta.

8.—Idem a respeito da aranha.

A andorinha—como disse para o numero 2—e o Louva—a—Deus.

A proposito d'este insecto corredor, lembra-me que uma vez—em creança—ao ver uma gallinha comer um d'estes insectos, que imprudentemente se lh'approximára, comecei a correl-a á pedrada; e, se não é a intervenção de minha mãe, por certo que minha familia teria n'esse dia gallinha para o jantar, e eu o respectivo correctivo como consequencia da minha crendice.

10. O carneiro é morto no dia de S. João (com especialidade), e quasi que só as familias muito pobres se abstéem n'esse dia, de carne do referido animal.

13.—Os olhos do gato preto, da coruja, ou cabeça d'uma vibora, depois de soffrerem umas certas rezas que desconheço, téem o poder magnetico de prender, por um affecto irresistivel, ao possuidor, as pessoas que forem tocadas por elles, tendo a preferencia a cabeça da vibora. N'estas condições, o possuidor tem não só a certeza de ser por toda a parte seguido, pela pessoa tocada, senão tambem a d'obter d'ella tudo quanto deseja, especialmente gosos materiaes.

16.—Acredita-se.

20.—Os lobishomens. Desde que se faça sangue n'estes animaes, elles readquirem a fórma humana e casam com a pessoa que os feriu.

22.—E' costume pregar nas portas d'algumas casas, a ferradura da pata esquerda e trazeira d'um burro ou cavallo. Isto—dizem—evita que as feiticeiras entrem na casa.

A respeito das outras perguntas, nada sei.

Porto.

SILVA BRANDÃO.

INDICE

ILLUSTRAÇÕES

Costumes & Perspectivas

Cancioneiro Musical